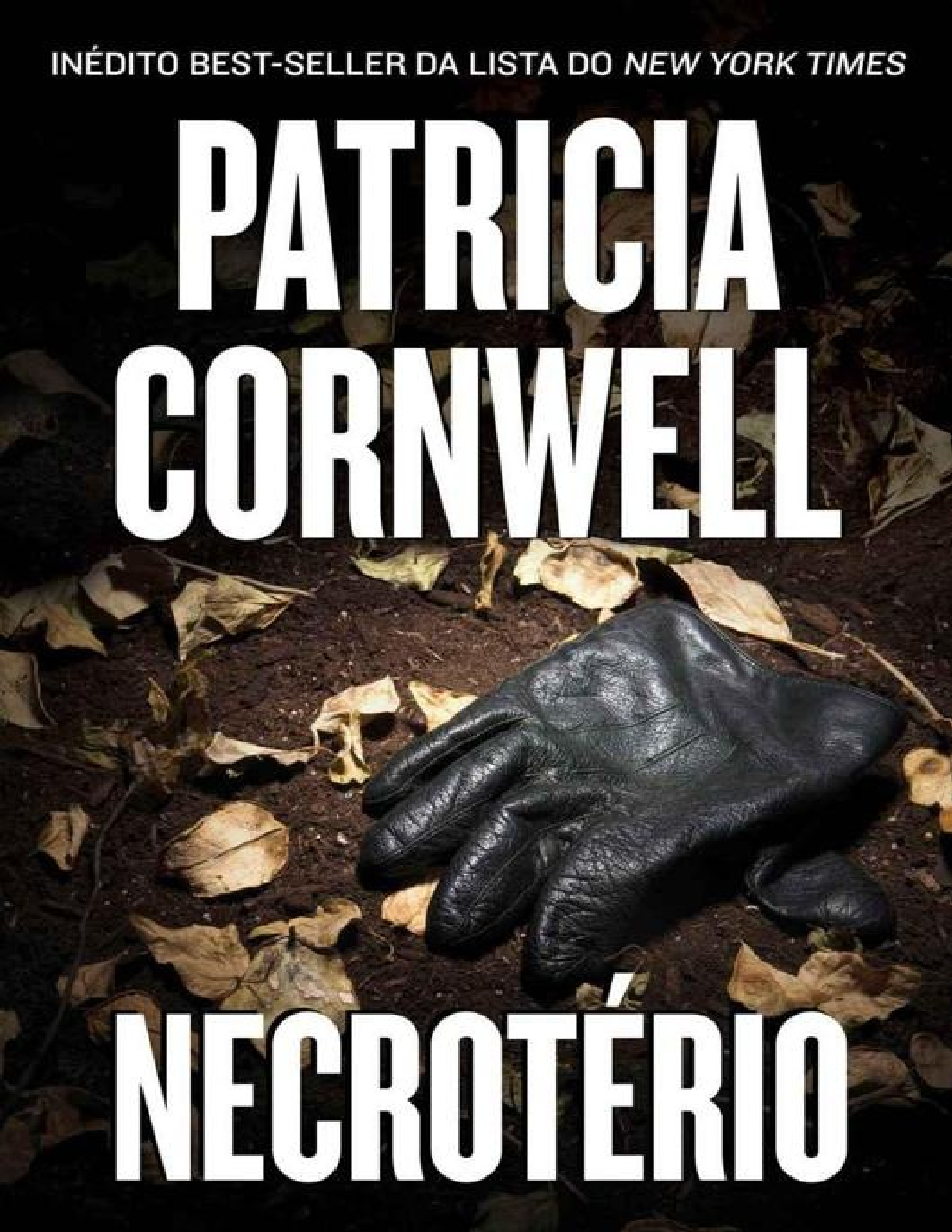
INÉDITO BEST-SELLER DA LISTA DO *NEW YORK TIMES*

PATRICIA CORNWELL



NECROTÉRIO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

PATRICIA
CORNWELL

NECROTÉRIO

Tradução
ANGELA PESSOA

p a r a l e l a

Nota ao leitor

Embora esta seja uma obra de ficção, não se trata de ficção científica. Os procedimentos médicos e forenses e as tecnologias e armas que vocês verão aqui são os utilizados hoje. Parte do que estão prestes a encontrar é extremamente perturbador. Mas tudo isso é possível.

Várias entidades citadas no livro também são reais e estão em plena operação, incluindo as seguintes:

Necrotério Militar da Base Aérea de Dover
Sistema de médicos-legistas das Forças Armadas (AFMES)
Laboratório de Identificação de DNA das Forças Armadas (AFDIL)
Instituto de Patologia das Forças Armadas (AFIP)
Departamento de Defesa
Agência de Projetos de Pesquisa Avançada de Defesa (DARPA)
Instituto Real de Serviços Unidos para Estudos de Defesa e Segurança (RUSI)
Sistema de Armamento Especial, Observação, Reconhecimento Remoto e Ação Direta (SWORDS)

Já o Centro Forense de Cambridge (CFC), o Instituto Correcional de Chatham, a Otwahl Technologies e o Transporte de Remoção Operacional Funerária (MORT) são minhas criações, assim como todos os personagens da narrativa e o enredo em si.

Dito isso, agradeço a todos os homens e mulheres admiráveis do Sistema de Medicina Legal das Forças Armadas e do Instituto de Patologia das Forças Armadas, que, ao longo de minha carreira, foram generosos o suficiente para compartilhar suas ideias e seu conhecimento altamente avançado e me impressionar com sua disciplina, integridade e amizade.

Como sempre, sou profundamente grata à dra. Staci Gruber, diretora do

Núcleo de Neuroimagem Clínica e Cognitiva do Hospital McLean e professora assistente do departamento de psiquiatria da escola de medicina de Harvard.

E, claro, agradeço à dra. Marcella Fierro, ex-legista-chefe da Virginia, e ao dr. Jamie Downs, médico-legista em Savannah, Georgia, por sua competência em todas as questões patológicas.

A Staci,
que vai ter que me aguentar enquanto eu viver…

1

No vestiário feminino, atiro a roupa suja do hospital em um coletor de risco biológico e tiro o restante das roupas e o calçado. Pergunto-me se CEL. SCARPETTA, gravado em letras pretas em meu armário, será removido no minuto em que eu retornar a New England pela manhã. Esse pensamento não havia me passado pela cabeça até agora e me incomoda. Uma parte minha não quer deixar este lugar.

A vida na Base Aérea de Dover tem seus confortos, apesar dos seis meses de treinamento árduo e da desolação de lidar diariamente com a morte em nome do governo dos Estados Unidos. Minha estada aqui foi surpreendentemente simples. Posso dizer que foi até mesmo agradável. Vou sentir saudades de me levantar antes do amanhecer em meu modesto quarto, vestir uma calça, uma polo, botas e cruzar a pé o estacionamento, na escuridão gelada, até o campo de golfe para tomar café e comer alguma coisa antes de seguir de carro até o necrotério, onde não estou no comando. Quando estou de serviço como médica-legista das Forças Armadas, não sou chefe. Na realidade, um grande número de pessoas tem patente superior à minha e não sou eu que tomo as decisões críticas. Quando muito, sou consultada. Não é assim quando retorno a Massachusetts, onde todos dependem de mim.

É segunda-feira, 8 de fevereiro. Iluminado em vermelho, como um aviso, o relógio acima das pias brancas reluzentes marca 16h33. Em menos de noventa minutos, vou aparecer na CNN para explicar o que é um patologista radiológico forense e por que me tornei uma, e o que Dover, o Departamento de Defesa e a Casa Branca têm a ver com isso. Em outras palavras, já não sou mais apenas médica-legista, tampouco apenas reservista do AFMES. Desde o Onze de Setembro, desde a invasão ao Iraque, e agora com o aumento das tropas no Afeganistão — ensaio os pontos que devo abordar —, a fronteira entre as esferas militar e civil desapareceu para sempre. Um exemplo que eu poderia dar: em

novembro, por um período de quarenta e oito horas, treze soldados mortos foram trazidos para cá do Oriente Médio de avião, e exatamente o mesmo número de corpos chegou de Fort Hood, no Texas. Grandes contingentes de vítimas não se restringem ao campo de batalha, embora eu já não saiba ao certo o que constitui um campo de batalha. Talvez todos os lugares sejam campos de batalha, vou dizer na TV. Casas, escolas, igrejas, aviões comerciais e os locais onde trabalhamos, fazemos compras e passamos férias.

Seleciono artigos de higiene pessoal como seleciono os comentários que vou precisar fazer sobre radiologia 3-D, TC, a tomografia computadorizada e os exames no necrotério e lembro-me de enfatizar que meu novo centro de operações em Cambridge, Massachusetts, é a primeira instituição civil nos Estados Unidos a realizar autópsias virtuais, Baltimore será a próxima e, por fim, a tendência vai se difundir. A tradicional investigação *post mortem* de dissecção, em que você comparece, bate fotografias após a ocorrência e espera não deixar passar nada nem modificar a cena do crime pode, e deve, ser dramaticamente aprimorada e tornada mais precisa pela tecnologia.

É uma pena não participar do *World News* esta noite, porque, agora que estou pensando nisso, percebo que preferia ter esse diálogo com Diane Sawyer. O problema da minha presença constante na CNN é que a familiaridade muitas vezes leva a uma diminuição do respeito. Eu deveria ter pensado nisso antes. A entrevista pode se tornar pessoal, e eu devia ter mencionado essa possibilidade ao general Briggs antes. Devia ter contado o que aconteceu hoje pela manhã quando a mãe enraivecida de um soldado morto gritou comigo ao telefone, acusando-me de preconceituosa e ameaçando levar a queixa à imprensa.

A porta de metal do meu armário soa como um tiro ao ser fechada. Caminho sobre o ladrilho canela, sempre frio e liso sob meus pés descalços, carregando minha cesta plástica com xampu e condicionador à base de oliva, um creme esfoliante feito de algas marinhas fossilizadas, uma gilete, espuma para pele sensível, detergente líquido, uma toalha, enxaguante bucal, escova de dente, uma escovinha para as unhas e óleo Neutrogena perfumado para quando terminar tudo. No interior de um boxe aberto, arrumo primorosamente meus objetos pessoais na prateleira e abro a água no mais quente que consigo suportar, o jato

forte explodindo à medida que me desloco para me molhar inteira, depois ergo o rosto, então olho para o chão, para meus próprios pés brancos. Deixo a água bater na nuca e na cabeça na esperança de que os músculos tensos relaxem um pouco enquanto entro mentalmente no closet do meu alojamento na base e procuro o que vestir.

O general Briggs — John, como o chamo quando estamos sozinhos — quer que eu use um uniforme de aviador ou, melhor ainda, o uniforme azul da Força Aérea, mas discordo. Eu deveria usar roupas civis, que é o que as pessoas me veem usar quando dou entrevistas na televisão, algo como um terninho escuro simples, blusa marfim de gola alta e o sóbrio relógio Breguet com pulseira de couro que minha sobrinha Lucy me deu. Não o Blancpain com o mostrador preto grande demais e engaste de cerâmica, também presente dela, que é obcecada por relógios e qualquer coisa tecnicamente complicada e cara. Nunca calça comprida, e, sim, saia e salto alto, assim pareço menos intimidadora e mais acessível, truque que aprendi há tempos no tribunal. Por alguma razão, os jurados gostam de ver minhas pernas enquanto descrevo ferimentos fatais em detalhes anatômicos vívidos e os últimos momentos de vida da vítima agonizante. Briggs vai ficar irritado com minha escolha de roupa, mas lembrei, enquanto bebíamos durante o Super Bowl na noite passada, que um homem não deve dizer a uma mulher o que vestir, a menos que ele seja Ralph Lauren.

O vapor em meu chuveiro desloca-se, perturbado por uma corrente de ar, e penso ouvir alguém. Fico instantaneamente irritada. Pode ser qualquer um, qualquer funcionária militar, médica ou não, que esteja autorizada a permanecer nestas instalações altamente restritas e necessite de um banheiro, de desinfecção ou de uma troca de roupa. Penso nas colegas com quem estava na sala de autópsia principal e tenho o pressentimento de que se trata, mais uma vez, da capitã Avallone. Ela foi presença inevitável na maior parte da manhã durante o exame de TC, como se eu não soubesse realizá-lo a esta altura, e ficou perambulando como uma névoa baixa em torno de minha estação de trabalho o restante do dia. Provavelmente, foi ela que acabou de entrar. Tenho certeza disso, na verdade, pois é sempre ela, e sinto um ressentimento. *Vá embora*.

“Dra. Scarpetta?”, grita a voz familiar, insossa e desprovida de emoção, que

parece me seguir por toda parte. “Telefone para a senhora.”

“Acabei de entrar”, grito por sobre o jato forte de água.

É meu jeito de lhe pedir que me deixe em paz. *Um pouco de privacidade, por favor.* Não quero ver a capitã Avallone nem ninguém neste momento, o que nada tem a ver com o fato de estar nua.

“Desculpe. Mas Pete Marino precisa conversar com a senhora.” A voz inexpressiva aproxima-se.

“Vai ter que esperar”, berro.

“Ele disse que é importante.”

“Você pode perguntar o que ele quer?”

“Ele só disse que é importante, senhora.”

Prometo telefonar mais tarde e provavelmente pareço grosseira, mas, apesar de bem-intencionada, nem sempre consigo ser agradável. Pete Marino é um investigador com quem trabalhei durante metade da minha vida. Espero que nada terrível tenha acontecido em casa. Não, ele se certificaria de me informar se houvesse uma emergência real, como alguma coisa errada com meu marido, Lucy, ou se houvesse um problema grave no Centro Forense de Cambridge, que eu chefiava. Marino faria mais que apenas pedir a alguém que me informasse que está ao telefone e que é importante. Isso nada mais é que seu escasso controle dos próprios impulsos, concluo. Quando tem uma ideia, Marino acha que deve compartilhá-la comigo no mesmo instante.

Abro bem a boca, enxaguando o gosto de carne humana crestada e decomposta preso no fundo da garganta. O fedor do trabalho de hoje sobe em ondas de vapor e penetra fundo em meus seios paranasais, as moléculas de biologia pútrida me fazendo companhia no chuveiro. Esfrego por baixo das unhas com sabonete antibacteriano que esguicho de um frasco, o mesmo que uso nos pratos e para descontaminar minhas botas quando saio da cena do crime, e escovo os dentes, as gengivas e a língua. Lavo o interior das narinas tão longe quanto consigo alcançar, esfregando cada centímetro do corpo, em seguida lavo o cabelo, não uma, mas duas vezes, e o fedor persiste. Tenho a sensação de não conseguir ficar limpa.

O nome do soldado morto de quem acabo de me ocupar é Peter Gabriel, como

o astro do rock, só que esse Peter Gabriel era um soldado de primeira classe do Exército e não estava há nem um mês na província de Badghis, no Afeganistão, quando uma bomba à beira improvisada com um tubo plástico de esgoto lotado de PE-4, tampado com uma folha de cobre, perfurou a blindagem de seu Humvee, provocando uma explosão de metal derretido em seu interior. O soldado de primeira classe Gabriel consumiu a maior parte de meu último dia aqui neste imenso espaço high-tech, onde patologistas e cientistas das Forças Armadas envolvem-se rotineiramente em casos que a maioria do público não associa conosco: o assassinato de JFK; as identificações de DNA recentes da família Romanov e dos tripulantes do submarino *H.L. Hunley*, que afundou durante a Guerra Civil. Somos uma organização importante, mas pouco conhecida, com raízes que remontam a 1862 e ao Museu Médico do Exército, cujos cirurgiões cuidaram de Abraham Lincoln após o tiro e realizaram sua autópsia, coisas que eu deveria mencionar na CNN. Focar no positivo. Esquecer o que disse a sra. Gabriel. Não sou um monstro nem preconceituosa. *Você não pode culpar a pobre mulher por estar descontrolada*, digo a mim mesma. Ela acaba de perder o único filho. Os Gabriel são negros. *Como você se sentiria, pelo amor de Deus? É claro que você não é racista.*

Percebo novamente uma presença. Alguém entrou no vestiário, que consegui enevoar como um grande chuveiro a vapor. Meu coração bate forte devido ao calor.

"Dra. Scarpetta?" A capitã Avallone parece menos hesitante, como se tivesse novidades.

Fecho a água e saio do boxe, agarrando uma toalha para me enrolar. A capitã Avallone é uma presença indistinta pairando na névoa perto das pias e dos secadores de mão sensíveis ao movimento. Tudo o que consigo distinguir é o cabelo escuro, a calça cáqui e a polo preta com o emblema do AFMES bordado em dourado e azul.

"Pete Marino…", ela começa a dizer.

"Vou ligar para ele em um minuto." Apanho outra toalha em uma prateleira.

"Ele está aqui, senhora."

"O que você está querendo dizer com *aqui*?" Quase espero que Marino se

materialize no vestiário como uma criatura pré-histórica emergindo da névoa.

“Está esperando lá atrás, perto das baias”, informa ela. “Vai levar a senhora até o Eagle’s Rest para pegar suas coisas.” A capitã Avallone diz isso como se o FBI tivesse vindo me buscar, como se eu tivesse sido presa ou despedida. “Minhas instruções são para conduzir a senhora até ele e ajudar no que for necessário.”

O primeiro nome da capitã Avallone é Sophia. Ela é do Exército, acabou de sair da residência de radiologia e é sempre militarmente correta e servilmente educada enquanto perambula e perde tempo. Agora não é hora. Carrego minha cestinha, pisando no ladrilho, e ela segue logo atrás de mim.

“Só vou embora amanhã, e sair com Marino não faz parte dos meus planos de viagem”, digo.

“Posso cuidar do seu carro. Pelo que entendi, a senhora não vai dirigir…”

“Você perguntou a ele do que se trata?” Retiro do armário minha escova de cabelo e meu desodorante.

“Eu tentei, senhora”, responde a capitã. “Mas ele não colaborou.”

Um C-5 Galaxy ruge no alto, rumo a um dezenove. Como sempre, o vento está vindo do sul.

Um dos muitos princípios aeronáuticos que aprendi com Lucy, que, entre outras coisas, é piloto de helicóptero, é que os números da pista de pouso e decolagem correspondem à bússola. Dezenove, por exemplo, quer dizer cento e noventa graus, o que significa que a ponta oposta vai ser um, assim orientada devido ao efeito Bernoulli e às leis de movimento de Newton. Tem tudo a ver com a velocidade com que o ar precisa fluir sobre a asa, com decolar e aterrissar na direção do vento, que nesta parte de Delaware sopra a partir do mar, da alta para a baixa pressão, do sul para o norte. Entra dia sai dia, os aviões de transporte trazem e levam os mortos ao longo de uma pista de asfalto que corre como o rio Estige por trás do necrotério.

O Galaxy cinza tem o comprimento de um campo de futebol americano, tão imenso e pesado que mal parece se mover no céu claro com nuvens leves, que os

pilotos chamam de rabo de égua. Sei de que tipo de transporte aéreo se trata sem olhar, reconheço os guinchos e silvos agudos. A esta altura, conheço o som das turbinas produzindo cento e sessenta mil libras de propulsão, consigo identificar um C-5 ou um C-17 a quilômetros de distância e também conheço helicópteros e aeronaves com rotor, diferencio um Chinook de um Black Hawk ou de um Osprey. Com tempo bom, quando tenho alguns momentos para espairecer, sento no banco diante de meu alojamento e observo as aeronaves de Dover como se fossem criaturas exóticas, como peixes-bois, elefantes ou aves pré-históricas. Nunca me canso de seu corpo pesado, seu ruído atroador e das sombras que projetam quando passam no alto.

As rodas aterrissam tão perto, com baforadas de fumaça, que sinto o estrépito em meus órgãos ocos à medida que atravesso a recepção com suas quatro imensas baias, seu paredão de alta privacidade e geradores de reserva. Aproximo-me de uma van azul que nunca vi, e Pete Marino não faz nenhum movimento para me cumprimentar ou abrir a porta, o que não quer dizer nada. Ele não gasta energia com boas maneiras, e ser cortês ou agradável nunca foi sua prioridade, pelo que sei. Faz mais de vinte anos que nos conhecemos no necrotério de Richmond, Virginia. Ou talvez tenhamos nos encontrado pela primeira vez em alguma cena de homicídio. Realmente não lembro.

Entro e fecho a porta, enfiando a mochila entre as botas, o cabelo ainda úmido do banho. Ele me avalia em silêncio e acha que estou péssima. Sempre percebo por seus olhares de esguelha que me inspecionam da cabeça aos pés, demorando-se em certas partes que não lhe dizem respeito. Marino não gosta que eu use o uniforme do AFMES, a calça cáqui, a polo preta e a jaqueta tática, e nas poucas vezes em que me viu assim acho que ficou assustado.

“Onde você roubou a van?”, pergunto enquanto ele dá ré.

“Em uma locadora da Civil Air.” A resposta ao menos garante que não aconteceu nada com Lucy.

O terminal não oficial na extremidade norte da pista é usado por funcionários civis autorizados a pousar na base aérea. Minha sobrinha trouxe Marino até aqui e me passa pela cabeça que os dois vieram me fazer uma surpresa. Apareceram sem avisar para me desobrigar do voo comercial pela manhã e me acompanhar

até em casa. Doce ilusão. Não pode ser isso e procuro respostas no rosto de traços irregulares de Marino, captando sua aparência geral, quase da mesma forma que inspeciono um paciente à primeira vista. Tênis de corrida, jeans, jaqueta de couro Harley-Davidson com forro de lã que ele tem há uma eternidade, boné de beisebol dos Yankees que usa por sua própria conta e risco, levando-se em conta que agora mora no território dos Red Sox, e óculos de aro de metal antiquados.

Não sei dizer se ele raspou o pouco que lhe restou de cabelo grisalho, mas está limpo e relativamente bem cuidado, e não está vermelho de uísque nem tem a barriga inchada de cerveja. Os olhos não estão injetados de sangue. As mãos parecem firmes. Não sinto cheiro de cigarro. Ele continua longe do álcool e longe de outras coisas. Marino teve a sabedoria de se afastar de uma porção de coisas, um trem que se imiscui nos territórios instáveis de suas inclinações aborígines. Sexo, birita, drogas, tabaco, comida, grosseria, intolerância, indolência. Eu provavelmente deveria acrescentar falsidade. Quando lhe convém, ele é evasivo ou simplesmente mente.

"Imagino que Lucy esteja no helicóptero…", começo a dizer.

"Você sabe como é esta espelunca quando se está trabalhando num caso. Pior que a porra da CIA", diz ele enquanto viramos na Purple Heart Avenue. "A casa da pessoa pode estar pegando fogo e ninguém diz merda nenhuma. Devo ter ligado umas cinco vezes. Então tomei uma decisão executiva e Lucy e eu viemos para cá."

"Seria útil se você me dissesse por que está aqui."

"Ninguém quis te interromper enquanto estava cuidando do soldado de Worcester", diz ele para meu espanto.

O soldado de primeira classe Gabriel era de Worcester, Massachusetts, e não consigo entender por que Marino saberia em que caso eu estava trabalhando em Dover. Ninguém deveria ter contado. Tudo o que fazemos no necrotério é extremamente sigiloso, quando não estritamente confidencial. Pergunto-me se a mãe do soldado morto cumpriu a ameaça e convocou a imprensa. Pergunto-me se contou à imprensa que a médica-legista de seu filho, militar e branca, é racista.

Antes que eu consiga perguntar, Marino acrescenta: “Ao que tudo indica, ele é a primeira vítima de guerra de Worcester, e a mídia local está em cima. Recebemos algumas ligações, imagino que as pessoas estejam confusas e achem que qualquer defunto ligado a Massachusetts acabe com a gente”.

“Os repórteres acharam que íamos fazer a autópsia em Cambridge?”

“Bom, o CFC também é um necrotério. Talvez tenha sido por isso.”

“Seria de esperar que a imprensa a essa altura soubesse que todas as baixas de operações vêm direto para cá”, refuto. “Você tem certeza dos motivos do interesse deles?”

“Por quê?” Marino olha para mim. “Você sabe de algum outro motivo que eu desconheça?”

“Só estou perguntando.”

“Tudo o que sei é que recebemos alguns telefonemas e encaminhamos para Dover. Você estava no meio do trabalho com o garoto de Worcester e ninguém quis te chamar, então liguei para o general Briggs quando estávamos a vinte minutos de distância, abastecendo em Wilmington. Ele fez a capitã Abelhinha te procurar no chuveiro. Ela é solteira ou toca na banda de Lucy? Porque não é feia.”

“Como você sabe?”, pergunto, perplexa.

“Ela deu uma passada no CFC quando foi visitar a mãe no Maine. Você não estava.”

Tento recordar se fui informada disso e ao mesmo tempo lembro que não faço ideia do que acontece na repartição que devo chefiar.

“Fielding se encarregou do tour real, o anfitrião com algo mais.” Marino não gosta do meu sub, Jack Fielding. “A questão é que tentei avisar. Eu não pretendia simplesmente dar as caras assim.”

Marino está sendo evasivo e toda essa história é uma tática. É invenção. Por algum motivo, achou necessário simplesmente aparecer por aqui sem avisar. Talvez por querer se certificar de que eu vá com ele sem demora. Percebo que o problema é sério.

“Não pode ter sido pelo Gabriel que você deu as caras assim, como você mesmo disse”, aponto.

“Receio que não.”

“O que aconteceu?”

“Temos um problema.” Ele olha direto para a frente. “E eu disse a Fielding e a todos os outros que o corpo não ia ser examinado antes de você chegar.”

Jack Fielding é um patologista forense experiente que não recebe ordens de Marino. Se meu sub optou por não intervir e transferir para mim o corpo, isso significa que temos um caso que pode ter implicações políticas ou terminar em processo. O fato de Fielding não ter tentado me telefonar ou me passado um e-mail me incomoda bastante. Torno a verificar meu iPhone. Nada da parte dele.

“Por volta das três e meia ontem à tarde em Cambridge”, diz Marino, e agora estamos na Atlantic Street, dirigindo devagar na semiescuridão, no meio da base. “Em Norton’s Woods, na Irving, a menos de um quarteirão da sua casa. Uma merda você não estar em casa. Podia ter ido até a cena, a pé, e talvez as coisas tivessem acabado de forma diferente.”

“Que coisas?”

“Um homem de pele morena clara, na casa dos vinte. Estava passeando com o cachorro e caiu morto. Ataque cardíaco, certo? Errado”, continua ele enquanto passamos por fileiras de instalações de manutenção em concreto e metal, hangares e outras estruturas que têm números em vez de nomes. “É plena luz do dia de uma tarde de domingo, muita gente por perto, porque tinha um evento no que quer que seja aquele lugar, o com um telhado verde de metal.”

Norton’s Woods é a sede da Academia de Artes e Ciências dos Estados Unidos, uma propriedade arborizada com uma impressionante construção em madeira e vidro que é alugada para cerimônias especiais. Fica várias casas adiante daquela para a qual Benton e eu nos mudamos na primavera passada, a fim de que eu ficasse perto do CFC e ele de Harvard, onde faz parte do corpo docente do departamento de psiquiatria da faculdade de medicina.

“Em outras palavras, olhos e ouvidos”, continua Marino. “Um bom lugar e uma boa hora para matar alguém.”

“Pensei que você tivesse dito que ele sofreu um ataque do coração. Só que, sendo tão jovem, deve ter sido uma arritmia cardíaca.”

“É, era essa a hipótese inicial. Algumas testemunhas viram o sujeito colocar a

mão no peito de repente e cair. Ele morreu ali… pelo jeito. Foi transportado direto para nossa repartição e passou a noite na geladeira.”

“O que você quer dizer com ‘pelo jeito’?”

“Hoje cedo, Fielding entrou na geladeira e notou gotas de sangue no chão e muito sangue na bandeja, então foi chamar Anne e Ollie. O cara morto tinha sangue saindo pelo nariz e pela boca. Não estava ali na tarde anterior, quando ele foi dado como morto. Não havia sangue na cena, nem uma gota, e agora ele está sangrando, e não é hipóstase, claro, porque o cara não está em decomposição. O lençol com que está coberto está ensanguentado e tem mais ou menos um litro de sangue no saco que contém o corpo, o que é uma merda. Eu nunca tinha visto um morto começar a sangrar assim. Então eu disse que tínhamos a porra de um problema sério e todo mundo ficou de boca fechada.”

“O que Jack disse? O que ele fez?”

“Você está de gozação, não está? Que braço-direito o seu. Não vou nem começar.”

“Temos alguma identificação? E por que Norton’s Woods? Ele mora ali perto? Estuda em Harvard? Talvez na faculdade de teologia, ali perto? Duvido que ele estivesse indo ao evento. Não com um cachorro.” Pareço muito mais calma do que me sinto ao ter essa conversa no estacionamento da pousada Eagle’s Rest.

“Ainda não temos muitos detalhes, mas parece que era um casamento”, explica Marino.

“No domingo do Super Bowl? Quem marca um casamento no mesmo dia do Super Bowl?”

“Alguém que não quer que ninguém apareça. Ou que não é americano, ou que é antiamericano. Sei lá, mas acho que o morto não era um convidado do casamento, e não só por causa do cachorro. Ele levava uma Glock nove milímetros por baixo do casaco. Não tinha documentos e estava ouvindo um rádio portátil via satélite. Você já imagina aonde quero chegar com isso.”

“Na verdade não.”

“Lucy vai falar mais sobre a parte do rádio via satélite, mas parece que ele estava fazendo vigilância, espionando, e talvez a pessoa que ele estava sacaneando tenha decidido retribuir o favor. Resumindo, acho que alguém fez

alguma coisa com ele e causou um ferimento que de alguma forma passou despercebido aos paramédicos; o serviço de remoção também não notou nada. Então o zíper do saco é fechado e ele começa a sangrar durante o transporte. Bom, isso não aconteceria a não ser que ele tivesse alguma pressão sanguínea, ou seja, ainda estava vivo quando foi deixado no necrotério e trancado dentro da porra da geladeira. Com catorze, quinze graus negativos lá dentro, ele deve ter morrido esta manhã por exposição ao frio. Supondo que não tenha sangrado até a morte primeiro."

"Se ele tinha um ferimento que causaria sangramento externo", pergunto, "por que não havia sangue na cena?"

"Explique você."

"Por quanto tempo tentaram ressuscitar o cara?"

"Quinze, vinte minutos."

"Não é possível que um vaso sanguíneo tenha sido de alguma forma perfurado nesse período?", pergunto. "Lesões anteriores e posteriores à morte, quando suficientemente graves, podem causar sangramento significativo. Talvez durante a reanimação cardiopulmonar uma costela tenha fraturado e causado uma perfuração ou secção em uma artéria. Um tubo torácico pode ter sido inserido e causado um ferimento e o sangramento que você descreveu."

Mas sei que não é nada disso antes mesmo de dizer. Marino é um investigador de homicídios experiente. Não teria requisitado minha sobrinha e seu helicóptero para vir a Dover sem aviso prévio se houvesse uma explicação lógica ou mesmo plausível, e Jack Fielding certamente reconheceria um ferimento como o que eu sugeri. *Por que ele não tentou falar comigo?*

"O quartel do Corpo de Bombeiros de Cambridge deve ficar a um quilômetro e meio de Norton's Woods, e o pelotão chegou em poucos minutos", informa Marino.

Estamos sentados na van com o motor desligado. Está quase completamente escuro, o horizonte e o céu se fundem, com um débil vestígio de luz a oeste. *Quando Fielding lidou com algum revés sem mim? Nunca.* Ele se afasta. Deixa a sujeira para os outros limparem. Foi por isso que não tentou fazer contato comigo. Talvez tenha largado o emprego de novo. Quantas vezes precisa fazer

isso para que eu pare de recontratá-lo?

“De acordo com eles, o sujeito morreu instantaneamente”, acrescenta Marino.

“A menos que um explosivo arrebente alguém em centenas de pedaços, na verdade não existe essa coisa de morrer instantaneamente”, retruco, porque detesto quando Marino fala clichê. Morrer instantaneamente. Cair morto. Morreu antes de atingir o solo. Vinte anos de generalidades como essas, não importa quantas vezes eu tenha dito que paradas cardíaca e respiratória não são causas, mas sintomas da morte, o que em termos clínicos leva no mínimo alguns minutos. Nunca é instantânea. Não é um processo simples. Torno a lembrá-lo dessa questão médica porque não consigo pensar em mais nada para dizer.

“Bom, só estou relatando o que me contaram. De acordo com eles, o cara não pôde ser ressuscitado”, responde Marino como se os paramédicos soubessem mais sobre a morte do que eu. “Não reagiu. É o que está no prontuário.”

“Você interrogou os paramédicos?”

“Um deles. Por telefone esta manhã. Sem pulso, sem nada. O cara estava morto. Ou foi o que disse o paramédico. Mas o que você acha que ele ia dizer? Que eles não tinham certeza, mas mesmo assim mandaram o sujeito para o necrotério?”

“Então você contou a ele por que estava perguntando.”

“Porra, não, não sou nenhum retardado. Ninguém precisa disso na primeira página do *Globe*. Se chegar aos noticiários, posso muito bem voltar para o departamento de polícia de Nova York ou, quem sabe, terminar na Wackenhut, só que ninguém está contratando.”

“Que procedimento você seguiu?”

“Não segui merda nenhuma. Foi Fielding. É claro que ele está dizendo que fez tudo como manda o figurino, e que a DP de Cambridge informou que não havia nada de suspeito na cena, uma morte natural evidente, com testemunhas. Fielding deu permissão para que o corpo fosse transferido ao CFC desde que os policiais ficassem com a custódia da arma e a levassem de imediato para o laboratório para que descobríssemos em nome de quem está registrada. Um caso de rotina, e não é culpa nossa se os paramédicos fizeram besteira, ou assim diz Fielding. E você sabe o que eu digo? Não importa. Vamos levar a culpa. A

imprensa vai nos perseguir como você nunca viu e vai dizer que tudo deveria voltar para Boston. Já imaginou?”

Antes que o CFC começasse a trabalhar nos primeiros casos no verão passado, a agência estatal de medicina legal localizava-se em Boston e vivia cercada por problemas políticos e econômicos, sem mencionar os escândalos que estavam constantemente nos noticiários. Corpos eram perdidos, enviados à funerária errada ou cremados sem exame minucioso, e em pelo menos uma suspeita de morte de criança por maus-tratos foram testados os globos oculares errados. Novos chefes chegaram e partiram, e órgãos distritais tiveram de ser fechados devido à falta de financiamento. Mas nada de negativo que já tenha sido dito a respeito daquela instituição se compara ao que Marino está sugerindo a nosso respeito.

“Prefiro não imaginar nada.” Abro a porta. “Vou me concentrar nos fatos.”

“Isso é um problema, já que parece que não temos nada que faça muito sentido.”

“E você contou a Biggs o que acabou de me contar?”

“Contei o que ele precisava saber”, responde Marino.

“A mesma coisa que acabou de me contar?”, repito a pergunta.

“Praticamente.”

“Não devia ter feito isso. Devia ter me deixado contar. Eu decido o que ele precisa saber.” Estou sentada com a porta do carona bem aberta e o vento entrando. Ainda estou úmida do banho e sinto frio. “Não pode quebrar a cadeia de comando só porque estou ocupada.”

“Bom, você estava *muito* ocupada, então contei a ele.”

Desço da van e me tranquilizo dizendo que o que Marino acaba de descrever não pode estar correto. Os paramédicos de Cambridge jamais cometeriam um erro tão absurdo; tento evocar uma explicação para um ferimento fatal não sangrar na cena e depois sangrar de forma profusa e penso em como computar a hora da morte ou mesmo a causa de alguém que morreu dentro da geladeira de um necrotério. Estou confusa. Não faço a menor ideia do que está acontecendo e, acima de tudo, estou angustiada por ele, por esse jovem entregue a mim, dado como morto. Visualizo-o envolto em um lençol e acondicionado em um saco, o

zíper fechado, e é essa a essência dos velhos horrores. Alguém que recupera os sentidos dentro de um caixão. Alguém que é enterrado vivo. Nunca me aconteceu nada tão terrível, nem de perto, nem uma única vez em minha carreira. E nunca conheci ninguém que tenha passado por isso.

"Pelo menos não há nenhum sinal de que ele tentou sair do saco." Marino está tentando fazer com que ambos nos sintamos melhor. "Nada que indique que ele pode ter acordado a certa altura e entrado em pânico. Você sabe, sinais de que tentou abrir o zíper, chutar ou coisa parecida. Acho que, se ele tivesse lutado, estaria em outra posição na bandeja quando o encontramos esta manhã, ou talvez tivesse até rolado para fora dela. Não tinha pensado nisso, mas uma pessoa não sufocaria num saco daqueles? Supostamente eles são à prova d'água. Ainda que vazem. Queria ver um que não vazasse. E essa é a outra questão. Os pingos de sangue no chão vão na direção da baia para a geladeira."

"Por que não continuamos isso mais tarde?" É hora do check-in. Há muita gente no estacionamento quando nos dirigimos à entrada moderna, mas simples, da pousada, e Marino tem uma voz grossa que se projeta como se ele estivesse sempre falando de um palco.

"Duvido que Fielding tenha se dado o trabalho de ver a gravação", continua Marino. "Duvido que tenha feito qualquer coisa. Não vi nem tive notícias do filho da puta desde hoje cedo. Desapareceu na hora H de novo." Marino abre a porta principal de vidro. "Espero que não tenhamos que fechar por causa daquele imprestável. Não seria incrível? Você faz ao cara a porra de um favor lhe dando um emprego depois que ele se mandou e ele destrói o CFC antes mesmo que o lugar comece a decolar."

No interior do hall de entrada com mostruários contendo prêmios e memorabilia da Força Aérea, cadeiras confortáveis e uma TV gigantesca, uma placa dá as boas-vindas aos hóspedes na sede do C-5 Galaxy e do C-17 Globemaster III. Na recepção, espero silenciosamente atrás de um homem que veste as listras de tigre extravagantes e indistintas dos uniformes de combate do Exército, enquanto compra creme de barbear, água e várias garrafinhas de Johnnie Walker. Informo ao recepcionista que estou fechando a conta antes do planejado e, sim, vou me lembrar de entregar as chaves, e é claro que

compreendo que vão me cobrar a diária de trinta e oito dólares mesmo que eu não passe a noite lá.

“Como é que se diz?”, continua Marino. “O inferno está cheio de boas intenções?”

“Vamos tentar não ser tão negativos.”

“Você e eu abrimos mão de bons empregos em Nova York e fechamos o escritório em Watertown, e é isso o que acontece.”

Não me pronuncio.

“Realmente espero que isso não acabe com a nossa carreira”, prossegue ele.

Não respondo, porque já ouvi o bastante. Depois das lojinhas e das máquinas de refrigerante, salgadinho e doce, pegamos a escada para o segundo andar e é então que ele me informa que Lucy não está esperando com o helicóptero no Terminal Aéreo Civil. Está em meu quarto. Fazendo minhas malas, tocando em meus pertences, tomando decisões sobre eles, esvaziando meu armário, minhas gavetas, desligando meu laptop, minha impressora, o roteador. Ele esperou para me dizer porque sabe muito bem que, em circunstâncias normais, isso me irritaria absurdamente — não importaria que se tratasse da minha sobrinha, o gênio da informática, ex-policial federal, que criei como uma filha.

As circunstâncias são tudo menos normais, e sinto-me aliviada que Marino esteja aqui e Lucy esteja em meu quarto, que tenham vindo me buscar. Preciso chegar em casa e resolver tudo. Percorremos o longo corredor com tapete vermelho-escuro, passamos pela varanda decorada com reproduções coloniais e uma cadeira eletrônica de massagem atenciosamente instalada para os pilotos cansados. Insiro o cartão magnético na abertura na porta do quarto e me pergunto quem teria deixado Lucy entrar, então torno a pensar em Briggs e na CNN. Não posso nem pensar em aparecer na TV. E se a imprensa tomou conhecimento do que aconteceu em Cambridge? A essa altura eu saberia. Marino saberia. Bryce, meu administrador, saberia e teria me contado imediatamente. Tudo vai ficar bem.

Lucy está sentada em minha cama bem-feita, fechando o zíper de minha nécessaire de cosméticos. Detecto o perfume cítrico apurado de seu xampu quando a abraço e percebo o quanto ela me fez falta. Um macacão de voo preto

acentua seus olhos verdes atrevidos, o cabelo curto dourado, as feições angulosas e a magreza, o que me faz lembrar o quanto ela é atraente de um jeito pouco comum, com ar de menino, porém feminina, vigorosamente esculpida, com seios em evidência e tão intensa que parece selvagem. Independentemente de estar brincando ou sendo educada, minha sobrinha tende a intimidar e tem poucos amigos, talvez nenhum a não ser Marino, e seus amores nunca duram. Nem mesmo Jaime, embora eu não tenha revelado minhas suspeitas. Não perguntei. Mas não engulo a história de Lucy de ter se mudado de Nova York para Boston por razões financeiras. Mesmo que sua empresa investigativa de informática forense estivesse em declínio, no que tampouco acredito, ela estava ganhando mais em Manhattan do que recebe agora do CFC, que é nada. Minha sobrinha trabalha para mim *pro bono*. Ela não precisa de dinheiro.

"Qual é a história do rádio via satélite?" Observo-a com atenção, tentando interpretar seus sinais, que são sempre sutis e desconcertantes.

As cápsulas chocalham enquanto ela verifica quantos Advils há em um frasco, decidindo que não o bastante para perder tempo e o atira no lixo. "Vamos pegar mau tempo, então eu gostaria de sair logo daqui." Ela destampa um frasco de Zantac, descartando-o a seguir. "Conversamos durante o voo. Vou precisar da sua ajuda como copiloto. Vai ser complicado escapar das nevascas e da chuva no caminho. Trezentos milímetros, começando por volta das dez."

Meu primeiro pensamento é Norton's Woods. Preciso fazer uma visita retrospectiva, mas quando chegar lá, o lugar vai estar coberto de neve.

"É uma pena", comento. "A cena do crime não foi investigada como deveria."

"Pedi à DP de Cambridge para voltar lá esta manhã." Os olhos de Marino se deslocam como se fosse meu alojamento que necessitasse ser investigado. "Não encontraram nada."

"Perguntaram por que você quis que investigassem?" A mesma preocupação outra vez.

"Eu disse que tínhamos dúvidas. Coloquei a culpa na Glock. O número de série foi apagado. Acho que não contei isso", acrescenta ele enquanto olha ao redor, atento a tudo menos a mim.

"Podemos tentar recuperar o número com ácido. Se não der certo, ainda temos

o microscópio eletrônico de varredura", concluo. "Se restou algum traço, vamos encontrar. E vou pedir a Jack para ir a Norton's Woods e fazer uma retrospectiva."

"Tenho certeza de que ele vai começar a trabalhar nisso", diz Marino em tom sarcástico.

"Ele pode tirar fotografias antes que a neve comece", acrescento. "Ou alguma outra pessoa. Quem estiver de plantão…"

"É perda de tempo", diz Marino me interrompendo. "Nenhum de nós estava lá ontem. Não sabemos qual a porra do local exato… só que ficava perto de uma árvore e de um banco verde. Bom, isso é de grande ajuda quando você está falando de cerca de três hectares de árvores e bancos verdes."

"E fotografias?", pergunto enquanto Lucy continua a vasculhar minha pequena farmácia de pomadas, analgésicos, antiácidos, vitaminas, colírios e antissépticos espalhada sobre a cama. "A polícia deve ter batido fotos do corpo *in situ.*"

"Ainda estou esperando o detetive me mandar. O cara que responde pela cena trouxe a pistola hoje de manhã. Lester Law, atende por Les Law, mas nas ruas é mais conhecido como Lawless, corrupto exatamente como o pai e o avô antes dele. Os tiras de Cambridge voltando à porra do *Mayflower.* Mas não conheci o sujeito."

"Bom, acho que é isso." Lucy se levanta da cama. "Quer conferir se não esqueci nada?", acrescenta ela.

O lixo está abarrotado, minhas malas estão arrumadas e enfileiradas em uma das paredes, a porta do armário está escancarada, sem nada dentro exceto cabides vazios. Equipamentos de informática, arquivos impressos, artigos de jornal e livros desapareceram da minha escrivaninha, e não há nada no cesto de roupas sujas, nem no banheiro ou nas gavetas da cômoda que inspeciono. Abro a pequena geladeira. Está vazia e foi limpa. Enquanto ela e Marino começam a carregar minhas coisas para fora, teclo o número de Briggs no meu iPhone. Olho para o prédio de estuque de três andares no outro lado do estacionamento, para a ampla janela espelhada no meio do terceiro andar. Ontem à noite eu estava nessa suíte com ele e outros colegas assistindo ao jogo, e a vida era boa. Aplaudimos o

New Orleans Saints e nosso próprio trabalho e brindamos ao Pentágono e a sua Agência de Projetos de Pesquisa Avançada de Defesa, a DARPA, que haviam tornado possíveis as autópsias virtuais com o auxílio de TC em Dover e agora no CFC. Comemoramos a missão cumprida, o trabalho bem-feito, e agora isso, como se a noite passada não fosse real, como se eu tivesse sonhado.

Respiro fundo e aperto ENVIAR em meu iPhone, sentindo-me oca por dentro. Briggs não pode estar satisfeito comigo. Imagens lampejam na TV de tela plana instalada na parede da sala de estar, então ele passa pelo vidro vestindo seu uniforme de combate do Exército, verde e marrom com gola chinesa, o que normalmente usa quando não está no necrotério ou em uma cena de crime. Vejo-o atender ao telefone e retornar à ampla janela, onde para, olhando direto para mim. A certa distância, estamos cara a cara, uma extensão de asfalto e carros estacionados entre mim e o legista-chefe das Forças Armadas, como se estivéssemos à beira de um impasse.

"Coronel." Ele me cumprimenta em tom sombrio.

"Acabo de saber. E garanto que vou cuidar disso. Estarei no helicóptero em uma hora."

"Você sabe o que sempre digo." A voz profunda e autoritária soa em meu fone de ouvido e tento detectar seu grau de mau humor e o que ele vai fazer. "Tudo tem uma resposta. O problema é encontrar essa resposta e a melhor maneira de fazer isso. A maneira mais correta e adequada." Ele parece calmo. Cauteloso. Muito sério. "O resto fica para outra ocasião", acrescenta.

Briggs está fazendo menção ao último briefing que havíamos programado. Tenho certeza de que também se refere à CNN, e me pergunto o que Marino contou. O que exatamente ele disse?

"Concordo, John. Tudo deve ser cancelado."

"Já foi."

"É a coisa certa." Soo trivial. Não vou deixar que ele perceba minha insegurança e sei que a está farejando. Sei muito bem que está. "Minha prioridade é determinar se a informação que me foi passada está correta. Porque não vejo como pode ser possível."

"Não é uma boa hora para você ir ao ar. Não preciso que Rockman nos diga

isso.”

Rockman é o assessor de imprensa. Briggs não precisa falar com ele porque já fez isso. Tenho certeza.

“Entendo”, respondo.

“Um sincronismo incrível. Se eu fosse paranoico, podia simplesmente pensar que alguém orquestrou algum tipo bizarro de sabotagem.”

“Com base no que me contaram, não vejo como isso seria possível.”

“Eu disse se fosse paranoico”, retruca Briggs e, de onde estou, distingo a figura musculosa magnífica, mas não consigo ver a expressão em seu rosto. E não preciso. Ele não está sorrindo. Os olhos cinzentos são aço galvanizado.

“A sincronia pode ser coincidência ou não”, digo. “É o pressuposto básico em investigações criminais, John. É sempre uma coisa ou outra.”

“Não vamos banalizar a situação.”

“Estou fazendo tudo menos isso.”

“Não consigo pensar em nada muito pior que uma pessoa viva ser colocada na porra da sua geladeira”, diz ele sem rodeios.

“Nós não sabemos…”

“É uma pena depois de tudo isso.” Como se tudo o que construímos ao longo dos últimos anos estivesse à beira da ruína.

“Não sabemos se o que foi relatado é exato…”, começo a dizer.

“Acho que seria melhor trazer o corpo para cá”, interrompe ele mais uma vez. “O AFDIL pode trabalhar na identificação. Rockman vai se certificar de que a situação fique sob controle. Temos tudo de que precisamos bem aqui.”

Estou pasma. Briggs quer mandar um avião a Hanscom Field, a base aérea afiliada ao CFC. Quer que o Laboratório de Identificação de DNA das Forças Armadas, provavelmente com outros laboratórios militares e outra pessoa que não eu, cuide do que aconteceu porque acha que não tenho competência para isso. Ele não confia em mim.

“Não sabemos se estamos falando da jurisdição federal”, lembro-lhe. “A menos que você saiba alguma coisa que eu não sei.”

“Olhe. Estou tentando fazer o que é melhor para todos os envolvidos.” Briggs tem as mãos às costas, as pernas ligeiramente afastadas, os olhos fixos em mim

no outro lado do estacionamento. “Podemos despachar um C-17 para Hanscom. Podemos ter o corpo aqui por volta de meia-noite. O CFC é um necrotério também, e é isso que os necrotérios fazem.”

“Não é isso que os necrotérios fazem. A ideia não é que os corpos sejam recebidos, então transferidos para as autópsias e análises de laboratório. O CFC não foi projetado para ser uma primeira triagem para Dover, uma verificação preliminar à intervenção dos peritos. Essa nunca foi minha intenção nem o que foi acordado quando trinta milhões de dólares foram gastos na repartição em Cambridge.”

“Você devia ficar em Dover, Kay. Trazemos o corpo para cá.”

“Estou pedindo a você que não intervenha, John. Neste momento, o caso pertence à alçada do legista-chefe de Massachusetts. Por favor, não desafie a minha autoridade.”

Há uma longa pausa, então ele afirma, em vez de perguntar: “Você realmente quer essa responsabilidade”.

“Ela é minha, eu querendo ou não.”

“Estou tentando te proteger. Tenho tentado.”

“Não faça isso.” Não é o que ele está tentando fazer. Não tem confiança em mim.

“Posso mobilizar a capitã Avallone para ajudar. Não é má ideia.”

Mal posso acreditar que ele tenha sugerido isso. “Não é necessário”, refuto em tom firme. “O CFC é perfeitamente capaz de lidar com a situação.”

“Que fique registrado que ofereci.”

Que fique registrado junto a quem? Ocorre-me, de forma estranha, que talvez haja outra pessoa na linha. Briggs continua de pé diante da janela. Não sei se há mais alguém na suíte com ele.

“O que você decidir”, diz então. “Não vou passar por cima de você. Ligue assim que souber de alguma coisa. Me acorde se for preciso.” Ele não diz adeus, nem boa sorte, nem foi bom ter você por aqui por seis meses.

2

Lucy e Marino saíram do quarto. Minhas malas, mochilas e caixas de arquivo desapareceram e não restou nada. É como se eu nunca tivesse estado aqui e me sinto só como não ocorre há anos, talvez décadas.

Olho ao redor pela última vez, para me certificar de que nada foi esquecido, minha atenção viajando para além do micro-ondas, da pequena geladeira e da cafeteira elétrica, rumo às janelas com vista do estacionamento e da suíte iluminada de Briggs e mais além, rumo ao céu negro sobre o vazio do campo de golfe desocupado. Grossas nuvens passam pela lua oblonga, que acende e apaga como uma lanterna de sinalização, como se me informasse o que há adiante e se devo parar ou seguir, e não vejo estrela nenhuma. Preocupa-me que o mau tempo esteja se deslocando rápido, conduzido pelo mesmo vento sul poderoso que traz os grandes aviões e sua triste carga. Eu deveria me apressar, mas o espelho do banheiro me distrai, a pessoa nele, na verdade, e paro para me olhar sob a claridade da luz fluorescente. *Quem é você agora? De verdade?*

Meus olhos azuis e meu cabelo louro e curto, o talhe forte de meu rosto e minha silhueta não estão muito diferentes, concluo, parecem notadamente os mesmos, levando-se em conta minha idade. Resisti bem às salas de concreto e aço inoxidável sem janelas, e muito disso é genético, um desejo hereditário de prosperar em uma família trágica como uma ópera de Verdi. Os Scarpetta descendem de italianos fortes do norte, com feições proeminentes, cabelo e pele claros, e músculos e ossos bem definidos que resistem à adversidade e aos abusos da permissividade que a maioria das pessoas não associaria comigo. Mas as tendências estão presentes, uma paixão pela comida, pela bebida, por todas as coisas que a carne deseja, não importa quão destrutivas. Almejo a beleza e sinto com profundidade, mas também sou uma aberração. Posso ser firme e impenetrável. Posso ser imutável e implacável, e esses comportamentos são aprendidos. Acredito que sejam necessários. Não são naturais em mim, nem em

ninguém em minha família instável e dramática, e sei que isso é verdade sobre minhas origens. Quanto ao resto, não tenho tanta certeza.

Meus antepassados eram agricultores e trabalharam nas estradas de ferro, mas nos últimos anos, quando começou a pesquisar nossa genealogia, minha mãe acrescentou artistas, filósofos, mártires e Deus sabe o que mais à mistura. Segundo ela, sou descendente dos artesãos que construíram o altar principal e os assentos do coro e elaboraram os mosaicos da Basílica de São Marcos e criaram os afrescos do teto da Chiesa dell'Angelo San Raffaele. De alguma forma, tenho vários frades e monges em meu passado, e mais recentemente — não sei com base em que — compartilho sangue com o pintor Caravaggio, que foi um assassino, e tenho uma tênue ligação com o matemático e astrônomo Giordano Bruno, queimado na fogueira por heresia durante a Inquisição romana.

Minha mãe ainda mora numa casinha de Miami e está imersa em suas tentativas de me explicar isso tudo. Até onde se sabe, sou a única médica da árvore genealógica e ela não entende por que escolhi pacientes que já estão mortos. Nem minha mãe nem minha única irmã, Dorothy, conseguem compreender que sou parcialmente definida pelos horrores de uma infância absorvida em cuidar de meu pai com uma doença terminal antes de me tornar chefe de família aos doze anos. Por intuição e formação, sou especialista em violência e morte. Estou em guerra com o sofrimento e a dor. De alguma forma, sempre acabo no comando ou levando a culpa. Isso nunca falha.

Fecho a porta do que foi meu lar não apenas durante seis meses, mas na verdade por mais que isso. Briggs conseguiu me lembrar de onde vim e para onde vou. Uma trajetória que se definiu muito antes do último mês de julho, no passado distante de 1987, quando descobri que meu destino era o serviço público e não sabia como pagar meu empréstimo estudantil para a faculdade de medicina. Permiti que algo tão banal quanto o dinheiro, algo tão vergonhoso quanto a ambição mudassem tudo de forma irrevogável, e não no bom sentido — na realidade, no pior dos sentidos. Mas eu era jovem e idealista. Era arrogante e queria mais, sem entender na ocasião que mais é sempre menos quando você não se sacia.

Tendo conseguido bolsa integral na escola paroquial, em Cornell e na

faculdade de direito de Georgetown, eu poderia ter iniciado minha vida profissional isenta das obrigações de uma dívida. Mas havia rejeitado a faculdade de medicina Bowman Gray por querer muito a Johns Hopkins. Eu queria a Johns Hopkins mais que qualquer outra coisa e fui para lá sem benefícios nem auxílio financeiro, o que resultou numa dívida impossível de ser paga. Meu único recurso foi aceitar uma bolsa de estudos militar, como alguns de meus colegas haviam feito, inclusive Briggs, a quem fui apresentada no início da carreira, ao ser designada para o Instituto de Patologia das Forças Armadas, o AFIP, a organização precursora do AFMES. Uma temporada tranquila revisando relatórios de autópsias militares no Centro Médico Walter Reed, do Exército, em Washington, D. C., Briggs me levou a crer, e assim que minha dívida estivesse paga, eu sairia e assumiria uma posição sólida na medicina legal civil.

O que não planejei foi a África do Sul em dezembro de 1987, o que era verão naquele continente distante. Noonie Pieste e Joanne Rule estavam filmando um documentário e tinham mais ou menos a mesma idade que eu quando foram amarradas a uma cadeira, espancadas e cortadas. Enfiaram uma garrafa de vidro quebrada na vagina de cada uma e arrancaram a traqueia. Crimes de ódio contra duas jovens americanas.

“Você vai à Cidade do Cabo”, anunciou Briggs. “Para investigar e trazer as garotas para casa.” O apartheid. Mentiras e mais mentiras. *Por que elas e por que eu?*

Enquanto desço as escadas rumo ao hall de entrada, digo a mim mesma para não pensar nesse assunto agora. *Por que estou lembrando tudo isso?* Mas sei por quê. Gritaram comigo ao telefone esta manhã. Fui xingada, e o que aconteceu mais de duas décadas atrás está diante de mim novamente. Recordo relatórios de autópsia que desapareceram e minha bagagem que foi vasculhada. Recordo a certeza de que apareceria morta, um acidente ou suicídio conveniente, ou um assassinato encenado, como aquelas duas mulheres que continuo a ver em minha mente. Vejo-as de forma tão clara quanto na ocasião, pálidas e rígidas em mesas de aço, o sangue escorrendo por drenos no chão de um necrotério tão primitivo que usamos serras simples para abrir os crânios; não havia aparelho de raios X e precisei levar minha própria câmera.

Deixo a chave na recepção e repasso a conversa que acabo de ter com Briggs; então vejo com clareza. Não sei por que não enxerguei a verdade de imediato; penso em seu tom distante, na deliberação fria enquanto eu o observava através do vidro. Já o ouvi falar assim antes, mas em geral se dirigindo a outras pessoas quando há um problema de tal magnitude que sai de suas mãos. Isso está além de uma opinião pessoal a meu respeito. Está além de suas maquinações típicas e de nosso passado conflituoso.

Alguém o importunou, e não foi o assessor de imprensa nem ninguém em Dover, e, sim, alguém mais graúdo. Tenho certeza de que Briggs teve que falar com Washington depois que Marino divulgou a informação, abrindo a boca e desfiando suas especulações desvairadas antes de eu ter tido a chance de dizer uma palavra. Marino não deveria ter discutido o caso. Pôs em movimento alguma coisa que não entende, porque existem muitas coisas que ele não entende. Nunca foi militar. Nunca trabalhou para o governo federal e é ignorante em assuntos internacionais. Sua ideia de burocracia e intriga são as políticas da polícia local, que considera bobagem. Não tem nenhuma noção de poder, a espécie de poder capaz de afetar uma eleição presidencial ou deflagrar uma guerra.

Briggs não teria sugerido enviar um avião militar a Massachusetts para a transferência de um corpo para Dover a menos que tivesse recebido autorização do Departamento de Defesa — em outras palavras, do Pentágono. Uma decisão foi tomada e não faço parte dela. Fora, no estacionamento, subo na van e não olho para Marino de tão furiosa que estou.

“Fale mais sobre o rádio via satélite”, peço a Lucy, pois pretendo ir até o fundo da questão. Pretendo descobrir o que Briggs sabe ou foi levado a acreditar.

“É um Sirius Stiletto”, diz Lucy do banco de trás, enquanto intensifico o aquecimento, porque Marino está sempre com calor ao passo que o restante de nós congela. “Basicamente, nada mais é que armazenagem de arquivos, além de ser uma fonte de energia. É claro que funciona como um rádio XM portátil, para o que foi projetado, mas a diferença são os fones de ouvido. Não geniais, mas tecnicamente inteligentes.”

“Eles têm uma câmera *pinhole* e um microfone embutidos”, esclarece Marino

enquanto dirige. “É por isso que acho que o morto estava espionando alguém. Como ele podia não saber que tinha um sistema de gravação audiovisual embutido nos fones de ouvido?”

“Talvez não soubesse. É possível que alguém estivesse espionando o sujeito e ele não fizesse a menor ideia”, diz Lucy, e percebo que ela e Marino andaram discutindo a respeito. “A *pinhole* fica no topo da armação na cabeça, mas bem na beirada, e é difícil de ver. Mesmo que ele percebesse, não necessariamente lhe passaria pela cabeça que lá dentro havia uma câmera via rádio menor que um grão de arroz, um transmissor de áudio do mesmo tamanho e um sensor de movimento que fica inativo depois de noventa segundos sem nada se mexendo. O cara estava andando por aí com uma webcam que estava gravando no disco rígido do rádio e tinha um cartão SD adicional de oito gigas. Para mim, é muito cedo para dizer que ele sabia disso — em outras palavras, que ele mesmo montou o equipamento. Sei que é o que Marino acha, mas não tenho certeza.”

“O cartão SD veio com o rádio ou foi anexado depois?”, indago.

“Anexado depois. Em outras palavras, é muito espaço de armazenamento. O que me deixa curioso é se esses arquivos eram periodicamente baixados em outro lugar, como um PC, por exemplo. Se a gente conseguir pegar esse material, talvez descubra do que se trata.”

Lucy está dizendo que os arquivos de vídeo que examinou até então não dizem muita coisa. Ela tem razões para suspeitar que a memória está ligada a um PC, talvez mais de um, mas não descobriu nada que informe onde o sujeito morava ou quem é.

“O que está armazenado no disco rígido e no cartão SD remonta só até 5 de fevereiro, sexta-feira passada”, continua ela. “Não sei se isso significa que a vigilância acabou de começar ou, o que é mais provável, que os arquivos de vídeo são grandes e ocupam muito espaço no disco rígido. Eles provavelmente são baixados em outro lugar e o que está no disco rígido e no cartão SD foi gravado por cima. Então, provavelmente temos só as gravações mais recentes, o que não significa que não existam outras.”

“Então esses vídeos provavelmente foram baixados de forma remota.”

“É o que eu faria se estivesse espionando”, diz Lucy. “Me conectaria

remotamente com a webcam e baixaria o que quisesse.”

“E a vigilância em tempo real?”, pergunto.

“Se ele estivesse sendo espionado, quem estivesse fazendo isso poderia se conectar com a webcam e vigiar o sujeito enquanto as coisas aconteciam.”

“Para perseguir o cara, para ir atrás dele?”

“Seria um motivo lógico. Ou para colher informações, para espionar. Como algumas pessoas fazem quando desconfiam que estão sendo enganadas. Tudo o que você imaginar é possível.”

“Então é possível que ele tenha gravado a própria morte sem querer.” Sinto um lampejo de esperança e ao mesmo tempo esse pensamento me deixa profundamente perturbada. “Estou dizendo ‘sem querer’ porque não sabemos com o que estamos lidando. Por exemplo, não sabemos se ele gravou intencionalmente a própria morte, se ele é um suicida, e não vou descartar nada ainda.”

“Ele não é um suicida”, diz Marino.

“A essa altura, não podemos descartar nada”, repito.

“Como um terrorista suicida”, diz Lucy. “Como Columbine e Fort Hood. Talvez ele fosse matar o maior número de pessoas que conseguisse em Norton’s Woods e depois se matar, mas alguma coisa aconteceu e ele não teve chance.”

“Não sabemos com que estamos lidando”, torno a dizer.

“A Glock tinha dezessete rodadas no pente e uma na câmara”, menciona Lucy. “Muita potência de fogo. Dava com certeza para arruinar o casamento de alguém. Precisamos saber quem se casou e quem compareceu.”

“A maioria dessas pessoas tem pentes extra”, retruco. Sei tudo a respeito do tiroteio em Fort Hood, no Instituto Politécnico da Virginia e em muitos outros locais, onde atacantes abrem fogo sem necessariamente se preocupar com quem matam. “Em geral, essas pessoas têm muita munição e armas adicionais, já que estão planejando um assassinato em massa. Mas concordo com você. A Academia de Artes e Ciências dos Estados Unidos é um local conhecido e deveríamos descobrir quem casou lá ontem e quem foram os convidados.”

“Espero que você seja sócia”, diz Marino. “Talvez tenha um contato para conseguir uma lista de sócios e a programação de eventos.”

“Não sou sócia.”

“Você está brincando.”

Não menciono que não ganhei um Nobel, nem um Pulitzer e não sou ph.D., só tenho um diploma de medicina e outro de direito, e isso não importa. Eu poderia lembrá-lo de que, de qualquer forma, a Academia talvez não seja relevante, porque não sócios podem alugar o prédio. Basta ter contatos e dinheiro. Mas não estou a fim de dar explicações detalhadas a Marino. Ele não deveria ter telefonado para Briggs.

“Tenho uma boa e uma não tão boa notícia sobre a gravação.” Lucy estende a mão para o encosto do assento e me entrega seu iPad. “A boa notícia, como já indiquei, é que não parece que alguma coisa tenha sido deletada, pelo menos não recentemente. O que poderia ser um argumento a favor de que era ele que estava espionando. Se alguém tinha o sujeito sob vigilância e tem alguma coisa a ver com a morte dele, essa pessoa provavelmente teria se conectado ao endereço na rede e apagado o disco rígido e o SD antes que outras pessoas vissem o material.”

“Ou que tal tirar o maldito rádio e os malditos fones de ouvido da maldita cena?”, pergunta Marino. “E se ele estivesse sendo seguido, caçado e quem quer que estivesse fazendo isso tenha dado uma porrada no cara? Bom, se fosse eu, teria pegado os fones de ouvido, o rádio e continuado a andar. Então aposto que era ele quem estava fazendo a gravação. Não acredito, nem por um minuto, que tenha sido outra pessoa. Aposto que esse cara estava envolvido em alguma coisa, e qualquer que fosse o motivo para o equipamento de vigilância, ele era o único que tinha conhecimento disso. A merda é que não existe nenhuma gravação do perpetrador, ou de quem quer que tenha atacado o sujeito, o que é significativo. Se ele encontrou alguém enquanto estava passeando com o cachorro, por que os fones de ouvido não registraram?”

“Os fones de ouvido não registraram porque ele não viu a pessoa”, responde Lucy. “Ele não estava olhando para quem quer que tenha sido.”

“Supondo que tenha havido uma pessoa que de alguma forma causou a morte dele”, lembro a ambos.

“Certo”, diz ela. “Os fones de ouvido captam o que quer que o portador esteja vendo. A câmera no alto da cabeça, apontando direto para a frente, funciona

como um terceiro olho.”

“Então quem quer que tenha atacado o cara veio por trás”, declara Marino à guisa de conclusão. “E aconteceu tão rápido que a vítima nem deu meia-volta. Ou isso, ou foi um franco-atirador. Talvez ele tenha sido atingido por alguma coisa à distância. Tipo um dardo com veneno. Não existem venenos que causam hemorragia? Pode parecer absurdo, mas essas merdas acontecem. Lembra o espião da KGB que foi espetado com um guarda-chuva com ricina na ponta? Ele estava esperando em um ponto de ônibus e ninguém viu nada.”

“Foi um dissidente búlgaro que trabalhava para a BBC e não é certeza de que foi um guarda-chuva”, digo.

“De qualquer forma, a ricina não mata instantaneamente”, diz Lucy. “A maioria dos venenos não faz isso. Nem mesmo gás cianídrico. Não acho que ele tenha sido envenenado.”

“Isso não está ajudando em nada”, retruco.

“Só estou usando minha experiência policial e minhas habilidades dedutivas”, diz Marino. “Não é à toa que me chamam de Sherlock.” Ele dá um tapinha em seu boné de beisebol com o grosso dedo indicador.

“Ninguém te chama de Sherlock”, vocifera Lucy do banco de trás.

“Isso não está ajudando”, repito, contemplando a silhueta avantajada de Marino enquanto dirige, as imensas mãos ao volante, que roça sua pança mesmo quando ele está no que considera sua forma de combate.

“Não é você que está sempre me dizendo para pensar de forma criativa?” A atitude defensiva endurece seu tom de voz.

“Acho que isso não está ajudando. Unir pontos que podem ser errados é precipitado, e você sabe disso”, digo-lhe.

Marino sempre teve tendência a tirar conclusões precipitadas, mas isso piorou desde que aceitou o trabalho em Cambridge e foi trabalhar outra vez para mim. Responsabilizo por isso a presença militar em nossas vidas, tão constante quanto as aeronaves pesadas voando baixo sobre Dover. De forma mais direta, responsabilizo Briggs. Marino é ridiculamente fascinado por esse poderoso patologista forense, que também é general do Exército. Minha ligação com os militares nunca teve muita importância para ele, ou sequer foi reconhecida, nem

quando fazia parte de meu passado, nem quando fui reconvocada com status especial depois do Onze de Setembro. Marino sempre ignorou minhas afiliações ao governo, como se não existissem.

Ele olha direto para a frente e os faróis de um carro que se aproxima iluminam seu rosto, marcado pelo descontentamento e por certa falta de compreensão que fazem parte de quem ele é. Eu poderia sentir pena dele devido à afeição que não posso negar, mas não agora. Não nestas circunstâncias. Não vou deixar transparecer que estou aborrecida.

"O que mais você compartilhou com Briggs — além das suas opiniões?", pergunto a Marino.

Quando ele não responde, Lucy o faz. "Briggs viu a mesma coisa que você está prestes a ver", diz ela. "Não foi ideia minha e não fui eu que mandei os e-mails, só para que fique claro."

"Não mandou que e-mails?" Mas sei exatamente quais e minha incredulidade cresce. Marino enviou provas a Briggs. O caso é meu e Briggs recebeu informação primeiro.

"Ele queria saber", explica Marino, como se isso fosse motivo suficiente. "O que eu ia dizer a ele?"

"Você não devia ter dito nada. Passou por cima de mim. O caso não é dele", respondo.

"Bom, é, sim", diz Marino. "Ele foi designado pelo médico-chefe, o que significa que foi praticamente contratado pelo presidente, então eu diria que isso quer dizer que ele é superior a todos nesta van."

"O general Briggs não é o legista-chefe de Massachusetts e você não trabalha para ele. Você trabalha para mim." Sou cuidadosa ao dizer isso. Tento parecer razoável e calma como quando um advogado hostil está tentando me desarmar no banco das testemunhas, como quando Marino está prestes a irromper em um espetáculo inconveniente de xingamentos em alto e bom som e portas batidas. "O CFC tem jurisdição mista, pode aceitar casos federais em certas situações, e entendo que isso gere confusão. Somos uma iniciativa conjunta entre os governos estadual e federal, o MIT e Harvard. Compreendo que seja um conceito inédito e complicado, e é por isso que você devia ter me deixado tratar disso em

vez de passar por cima de mim.” Tento parecer natural e prática. “O problema de envolver prematuramente o general Briggs é que as coisas podem adquirir vida própria. Mas o que está feito está feito.”

“O que você quer dizer com ‘o que está feito’?” Marino parece menos seguro de si. Detecto um tom ansioso e não vou ajudá-lo. Ele precisa pensar a respeito do que foi feito, porque a culpa é única e exclusivamente dele.

“Qual é a notícia não tão boa?”, giro e pergunto a Lucy.

“Dê uma olhada”, diz ela. “São as três últimas gravações, inclusive um minuto quando os fones de ouvido foram manuseados pelos paramédicos, pelos policiais e por mim, quando comecei a examinar o material no laboratório hoje de manhã.”

A tela do iPad brilha, viva e colorida, no escuro; toco o ícone do primeiro arquivo de vídeo que Lucy selecionou e começa a reprodução. Vejo o que o morto estava vendo ontem às 15h04, um galgo preto e branco enroscado em um sofá azul em uma sala de estar com assoalho de pinho e um tapete azul e vermelho.

A câmera se move conforme o homem se desloca, porque ele está usando os fones de ouvido, que estão gravando: uma mesinha de centro coberta de livros e papéis ordenadamente empilhados e o que parece um desenho de arquitetura ou engenharia em papel vegetal com um lápis em cima; uma janela com venezianas de madeira fechadas; uma escrivaninha com dois monitores grandes de tela plana, dois MacBooks prateados, um celular conectado a um carregador, possivelmente um iPhone, e um cachimbo de vidro âmbar em um cinzeiro; um abajur de pé com quebra-luz verde; uma cama de cachorro e brinquedos espalhados. Tenho um vislumbre de uma porta que possui uma fechadura com tranca e outra deslizante, e na parede há fotografias e pôsteres emoldurados que passam rápido demais para que eu perceba os detalhes. Vou examiná-las mais tarde.

Até aqui não observo nada que me diga quem é o homem ou onde mora, mas fico com a impressão de um apartamento pequeno, ou talvez a casa de alguém que gosta de animais, tem situação financeira confortável e preocupa-se com segurança e privacidade. O sujeito, presumindo-se que esses sejam sua casa e

seu cachorro, é altamente desenvolvido em termos intelectuais e técnicos, é criativo e organizado, provavelmente fuma maconha e escolheu como animal de estimação um companheiro necessitado, não um troféu, mas um ser que sofreu maus-tratos e talvez não consiga se defender sozinho. Fico aflita pelo cão e preocupada com o que lhe aconteceu.

É lógico que os paramédicos e a polícia não deixaram um galgo indefeso em Norton's Woods ontem, perdido e abandonado ao tempo de New England. Benton me contou que estava fazendo onze graus negativos esta manhã em Cambridge e ia nevar antes que a noite caísse. Talvez o cachorro esteja no quartel dos bombeiros, bem alimentado e cuidado durante todo o dia. Talvez o detetive Law ou algum outro policial tenha levado o animal para casa. Também é possível que ninguém tenha percebido que o cão pertencia ao homem que morreu. Meu Deus, isso seria horrível.

"O que aconteceu com o galgo?", preciso perguntar.

"Não faço ideia", diz Marino, para minha tristeza. "Ninguém sabia dele até esta manhã quando Lucy e eu vimos o que você está vendo. Os paramédicos não se lembram de ter visto um galgo correndo solto, não que tenham procurado, mas o portão que conduz a Norton's Woods estava aberto quando eles chegaram lá. Como você provavelmente sabe, o portão nunca é trancado e fica escancarado boa parte do tempo."

"Ele não vai sobreviver no frio intenso. Como é que as pessoas não perceberam o pobrezinho fora da guia e correndo solto? Porque não consigo imaginar que ele não tenha corrido pelo parque ao menos por alguns minutos antes de sair pelo portão aberto. O bom senso diria que, quando o dono caiu, o cachorro não fugiu de repente do bosque para a rua."

"Muita gente tira o cachorro da guia e deixa o animal correr solto em parques como o Norton's Woods", diz Lucy. "Eu faço isso com Jet Ranger."

Jet Ranger é um buldogue velho que não chega a correr exatamente.

"Então talvez ninguém tenha percebido porque aquilo não pareceu fora do comum", acrescenta ela.

"Além disso, acho que estava todo mundo preocupado com um cara caindo morto", Marino anuncia o óbvio.

Vejo residências militares em uma rua mal iluminada, aeronaves resplandecentes e grandes como planetas na escuridão enevoada. Não consigo entender o que estão me dizendo. Estou surpresa que o galgo não tenha continuado perto do dono. Talvez o cão tenha entrado em pânico ou exista outro motivo para que ninguém tenha reparado nele.

"O cachorro deve aparecer", continua Marino. "Em um local assim, não vão de jeito nenhum ignorar um galgo vagando sozinho. Meu palpite é que ele está com alguém da vizinhança ou um estudante. A não ser que o cara tenha sido morto e o assassino tenha levado o cachorro."

"Por quê?", surpreendo-me.

"Como você costuma dizer, precisamos manter a mente aberta", responde ele. "Como podemos saber se quem fez isso não estava observando nas proximidades? E então, em um momento oportuno, escapou com o cachorro, agindo como se fosse o dono."

"Mas por quê?"

"Podia ser uma prova que levasse ao assassino por algum motivo", sugere ele. "Talvez levasse a uma identificação. Um jogo. Uma brincadeira. Uma reação. Uma lembrança. Como vou saber? Mas você vai perceber pelos vídeos que, a certa altura, a guia é tirada dele e adivinhe… Ainda não apareceu. Não chegou com os fones de ouvido nem com o corpo."

O nome do cachorro é Sock. Na tela do iPad, o homem está andando e estalando a língua, dizendo ao cachorro que é hora de sair. "Vamos, Sock", persuade ele em uma agradável voz de barítono. "Vamos lá, seu preguiçoso, é hora de dar um passeio e fazer cocô." Detecto um leve sotaque, possivelmente britânico ou australiano. Poderia ser sul-africano, o que seria estranho, uma estranha coincidência, e preciso tirar a África do Sul da cabeça. *Concentre-se no que está diante de você*, digo a mim mesma enquanto Sock salta do sofá e percebo que está sem coleira. Sock — um macho, presumo, com base no nome — é magro e tem as costelas ligeiramente à mostra, como é típico dos galgos, é adulto, provavelmente velho, e uma de suas orelhas é imperfeita, como se já tivesse sido rasgada. Um resgate das pistas de corrida, com certeza, e me pergunto se o animal tem um microchip. Se for o caso e conseguirmos encontrá-

lo, podemos descobrir de onde veio e talvez quem o adotou.

Um par de mãos entra na tela enquanto o sujeito se curva para colocar uma coleira vermelha em torno do pescoço longo e afilado de Sock e reparo no relógio prateado com taquímetro na moldura; capto um lampejo dourado, um anel de sinete, possivelmente de formatura. Se tiver chegado com o corpo, pode ser útil, porque talvez contenha alguma gravação. As mãos são delicadas, com dedos finos e pele morena clara, e vislumbro um casaco verde-escuro, calça larga de brim preto e a ponta desgastada dos tênis de trilha marrons.

A câmera focaliza a parede acima do sofá, os painéis castanhos tortuosos e a parte inferior da moldura de metal de uma fotografia, em seguida surge um pôster ou uma gravura, quando o homem se levanta e vejo de perto a reprodução de um desenho familiar. Reconheço o esboço de Da Vinci, do século XVI, de um dispositivo com asas que batem, uma máquina voadora, e recuo alguns anos — quando foi exatamente? No verão anterior ao Onze de Setembro. Levei Lucy a uma exposição na galeria Courtauld, em Londres, “Leonardo, o inventor”, e passamos muitas horas extasiadas, ouvindo palestras de alguns dos mais notáveis cientistas do mundo enquanto examinávamos os desenhos conceituais de Da Vinci da água, da terra e de suas máquinas de guerra: o parafuso aéreo, o equipamento de mergulho, o paraquedas, o arco e flecha gigante, o carro autopropelido e o cavaleiro mecânico.

O grande gênio renascentista acreditava que arte é ciência e ciência é arte, e que a solução para todos os problemas pode ser encontrada na natureza se a pessoa for meticulosa e observadora, se buscar fielmente a verdade. Tentei ensinar essas lições à minha sobrinha durante a maior parte de sua vida. Disse-lhe várias vezes que somos instruídos por aquilo que está ao nosso redor se formos humildes, calmos e corajosos. O homem que estou vendo no pequeno aparelho que seguro nas mãos possui as respostas de que preciso. *Fale comigo. Conte. Quem é você e o que aconteceu*?

Ele caminha em direção a uma porta trancada a chave e uma trava deslizante puxada, então a perspectiva muda de forma abrupta, o ângulo da câmera se altera e me pergunto se ele ajustou a posição dos fones de ouvido. Talvez não cobrissem as orelhas por inteiro, e agora ele vai ligar a música e sair. Passa por

alguma coisa mecânica de aspecto rudimentar, como uma escultura grotesca feita de restos de metal. Pauso a imagem, mas não consigo enxergar direito o que é e decido que, quando puder me dar o luxo de perder algum tempo, vou reprisar os vídeos tantas vezes quanto quiser e estudar com cuidado cada detalhe; ou, se necessário, pedir a Lucy que amplie as imagens. Mas, neste momento, preciso acompanhar o homem e seu cão à propriedade coberta de árvores, que não dista nem um quarteirão da minha casa. Preciso ver o que aconteceu. Daqui a alguns minutos, ele vai morrer. *Mostre e vou entender. Vou descobrir a verdade. Deixe-me cuidar de você.*

O homem e o cachorro descem quatro lances de degraus em uma escada mal iluminada e passos leves e rápidos soam de encontro à madeira exposta; os dois saem em uma rua barulhenta, movimentada. O sol está baixo e os trechos de neve apresentam uma crosta de sujeira preta no topo, o que me faz recordar biscoitos Oreo esmagados; sempre que o homem olha para baixo, vejo paralelepípedos molhados e asfalto, além da areia e do sal oriundos da remoção da neve. Os carros e pessoas deslocam-se em movimentos espasmódicos e balançam quando ele vira a cabeça, colhendo informações enquanto caminha; a música toca ao fundo, Annie Lennox no rádio via satélite, e ouço somente o que pode ser escutado fora dos fones de ouvido, o que é captado pelo microfone inserido no topo da faixa que lhe cinge a cabeça. O volume da música é alto, o que nunca é bom, pois não se pode ouvir alguém que se aproxime por trás. Se está preocupado com sua segurança, preocupado ao ponto de usar duas trancas na porta do apartamento e portar uma arma, por que não está preocupado em não ouvir o que se passa ao seu redor?

Mas as pessoas são imprudentes. Mesmo gente razoavelmente cautelosa faz coisas absurdas. Enviam mensagens de texto e leem e-mails ao dirigir ou operar máquinas perigosas, até mesmo enquanto atravessam uma rua movimentada. Conversam no celular andando de bicicleta, de patins ou mesmo voando. Quantas vezes peço a Lucy para não atender o telefone no helicóptero; não importa que tenha Bluetooth habilitado e não precise usar as mãos. Vejo o que o homem está vendo e reconheço onde ele está caminhando, na Concord Avenue, avançando em ritmo bom com Sock, passando por prédios de apartamento de

tijolos vermelhos, pelo Departamento de Polícia de Harvard e pelo toldo vermelho-escuro do Hotel Sheraton Commander, na calçada oposta ao Cambridge Common. Ele mora perto dali, em um prédio antigo com pelo menos quatro andares.

Pergunto-me por que não leva Sock ao Common. É um parque popular para cachorros, mas ele e o galgo passam por estátuas e canhões, postes e carvalhos desfolhados, bancos e carros estacionados diante dos controles que demarcam a rua. Um labrador amarelo persegue um esquilo gordo e Anne Lennox canta “No more I-love-yous… I used to have demons in my room at night…”. Sou os olhos e ouvidos do homem no momento em que os fones de ouvido estão gravando e não tenho razões para suspeitar que ele tenha conhecimento da câmera e do microfone escondidos ou sequer tenha em mente uma coisa como essa.

Não fico com a impressão de que ele tem um plano obscuro ou está espionando enquanto passeia com o cachorro. Exceto pelo fato de ter uma pistola Glock semiautomática e dezoito rodadas de munição nove milímetros sob o casaco verde. Por quê? Talvez fosse um hábito, uma rotina, andar por aí armado. Existem pessoas assim. Que não pensam duas vezes a respeito. Mas por que ele raspou o número de série da Glock? Ou alguma outra pessoa o fez? Passa por minha mente que os dispositivos de gravação ocultos embutidos em seus fones de ouvido podem ser um experimento ou um projeto de pesquisa. Cambridge e seus arredores são seguramente a meca das inovações tecnológicas, um dos motivos pelos quais o Departamento de Defesa, o estado de Massachusetts, Harvard e o MIT concordaram em fundar o CFC na margem norte do rio Charles, em um prédio de biotecnologia na Memorial Drive. Talvez o homem fosse um estudante de pós-graduação. Talvez fosse um cientista da computação ou engenheiro. Presto atenção ao que surge na tela do iPad, imagens trêmulas do condomínio Mather Court, um playground, a Garden Street e as lápides inclinadas e desgastadas do Old Burying Ground.

Na Harvard Square, sua atenção se fixa na banca de jornal da Crimson Corner, e ele parece pensar em seguir nessa direção, talvez para comprar um jornal da imensa seleção que Benton e eu adoramos. Este é nosso bairro, onde zanzamos em busca de café e comida étnica, jornais e livros, terminando com quentinhas e

braçadas de coisas maravilhosas para ler que empilhamos em cima da cama nos fins de semana e feriados em que estou em casa. O *New York Times* e o *Los Angeles Times*, o *Chicago Tribune* e o *Wall Street Journal*; para quem não se importa com notícias de um ou dois dias atrás, há os grossos jornais de Londres, Berlim e Paris. Às vezes encontramos *La Nazione* e *L'espresso*, e leio em voz alta a respeito de Florença e Roma, examinamos anúncios de *villas* para alugar e fantasiamos viver como os moradores locais, explorar ruínas e museus, o campo italiano e a costa amalfitana.

O homem para na calçada lotada e parece mudar de ideia a respeito de alguma coisa. Ele e Sock trotam até o outro lado da rua, na Massachusetts Avenue agora, e sei para onde estão indo, ou penso que sei. Eles viram à esquerda na Quincy Street; estão andando mais rápido, e o homem traz um saco plástico na mão como se Sock não fosse aguentar por mais tempo. Passam pela moderna Biblioteca Lamont e pela restauração georgiana em tijolos do Clube da Faculdade de Harvard e do Museu Fogg, pela igreja gótica, em pedra, da Nova Jerusalém, então dobram à direita na Kirkland Avenue. Somos nós três. Estou com eles, cortando até a Irving, dobrando à esquerda, a minutos do Norton's Woods, a minutos da minha casa, ouvindo Five for Fighting no rádio via satélite… "even heroes have the right to bleed…"

Sinto uma sensação de urgência crescente a cada passo, à medida que nos aproximamos da morte do homem e do sumiço do cachorro naquele frio terrível, e quero desesperadamente que isso não aconteça. Caminho com eles como se os conduzisse para esse desfecho porque sei o que há adiante e eles não; quero detê-los e fazê-los voltar. Então surge a casa à nossa esquerda, de três andares, branca com venezianas pretas e telhado de ardósia, em estilo federal, construída em 1824 por um transcendentalista que conhecia Emerson, Thoreau e o Norton da *Norton's Anthology* e de Norton's Woods. No interior da casa, minha e de Benton, há objetos em madeira e molduras originais, tetos de gesso com traves expostas e, acima dos patamares da escada principal, janelas de vitrais franceses magníficos com cenas da vida selvagem que se iluminam como joias ao sol. Há um Porsche 911 na estreita entrada da garagem em tijolos, com gás escapando dos canos de descarga cromados.

Benton está dando ré em seu carro esporte e as lanternas traseiras brilham como olhos flamejantes quando ele freia por causa de um homem e seu cachorro; o homem tem os fones de ouvido voltados na direção dele, quem sabe admirando o Porsche, um Turbo Cabriolet preto com tração nas quatro rodas, que Benton conserva sempre lustroso. Pergunto-me se ele vai se lembrar do jovem vestindo um casaco verde volumoso e seu galgo preto e branco, ou se nem chegou a registrar a ocasião, mas conheço Benton. Ele vai ficar obcecado, talvez tão obcecado pelo homem e seu cão quanto estou, e vasculho minha memória atrás do que fez ontem. No final da tarde, passou em seu consultório no McLean porque havia se esquecido de levar para casa a pasta contendo o caso do paciente que ia avaliar hoje. Alguns graus de separação, um jovem e seu cão velho, que estão prestes a se separar para sempre, e meu marido sozinho no carro dirigindo-se ao hospital para pegar uma coisa que esqueceu. Vejo tudo isso se desdobrar como se eu fosse Deus, e, se é assim que é ser Deus, deve ser um horror. Sei o que vai acontecer e não posso fazer nada para impedir.

3

Percebo que a van parou e Marino e Lucy estão saltando. Estacionamos diante do Terminal Aéreo Civil John B. Wallace e permaneço no lugar. Continuo a ver o que está passando na tela do iPad enquanto Lucy e Marino começam a descarregar meus pertences.

O ar frio entra pelo porta-malas aberto e me intrigo com a decisão do homem de levar Sock para passear em Norton's Woods, na Mid-Cambridge, quase Somerville. Por que ali? Por que não mais perto de onde morava? Ele ia encontrar alguém? Um portão preto de ferro parcialmente aberto preenche a tela; a mão dele o abre mais e percebo que colocou luvas pretas grossas, que parecem de motociclista. Suas mãos estão frias ou há outro motivo? Talvez ele tenha um plano sinistro. Talvez pretenda usar a arma. Imagino-me puxando para trás o cão de uma pistola nove milímetros e apertando o gatilho vestindo luvas volumosas e me parece ilógico.

Ouço-o sacudir o saco plástico para abri-lo, então o vejo quando ele olha para baixo e vislumbro mais alguma coisa, o que parece ser uma caixinha de madeira. *Uma caixa de fumo*, penso. Algumas são feitas de cedro e têm até mesmo um minúsculo higrômetro dentro, como uma caixa de charutos, e recordo o cachimbo de vidro âmbar em cima da escrivaninha no apartamento. Talvez ele goste de passear com o cachorro em Norton's Woods por ser afastado e em geral muito reservado, e de pouco interesse para a polícia, a menos que haja algum evento VIP ou de alto nível que exija segurança. Talvez goste de ir até lá para fumar maconha. Ele assovia para Sock, curva-se, retira a coleira do cão e o ouço dizer: "Ei, rapaz, lembra do nosso lugar? Me mostre". Então diz mais alguma coisa, que soa abafada. Mal consigo entender. "E para você", ele parece dizer, seguido de "Quer mandar um…?" Ou "Manda um…?". Depois de reproduzir duas vezes, continuo sem entender o que ele diz, e talvez seja por ele estar curvado, falando pra dentro do colarinho do casaco.

Com quem está conversando? Não vejo ninguém por perto, somente o cachorro e as mãos enluvadas, então o ângulo da câmera muda quando o homem endireita o corpo e vejo o parque outra vez, uma paisagem de árvores e bancos, e, a um lado, um caminho de pedras próximo à construção com o telhado verde de metal. Vislumbro pessoas e concluo, pela maneira como estão agasalhadas, que não são os convidados do casamento, só estão passeando pelo parque, assim como o homem. Sock trota em direção aos arbustos e o dono se embrenha ainda mais na agradável propriedade arborizada, com olmos antigos e bancos verdes.

Ele assovia e diz: “Ei, rapaz, me segue”.

Em áreas sombreadas ao redor de grupos compactos de rododendros, a neve está alta e remexida, com folhas mortas, pedras e galhos quebrados no meio, o que me faz morbidamente lembrar sepulturas clandestinas, pele esfolada e ossos envelhecidos, roídos e espalhados. Ele está explorando, olhando ao redor, e a câmera oculta para no telhado verde de metal em três níveis da construção em vidro e madeira que consigo enxergar da varanda ensolarada de casa. Quando o homem gira a cabeça, vejo no primeiro andar uma porta que conduz ao exterior, e a câmera torna a parar em uma mulher de cabelo grisalho do lado de fora, diante da porta. Ela veste um terninho e um longo casaco de couro marrom, e está falando ao telefone.

O homem assovia e produz um som rascante à medida que caminha sobre a trilha de cascalho em direção a Sock, para recolher o que o cão deixou… “And this emptiness fills my heart…”, canta Peter Gabriel. Penso no jovem soldado de mesmo nome que morreu queimado em seu Humvee e sinto seu cheiro, visto que os odores fétidos ainda estão presos no fundo do meu nariz. Penso em sua mãe, em sua tristeza e raiva ao telefone quando me ligou de manhã. Patologistas forenses nem sempre recebem agradecimentos e, por vezes, as pessoas agem como se eu fosse o motivo de seus entes queridos estarem mortos. *Não leve para o lado pessoal*, tento lembrar.

As mãos enluvadas tornam a agitar o saco plástico dobrado, e então alguma coisa acontece. A mão enluvada do homem voa até a cabeça e ouço o baque dela atingindo os fones de ouvido como se golpeasse alguma coisa, então ele exclama: “O que…? Ei…!”, como se estivesse sem fôlego e assustado. Ou talvez

seja um grito de dor. Mas não vejo nada nem ninguém, só o bosque e figuras distantes. Não vejo o cachorro e não vejo o sujeito. Volto a gravação e reproduzo-a novamente. A mão preta enluvada invade a tela de repente e ele deixa escapar: “O que…?” e depois “Ei…!”. Concluo que ele parece atordoado e angustiado, como se alguma coisa o tivesse pego de surpresa.

Reproduzo a gravação mais uma vez, tentando ouvir alguma outra coisa, e o que detecto em seu tom é protesto e talvez medo e, sim, dor, como se alguém tivesse lhe dado uma cotovelada ou se chocado contra ele com força em uma calçada movimentada. Então o topo das árvores nuas precipita-se para o alto e gira na tela. Lascas de ardósia aproximam-se quando ele cai com um baque; ou está deitado de costas ou os fones de ouvido se soltaram. A tela está parada em uma imagem contendo galhos nus e céu cinzento, e então a borda de um longo casaco preto passa fazendo barulho e ondulando quando alguém caminha com rapidez. Ouço outra pancada alta e a imagem torna a mudar. Galhos nus e céu cinzento, mas galhos diferentes mostrando-se através das ripas de um banco verde. Acontece muito rápido, incrivelmente rápido, em seguida as vozes e os sons das pessoas ficam mais altos.

“Alguém ligue para a emergência!”

“Acho que ele não está respirando.”

“Estou sem telefone. Liguem para a emergência!”

“Alô? Tem… hã, sim, em Cambridge. É, Massachusetts. *Meus Deus!* Depressa, depressa! Eles me colocaram em espera. Meu Deus, depressa! Não acredito nisso. É, é, um homem, ele desmaiou e parece não estar respirando… Em Norton’s Woods, na esquina da Irving com a Bryant… Sim, alguém está tentando ressuscitação. Vou ficar esperando… estou esperando. Sim, quer dizer, não… Ela quer saber se ele continua sem respirar. Não, não, ele não está respirando! Não está se mexendo. Ele não está respirando!… Eu realmente não vi, só olhei e percebi que ele estava no chão, de repente ele estava no chão…

Aperto *pause* e salto da van; faz frio e venta muito quando entro depressa no terminal. É pequeno, com banheiros, uma área de espera e uma televisão velha ligada. Por um momento, assisto à Fox News e adianto o vídeo no iPad enquanto Lucy se debruça na recepção e paga a taxa aeroportuária com cartão de crédito.

Continuo a contemplar as imagens dos galhos desfolhados que aparecem por entre as ripas da madeira pintada de verde, certa, agora, de que os fones de ouvido acabaram embaixo de um banco, a câmera voltada direto para cima enquanto o rádio toca… “Dark lady laughed and danced…” A música está mais alta porque os fones não estão pressionados contra a cabeça do homem e me parece absurdamente incongruente estar ouvindo Cher.

As vozes fora da câmera soam urgentes e agitadas; ouço o som de pés e o ruído distante de uma sirene enquanto minha sobrinha conversa com um homem mais velho, um piloto de caça aposentado que agora trabalha meio período em Dover como operador fixo da base, ele alegra-se em contar.

“No Vietnã? Então devia ser o quê, um F-4?” Lucy conversa com ele.

“Ah, isso, e o Tomcat. Foi o último que pilotei. Mas os Phantoms ainda ficaram por aí, sabe, até a década de 1980. Você constrói essas máquinas direito e depois não acredita no quanto elas duram. Olha há quanto tempo os C-5 estão aí. E ainda existem alguns Phantoms em Israel, acho. Talvez no Irã. Hoje, os que sobraram nos Estados Unidos são usados para voos não tripulados, como aviões teleguiados. Um avião assim bom. Você já viu algum?”

“Em Belle Chasse, Louisiana, na Estação Aeronaval. Levei meu helicóptero até lá para ajudar no Katrina.”

“Eles têm feito experiências no combate aos furacões usando os Phantoms para voar dentro do olho.” O homem balança a cabeça.

A tela do iPad fica preta. Os fones de ouvido não estavam mais gravando, e estou convencida de que quando a vítima caiu no chão devem ter acabado a alguma distância embaixo do banco. O sensor de movimento não estava detectando atividade suficiente para impedi-lo de ficar inativo, o que é curioso. Como exatamente os fones de ouvido foram arremessados e acabaram onde acabaram? Talvez alguém os tenha chutado para fora do caminho. Pode ter sido acidental, provocado por uma pessoa tentando ajudar, ou pode ter sido premeditado pela pessoa que estava gravando o sujeito em segredo, que o estava espreitando. Penso na borda do casaco preto ondulando de passagem e avanço de forma intermitente, procurando as próximas imagens, tentando ouvir sons, mas não há nada até as 16h37, quando as árvores balançam loucamente e o céu está

escurecendo; mãos expostas agigantam-se e papel estala quando os fones de ouvidos são colocados dentro de um saco marrom; ouço uma voz dizer: "… Colts o tempo todo". E outra voz: "Os Saints vão levar. Eles têm…". Depois a escuridão turva, vozes abafadas e mais nada.

Ao encontrar o controle remoto da TV no braço de um sofá no terminal, troco para a CNN, ouço o noticiário e leio as legendas na parte inferior da tela, mas não há uma palavra a respeito do homem nos vídeos. Penso sobre Sock outra vez. Onde está o cachorro? É inaceitável que ninguém saiba. Fito Marino quando entra na área de espera, fingindo não me ver por estar amuado, ou quem sabe arrependido pelo que fez e envergonhado. Recuso-me a lhe perguntar alguma coisa e tenho a sensação de que o cão desaparecido é de alguma forma culpa dele, de que tudo é culpa de Marino. Não quero perdoá-lo por ter enviado os vídeos por e-mail para Briggs, por ter conversado com ele primeiro. Se, para variar, não o perder, talvez aprenda a lição, mas o problema é que nunca consigo me convencer a manter uma posição contra ele, contra qualquer pessoa de quem goste. É a culpa católica. Já estou amolecendo em relação a ele, minha determinação está ficando mais fraca. Sinto isso acontecer enquanto procuro canais na televisão, em busca de notícias que possam prejudicar o CFC, e ele caminha até Lucy, mantendo as costas voltadas para mim. Não quero brigar com Marino. Não quero ferir seus sentimentos.

Afasto-me da TV, convencida, ao menos por enquanto, de que a imprensa ignora o corpo que me espera no necrotério de Cambridge. Uma coisa tão sensacional como essa seria manchete, concluo. As mensagens estariam chegando sem parar em meu iPhone. Briggs teria sido informado a respeito e dito alguma coisa. Até mesmo Fielding teria me alertado. Só que não tive notícia absolutamente nenhuma de Fielding a respeito de nada e tento telefonar para ele outra vez. Ele não atende o celular e não está no escritório. É claro que não. Fielding nunca trabalha até tão tarde, pelo amor de Deus. Tento encontrá-lo em sua casa em Concord e sou novamente atendida pelo correio de voz.

"Jack? É Kay", deixo outra mensagem. "Estamos prestes a decolar de Dover. Talvez você possa enviar uma mensagem de texto ou um e-mail me colocando a par da situação. O detetive Law não retornou a ligação, imagino. Ainda estamos

esperando pelas fotografias? E você ouviu alguma coisa sobre um cão desaparecido, um galgo? O cão da vítima, chamado Sock, visto pela última vez em Norton's Woods." Minha voz soa ríspida. Fielding está fugindo de mim, e não é a primeira vez. Ele é mestre em desaparecimentos, e tem de ser. Já os encenou o suficiente. "Bom, vou tentar fazer contato novamente quando aterrissar. Imagino que você vá nos encontrar no escritório, entre nove e meia e dez. Enviei mensagens a Anne e Ollie. Garanta que eles estejam lá. Precisamos cuidar disso esta noite. Informe-se com a polícia de Cambridge sobre o cachorro. Ele pode ter um microchip…"

Parece bobagem entrar em detalhes excessivos a respeito de Sock. Que diabos Fielding ia saber sobre o animal? Ele não ia se dar o trabalho de ir até a cena, e Marino está certo. Alguém já deve ter ido.

O Bell 407 de Lucy é preto com vidro escuro matizado na parte traseira. Ela destranca as portas e o compartimento de bagagem enquanto o vento golpeia a rampa.

Uma biruta aponta rigidamente para o norte, como um cone de trânsito horizontal, e isso é bom e ruim. O vento vai continuar na nossa cauda, assim como a frente da tempestade, chuvas pesadas misturadas com granizo e neve. Marino começa a carregar minha bagagem enquanto Lucy contorna o helicóptero, verificando as antenas, os orifícios de pressão estática, as pás do rotor, os flutuadores de emergência e as garrafas de nitrogênio para inflá-los, em seguida o estabilizador da cauda em liga de alumínio e sua caixa de marchas, a bomba hidráulica e o reservatório.

"Se alguém estava espionando, gravando o cara em segredo, e percebeu que ele estava morto, então tem alguma coisa a ver com isso", digo a Lucy, do nada. "Então não seria de esperar que essa pessoa tivesse deletado à distância os arquivos de vídeo gravados pelo fone de ouvido, ou pelo menos se livrado deles no disco rígido e no cartão SD? Não ia querer se certificar de que não encontrássemos nenhuma gravação e de que ficássemos sem pista nenhuma?"

"Depende." Ela agarra uma alça na fuselagem, insere a ponta da bota em um

degrau embutido e sobe.

“E se fosse você que estivesse fazendo isso?”, pergunto.

“Se fosse eu?” Ela abre uma tranca e um painel com revestimento leve de alumínio. “Se eu achasse que nada de significativo ou incriminador tivesse sido gravado, não teria deletado.” Usando uma pequena mas potente lanterna, ela inspeciona o motor e seus encaixes.

“Por que não?”

Antes que ela consiga responder, Marino caminha até mim e diz para ninguém em particular: “Tenho que ir ao banheiro. Se alguém mais tiver que ir, agora é a hora”. Como se fosse o comissário nos lembrando de que não há banheiro no helicóptero. Está tentando reparar o erro.

“Obrigada, estou bem”, digo, e ele se afasta pela rampa escura de volta ao terminal.

“Se fosse eu, isso é o que eu faria depois que ele estivesse morto”, continua Lucy, enquanto a luz forte desloca-se sobre mangueiras e tubulações, e ela se certifica de que não há nada frouxo ou danificado. “Eu me conectaria à webcam e faria imediatamente o download dos arquivos de vídeo. Se não visse nada que me preocupasse, não interferiria.”

Ela sobe mais para verificar o rotor principal, seu mastro, seu disco oscilante, e espero até que retorne à pista de decolagem para perguntar: “Por que não?”.

“Pense nisso.”

Sigo Lucy ao redor do helicóptero, para que ela possa subir e verificar o outro lado. Parece quase divertida com minhas perguntas, como se fossem óbvias.

“Se fossem deletados depois da morte dele, então outra pessoa teria feito isso, certo?”, Lucy diz, verificando por baixo da coberta do motor, a luz esquadrinhando atentamente.

Então ela torna a descer.

“É claro que ele não poderia fazer isso depois de morto.” Espero para responder porque ela poderia se machucar ao escalar o helicóptero, especialmente estando lá em cima, perto do mastro do rotor. Não quero que se distraia.

“Então, é por isso que você deixaria os vídeos se estivesse espionando o

sujeito e soubesse que ele estava morto ou fosse a responsável pela morte dele?”

“Se eu estivesse espionando, se estivesse seguindo o homem para matar, sim, eu deixaria as últimas gravações de vídeo, e também não tiraria os fones de ouvido da cena.” Ela torna a emitir a luz brilhante ao longo da fuselagem. “Porque se as pessoas o viram usando os fones de ouvido no parque e a caminho dele, por que teriam desaparecido? Os fones são bem grandes e perceptíveis.”

Caminhamos até o nariz do helicóptero.

“E se eu levasse os fones de ouvidos, teria que levar o rádio via satélite também, procurar dentro do bolso do casaco e tirar dali, teria que gastar um tempo e ter todo esse trabalho depois que o cara já estava no chão, esperando que ninguém me visse. E os arquivos anteriores baixados em algum lugar, supondo que a espionagem venha acontecendo há certo tempo? Como isso se explica se não aparecem aparelhos de gravação e encontramos gravações em um PC ou servidor em alguma parte? Você sabe o que dizem.” Ela abre um painel de acesso acima do tubo de Pitot e lança a luz lá dentro. “Para cada crime, existem dois — o ato em si, e depois o que você faz para encobri-lo. Ser esperto para abandonar os fones de ouvido e os arquivos de vídeo, para deixar que os policiais ou pessoas como você e eu imaginem que ele estava gravando a si mesmo, que é o que Marino acredita, mas eu duvido.”

Ela reconecta a bateria. A justificativa para desconectar sempre que deixa o helicóptero por qualquer período de tempo é que se alguém conseguisse entrar na cabine e por acaso manuseasse o acelerador e os comutadores poderia acidentalmente dar partida no motor. Mas não se a bateria estiver desconectada. Independentemente da pressa, Lucy sempre dá uma geral antes do voo, especialmente se tiver deixado a aeronave sem assistência, mesmo que em uma base militar. Mas não escapa à minha atenção o fato de ela estar verificando tudo mais a fundo que de costume, como se desconfiasse de alguma coisa ou estivesse apreensiva.

“Está tudo absolutamente certo?”, pergunto.

“Estou me certificando disso”, diz ela, e sinto mais fortemente sua distância. Percebo seus segredos.

Lucy não confia em ninguém. Nem deveria. Eu também não deveria ter

confiado em certas pessoas, voltando no tempo. Pessoas que manipulam, mentem e alegam que fazem isso por uma causa. A causa certa, uma causa piedosa ou justa. Noonie Pieste e Joanne Rule foram mortas na cama, provavelmente sufocadas com um travesseiro. Por isso não houve resposta dos tecidos aos ferimentos. Os estupros, os cortes de machete e talhos feitos com vidro quebrado, e até mesmo as cordas que as amarravam quando foram presas às cadeiras, tudo depois da morte. Uma causa piedosa, uma causa justa na mente dos responsáveis. Um sofrimento inconcebível, e eles se safaram. Até hoje. *Não pense nisso. Concentre-se no que está diante de você, não no passado.*

Abro a porta da frente e subo, o vento soprando forte. Contornando o coletivo e o cíclico e me acomodando no assento esquerdo, aperto meu cinto de quatro pontos enquanto ouço Marino abrir a porta atrás de mim. Ele é barulhento e grande, e sinto o helicóptero acomodar-se a seu peso quando ele sobe na parte de trás, onde sempre se senta. Mesmo quando Lucy voa apenas com ele como passageiro, Marino não tem permissão para ir na frente, onde há controles duplos que ele pode empurrar, golpear ou usar como encosto para o braço porque não pensa. Ele simplesmente não pensa.

Lucy entra, dá início a outra verificação pré-voo e eu a auxilio, segurando a lista, que repassamos juntas. Nunca tive desejo de pilotar as várias aeronaves que minha sobrinha já possuiu ao longo dos anos, nem de andar em suas motocicletas ou dirigir seus carros italianos velozes, mas sou ótima copiloto, habilidosa com mapas e aviônica. Sei colocar os rádios nas frequências necessárias, inserir informações no transponder ou no sistema de voo. Se surgisse uma emergência, eu provavelmente conseguiria levar o helicóptero em segurança até o chão, mas não gostaria disso.

“Comutadores suspensos na posição desligado”, continuo a percorrer a lista.

“Sim.”

“Disjuntores em posição.”

“Sim.” Os dedos ágeis de Lucy tocam tudo o que ela verifica enquanto percorremos a lista plastificada.

Ela liga por um instante a bomba de reforço e gira o acelerador para voo lento.

“Livre à direita”, diz, enquanto olha por sua janela lateral.

“Livre à esquerda”, digo, enquanto olho para a rampa escura, para o pequeno prédio com as janelas iluminadas e um Piper Cub amarrado a uma distância segura em meio às sombras, seu oleado balançando ao vento.

Lucy pressiona o botão de partida; a pá do rotor principal começa a girar de forma lenta, pesada, batendo cada vez mais rápido como uma pulsação, e penso no sujeito. Penso em seu medo, no que detectei em suas últimas palavras.

“O que…? Ei…!”

O que ele sentiu? O que viu? A parte inferior de um casaco preto, a borda solta passar farfalhando. O casaco de quem? Um sobretudo de lã ou uma capa de chuva? Não era pele. Quem estava usando o casaco longo e preto? Alguém que não parou para ajudá-lo.

“O que…? Ei…!” Um grito assustado de dor.

Repasso várias vezes a imagem na mente. O ângulo da câmera baixa de repente, depois se fixa nos galhos nus e no céu cinzento, então a borda do longo casaco preto passa pela tela por um instante, talvez um segundo. Quem passaria por alguém precisando de socorro como se fosse um objeto inanimado, como uma pedra ou um tronco de madeira? Que espécie de ser humano ignoraria alguém que agarra o peito e cai? Possivelmente a pessoa que provocou isso. Ou alguém que não queria se envolver por algum motivo. Como testemunhar um acidente ou um assalto e se afastar correndo para não tomar parte na investigação. Um homem ou uma mulher? Vi sapatos? Não, só a bainha ou a borda do casaco ondulando, depois outro som semelhante a um baque e a imagem é substituída por árvores desfolhadas distintas, aparecendo através da parte de baixo de um banco pintado de verde. A pessoa que vestia o casaco preto longo chutou os fones de ouvido para baixo do banco para que não gravassem alguma coisa que fez?

Preciso examinar os vídeos com mais atenção, mas não posso fazer isso agora. O iPad está atrás e não há tempo. As pás golpeiam o ar com rapidez e o gerador está on-line. Lucy e eu colocamos nossos fones. Ela aciona mais interruptores no alto, o controle da aviônica, os instrumentos de voo e navegação. Giro o botão do sistema de comunicação interna para a posição “tripulação”, de forma que Marino não possa nos ouvir e não possamos ouvi-lo enquanto Lucy fala com o

controlador de tráfego aéreo. Os estroboscópios, o pulso e as luzes de aterrissagem noturna brilham na pista, pintando-a de branco enquanto esperamos que a torre nos libere para a decolagem. Inserindo os dados de destino no GPS touch screen, no indicador cartográfico numérico e no sistema de voo, corrijo os altímetros. Verifico se o indicador digital de combustível coincide com o medidor, executando a maioria das coisas pelo menos duas vezes, porque Lucy acredita em redundância.

A torre nos libera e voamos devagar até a pista; ganhamos altura rumo a nosso curso nordeste, cruzando o rio Delaware a mil e cem pés de altura. A água está escura e encrespada pelo vento, como metal fundido fluindo em abundância. As luzes em terra piscam através das árvores como pequenas fogueiras.

4

Mudamos nossa direção, desviando rumo à Filadélfia porque a visibilidade se deteriora mais perto da costa. Aperto o botão do sistema de comunicação interna para falar com Marino.

“Tudo bem aí atrás?” Estou mais calma agora, preocupada demais com o casaco preto longo e a exclamação assustada do homem para ficar irritada com Marino.

“É mais rápido cortar caminho por New Jersey.” Ele sabe onde estamos porque há um mapa de bordo em uma tela de vídeo no compartimento do passageiro.

“Nevoeiro e chuva gelada, condições IFR em Atlantic City. E não é mais rápido”, contesta Lucy. “Vamos ficar em ‘tripulação’ a maior parte do tempo para eu poder me ocupar do acompanhamento de voo.”

Marino é cortado da conversa novamente enquanto somos transferidos de uma torre à seguinte. O mapa secional de Washington está aberto em meu colo; insiro um novo destino no GPS, Oxford, Connecticut, para uma eventual parada para abastecer, e monitoramos o tempo no radar, observando os sólidos blocos verdes e amarelos avançarem sobre nós provenientes do Atlântico. Podemos acelerar, mergulhar e evitar as tempestades, diz Lucy, desde que nos mantenhamos afastados do mar e o vento continue a nos favorecer, aumentando nossa velocidade em relação ao solo para o que, neste momento, são impressionantes duzentos e oitenta e dois quilômetros por hora.

“Como você está?” Prossigo com meu rastreamento em busca de torres de celular e outras aeronaves.

“Vou melhorar quando chegarmos aonde estamos indo. Tenho certeza de que vamos ficar bem e conseguir escapar dessa confusão.” Ela aponta para a tela do radar meteorológico. “Mas, se houver uma sombra de dúvida, vamos descer.”

Ela não teria ido me buscar se achasse que poderíamos passar a noite em

algum campo em um lugar qualquer. Não estou preocupada. Talvez não tenha restado espaço em mim para me preocupar com mais nada.

“E no geral? Como você está?”, pergunto, tocando o lábio. “Tenho pensado muito em você nas últimas semanas.” Tento fazer Lucy falar.

“Sei o quanto é difícil se adaptar nestas circunstâncias”, diz ela. “Sempre que achamos que você vai voltar, então paramos de pensar nisso.”

Era a terceira vez que o pagamento da minha bolsa de estudos foi adiado por um assunto urgente. Dois helicópteros derrubados em um só dia no Iraque com vinte e três mortos. O assassinato em massa em Fort Hood. Mais recentemente, o terremoto no Haiti. Os médicos-legistas das Forças Armadas ficaram de prontidão. Ninguém podia ser dispensado, e Briggs não me liberava de meu programa de treinamento. Há algumas horas, tentou mais uma vez adiar minha partida, sugerindo que eu continuasse em Dover. Como se não quisesse que eu fosse para casa.

“Pensei que íamos chegar a Dover e descobrir que você tinha outra semana, duas, um mês”, acrescenta Lucy. “Mas acabou.”

“Aparentemente, eles cansaram de mim.”

“Vamos esperar que você não chegue em casa só para dar meia-volta e voltar.”

“Já passei nas provas. Eu terminei. Tenho uma repartição para administrar.”

“Alguém precisa administrar. Isso é certo.”

Não quero ouvir mais comentários desagradáveis sobre Jack Fielding.

“E as coisas vão bem fora isso?”, pergunto.

“A garagem está quase pronta, grande o suficiente para três carros, mesmo com a baia de lavagem. Supondo que vocês estacionem um atrás do outro.” Ela inicia um relatório da construção, fazendo-me lembrar do quanto me desliguei do que está acontecendo em minha própria casa. “O piso emborrachado foi colocado, mas o sistema de alarme não está pronto. Eles não iam perder tempo com arrombadores, mas eu disse que era necessário. Infelizmente, uma das antigas janelas de vidro ondulado original não sobreviveu à modernização. Então, você tem um pouco de brisa na garagem no momento. Sabia de tudo isso?”

“Benton está no comando.”

“Bom, ele tem andado ocupado. Você tem a frequência de Millville? Acho que é um-dois-três-vírgula-seis-cinco.”

Verifico o mapa secional, confirmo a frequência e a insiro em Comm 1. “Como você está?”, tento outra vez.

Quero saber o que vou encontrar ao chegar em casa, além do morto que está me esperando na geladeira do necrotério. Lucy não vai me dizer como vai e está querendo dizer que Benton anda ocupado. Quando diz alguma coisa assim, não é realmente o quer dizer. Ela está tensa. Vigia os instrumentos, as telas do radar e o que está ocorrendo fora da cabine de forma obsessiva, como se esperasse entrar em um combate aéreo, ser atingida por um raio ou ter uma falha mecânica. Há alguma coisa errada com ela, ou talvez eu só esteja irritada.

“Ele está com um caso grande”, continuo. “Muito ruim.”

Ambas sabemos a que estou me referindo. Johnny Donahue está em todos os noticiários. O paciente do McLean e aluno de Harvard que na semana passada confessou ter matado um menino de seis anos com uma pistola de pregos. Benton acredita que a confissão seja falsa e os policiais e o promotor público estão descontentes com ele por isso. As pessoas querem que a confissão seja verdadeira para não precisar pensar que alguém assim continua solto. Eu gostaria de saber como foi a avaliação de hoje quando visualizo o Porsche preto de Benton dando ré na entrada de nossa garagem no vídeo que acabei de ver. Ele estava a caminho do McLean para pegar a pasta do caso de Johnny Donahue quando um jovem e um galgo passaram por nossa casa. Alguns graus de separação. A teia humana conectando a todos nós, conectando a todos na Terra.

“Vamos manter um-dois-sete-vírgula-três-cinco em Comm 2 para poder monitorar Filadélfia”, diz Lucy, “mas vou tentar ficar fora da Classe B deles. Acho que conseguimos, a menos que esse troço nos empurre com mais força a partir da costa.”

Ela aponta para as formas verdes e amarelas na tela do radar meteorológico via satélite, que mostram a precipitação se aproximando, como se tentasse nos intimidar a fim de seguirmos para noroeste, rumo ao horizonte claro do centro da Filadélfia, voando de encontro aos arranha-céus.

“Eu vou bem”, ela então diz. “Quem não está é ele.” Ela aponta o polegar em

direção à parte de trás do helicóptero, pensando em Marino. “Dá pra ver que você está chateada. O que ele ia fazer além de ser a pessoa de sempre?”

“Você ouviu quando ele conversou com Briggs?”

“Isso foi em Wilmington. Eu estava ocupada pagando pelo combustível.”

“Ele não devia ter telefonado.”

“É o mesmo que dizer ao Jet Ranger para não babar quando mostro o saco de biscoitos. É normal Marino dar com a língua nos dentes para Briggs, para se exibir. Por que você está mais surpresa que o habitual?” Lucy pergunta como se já soubesse a resposta, como se estivesse sondando, procurando por alguma coisa.

“Talvez por isso ter causado um problema pior que o habitual.” Conto-lhe que Briggs queria que o corpo fosse transportado para Dover.

Explico que o legista-chefe das Forças Armadas está retendo informações, ou ao menos desconfio que esteja escondendo de mim alguma coisa importante. Provavelmente por causa de Marino, digo. Por causa do que ele conseguiu provocar ao passar por cima de mim.

“Acho que não é bem assim”, diz Lucy enquanto seu número de cauda é chamado.

Ela pressiona o botão do rádio em seu cíclico e atende; enquanto conversa com o acompanhamento de voo, insiro a frequência seguinte. Saltamos de um espaço aéreo a outro, as formas no radar meteorológico agora na maioria amarelas e nos perseguindo a partir do sudeste, indicando chuvas fortes que, a esta altitude, vão gerar condições perigosas como partículas de água super-resfriada que atingem as bordas dianteiras das pás do rotor e congelam. Observo a umidade no vidro Plexiglas dianteiro e não vejo nada, nem uma gota, enquanto me pergunto a que Lucy está se referindo. O que não é bem assim?

“Você percebeu o que havia no apartamento dele?”, soa a voz dela em meu fone de ouvido e suponho que esteja se referindo ao morto e ao que vi nos vídeos.

“Você disse que não é bem assim.” Insisto no primeiro ponto. “Do que está falando?”

“Não queria tocar no assunto na frente do Marino. Ele não percebeu e de

qualquer forma não saberia o que é; não chamei sua atenção porque queria conversar com você e não tenho certeza se ele deveria tomar conhecimento disso, ponto final."

"Não chamou minha atenção para quê?"

"Meu palpite é que Briggs não precisou que chamassem a atenção dele", continua Lucy. "Teve muito mais tempo para examinar os vídeos que você, e ele, ou quem quer que tenha visto os vídeos, teria reconhecido a geringonça de metal perto da porta, que parece um réptil assustador de seis pernas, soldado com fios, peças e partes compostas, mais ou menos do tamanho de uma máquina de lavar em cima de uma secadora. Foi captado pela câmera por um segundo quando o homem e Sock saíram a caminho de Norton's Woods. Não pode ter passado despercebido a você, de todas as pessoas."

"Captei um vislumbre do que pensei que fosse uma escultura de metal grosseira." Obviamente, não entendi a relação que ela fez. Uma relação importante.

"É um robô, e não um robô qualquer", informa Lucy. "Um protótipo desenvolvido para as Forças Armadas, o que deveria ser um PackBot tático para as tropas no Iraque; então outro objetivo criativo foi sugerido e fracassou notória e completamente."

Um lampejo de reconhecimento e um sentimento sinistro começam a abrir caminho entre as minhas entranhas, apertando meu peito, gerando conscientização, em seguida uma lembrança.

"Esse modelo em particular não durou muito tempo", continua ela, e acho que sei ao que está se referindo.

MORT. Transporte de Remoção Operacional Funerária. *Deus do céu.*

"Nunca chegou a entrar em funcionamento e está obsoleto. Foi substituído por robôs com pernas, biologicamente inspirados, que carregam fardos pesados em terreno difícil ou escorregadio", diz ela. "Como o quadrúpede chamado BigDog que está no YouTube. Aquela coisa consegue carregar centenas de quilos o dia inteiro nas piores condições imagináveis, salta como um cervo e recupera o equilíbrio quando tropeça, escorrega ou leva um chute."

"MORT", vou em frente e digo. "Por que ele teria um PackBot como um MORT

em seu apartamento? Não estou entendendo.”

“Você viu o robô pessoalmente na época, quando começou o debate sobre ele em Capitol Hill? E você está entendendo. É disso mesmo que estou falando.”

“Nunca vi um MORT pessoalmente.” Vi o robô somente em demonstrações de vídeo e entrei em mais de uma discussão sobre seu uso, especialmente com Briggs. “Por que ele teria uma coisa dessas?”, torno a perguntar.

“Assustador. Como uma formiga mecânica gigante, movida a gasolina”, diz ela. “Parece uma motosserra quando anda devagar com aquelas pernas curtas, desajeitadas, com dois conjuntos de garras na frente, como Edward Mãos de Tesoura. Se visse aquilo vindo na sua direção, você ia correr como louca ou atirar uma granada nele.”

“Mas no apartamento dele? Por quê?” Me lembro de demonstrações que achei horríveis e discussões acaloradas que se tornaram brigas desagradáveis com colegas, inclusive Briggs no AFMES, no Walter Reed e no Russell Senate Office Building.

MORT. O epítome da automação equivocada que se tornou fonte de controvérsia em inteligência militar e médica. A péssima ideia não foi a tecnologia, e, sim, a sugestão de como usá-la. Recordo uma manhã quente de verão em Washington, o calor subindo de uma calçada lotada de escoteiros excursionando pela capital enquanto Briggs e eu discutíamos. Estávamos com calor em nosso uniforme, frustrados e estressados, e me lembro de ter passado pela Casa Branca, com gente por toda parte, imaginando o que viria a seguir. Que outras desumanidades a tecnologia ofereceria? E isso foi há quase uma década, a Idade da Pedra comparada aos dias atuais.

“Tenho certeza — na realidade, mais que certeza — de que era o que tinha no apartamento do cara”, diz Lucy. “E não se compra uma coisa dessas no eBay.”

“Talvez seja uma maquete”, sugiro. “Um fac-símile.”

“De jeito nenhum. Quando dei zoom, vi a combinação de partes em detalhes, algumas gastas e rompidas pelo uso, provavelmente devido aos testes do setor de Pesquisa e Desenvolvimento em terreno difícil; ele ficou um pouco arranhado. Vi até os conectores de fibra óptica. MORT não era um artefato sem fio, o que era só uma das muitas coisas erradas nele. Não era o que estão fazendo hoje com os

robôs autônomos que têm computadores internos e recebem informação através de sensores controlados por unidades usadas por seres humanos, em vez de ficarem se arrastando em volta de uma mala Pelican no meio do caminho. É como os caras do Exército estão fazendo para que seus operadores em campo fiquem com as mãos livres quando saem com os esquadrões robóticos. Todo esse negócio novo com processadores leves e reforçados que você pode usar no colete se, digamos, estiver operando um veículo terrestre não tripulado ou os robôs armados, a unidade SWORDS, o Sistema de Armamento Especial, Observação, Reconhecimento Remoto e Ação Direta. Uma infantaria robótica armada com metralhadoras M249. Não é uma coisa que me agrade e sei como você se sente a respeito."

"Não sei bem se existem palavras para como me sinto a respeito disso", retruco.

"Tem três unidades SWORDS até agora no Iraque, mas eles ainda não dispararam. Ninguém sabe ao certo como conseguir que um robô faça esse tipo de julgamento. Quociente ético artificial. Uma perspectiva um tanto assustadora, mas tenho certeza de que não é impossível."

"Os robôs devem ser usados para a manutenção da paz, para vigilância."

"Isso para você, mas não para todos."

"Eles não devem tomar decisões sobre vida e morte", continuo. "Seria como o piloto automático decidindo se devemos voar através das nuvens que estão vindo em nossa direção."

"O piloto automático poderia fazer isso se meu helicóptero tivesse sensores de umidade e temperatura. Acrescente transdutores de força e ele pousa sozinho, leve como uma pluma. Com os sensores adequados, você não precisa mais de mim. É só embarcar e apertar um botão, como os Jetsons. Parece loucura, mas quanto mais louco melhor. Pergunte à DARPA. Você faz ideia de quanto dinheiro eles investem na área de Cambridge?"

Lucy baixa o coletivo, perdendo altitude e velocidade à medida que outro trecho de nuvens fantasmagóricas flutua em nossa direção no escuro.

"Além do que foi investido no CFC?", completa ela.

Seu comportamento está diferente, até seu rosto está diferente, e ela já não

tenta esconder o que a está afetando. Conheço esse estado de espírito. Conheço muito bem. É uma disposição de ânimo antiga, que não vejo há algum tempo, mas que reconheço como se fossem os sintomas de uma doença que esteve em remissão.

"Computadores, robótica, biologia sintética, nanotecnologia, quanto mais absurdo melhor", continua Lucy. "Porque não existe mais essa coisa de cientistas malucos. Não sei se existe mais essa coisa de ficção científica. Você propõe a invenção mais radical que consegue imaginar e ela provavelmente está sendo implementada em algum lugar. É notícia velha."

"Você está sugerindo que esse homem que morreu em Norton's Woods está ligado à DARPA."

"De alguma forma está, em alguma extensão. Não sei quão direta ou indiretamente", responde Lucy. "O MORT não está mais sendo usado, não pelas Forças Armadas, nem para qualquer finalidade, mas era coisa de *Star Wars* oito ou nove anos atrás, quando a DARPA intensificou o financiamento para dispositivos militares e de inteligência em robótica, bioengenharia e engenharia da computação. E aplicações forenses e outras, relevantes para nossos mortos de guerra, para o que acontece em combate, no teatro de operações."

Foi a DARPA que financiou a pesquisa e o desenvolvimento da tecnologia RadPath que empregamos nas autópsias virtuais em Dover e agora no CFC. A DARPA financiou minha bolsa de estudos de quatro meses, que se transformaram em seis.

"Uma percentagem substancial de subvenção para pesquisa vem para os laboratórios da área de Cambridge, Harvard e MIT", diz Lucy. "Lembra quando tudo começou a girar em torno da guerra?"

Está ficando cada vez mais difícil lembrar um tempo em que isso não era verdade. A guerra está se tornando nossa indústria nacional, como antes eram os automóveis, o aço e as ferrovias. É este o perigoso mundo em que vivemos. Não creio que possa mudar.

"A brilhante ideia de que robôs como MORT podiam ser utilizados para recuperar baixas de modo que as tropas não arriscassem a vida por um companheiro morto?", lembra Lucy.

Não uma ideia brilhante, e, sim, infeliz. Uma ideia extremamente idiota, eu achava na época e continuo a achar. Briggs e eu não estávamos do mesmo lado a esse respeito. Ele nunca vai me dar crédito por tê-lo salvado de um passo em falso em RP que poderia tê-lo prejudicado muito.

“A ideia foi agressivamente pesquisada por um tempo e então engavetada”, acrescenta Lucy.

Foi engavetada porque empregar robôs para tal finalidade supõe que eles sejam capazes de decidir se um soldado caído, um ser humano, está mortalmente ferido ou morto.

“O Departamento de Defesa se deu mal por causa disso, pelo menos internamente, porque pareceu frio e desumano”, diz ela.

Merecidamente. Ninguém deveria morrer nas garras de algo mecânico que arrasta a pessoa para fora do campo de batalha, ou a retira de um veículo estraçalhado, ou dos escombros de um edifício que desabou.

“O que estou dando a entender é que as primeiras gerações dessa tecnologia foram enterradas pelo Departamento de Defesa, relegadas a um ferro-velho secreto ou teve peças reaproveitadas”, diz Lucy. “Mesmo assim, o cara que está na sua geladeira tem um no apartamento dele. Onde conseguiu? Ele tem alguma ligação com a história. Tem papel de desenho na mesinha de centro. É inventor, engenheiro, algo do tipo, e estava de alguma forma envolvido em projetos sigilosos que exigem certificado de segurança de alto nível, mas é civil.”

“Como você pode ter tanta certeza de que ele é civil?”

“Acredite em mim, tenho certeza. Ele não tem experiência nem treinamento e é absolutamente certo que não faz parte do serviço de informações militar nem é agente do governo, ou não andaria por aí ouvindo música alta armado com uma pistola cara que teve o número de série raspado — em outras palavras, ele provavelmente comprou a arma na rua. Teria uma coisa que nunca seria atribuída a ele nem a ninguém, uma coisa que você usa uma vez e joga fora…”

“Não sabemos a quem a arma está relacionada?” Quero ter certeza disso.

“Não que eu saiba, ainda não, o que é ridículo. Esse cara não estava encoberto. Acho que ele está assustado”, diz Lucy como se soubesse disso com certeza. “Estava”, acrescenta. “Ele *estava*. Alguém o tinha sob vigilância — é o

que eu acho, de qualquer maneira —, e agora ele está morto. Na minha opinião, não é coincidência. Sugiro que você tenha extremo cuidado ao falar com Marino.

"Às vezes, ele tem um discernimento terrível, mas não está tentando me enganar."

"Ele não faz parte do serviço de inteligência médico como você, e sua compreensão só vai até o ponto de não discutir casos com seus amigos no boliche e não falar com repórteres. Acha perfeitamente possível confiar em pessoas como Briggs porque é um ignorante no que se refere às altas patentes militares." Não consigo lembrar desde quando não vejo Lucy com um comportamento tão inquieto e sombrio. "Em um caso como esse, você conversa comigo ou com Benton."

"Você contou a Benton o que acabou de me contar?"

"Vou te deixar explicar a respeito do MORT porque ele provavelmente não vai entender o que é. Não estava por perto quando você passou por tudo isso com o Pentágono. Você conta a ele e então todos nós podemos conversar. Você, ele, eu e chega, pelo menos por enquanto, porque você não sabe o que está acontecendo, e é melhor esclarecer os fatos e saber quem somos nós e quem são eles."

"Se não posso confiar em Marino em um caso como esse, ou em qualquer caso por sinal, por que estou com ele?" A atitude defensiva aviva meu tom de voz, porque Marino também foi ideia dela.

Lucy me encorajou a contratá-lo como chefe de investigações operacionais do CFC e também o convenceu a aceitar, embora não tenha sido uma negociação muito difícil. Ele nunca admitiria, mas não queria estar em lugar nenhum em que eu não estivesse, e, quando percebeu que eu ficaria em Cambridge, desencantou-se de repente com o departamento de polícia de Nova York. Perdeu interesse na promotora-adjunta Jaime Berger, para cujo escritório foi designado. Entrou em conflito com seu senhorio no Bronx. Começou a se queixar dos impostos de Nova York, mesmo que os pagasse havia vários anos. Disse que era intolerável não ter lugar para andar de moto ou para estacionar uma caminhonete, mesmo que não possuísse nenhum dos dois na ocasião. Disse que precisava se mudar.

"Não é uma questão de confiança. É questão de reconhecer limitações." É estranhamente generoso da parte de Lucy dizer isso. Em geral, as pessoas são

simplesmente ruins ou inúteis e merecem seja qual for o castigo que ela determine.

Lucy reduz a pressão sobre o coletivo e faz ajustes sutis com o cíclico, aumentando nossa velocidade e se certificando de que não ganhemos altura, entrando nas nuvens. A escuridão da noite à nossa volta é impenetrável, e há trechos onde vejo luzes no solo, sugerindo que estamos voando acima de árvores. Insiro a frequência da base aérea de McGuire para monitorar seu espaço aéreo enquanto ficamos de olho no Sistema Anticolisão de Tráfego. Ele não mostra outra aeronave em parte alguma. Talvez sejamos os únicos a voar esta noite.

"Não posso me dar o luxo de levar em conta limitações", digo à minha sobrinha. "O que significa que provavelmente cometi um erro contratando Marino. E outro maior ainda contratando Fielding."

"E não pela primeira vez. Jack te largou em Watertown e foi para Chicago, e você devia ter deixado o cara por lá."

"Na verdade, perdemos nosso financiamento em Watertown. Ele sabia que o escritório talvez fechasse, e realmente fechou."

"Não foi por isso que ele saiu."

Não argumento porque Lucy está certa. Não foi por isso. Fielding queria se mudar para Chicago porque sua mulher havia recebido uma oferta de emprego lá. Dois anos mais tarde, perguntou se podia voltar. Disse que sentia falta de trabalhar para mim. Disse que sentia falta de sua família. Lucy, Marino, Benton e eu. Uma família grande e feliz.

"Não são só eles. Você tem problema com todo mundo ali", diz Lucy.

"Então ninguém deveria ter sido contratado. Inclusive você, imagino."

"Provavelmente. Não sou boa no trabalho em equipe." Ela foi demitida do FBI e da ATF. Acho que Lucy não pode ser supervisionada por ninguém, nem mesmo por mim.

"Bom, é ótimo voltar para casa e para isso", retruco.

"É esse o perigo de uma instituição-modelo que, não importa o que se diga, é na verdade tanto civil quanto militar, é da alçada tanto local quanto federal, além de ter vínculos acadêmicos", diz Lucy. "Você não é uma coisa nem outra. Os

membros da equipe não sabem exatamente como agir ou não conseguem respeitar os limites, supondo que alguém os compreenda. Alertei você sobre isso faz tempo.”

“Não me lembro de você ter me alertado. Só me lembro de ter chamado minha atenção para o fato.”

“Vamos inserir a frequência de Lakehurst e indicar voo VFR, porque estou descartando o acompanhamento de voo”, decide Lucy. “Se formos empurrados ainda mais para oeste, vamos ter vento contrário, o que vai reduzir nossa velocidade para menos de quarenta quilômetros por hora e vamos ter que pousar para passar a noite em Harrisburg ou Allentown.”

5

Os flocos de neve ficam loucos como mariposas sob as luzes de aterrissagem e o vento das pás do rotor, à medida que descemos sobre a plataforma de madeira. Os *skids* pousam de forma hesitante, então se separam pesadamente, quando o peso se instala e quatro pares de faróis começam a se mover em nossa direção desde o portão de segurança próximo à base de operações.

Os faróis movem-se devagar pela rampa, iluminando a neve que cai com rapidez e reconheço a silhueta do Porsche SUV verde de Benton. Reconheço o Suburban e o Range Rover, ambos pretos. Não conheço o quarto carro, um sedã escuro elegante, com aço cromado. Lucy e Marino devem ter vindo em carros separados hoje e deixado seus SUVs com a equipe da base, o que faz sentido. Minha sobrinha sempre chega ao aeroporto bem antes das outras pessoas para preparar o helicóptero, assim pode checar do aparelho do tubo de Pitot, no nariz, ao estabilizador de cauda. Não a vejo assim faz algum tempo, e enquanto aguardamos os dois minutos em ponto morto antes que ela conclua o desligamento, tento me lembrar da última vez, localizá-la com exatidão, na esperança de entender o que está acontecendo. Porque Lucy não vai me contar.

Não vai fazer isso, a menos que se encaixe em seu plano geral, e não há como extrair dela a informação quando não está preparada para compartilhar, o que, em situações extremas, pode ser nunca. Lucy prospera no comportamento dissimulado, sente-se muito mais à vontade sendo quem não é do que quem é, e foi sempre assim, desde os primeiros anos. Ela se alimenta do poder do silêncio e se energiza com o drama do risco, do perigo real. Quanto mais ameaçador, melhor. Tudo o que me revelou até agora é que um robô obsoleto no apartamento do morto é um PackBot chamado MORT, financiado pela DARPA e que, no passado, foi destinado a intervenções funerárias no teatro de operações; em outras palavras, à remoção de corpos na guerra, um Anjo da Morte mecânico. O MORT era insensível e inadequado e o combati agressivamente há anos, mas a

peculiaridade de o morto ter tal objeto em seu apartamento não explica o comportamento de Lucy.

Quando foi que ela me assustou tanto, não que tenha sido só uma vez, mas no dia em que achei que ela poderia acabar na prisão? Há sete ou oito anos, concluo, quando voltou da Polônia, onde esteve envolvida em uma missão que tinha a ver com a Interpol e operações especiais que até hoje não estão claras para mim. Nunca vou ficar sabendo quanto ela me contaria se eu a pressionasse o suficiente, porque não vou fazer isso. Optei por permanecer na obscuridade acerca do que ela fez por lá. O que sei é suficiente. É mais que suficiente. Eu jamais diria isso a respeito dos sentimentos, da saúde ou do bem-estar geral de Lucy, porque me preocupo muito com cada molécula sua, mas posso dizer isso acerca de alguns aspectos complexos e clandestinos da forma como viveu. Para seu próprio bem e o meu, há detalhes sobre os quais não vou perguntar. Há histórias que não quero que me contem.

Durante a última hora de nosso voo para Hanscom Field, ela foi ficando cada vez mais preocupada, impaciente e incrivelmente vigilante, e é sua vigilância que tem um calibre especial. É o que reconheço. A vigilância é a arma que ela saca quando se sente ameaçada e entra no modo de atuação que eu costumava temer. Em Oxford, Connecticut, onde paramos para abastecer, ela não deixou o helicóptero sem supervisão, nem por um segundo. Supervisionou o caminhão de combustível e me colocou de guarda no frio enquanto trotava até o interior da base de operações para pagar, porque não confiava em Marino para o serviço de guarda, conforme explicou. Contou que, quando eles reabasteceram em Wilmington, Delaware, hoje cedo, a caminho de Dover, ele ficou muito ocupado ao telefone para se preocupar com a segurança ou reparar no que estava acontecendo ao redor dos dois.

Disse que o havia observado pela janela enquanto ele passeava pela pista de pouso, conversando e gesticulando, sem dúvida empolgado contando a Briggs a respeito do homem que supostamente continuava vivo quando foi trancafiado dentro da geladeira. Marino não olhou para o helicóptero uma única vez sequer, Lucy me contou. Estava distraído quando outro piloto aproximou-se para fazer o check-out, agachando-se para inspecionar o sensor de visão frontal

infravermelha, o holofote Nightsun, e espreitar pelo Plexiglas o interior das cabines. Não entrava na cabeça de Marino que as portas estavam destrancadas, assim como a tampa do combustível, e é óbvio que não há como trancar a capota do motor. Alguém pode ter acesso à transmissão, ao motor, às caixas de marchas, os órgãos vitais de um helicóptero, pela simples liberação das travas.

Água no tanque de combustível é o bastante para uma pane em voo. Lá se vai o motor. Ou uma pequena quantidade de contaminante no fluido hidráulico, possivelmente terra, óleo, ou água no reservatório, e os controles vão falhar como a direção hidráulica em um automóvel, o que é um pouco mais sério quando você está a seiscentos metros de altura. Se realmente quer criar confusão, contamine tanto o combustível quanto o fluido hidráulico, assim vai ter uma pane e uma falha hidráulica ao mesmo tempo, descreveu Lucy em detalhes sórdidos enquanto voávamos com o sistema de comunicação interna na posição "tripulação", para que Marino não ouvisse. Isso seria especialmente desastroso depois do anoitecer, disse ela, quando os pousos de emergência, já bastante difíceis, ficam muito piores porque você não consegue enxergar o que há embaixo, e é melhor esperar que não sejam árvores, linhas de energia ou outro tipo de obstrução.

É claro que a sabotagem que ela mais teme é um explosivo; ela é obcecada por explosivos em geral e o motivo pelo qual são de fato usados, quem os usaria, inclusive o governo dos Estados Unidos, se for conveniente. Assim, tive de ouvir isso por algum tempo antes que ela me deprimisse ainda mais ao explicar quão simples seria plantar tal coisa, de preferência embaixo da bagagem ou de um tapete atrás, para que quando o artefato detonasse destruísse o tanque de combustível principal sob os bancos traseiros. Em seguida o helicóptero se transforma em um crematório, disse ela, o que me fez pensar outra vez no soldado no Humvee e em sua mãe devastadora me atacando ao telefone. Eu fazia associações infelizes durante a maior parte do tempo que estávamos voando porque, para o bem ou para o mal, qualquer calamidade descrita evoca exemplos vívidos de meus próprios casos. Sei como as pessoas morrem. Sei exatamente o que vai acontecer comigo se eu morrer.

Lucy corta a aceleração e baixa o freio do rotor; no instante em que as pás

param de girar, a porta do motorista no utilitário de Benton se abre. A luz interna não acende. Não vai acender em nenhum dos três utilitários na rampa, porque policiais e agentes federais, inclusive os que já não exercem mais a profissão, têm suas peculiaridades. Não se sentam com as costas voltadas para a porta. Detestam apertar o cinto de segurança e não gostam de luzes internas nos veículos. São programados para evitar emboscadas e restrições que os impeçam de fugir. Resistem a se transformar em um alvo iluminado. São precavidos, mas não tão precavidos quanto Lucy nas últimas horas.

Benton caminha em direção ao helicóptero e aguarda perto da plataforma com as mãos nos bolsos de um velho casaco preto de camurça que lhe dei há muitos Natais, o cabelo prateado bagunçado pelo vento. Ele é alto e magro contra a noite coberta de neve, e seu semblante parece ansioso à sombra e luz desiguais. Sempre que o vejo após uma longa separação é com os olhos de uma estranha, e me sinto outra vez atraída por ele, exatamente como da primeira vez, há muito tempo na Virginia quando eu era a nova chefe, a primeira mulher nos Estados Unidos a dirigir um sistema médico-legal daquele porte, e ele era uma lenda no FBI, o talentoso psicólogo criminal e diretor do que era então a Unidade de Ciência Comportamental em Quantico. Ele entrou em minha sala de reuniões e de repente me senti nervosa e insegura, o que nada tinha a ver com os assassinatos em série que estávamos ali para discutir.

"Você conhece esse cara?", pergunta ele em meu ouvido quando nos abraçamos. Ele me beija de leve nos lábios; sinto a fragrância amadeirada de sua loção pós-barba e o couro macio de seu casaco de encontro ao meu rosto.

Olho para além dele na direção do homem que salta do sedã, que agora vejo que é um Bentley azul-escuro ou preto que tem o ronco gutural de um motor V12. O sujeito é grande e está acima do peso, possui queixo duplo e uma franja rala que se agita ao vento. Vestindo um casaco longo com a gola levantada, que lhe cobre as orelhas e luvas, mantém-se de pé a uma distância educada, com a postura alheia de um motorista de limusine. Mas percebo sua atenção sobre nós. Ele parece mais interessado em Benton.

"Deve estar esperando alguém", concluo enquanto o homem olha para o helicóptero, então torna a olhar para Benton. "Ou está confuso."

“Em que posso ajudar?” Benton se aproxima do sujeito.

“Estou procurando por Scarpetta.”

“E por que você estaria procurando Scarpetta?” Benton é simpático, porém firme, e não revela nada.

“Fui enviado aqui com uma entrega e me disseram que o encontraria saindo do helicóptero. Você é de onde? Da segurança nacional? Estou vendo que o helicóptero tem sensor de visão frontal infravermelha, holofote de busca, um bocado de equipamento especial. Bem high-tech. A que velocidade ele voa?”

“O que posso fazer por você?”

“Preciso entregar algo diretamente a Scarpetta. É você? Me mandaram pedir um documento.” O motorista observa Lucy e Marino retirarem meus pertences dos compartimentos do passageiro e de bagagem. Não está interessado em mim, não mais que para me lançar um olhar de relance. Sou a mulher do homem alto e atraente com cabelo grisalho. O motorista acha que Benton é Scarpetta e que o helicóptero pertence a ele.

“Vamos tirar você daqui antes que vire uma nevasca”, diz Benton, caminhando em direção ao Bentley de um jeito que não deixa escolha ao motorista a não ser segui-lo. “Ouvi dizer que vamos ter de quinze a dezoito centímetros, mas tudo é extremo nesse inverno. De onde você é? Não daqui. De algum lugar no sul. Imagino que do Tennessee.”

“Você percebeu depois de vinte e sete anos? Acho que preciso trabalhar na minha fala ianque. Nashville. Estacionamos aqui com a 66ª Unidade Aérea e nunca saímos. Não sou piloto, mas dirijo muito bem.” Ele abre a porta do passageiro e se debruça para dentro. “Você mesmo pilota aquela coisa? Nunca estive em um daqueles. Percebi na mesma hora que aquele helicóptero não era da Força Aérea. Acho que se você for da CIA, não vai me dizer…”

A voz flutuou até a rampa, onde Benton me deixou. Sei que é melhor não o seguir até o Bentley, mas reluto em me sentar em nosso carro sem fazer ideia de quem é o homem, a que entrega está se referindo ou como sabia que alguém chamado Scarpetta estaria em Hanscom, seja em um helicóptero ou para encontrá-lo, e a que horas pousaria. A primeira pessoa que me vem à mente é Jack Fielding. É provável que ele conhecesse meu itinerário e verifico meu

iPhone. Anne e Ollie responderam minhas mensagens de texto e já estão no CFC, esperando por nós. Mas não há nada da parte de Fielding. *O que está acontecendo?* Alguma coisa está acontecendo, alguma coisa séria. Isso não deve ser só a irresponsabilidade, a indiferença ou seu comportamento errático habituais. Espero que esteja bem, que não esteja doente, ferido ou brigando com a mulher, e vejo Benton enfiar alguma coisa no bolso do casaco. Ele se encaminha direto para o SUV, e essa é sua mensagem para mim. Entrar e não fazer perguntas. Alguma coisa que o desagrada aconteceu, apesar de sua atitude relaxada e amigável com o motorista.

"O que foi?", pergunto quando fechamos as portas ao mesmo tempo que Marino abre o bagageiro e começa a enfiar ali minhas caixas e malas.

Benton aumenta o aquecimento e não responde enquanto mais pertences meus são carregados, em seguida Marino vem até minha porta. Bate com o nó do dedo no vidro.

"O que foi isso?" Ele olha na direção do Bentley; a neve cai espessa e firme, cobrindo a viseira de seu boné de beisebol e derretendo em seus óculos.

"Quem sabia que você e Lucy iam a Dover hoje?", Benton apoia o ombro em mim enquanto conversa com ele.

"O general. E a capitã Avallone ficou sabendo quando telefonei tentando deixar uma mensagem para a doutora. E algumas pessoas no nosso escritório. Por quê?"

"Mais ninguém? Você não mencionou aos paramédicos, à polícia de Cambridge?"

Marino faz uma pausa, pensando, e uma expressão passou por seu rosto. Ele não sabe ao certo a quem contou. Está tentando lembrar, está calculando. Se fez alguma coisa imprudente, não vai querer admitir, já ouviu o bastante sobre o quanto é indiscreto. Não pretende ser castigado mais uma vez, ainda que, para ser justa, ele não tivesse motivo para se comportar como se o fato de ele e Lucy voarem até Delaware para me buscar fosse informação sigilosa. Não é segredo de Estado onde eu estava e, de qualquer forma, eu ia voltar para casa amanhã.

"Não tem importância se você fez isso." Benton parece estar pensando o mesmo que eu. "Só estou tentando entender como um mensageiro sabia que

encontraria o helicóptero aqui.”

“Que espécie de mensageiro dirige um Bentley?”, pergunta Marino.

“Aparentemente, a espécie que foi informada do seu itinerário, inclusive o número de cauda do helicóptero”, responde Benton.

“Maldito Fielding. Que diabos ele está fazendo? O cara é um louco, é o que ele é.” Marino retira os óculos, então não tem com que os limpar, e seu rosto parece nu e estranho sem os velhos aros de metal. “Comentei com algumas pessoas que você provavelmente voltaria hoje em vez de amanhã. Quer dizer, é óbvio que algumas pessoas sabiam por causa do problema que temos com o morto sangrando e tudo mais.” Ele endereça isso a mim. “Mas Fielding era o único que sabia exatamente o que você estava fazendo e com certeza conhece o helicóptero de Lucy, porque já esteve nele. Merda, você não sabe da missa a metade”, acrescenta com ar sombrio.

“Vamos conversar no escritório.” Benton quer que ele cale a boca.

“O que sabemos sobre ele? Que merda ele está aprontando? Está mais que na hora de parar de proteger esse cara. Ele com certeza não está te protegendo”, diz Marino.

“Vamos conversar sobre isso mais tarde”, retruca Benton com um sinal de advertência na voz.

“Ele está te ferrando de alguma forma”, diz Marino.

“Não é hora de discutir isso.” A voz de Benton assume um tom monótono.

“Ele quer seu emprego. Ou talvez não queira que você fique com ele.” Marino olha para mim enquanto enfia as mãos nos bolsos da jaqueta de couro e se afasta da janela. “Bem-vinda ao lar, doutora.” Sinto os flocos de neve frios e úmidos soprados para dentro do carro em meu rosto e pescoço. “É bom ser lembrado de em quem você pode realmente confiar, certo?” Ele olha para mim enquanto ergo o vidro da janela.

Faróis anticolisão vermelhos e brancos piscam na ponta das asas dos jatos estacionados à medida que atravessamos a rampa devagar rumo ao portão de segurança, que acaba de abrir.

O Bentley passa pelo portão; estamos logo atrás e reparo que a placa de Massachusetts não possui o logo que indica que o carro pertence a uma empresa de limusines. Não me surpreendo. Bentleys são raros, especialmente por aqui, onde as pessoas são modestas e conservadoras, mesmo aquelas que fazem voos particulares. Raras vezes vejo Bentleys ou Rolls-Royces, são quase sempre Toyotas ou Saabs. Passamos pela base de operações VIP, um dos vários serviços de voo na parte civil do aeroporto, e coloco a mão na camurça macia do bolso do casaco de Benton, sem tocar o envelope branco leitoso que mal se projeta para fora dele.

"Você quer me explicar o que acaba de acontecer?" Ele parece ter recebido uma carta.

"Ninguém devia saber que você fez um voo para cá, ninguém devia saber nada sobre você ou sobre o seu paradeiro, ponto final", diz Benton com o rosto e a voz severos. "É óbvio que ela ligou para o CFC e Jack passou a informação. Ela com certeza já ligou para lá antes, e quem mais a não ser Jack?"

Na verdade, ele não enuncia isso como uma pergunta e não faço ideia de a quem possa estar se referindo.

"Não entendo por que ele ou qualquer outra pessoa falaria com ela, pelo amor de Deus", continua Benton, mas não acredito que não compreenda seja o que for a que esteja se referindo. Seu tom exprime algo completamente diferente. Percebo que ele não está nem mesmo surpreso.

"Quem?" Porque não faço a menor ideia. "Quem telefonou para o CFC?"

"A mãe de Johnny Donahue. Ao que parece, aquele é o motorista dela", disse ele, indicando o carro mais à frente.

Os limpadores de para-brisa produzem um alto som de borracha sendo arrastada sobre o vidro, afastando a neve, que se derrete. Olho para as lanternas traseiras do Bentley à nossa frente e tento entender o que Benton está me contando.

"Devemos examinar, independentemente do que for." Estou me referindo ao envelope em seu bolso.

"É prova. Deve ser examinada no laboratório", diz ele.

"Eu tenho que saber o que é."

“Terminei de avaliar Johnny esta manhã”, Benton me faz lembrar. “Sei que a mãe dele telefonou várias vezes para o CFC.”

“Como você sabe?”

“Johnny me contou.”

“Um paciente psiquiátrico te contou. E isso é informação confiável?”

“Passei um total de quase sete horas com ele desde que foi admitido. Não acredito que tenha matado ninguém. Existe um monte de coisas nas quais não acredito. Mas acredito que a mãe dele telefonaria para o CFC, com base no que sei”, diz Benton.

“Ela não pode realmente imaginar que discutiríamos o caso de Mark Bishop com ela.”

“Atualmente as pessoas pensam que tudo é informação pública, que elas têm o direito de saber”, diz ele. Não é de seu feitio fazer conjecturas e ceder a generalidades. A declaração soa superficial e evasiva. “E a sra. Donahue tem um problema com Jack”, acrescenta Benton, e o comentário me parece genuíno.

“Johnny contou a você que a mãe dele tem um problema com Jack. E por que ela teria qualquer opinião sobre ele?”

“Parte desse assunto não posso abordar.” Ele olha direto para a frente enquanto dirige na via coberta de neve. A neve está caindo mais rápido; açoita os faróis dianteiros e estala de encontro ao vidro.

Sei quando Benton está me escondendo coisas. Em geral, por mim tudo bem. Agora, não está nada bem. Sinto a tentação de extrair o envelope de seu bolso e examinar o que alguém, ao que tudo indica a sra. Donahue, quer que eu veja.

“Você conheceu a mulher, conversou com ela?”, pergunto.

“Até agora, consegui evitar, ainda que ela tenha telefonado para o hospital, tentando me localizar; telefonou várias vezes desde que ele foi admitido. Mas não convém que eu converse com ela. Não convém que eu converse sobre muitas coisas, e sei que você entende.”

“Se Jack ou alguém divulgou detalhes sobre Mark Bishop, isso é sério”, retruco. “E entendo sua discrição, ou acho que entendo, mas tenho o direito de saber se ele fez isso.”

“Eu não sabia o que você sabe. Se Jack te contou alguma coisa”, diz ele.

“A respeito do que especificamente?”

Não quero admitir para Benton e sobretudo para mim mesma que não consigo lembrar exatamente quando conversei com Fielding pela última vez. Nossas conversas, quando as tivemos, foram superficiais e breves, e não o vi uma vez sequer quando estive em casa por vários dias durante as festas de fim de ano. Ele havia ido a algum lugar, supostamente levado a família para algum lugar, mas não tenho certeza. Faz longos meses que Fielding deixou de compartilhar comigo os detalhes de sua vida pessoal.

“Deste caso especificamente, do caso de Mark Bishop”, responde Benton. “Quando aconteceu, por exemplo, Jack discutiu com você?”

No sábado, 30 de janeiro, Mark Bishop, de seis anos, estava brincando em seu quintal a mais ou menos uma hora daqui, em Salem, quando alguém o atacou com pregos na cabeça.

“Não”, respondo. “Jack não conversou comigo sobre isso.”

Eu estava em Dover quando o menino foi assassinado, e Fielding assumiu o caso, o que estava em completo desacordo com ele, e pensei assim na ocasião. Fielding nunca foi capaz de lidar com crianças, mas por algum motivo decidiu lidar com isso e me chocou. No passado, se o corpo de alguma criança estivesse a caminho do necrotério, Fielding se ausentava. Não fazia o menor sentido que ele assumisse o caso de Mark Bishop, e lamento não ter voltado para casa, que foi meu primeiro impulso. Eu deveria ter agido de acordo com ele, mas não quis fazer a meu segundo em comando o que Briggs acabara de fazer comigo. Não quis demonstrar falta de confiança.

“Examinei o caso detalhadamente, mas Jack e eu não discutimos a respeito, ainda que com certeza eu tenha indicado que estaria à disposição se houvesse necessidade.” Sinto que estou na defensiva e detesto quando isso acontece. “Tecnicamente, o caso era dele. Tecnicamente, eu não estava aqui.” Não consigo me controlar e sei que parece fraqueza, como se eu estivesse arrumando desculpas, e me sinto irritada comigo mesma.

“Em outras palavras, Jack não compartilhou os detalhes. Quer dizer, os detalhes dele”, declara Benton.

“Leve em conta onde eu estava e o que estava fazendo”, tento lembrar.

“Não estou dizendo que seja culpa sua, Kay.”

“O que é culpa minha? E o que você está querendo dizer com os detalhes ‘dele’?”

“Estou perguntando se você fez perguntas a Jack. Se ele evitou discutir o caso com você.”

“Você sabe como ele é quando se trata de crianças. Na ocasião, enviei uma mensagem dizendo que um dos outros médicos-legistas poderia lidar com aquilo, mas Jack tomou conta do caso. Fiquei surpresa, mas foi o que aconteceu. Como já disse, examinei todos os registros. Os dele, os da polícia, os relatórios do laboratório…”

“Então, você na verdade não sabe o que está acontecendo?”

“Parece que o que você está dizendo é que não sei.”

Benton fica em silêncio.

“Você sabe o que passou, além dos fatos mais recentes? Da confissão feita por Donahue?”

Tento novamente: “É claro que sei o que foi informado nos noticiários. Um estudante de Harvard confessando uma coisa dessas não poderia passar despercebido pela imprensa. É óbvio que o que você está insinuando é que existem detalhes dos quais não fui informada”.

Outra vez Benton não responde. Imagino Fielding conversando com a mãe de Johnny Donahue. É possível que ele tenha lhe fornecido detalhes de onde eu estaria hoje à noite, e ela enviou seu motorista para me entregar um envelope, embora o motorista tenha dado a impressão de não saber que Scarpetta era uma mulher. Olho para o casaco de camurça preta de Benton. No escuro, distingo a borda branca indistinta do envelope em seu bolso.

“Por que alguém do seu escritório falaria com a mãe da pessoa que confessou o crime?” A pergunta de Benton soa mais como uma afirmação. Parece retórica. “Temos absoluta certeza de que nada vazou para os meios de comunicação sobre sua partida de Dover hoje, talvez por causa do novo caso?” Ele está se referindo ao homem que sofreu o colapso em Norton’s Woods. “Talvez exista uma explicação lógica para que ela saiba. Uma explicação lógica diferente de Jack. Estou tentando manter a mente aberta.”

Não me parece que ele esteja tentando manter a mente aberta. Benton parece acreditar que Fielding contou à sra. Donahue por um motivo, que não faço ideia de qual seja. A menos que seja o que Marino disse há alguns minutos, que Fielding quer que eu perca o emprego.

"Você e eu sabemos a resposta." Ouço a convicção em meu tom de voz e percebo minha certeza do que Jack Fielding seria capaz de fazer. "Que eu saiba, nada apareceu nos noticiários. E mesmo que a sra. Donahue tenha descoberto dessa forma, isso não explica o fato de ela saber o número de cauda do helicóptero de Lucy. Não explica como soube que eu estava chegando de helicóptero e que pousaria em Hanscom, ou a que horas."

Benton dirige-se a Cambridge em meio à nevasca de flocos cada vez menores. O vento fustiga o utilitário, com rajadas e empuxos, a noite volátil e traiçoeira.

"Só que o motorista pensou que você fosse eu", acrescento. "Percebi pelo modo como ele estava lidando com você. Ele acha que você é Scarpetta, e a mãe de Johnny Donahue com certeza deve saber que não sou um homem."

"É difícil dizer o que ela sabe", retruca Benton. "Fielding é o legista no caso, não você. Como você mesma disse, tecnicamente não tem nada a ver com isso. Tecnicamente, não é a responsável."

"Eu sou a chefe e, no fim das contas, a responsável. No fim do dia, todos os casos de medicina legal de Massachusetts são meus. Então tenho alguma coisa a ver com isso, sim."

"Não foi o que eu quis dizer, mas fico satisfeito em te ouvir dizer isso."

É claro que não foi o que ele quis dizer. Não quero pensar a respeito do que ele quis dizer. Estive fora. De alguma forma, eu precisava estar em Dover e ao mesmo tempo manter o CFC em funcionamento sem mim. Talvez fosse pedir demais. Talvez eu tenha sido programada para o fracasso.

"Estou dizendo que, desde que o CFC inaugurou, você tem sido invisível", diz Benton. "Desapareceu em um blecaute de notícias."

"Propositadamente", retruco. "O AFMES não procura publicidade."

"É claro. Não estou culpando você."

"Escolha de Briggs." Dou voz ao que suspeito que Benton pode estar insinuando.

Ele não confia em Briggs. Nunca confiou. Sempre atribuí esse fato ao ciúme. Briggs é um homem muito poderoso e intimidador, e Benton não se sente poderoso ou intimidador desde que deixou o FBI; além disso, eu e Briggs temos um passado. Ele é uma das pouquíssimas pessoas que antecederam Benton e que continuam em minha vida. Tenho a sensação de que mal havia acabado de me tornar adulta quando o conheci.

"O AFMES não queria que você desse entrevistas a respeito do CFC ou fizesse qualquer referência pública relacionada a Dover até que o CFC tivesse sido inaugurado e seu treinamento fosse concluído", prossegue Benton. "Isso a manteve longe dos holofotes por algum tempo. Estou tentando lembrar a última vez em que você esteve na CNN. Foi, pelo menos, há um ano."

"E, coincidentemente, eu devia voltar à ribalta esta noite. E, coincidentemente, tive que cancelar. Pela terceira vez, já que minha volta foi várias vezes adiada."

"É. Coincidentemente. Muitas coincidências", diz Benton.

Talvez Briggs tivesse me exposto e feito isso de propósito. Quão inteligente seria me preparar para um emprego mais importante, o mais importante até aqui, enquanto me tornava sistematicamente menos visível? Para me silenciar. No fim das contas, para se livrar de mim. A ideia é chocante. Não acredito nela.

"Coincidências de quem, é isso que você precisa saber", diz Benton então. "E não estou dando como fato consumado que Briggs tenha feito alguma coisa maquiavélica. Ele não é a totalidade do Pentágono. É só uma engrenagem em uma máquina muito grande."

"Sei que você antipatiza com ele."

"É com a máquina que antipatizo. Ela vai estar sempre presente. Tenha a certeza de que compreende isso para não ser triturada por ela."

A neve estala e salta de encontro ao vidro à medida que passamos por campos abertos e bosques cerrados; um córrego corre acelerado contra o parapeito à nossa direita quando cruzamos uma ponte. O ar deve estar mais frio aqui, a neve cai miúda e gelada à medida que entramos e saímos de bolsões de tempo inconstante que julgo inquietantes.

"A sra. Donahue sabe que o legista-chefe e diretor do CFC, alguém chamado

Scarpetta, é o chefe de Jack", diz Benton então. "Tinha que saber já que se deu o trabalho de mandar te entregar alguma coisa. Mas talvez seja a única coisa que ela saiba", resume ele, propondo uma explicação para o que acaba de acontecer no aeroporto.

"Vamos examinar o que quer que seja." Quero o envelope.

"Isso devia ir para o laboratório."

"Ela sabe que eu sou chefe de Jack, mas não sabe que sou mulher." Parece absurdo, mas é possível. "Ainda que tudo que ela tivesse que fazer fosse colocar meu nome no Google."

"Nem todos usam o Google."

Lembro como me esqueço fácil de que no mundo existem pessoas pouco sofisticadas em termos tecnológicos, inclusive alguém que pode ter um chofer e um Bentley. Suas lanternas traseiras estão muito à nossa frente agora na via estreita de duas pistas, diminuindo e se distanciando à medida que o carro segue rápido demais para as condições.

"Você mostrou alguma identificação ao motorista?", pergunto.

"O que você acha?"

É evidente que Benton não faria isso. "Então ele não percebeu que você não é Scarpetta."

"Não com base em nada que eu tenha feito ou dito."

"Acho que a sra. Donahue vai continuar a pensar que Jack trabalha para um homem. É estranho Jack não ter dito a ela como me encontrar nem tenha indicado como seu motorista poderia me reconhecer, ao menos sugerido que sou uma mulher. Estranho. Não sei." Não estou convencida do que estamos pressupondo. Não parece certo.

"Eu não sabia que você estava com tantas dúvidas a respeito de Jack. Não que elas não sejam justificadas." Benton está tentando me fazer falar. É o agente do FBI que existe dentro dele. Não o vejo há algum tempo.

"Só não venha me dizer que eu deveria saber", protesto com sentimento. "Já ouvi isso hoje o suficiente."

"Só estou dizendo que eu não sabia."

"E tudo que eu sabia era das minhas dúvidas e negações de sempre com

respeito a ele", retruco. "Não tinha informações suficientes para estar mais preocupada que o normal." É meu jeito de pedir a Benton que me dê informações suficientes se ele as tem, que não aja como policial ou como profissional da área de saúde mental. *Não retenha informação*, estou pedindo.

Mas ele se segura. Não diz uma palavra. Sua atenção está voltada para a frente, seu perfil surge distinto sob a fraca claridade das luzes do painel. No nosso caso, foi sempre assim. Contornamos informação confidencial e privilegiada. Dançamos ao redor de segredos. Às vezes, mentimos. No início, enganamos, porque Benton era casado com outra pessoa. Ambos sabemos ludibriar. Não é algo de que me orgulhe e gostaria que isso não continuasse a ser necessário em termos profissionais. Especialmente neste exato momento. Benton está dançando ao redor de segredos e quero a verdade. Preciso dela.

"Olha, nós dois sabemos como ele é, e realmente ando invisível desde que o CFC inaugurou", continuo. "Estive em um vácuo, fazendo o melhor possível para lidar com tudo à distância enquanto cumpria jornadas de dezoito horas, sem tempo nem mesmo para conversar com minha equipe por telefone. Foi tudo eletrônico, na maioria das vezes via e-mails e PDFs. Quase não vi ninguém. Eu nunca deveria ter colocado Jack no comando sob tais circunstâncias. Quando o recontratei e saí da cidade, sujeitei todo mundo exatamente ao que aconteceu. Você me disse isso, e não foi o único."

"Você nunca quis acreditar que tem um problema sério com ele", diz Benton de um jeito que me deixa ainda mais insegura. "Mesmo que já tenha tido muitos. Às vezes não existem provas suficientes que façam você aceitar uma verdade na qual não suporta acreditar. Não consegue ser objetiva quando se trata dele, Kay. Não sei bem se alguma vez entendi o motivo."

"Você está certo e detesto admitir isso." Limpo a garganta e acalmo minha voz. "Sinto muito."

"Não sei se algum dia vou entender." Ele olha para mim de relance, com ambas as mãos ao volante; estamos sozinhos em uma via fustigada pela neve e mal iluminada, dirigindo em meio à escuridão coberta de flocos de gelo. O Bentley já não é visível à frente. "Não estou te julgando."

"Ele destruiu a vida dele e precisa de mim outra vez."

“Não é culpa sua que ele tenha destruído a própria vida, a menos que você tenha deixado de me contar alguma coisa. Na verdade, aconteça o que acontecer, não seria culpa sua. As pessoas destroem a própria vida. Não precisam dos outros para isso.”

“Não é inteiramente verdade. Ele não tem culpa do que aconteceu quando criança.”

“Nem você”, diz Benton, como se soubesse mais sobre o passado de Fielding do que lhe contei, os poucos detalhes que conheço. Sempre tive o cuidado de não sondar minha equipe, especialmente Fielding. Sei o suficiente a respeito das tragédias precoces pelas quais passou para dar atenção ao que ele talvez não queira discutir.

“É claro que isso parece uma bobagem”, acrescento.

“Não uma bobagem. Só um drama que vai sempre acabar do mesmo jeito. Nunca entendi completamente por que você sente a necessidade de fazer esse jogo. Tenho a impressão de que alguma coisa aconteceu. Alguma coisa que você não me contou.”

“Eu te conto tudo.”

“Nós sabemos que isso não é verdade com relação a nenhum dos dois.”

“Talvez eu deva ficar só com os mortos.” Ouço a amargura em minha voz, o ressentimento se infiltrando nas barreiras que construí cuidadosamente durante a maior parte da vida. Talvez eu já não saiba viver sem elas. “Sei lidar muito bem com os mortos.”

“Não fale assim”, diz Benton baixinho.

É porque estou cansada, digo a mim mesma. É por causa do que aconteceu esta manhã quando a mãe negra de um soldado negro morto me denegriu e xingou ao telefone, dizendo que sigo não a *Regra de Ouro*, e, sim, a *Regra dos Brancos.* Depois Briggs tentou sobrepujar minha autoridade. É possível que ele tenha armado para cima de mim. É possível que queira que eu me dê mal.

“É um estereótipo”, diz Benton então.

“O engraçado é que os estereótipos normalmente se baseiam em alguma coisa.”

“Não diga coisas desse tipo.”

“Não vai haver mais problemas com Jack. O drama vai acabar, prometo. Supondo que ele já não tenha dado um fim nisso, que já não tenha saído do emprego. Afinal, já fez isso antes. Ele tem que ser demitido.”

“Ele não é você, nunca poderia ser, e não é seu filho.” Benton acha que é simples assim, mas não é.

“Ele precisa ficar solto”, retruco.

“Ele é um patologista forense de quarenta e seis anos, que nunca mereceu sua confiança nem nada que você faz por ele.”

“Meu assunto com ele está encerrado.”

“Seu assunto com ele está encerrado. Temo que isso seja verdade e você vá ter que deixar Fielding ir embora”, diz Benton, como se a decisão já tivesse sido tomada, como se não dependesse de mim. “Por que você se sente tão culpada?” Há alguma coisa em seu tom de voz, alguma coisa em seu comportamento. Não consigo reconhecer o que é. “Lá atrás, em Richmond, quando você estava começando a trabalhar com ele. Por que a culpa?”

“Sinto muito ter causado tantos problemas.” Eu me esquivo da pergunta. “Estou com a sensação de ter deixado todo mundo na mão. Desculpe por não estar aqui. Não consigo expressar o quanto lamento. Assumo a responsabilidade por Jack e não vou mais permitir que isso aconteça.”

“Você não pode assumir a responsabilidade por certas coisas. Certas coisas não são culpa sua e sempre vou te lembrar disso, mas você provavelmente vai continuar acreditando que é culpada”, diz meu marido, o psicólogo.

Não vou discutir o que é ou não culpa minha, pois não posso contar por que motivo sempre fui irracionalmente leal a Jack Fielding. Voltei da África do Sul e minha penitência foi ele. Meu serviço público, o castigo que me dei. Eu estava desesperada para fazer justiça por Fielding, por estar convencida de ter prejudicado todos os demais.

“Vou dar uma olhada.” Estou me referindo ao que se encontra no bolso do casaco de Benton. “Sei como examinar uma carta sem comprometer o material e preciso ver o que a sra. Donahue me escreveu.”

Puxo o envelope segurando-o de leve pelas bordas e descubro que a aba está lacrada com fita adesiva cinza, que cobre parcialmente um endereço impresso

em uma fonte serifada em estilo antigo. Reconheço a rua em Beacon Hill, Boston, próxima ao jardim público, muito perto de onde Benton tem uma casa que está em sua família há gerações. Na frente do envelope está escrito KAY SCARPETTA: CONFIDENCIAL, com letra elaborada, feita com caneta-tinteiro, e tenho o cuidado de não tocar mais nada com as mãos nuas, especialmente a fita. É uma boa fonte de impressões digitais, DNA e materiais microscópicos. Impressões escondidas podem ser reveladas em superfícies porosas tais como papel por meio de um reagente como a ninidrina.

"Tem uma faca?" Pouso o envelope no colo. "E preciso que me empreste suas luvas."

Benton estende o braço e abre o porta-luvas; no interior há um canivete multifuncional Leatherman, uma lanterna, uma pilha de guardanapos. Ele puxa um par de luvas de camurça do bolso do casaco e minhas mãos se perdem dentro delas, mas não quero deixar impressões digitais nem apagar as de outra pessoa. Não acendo a luz interna do carro, mas a visibilidade está ruim e continua a piorar. Iluminando com a lanterna, introduzo uma pequena lâmina em um dos cantos do envelope.

Corto ao longo do topo e extraio duas folhas dobradas de papel de carta amarelado de gramatura alta com uma marca d'água que não consigo entender claramente, mas parece algum tipo de brasão ou insígnia de família. O cabeçalho é o mesmo endereço em Beacon Hill, e as duas páginas foram datilografadas em uma máquina de escrever com fonte cursiva, que é algo que não vejo há muitos anos, talvez há pelo menos uma década. Leio em voz alta:

Kay Scarpetta,

Espero que desculpe o que tenho certeza de que deve parecer um gesto inconveniente e arrogante de minha parte. Mas sou uma mãe desesperada, tão desesperada quanto é possível.

Meu filho Johnny confessou um crime que sei que ele não cometeu e que não poderia ter cometido. Ele decerto teve dificuldades ultimamente que resultaram em nossa busca de tratamento, mas, mesmo assim, nunca manifestou problemas sérios de comportamento, nem mesmo quando comecou Harvard

como um garoto introvertido e amedrontado de quinze anos. Se era para ter um colapso nervoso, acho que teria sido nessa ocasião, quando saiu de casa pela primeira vez, sem possuir as habilidades para interagir com as outras pessoas e fazer amigos. Ele se saiu extraordinariamente bem até o outono passado, em seu último ano, quando sua personalidade mudou de forma alarmante. Mas ele não matou ninguém!

O dr. Benton Wesley, consultor do fbI e integrante da equipe do Hospital McLean, conhece bem o histórico e os obstáculos evolucionários, e talvez tenha a liberdade de discutir esses detalhes com o senhor, visto que não pareceu inclinado a discuti-los com seu assistente, o dr. Fielding. A história de Johnny é longa e complexa, e preciso que a ouca. Basta dizer que quando ele foi admitido no McLean, na segunda-feira passada, foi por ter sido considerado um perigo para si próprio. Ele não havia ferido nenhuma outra pessoa, nem insinuado que poderia fazê-lo. Então, de repente, do nada, ele confessou esse crime odioso e terrível e foi rapidamente transferido a uma ala trancada, para os clinicamente insanos. Pergunto ao senhor, como é possível que as autoridades tenham acreditado tão prontamente em suas histórias absurdas e delirantes?

Preciso conversar com o senhor. Sei que sua instituicão realizou a autópsia do menino que morreu em Salem e creio que seja razoável solicitar uma segunda opinião. É evidente que tem conhecimento da conclusão do dr. Fielding - que o assassinato foi premeditado, cuidadosamente planejado, uma execucão a sangue-frio, que foi uma iniciacão para um culto satânico. Algo monstruoso assim é absolutamente inconsistente com qualquer coisa que meu filho poderia fazer a alguém, e ele nunca teve nada a ver com cultos de qualquer espécie. É absurdo presumir que sua predilecão por livros e filmes de terror, sobrenaturais ou violentos o tenha influenciado dessa maneira.

Johnny sofre da síndrome de Asperger. É espetacularmente dotado em certas áreas e completamente incompetente em outras. É obcecado por hábitos e rotinas muito rígidos, e, em 30 de janeiro, estava tomando um brunch no Biscuit com a pessoa mais próxima dele, uma aluna de pós-graduacão de extremo talento chamada Dawn Kincaid, exatamente como os dois fazem todas as manhãs de sábado das dez à uma da tarde. Ele não poderia, portanto, estar em Salem quando o menino foi morto, às três.

Johnny possui a extraordinária capacidade de lembrar e papagaiar os detalhes mais obscuros, e para mim está claro que o que disse às autoridades saiu direto do que lhe contaram sobre o caso e do que apareceu nos noticiários. Ele realmente parece acreditar que é culpado (por motivos que não compreendo) e afirma até mesmo que uma “perfuracão” em sua mão esquerda provém de um mau

disparo da pistola de pregos quando ele a usou no garoto, o que é falso. O ferimento foi causado por ele mesmo, uma perfuracão proveniente de uma faca e um dos muitos motivos por que o levamos ao McLean para início de conversa. Meu filho parece decidido a ser severamente punido por um crime que não cometeu, e, da forma como as coisas estão caminhando, vai ter seu desejo realizado.

Abaixo estão meus números de contato. Espero que o senhor tenha compaixão e que eu receba notícias suas em breve.

Atenciosamente,

Erica

Erica Donahue

6

Devolvo as folhas do papel de carta grosso e firme ao envelope, em seguida embrulho tudo em guardanapos que encontrei no porta-luvas e coloco no compartimento com zíper da minha bolsa. Uma das coisas que aprendi é que não é possível voltar atrás. Sempre que uma prova em potencial é cortada, contaminada ou perdida, é como a espátula de um arqueólogo despedaçando um tesouro antigo.

“Ela não sabe que somos casados”, comento enquanto as árvores se agitam ao vento ao longo da rodovia, a neve rodopiando lívida.

“Parece que não”, retruca Benton.

“O filho dela sabe?”

“Não discuto você nem minha vida pessoal com os pacientes.”

“Então ela não deve saber muita coisa sobre mim.”

Tento imaginar como é possível que Erica Donahue não tenha dito ao motorista que a pessoa a quem ele deveria entregar a carta é uma loura miúda, não um homem alto de cabelo grisalho.

“Ela usa máquina de escrever, supondo que tenha datilografado isso”, continuo a deduzir. “Mas quem quer que se dê o trabalho de lacrar o envelope para garantir confidencialidade provavelmente não vai deixar que outra pessoa datilografe a carta. Se ela ainda usa máquina de escrever, é pouco provável que utilize a internet ou o Google. O papel com marca d’água, a caneta-tinteiro, a fonte manuscrita da máquina, talvez seja uma pessoa purista, muito precisa, alguém que tem uma maneira muito estabelecida de fazer as coisas.”

“Ela é uma artista”, diz Benton. “Uma pianista clássica que não compartilha os interesses altamente tecnológicos do resto da família. O marido é físico nuclear. O filho mais velho é engenheiro em Langley. E Johnny, como ela salientou, é incrivelmente talentoso. Em matemática, ciências. Ter escrito essa carta não vai ajudar o filho. Eu gostaria que ela não tivesse feito isso.”

“Você parece muito envolvido com ele.”

“Detesto quando pessoas vulneráveis se tornam uma saída fácil para os outros. Só porque alguém é diferente e não age como o restante de nós deve ser culpado de alguma coisa.”

“Tenho certeza de que o promotor público de Essex não ficaria satisfeito ao ouvir você dizer isso.” Parto do princípio de que foi ele quem contratou Benton para avaliar Johnny Donahue, mas Benton não está agindo como consultor, e certamente não como consultor do gabinete do advogado distrital. Está agindo como outra coisa.

“Declarações enganosas, ausência de contato visual, confissões falsas. Um rapaz com Asperger e seu interminável isolamento e busca de amigos”, diz Benton. “Não é incomum que uma pessoa assim seja excessivamente influenciável.”

“E por que alguém ia querer influenciar Johnny para que ele assumisse a culpa por um crime violento?”

“Tudo que é necessário é a sugestão de alguma coisa suspeita. Por exemplo, que estranha coincidência você falar nessa coisa de ir para Salem e depois aparecer um menino assassinado lá. Tem certeza de que você se machucou quando prendeu a mão na gaveta, ou aconteceu de outro jeito e você não está lembrado? As pessoas veem culpa, então Johnny também vê. Ele é levado a dizer o que acha que os outros querem ouvir e a acreditar no que acha que querem acreditar. Não tem nenhuma compreensão das consequências do seu comportamento. Pessoas com síndrome de Asperger, em especial adolescentes, estão estatisticamente sobrerrepresentadas entre gente inocente que é presa e condenada.”

Os flocos de neve aumentam de repente e voam selvagemente como pétalas de corniso sob efeito do vento forte. Benton reduz a marcha no tiptronic e pisa de leve no freio.

“Talvez seja melhor encostar.” Não enxergo a rodovia; os faróis refletem a brancura que enxameia ao nosso redor.

“É só um foco de tempestade, como uma microprecipitação.” Ele debruça-se sobre o volante, olhando direto para a frente, enquanto somos fustigados por

rajadas de vento ameaçadoras. “Acho que é melhor passar por isso.”

“Talvez seja melhor parar.”

“Estamos em uma via asfaltada. Estamos na pista. Não tem nada vindo.” Ele checa os espelhos. “Nada atrás de nós.”

“Espero que você esteja certo.” Não me refiro apenas à neve. Tudo parece ameaçador, como se forças sinistras nos rodeassem, como se estivéssemos sendo advertidos.

“Não foi uma coisa inteligente. Foi bem-intencionada, mas não inteligente.” Benton dirige bem devagar através da brancura caótica. “É uma opinião, mas não vai ser útil. É melhor você não telefonar para ela.”

“Vou ter que mostrar a carta à polícia”, retruco. “Ou pelo menos contar a respeito, para eles decidirem o que querem fazer.”

“Ela só piorou a situação.” Ele diz isso como se fosse o responsável. “Não se envolva nisso, telefonando para ela.”

“Além de tentar influenciar o serviço médico legal, de que forma ela piorou a situação?”, pergunto.

“Vários pontos-chave estão incorretos. Johnny não lê terror, sobrenatural ou violento, nem assiste a filmes desse tipo, não que eu saiba, pelo menos, e esse detalhe não vai ajudar. Além disso, Mark Bishop não foi assassinado às três. Foi por volta das quatro. A sra. Donahue pode não se dar conta do que acaba de insinuar a respeito do filho”, diz Benton à medida que a ventania branca termina de forma tão repentina quanto começou.

Os flocos estão outra vez pequenos e gelados, rodopiando como areia sobre o asfalto e formando pequenos montes na beira da rodovia.

“Johnny estava no Biscuit com a amiga, isso é verdade”, prossegue Benton, “mas, segundo ele, ficou lá até as duas, não até uma. Aparentemente, os dois vão bastante lá, mas não estou ciente de ter um sistema rígido de ir ao Biscuit todos os sábados com ela das dez à uma.”

O Biscuit fica na Washington Street, a apenas quinze minutos de caminhada de nossa casa em Cambridge, e penso nos sábados em que Benton e eu entramos no pequeno café com cardápio escrito no quadro-negro e bancos de madeira. Pergunto-me se Johnny e sua amiga alguma vez estiveram lá quando Benton e eu

estávamos presentes.

“O que a amiga diz sobre a hora em que eles saíram do café?”, pergunto.

“Ela alega que se levantou da mesa por volta da uma da tarde e saiu, deixando ele sentado lá porque estava agindo de forma estranha e se recusou a ir com ela. Segundo a declaração dela à polícia, Johnny estava falando em ir até Salem para ler sua sorte, estava falando desenfreadamente nisso e continuava sentado à mesa quando ela saiu.”

Acho interessante que Benton tenha examinado uma declaração à polícia ou conheça os detalhes do que disse uma testemunha. Seu papel não é determinar culpa ou inocência, nem se preocupar com isso, mas avaliar se o paciente está dizendo a verdade e está apto a ir a julgamento.

“Alguém com Asperger teria dificuldade diante do conceito de leitura de cartas ou qualquer coisa dessa natureza”, Benton diz, e quanto mais ele relata, mais perplexa fico.

Benton está falando comigo como se fosse um detetive e estivéssemos trabalhando juntos no caso, ainda que seja enigmático quando se trata de Jack Fielding. Não há nada de casual nisso. Meu marido raramente deixa escapar informação, mesmo que aparente o contrário. Quando acha que devo tomar conhecimento de alguma informação que não pode me contar, ele descobre um jeito de fazer com que eu descubra. Quando decide que é melhor que eu não saiba, ele não me ajuda. É dessa forma frustrante que vivemos e posso ao menos dizer que nunca fico entediada com ele.

“Johnny não consegue pensar de forma abstrata, não consegue entender metáforas. Ele é muito concreto”, diz Benton.

“E as outras pessoas no café?”, pergunto. “Alguém poderia confirmar o que a amiga relatou ou o que Johnny afirma?”

“Nada mais conclusivo que ele e Dawn Kincaid terem ficado lá na manhã de sábado”, responde Benton, e não me recordo de tê-lo visto tão preocupado com alguém que avaliou. “Desconheço que isso fosse uma rotina semanal e, quando Johnny confessou, vários dias já haviam se passado. É incrível como as pessoas não se lembram das coisas, e então começam a fazer suposições.”

“Tudo que você tem é o que Johnny está dizendo e agora o que a mãe dele

escreveu", reitero. "Johnny diz que saiu do Biscuit às duas, então não teria tempo de ir até Salem e cometer o assassinato por volta das quatro. Mas a mãe dele diz que saiu à uma, e aí ele teria tempo suficiente."

"Como eu disse, isso não vai ajudar. O conteúdo da carta é muito ruim para ele. Até agora, o único álibi que mostraria que a confissão é conversa fiada é a cronologia. Mas uma hora poderia fazer toda a diferença."

Imagino Johnny erguendo-se da mesa no Biscuit por volta da uma da tarde e dirigindo-se a Salem. Dependendo do tráfego e de quando ele de fato saiu de Cambridge ou de Somerville e seguiu rumo ao norte pela I-95, pode ter chegado à casa dos Bishop por volta das duas, duas e meia.

"Johnny tem carro?", pergunto.

"Ele não sabe dirigir."

"Um táxi, o trem? Não a balsa nesta época do ano. Só começa a funcionar na primavera, e ele teria que embarcar em Boston. Mas você está certo. Sem carro, Johnny levaria mais tempo para chegar lá. Uma hora faria diferença para alguém que precisava procurar transporte."

"Só não entendo onde ela conseguiu esse detalhe", diz Benton. "Bom, talvez através dele. Talvez ele tenha mudado a história novamente. Johnny disse que saiu do Biscuit às duas, não à uma, mas talvez tenha alterado esse detalhe bastante decisivo porque acha que é o que alguém quer ouvir. Mas seria esquisito, muito esquisito."

"Você esteve com ele esta manhã."

"Eu não o influenciaria a alterar um detalhe."

Benton está dizendo que o detalhe é novo e que não acredita que Johnny tenha mudado sua história no que diz respeito à hora em que deixou o café. Parece que a sra. Donahue simplesmente cometeu um engano, mas, quando tento imaginar a situação, parece estranho.

"De todo jeito, como ele teria chegado a Salem?", pergunto.

"Ele pode ter pegado um táxi ou o trem, mas também não existem provas de que tenha feito isso. Não foi visto por ninguém, não foram encontrados recibos, nada que prove que já esteve em Salem ou que tinha alguma ligação com a família Bishop. Não há nada a não ser a confissão", diz Benton, enquanto seus

olhos se deslocam para o espelho retrovisor. “A história dele é exatamente o que tem saído nos noticiários, e Johnny modifica os detalhes conforme as notícias e teorias mudam. Essa parte da carta da mãe está certa. Ele papagueia os detalhes palavra por palavra. Inclusive se alguém sugere um novo cenário ou informação — se o comanda, em outras palavras. Sugestionabilidade, vulnerabilidade à manipulação, agir de forma a gerar desconfiança são sinais inconfundíveis da síndrome de Asperger.” Ele torna a olhar de relance para o espelho. “E atenção aos detalhes, a minúcias que podem parecer esquisitas para os outros. Como a hora. Ele sempre sustentou que saiu do Biscuit às duas da tarde. Duas e três, para ser exato. Você pergunta a Johnny que horas são ou a que horas ele fez alguma coisa e ele vai informar com a precisão de segundos.”

“Então por que mudaria esse detalhe?”

“Na minha opinião, não mudaria.”

“Se ele realmente quer que as pessoas acreditem que assassinou Mark Bishop, parece que o melhor seria dizer que saiu mais cedo.”

“Não é que queira que as pessoas acreditem nisso. É que ele acredita nisso. Não por causa daquilo que lembra, mas por causa do que não lembra e por causa do que tem sido sugerido.”

“Por quem? Parece que Johnny confessou antes mesmo de se tornar um suspeito e ser interrogado. Portanto, não foi induzido a uma falsa confissão pela polícia, por exemplo.”

“Ele não lembra. Está convencido de que sofreu um episódio dissociativo depois que saiu do Biscuit às duas da tarde, de alguma forma chegou a Salem e matou o garoto com uma pistola de pregos…”

“Ele não fez isso”, interrompo. “Garanto. Ele não matou Mark Bishop com uma pistola de pregos. Ninguém matou.”

Benton nada diz à medida que acelera, os flocos de neve pequenos novamente, parecendo brita de encontro ao carro.

“Além disso, é evidente que a sra. Donahue interpretou mal a opinião médica de Jack.” Falo com convicção enquanto outra parte minha não para de se preocupar com a forma como devemos lidar com ela. Cogito fazer o que disse Benton e não telefonar. Em vez disso, vou pedir a meu assistente administrativo,

Bryce, que faça contato com ela cedo pela manhã para dizer que lamento, mas não estou autorizada a discutir o caso de Mark Bishop ou nenhum outro. É importante que Bryce não dê a impressão de que estou muito ocupada, de que estou impassível diante da angústia da sra. Donahue, o que me faz pensar novamente na mãe do soldado de primeira classe Gabriel, nas coisas dolorosas que ela me disse de manhã em Dover. “Imagino que você tenha examinado o relatório da autópsia”, digo a Benton.

“Examinei.”

“Então você sabe que não há nada no relatório de Jack que mencione uma pistola de pregos, só que ferimentos causados por pregos, que penetraram o cérebro, foram a causa da morte.” Concluo que não posso permitir que Bryce faça uma chamada como essa em meu nome. Eu mesma vou telefonar e pedir à sra. Donahue que não entre em contato comigo novamente. Vou enfatizar que é para sua própria proteção. Então me sinto cheia de dúvidas, indo e voltando a respeito do que fazer, já não tão segura de mim. Sempre tive confiança em minha capacidade de lidar com gente inconsolável, despojada e furiosa, mas não entendo o que aconteceu esta manhã. A sra. Gabriel me chamou de preconceituosa. Ninguém nunca me chamou de preconceituosa.

“Uma pistola de pregos não foi descartada pelas pessoas que contam”, informa Benton. “Inclusive Jack.”

“Acho isso quase impossível de acreditar.”

“Foi o que ele andou dizendo.”

“É a primeira vez que ouço isso.”

“Jack disse para todo mundo. Não me interessa o que está escrito no relatório dele, na papelada que você viu”, repete Benton enquanto olha pelo retrovisor.

“Por que ele diria algo diferente dos relatórios?”

“Estou simplesmente retransmitindo a você que sei com certeza que ele andou dizendo que uma pistola de pregos foi a arma.”

“Dizer que foi usada uma pistola de pregos é absolutamente contrário a provas científicas e médicas.” No espelho lateral, vejo faróis atrás de nós. “Uma pistola de pregos deixa marcas consistentes com um único golpe mecanizado, semelhante à impressão de um gatilho na cápsula de um cartucho. Em vez disso,

o que temos nesse caso são as marcas de um instrumento sobre pregos, que são consistentes com um martelo de mão, e havia marcas de martelo no couro cabeludo e no crânio do garoto, além de contusões de padrão compatível. As pistolas de pregos muitas vezes deixam um resíduo semelhante ao de um tiro, mas os ferimentos de Mark Bishop deram negativo para chumbo e bário. Não foi usada uma pistola de pregos e estou francamente surpresa se o que você está insinuando é que a polícia e o promotor acreditam no contrário."

"Não é difícil entender algumas coisas em que as pessoas optam por acreditar nesse caso", diz Benton e acelera, atingindo o limite de velocidade.

Torno a olhar para o espelho lateral e os faróis estão muito mais próximos. Luzes brilhantes branco-azuladas resplandecem. Um SUV grande, com faróis de xenônio e de neblina. *Marino*, penso. E atrás dele, espero, está Lucy.

"E querem acreditar que a confissão de Johnny é verdadeira, como eu disse", prossegue Benton. "Querem achar que foi um ataque de surpresa, que Mark Bishop não imaginava que isso ia acontecer, ou teria lutado. Ninguém quer pensar que uma criança foi subjugada e sabia o que ia acontecer enquanto alguém enfiava pregos em seu crânio com um martelo, pelo amor de Deus."

"Ele não tinha nenhum ferimento de defesa, não havia evidências de luta ou de sujeição. Está no relatório de Jack. Tenho certeza de que você viu, e tenho certeza que ele explicou tudo isso ao promotor, à polícia."

"Quem me dera você tivesse feito a autópsia." Benton desvia o olhar para os espelhos.

"O que exatamente Jack andou dizendo além do que li? Além da possibilidade da pistola de pregos?"

Benton não responde.

"Talvez você não saiba", acrescento então, mas acho que sabe.

"Ele disse que não podia descartar a pistola de pregos", esclarece Benton. "Disse que não é possível afirmar de forma definitiva. Disse isso depois que foi questionado por causa do que Johnny alegou na confissão. Jack foi específica e diretamente questionado se uma pistola de pregos poderia ter sido usada."

"A resposta é definitivamente não."

"Ele garantiu que não era possível dizer de forma definitiva nesse caso. Que

pode ter sido uma pistola de pregos.”

“Estou te dizendo que não é possível, e que é possível afirmar de forma definitiva”, retruco. “E essa foi a primeira vez que ouvi falar de uma pistola de pregos, a não ser pelo que foi publicado na internet, que descartei, como descarto sempre, a menos que confie na fonte.”

“Jack sugeriu que, se você pressionasse uma pistola de pregos contra a cabeça de alguém, obteria uma ferida de contato similar à produzida pelo disparo de uma arma de fogo. E é possível que seja o que observamos no couro cabeludo e no tecido subjacente. E isso explicaria por que não há evidência de luta ou de que o garoto soubesse o que estava acontecendo.”

“Você não obteria uma ferida de contato similar ao disparo de uma arma de fogo e não é possível”, retruco. “Os ferimentos que vi em fotografias são marcas de martelo, e só porque não havia evidência de luta não significa que o menino não tenha sido de alguma forma coagido, persuadido ou manipulado no sentido de cooperar. Parece que certas partes estão optando por ignorar as provas do caso por causa daquilo em que querem acreditar. Isso é extremamente perigoso.”

“Acho que é Fielding quem está ignorando as provas do caso. Talvez intencionalmente.”

“Meu Deus, Benton. Ele pode ser um monte de coisas…”

“Ou é negligência. Um ou outro”, diz Benton e creio que ele tem alguma coisa em mente. “Escute. Você fez o melhor que pôde nos últimos seis meses.”

“O que isso quer dizer?” Sei o que quer dizer. Exatamente o que temi todos os dias em que estive fora.

“Lembra quando ele era seu amigo na idade das trevas, em Richmond?” Benton está se aproximando de uma zona proibida, mesmo que não saiba disso. “Desde o primeiro dia, ele não suportava trabalhar com crianças, isso é a mais absoluta verdade, como você já apontou. Quando entrava uma, ele desaparecia no ato, às vezes durante dias seguidos. E você circulava de carro, tentando encontrar Jack, indo à casa dele, ao seu bar preferido, à academia ou ao tae kwon do, e ele bebia até cair ou quase matava alguém de porrada. Não que algum de nós goste de lidar com crianças mortas, pelo amor de Deus, mas ele tinha um problema sério.”

Eu deveria ter incentivado Fielding a ingressar na patologia cirúrgica, a trabalhar em algum laboratório hospitalar, fazendo biópsias. Em vez disso, fui sua mentora e o promovi.

“Mas ele pegou o caso de Mark Bishop”, diz Benton. “Poderia ter passado o garoto para um dos outros médicos. Só espero que ele não tenha mentido; acima de tudo, realmente espero que ele não tenha feito isso.” Mas Benton acha que Fielding está mentindo. Dá para notar.

“Acima do quê?”, pergunto enquanto olho para o espelho lateral, perguntando-me por que Marino está colando no nosso para-choque.

“Espero que não tenha sido incentivado a sugerir a possibilidade da pistola de pregos quando ele sabe que é impossível.” Benton tem o hábito de olhar para os espelhos sem mover a cabeça. Devido a todos os anos de trabalho como agente secreto, vigiando as próprias costas. Certos hábitos nunca desaparecem.

“Quem?”, pergunto.

“Não sei.”

“Você parece saber. Mas não vai me dizer.” Não adianta pressioná-lo. Se não diz, é porque não pode. Vinte anos dessa dança e nunca fica mais fácil.

“Os policiais querem o caso resolvido, isso é certo”, diz Benton. “Querem que a pistola de pregos seja a arma porque foi o que Johnny confessou e porque é mais fácil de lidar com essa ideia do que com a do martelo. Mas me preocupo com a influência sobre Jack.”

“Você sabe que alguém o influenciou? Ou é só uma hipótese?”

“Acho que ele está influenciando as pessoas”, diz Benton em seguida, e é isso o que realmente pensa.

“Queria que Marino saísse da nossa cola. Esses faróis estão me cegando. O que ele está fazendo?”

“Não é Marino”, diz Benton. “Ele não tem faróis assim e tem placa dianteira. Esse carro não. É de um estado que não exige placa dianteira, ou então ela foi removida ou coberta.”

Viro-me para ver e os faróis ferem meus olhos. O utilitário está a pouca distância de nós.

“Talvez seja alguém tentando ultrapassar”, reflito em voz alta.

“Vamos ver. Mas acho que não.” Benton reduz a velocidade e o utilitário faz o mesmo. “Então vou te obrigar a nos ultrapassar, o que acha?” Ele está falando com o motorista atrás de nós. “Pegue o número da placa traseira quando ele passar.”

Quase paramos, e o utilitário também. Dá uma ré rápida e uma guinada de cento e oitenta graus, seguindo em sentido contrário, rabeando à medida que acelera noite adentro na rodovia coberta de neve. Não consigo distinguir a placa na traseira nem qualquer detalhe do utilitário, exceto que é escuro e grande.

“Por que alguém estaria nos seguindo?”, pergunto a Benton como se ele soubesse a resposta.

“Não faço ideia do que tenha sido isso.”

“Alguém estava nos seguindo. Foi isso. Muito de perto por causa do tempo, porque a visibilidade está tão ruim que você tem que ficar perto ou pode perder a pessoa de vista se ela fizer uma curva.”

“Algum idiota”, diz Benton. “Ninguém sofisticado. A menos que quisesse que a gente soubesse, ou tenha pensado que não íamos perceber.”

“Como é possível? Acabamos de passar por uma nevasca. De onde esse carro saiu? Do nada?”

Benton pega seu telefone e tecla um número.

“Onde você está?”, pergunta a quem quer que tenha atendido. Após uma pausa, acrescenta: “Um utilitário grande com faróis de neblina e xenônio, sem placa dianteira, colado na gente. Isso mesmo. Fez a volta e disparou em sentido contrário. Isso, na Rota Dois. Algum carro assim passou por você? Bom, é estranho. Ele deve ter entrado em algum desvio. Bom, se… Certo. Obrigado.”

Benton recoloca o telefone no console e explica: “Marino está alguns minutos atrás de nós, e Lucy está logo atrás dele. O utilitário desapareceu. Se alguém foi idiota o suficiente para nos seguir, vai tentar outra vez e vamos descobrir. Se o objetivo é nos intimidar, então quem quer que seja não conhece o alvo”.

“Agora nós somos alvos.”

“Alguém mais esperto não tentaria isso.”

“Por sua causa.”

Benton não responde. Mas o que eu disse é verdade. Quem sabe alguma coisa

sobre Benton estaria ciente do quão imprudente é achar que ele pode ser intimidado. Sinto sua rispidez, sua aura dura como aço. Sei o que ele é capaz de fazer quando ameaçado. Ele e Lucy são parecidos. Recebem com prazer o confronto. Benton só é mais calmo, mais calculista e contido que minha sobrinha.

"Erica Donahue." É o primeiro pensamento que me vem à mente. "Ela já mandou uma pessoa nos interceptar e duvido que perceba quão perigoso é o bonito e charmoso psicólogo de Harvard que atende o filho dela."

Benton não sorri. "Isso não tem lógica."

"Quantas pessoas sabem do nosso paradeiro?" Não faz sentido tentar aliviar o clima, que é tenso. Benton tem seu próprio esquema de vigilância. É diferente do esquema de Lucy, e ele esconde muito melhor. "Ou do meu paradeiro. Quantas pessoas sabem?", continuo. "Não só a mãe ou o motorista. O que Jack fez?"

Benton torna a acelerar e não responde.

"Você não acha que Jack tem algum motivo para nos intimidar, não é? Ou tentar", digo então.

Benton não responde e seguimos em silêncio; não há sinal do utilitário com faróis de neblina e xenônio.

"Lucy acha que ele está bebendo muito." Benton por fim recomeça a falar. "Mas você deve ouvir isso dela. E de Marino." Seu tom de voz é monótono e percebo falta de clemência nele. Não sente nada além de desprezo por Fielding, mesmo que silencie a respeito na maioria das vezes.

"Por que Jack ia mentir? Por que tentaria influenciar alguém?" Estou de volta a esse tópico.

"Aparentemente, ele tem chegado tarde e desaparecido, e está com problemas de pele outra vez." Benton não responde minha pergunta. "Espero que não esteja tomando esteroides, especialmente na idade dele."

Abro mão da defesa habitual de que quando Fielding está intensamente estressado tem problemas de eczema e alopecia que não consegue evitar. Ele sempre foi obcecado pelo próprio corpo, é um caso clássico de vigorexia ou transtorno dismórfico muscular, e muito provavelmente isso pode ser atribuído ao abuso sexual que sofreu quando menino. Seria absurdo percorrer a lista, e não

vou fazê-lo dessa vez. Para variar. Continuo a inspecionar o espelho lateral. Mas os faróis de xenônio e neblina se foram.

“Por que ele ia mentir sobre esse caso?”, torno a perguntar. “Por que ia querer influenciar qualquer um?”

“Não consigo imaginar como é possível fazer uma criança ficar parada para aquilo”, diz Benton, e ele está pensando na morte de Mark Bishop. “A família estava em casa e diz que não ouviu gritos, não ouviu nada. Eles alegam que Mark estava brincando num minuto e no outro estava caído de bruços no quintal. Estou tentando visualizar o que aconteceu e não consigo.”

“Tudo bem. Vamos conversar sobre isso, já que você não vai responder minha pergunta.”

“Tentei imaginar o ocorrido, tentei reconstruir a situação e não consegui. A família estava em casa. Não é um quintal grande. Como é possível que ninguém tenha visto uma pessoa ou ouvido alguma coisa?”

Seu rosto está sombrio quando passamos pelo Lanes & Games, onde Marino joga boliche. Como se chama a equipe? *Não poupe ninguém.* Seus novos amigos, policiais e militares.

“Pensei que já tivesse visto tudo, mas não consigo imaginar como aconteceu”, Benton continua nesse assunto porque não pode ou não vai me falar o que de fato tem em mente a respeito de Fielding.

“Uma pessoa que sabia exatamente o que estava fazendo.” Visualizo a cena. Imagino em detalhes penosos o que o assassino executou. “Alguém que conseguiu deixar o garoto à vontade, talvez o tenha seduzido para que fizesse o que pedia. Talvez Mark tenha pensado que aquilo fazia parte de um jogo, uma fantasia.”

“Um estranho apareceu no quintal e fez com que o menino participasse de um jogo que envolvia ter pregos martelados em sua cabeça — ou fingir que isso estava ocorrendo, o que é mais provável”, reflete Benton. “Talvez. Mas um estranho? Não sei. Senti falta de conversar com você.”

“Não foi um estranho, ou pelo menos não para Mark. Desconfio que tenha sido alguém de quem ele não tinha motivos para desconfiar — não importa o que a pessoa tenha lhe pedido para fazer.” Tomo por base o que sei a respeito de seus

ferimentos ou da ausência deles. “O corpo não mostrava sinais de que ele estivesse aterrorizado ou em pânico, de alguém tentando lutar ou fugir. Acho que é provável que estivesse familiarizado com o assassino e se sentisse inclinado a cooperar por algum motivo. Também senti falta de conversar com você, mas estou aqui agora e você não está conversando comigo.”

“Estou conversando com você.”

“Um dia desses vou colocar pentotal sódico na sua bebida. E descobrir tudo que você nunca me contou.”

“Se funcionasse, eu pagaria na mesma moeda. Mas então nós dois teríamos problemas sérios. Você não quer saber tudo. Ou não deve. E eu provavelmente também não.”

“Quatro da tarde de 30 de janeiro.” Estou pensando em quão escuro estava quando Mark foi assassinado. “A que horas o sol se pôs? Como estava o tempo?”

“Estava completamente escuro às quatro e meia, frio, nublado”, diz Benton, que, se estivesse investigando o caso, teria se informado sobre esses detalhes antes de qualquer outra coisa.

“Estou tentando lembrar se havia neve no chão.”

“Não em Salem. Muita chuva por causa do porto. A água aquece o ar.”

“Então ninguém recuperou pegadas no quintal dos Bishop.”

“Não. Às quatro estava escurecendo e o quintal estava na sombra dos arbustos e árvores”, informa Benton como se fosse o detetive no caso. “De acordo com a família, a sra. Bishop, a mãe, saiu às quatro e vinte para chamar Mark para entrar e encontrou o menino caído de bruços em cima das folhas.”

“Por que estamos supondo que ele tinha acabado de ser morto quando a mãe o encontrou? Os achados físicos com certeza não permitem precisar a hora da morte exatamente às quatro da tarde.”

“Pelo fato de que os pais se recordam de ter olhado pela janela aproximadamente às quinze para as quatro e terem visto Mark brincando”, esclarece Benton.

“Brincando? O que isso quer dizer exatamente? Que tipo de brincadeira?”

“Não sei ao certo.” Benton e sua atitude evasiva outra vez. “Eu gostaria de

conversar com a família.” Desconfio que já tenha conversado. “Há um monte de detalhes faltando. Mas ele estava brincando sozinho no quintal e, quando a mãe olhou pela janela por volta das quatro e quinze, não viu o filho. Então saiu para chamar o garoto e o encontrou. Tentou acordar o menino, depois o pegou e levou correndo para dentro. Ligou para a emergência exatamente às quatro e vinte e três, estava histérica, disse que o filho não estava se mexendo nem respirando, que estava preocupada que ele estivesse engasgado.”

“Por que ela achou que ele pudesse estar engasgado?”

“Aparentemente, antes de sair para brincar, ele enfiou no bolso algumas balas que tinham sobrado do Natal. Balas duras, e a última coisa que ela disse ao filho quando ele saiu porta afora foi para não chupar enquanto estivesse correndo ou pulando.”

Não posso evitar pensar que esse é o tipo de detalhe que Benton teria obtido dos Bishop em pessoa. Conversou com eles.

“E não sabemos do que estava brincando? Ele estava sozinho, correndo e pulando?”, pergunto.

“Acabei envolvido nesse caso depois que Johnny confessou.” Benton está sendo evasivo novamente. Por algum motivo, não quer conversar a respeito do que Mark estava fazendo no quintal. “A sra. Bishop disse mais tarde à polícia que não viu ninguém na área, que não havia sinais de que tivesse entrado na propriedade e que não sabia, até os médicos o examinarem, que ele tinha sido assassinado. Os pregos foram martelados até o fundo; o cabelo escondeu e não havia sangue. E os sapatos desapareceram. Ele estava com tênis Adidas enquanto brincava no quintal. Eles sumiram e ainda não apareceram.”

“Um menino brincando no quintal perto de escurecer. Mais uma vez, é difícil imaginar que fosse cooperar com um estranho. A menos que fosse alguém que representava alguma coisa em que ele instintivamente confiava.” Continuo a defender essa tese.

“Um bombeiro. Um policial. O cara que dirige o caminhão de sorvete. Esse tipo de coisa”, Benton reflete com facilidade, como se fosse seguro conversar sobre isso. “Ou pior. Um membro da própria família.”

“Um membro da família mataria o garoto de forma tão sádica e depois tiraria

seus sapatos? Tirar os sapatos dá a ideia de que o assassino queria uma lembrança.”

“Ou queria que pensassem nisso”, diz Benton.

“Não sou psicóloga forense”, digo então. “Estou desempenhando seu papel e não devia fazer isso. Eu gostaria de ver onde aconteceu. Jack não foi à cena do crime e devia ter feito uma visita retrospectiva.” Meu humor piora quando digo isso. Ele não foi à cena de Mark Bishop e não foi a Norton’s Woods.

“Ou outro garoto. Crianças jogando um jogo que acabou se tornando mortal”, diz Benton.

“Se foi outro garoto”, retruco, “estava muito bem informado em termos anatômicos.”

Visualizo as fotografias da autópsia, a cabeça do garoto com o couro cabeludo iluminado por trás. Visualizo as tomografias computadorizadas, imagens tridimensionais de quatro pregos de ferro de cinco centímetros penetrando o cérebro.

“Quem quer que tenha feito isso não podia ter escolhido posições mais letais para introduzir os pregos”, explico. “Três atravessaram o osso temporal acima da orelha esquerda e penetraram a ponte. Um foi pregado na parte posterior do crânio, direcionado para o alto, então lesionou a junção cérvico-medular, ou a medula cervical superior.”

“Em quanto tempo ele morreu?”

“Quase instantaneamente. Só o prego na parte posterior da cabeça o teria matado em minutos, tanto quanto uma pessoa leva para morrer quando não consegue mais respirar. Lesões nos níveis C-1 e C-2 da medula espinhal interferem na respiração. A polícia, o promotor, um corpo de jurados, por sinal, teriam dificuldade em acreditar que outra criança poderia ter feito isso. Parece que causar a morte, a morte quase imediata, era a intenção, e o ato foi premeditado, a menos que houvesse martelo e pregos na cena do crime, no quintal ou na casa e, segundo todos os registros, não havia. Certo?”

“Havia um martelo. Mas que casa não tem um martelo? E as marcas da ferramenta não coincidem. Você sabe disso pelos relatórios do laboratório. Não havia pregos como os que mataram o menino. Não foram encontrados na

residência da família, nem uma pistola de pregos", informa Benton.

"Eram pregos em L, usados para pregar assoalhos."

"Segundo a polícia, nenhum prego desses foi encontrado na residência", repete ele.

"Ferro, não aço inoxidável." Prossigo com detalhes das fotografias, dos relatórios do laboratório, e simultaneamente ouço a mim mesma, estou ciente de que examino o caso com Benton como se fosse meu. Como se fosse dele. Como costumávamos investigar casos no início do relacionamento. "Com traços de ferrugem apesar da camada protetora de zinco, o que sugere que não eram novos", continuo. "Que talvez tivessem sido expostos a umidade, possivelmente água salgada."

"Não havia nada assim na cena do crime. Nenhum prego em L, absolutamente nenhum prego de ferro", diz Benton. "O pai andou espalhando o boato da pistola de pregos, pelo menos publicamente."

"Publicamente. O que significa que ele contou à imprensa", presumo.

"Isso."

"Mas quando? Ele contou à imprensa quando? É isso que importa. De onde saiu o boato e quando. Sabemos que isso começou com o pai, e, se foi assim, é significativo. Pode implicar que está oferecendo um álibi, sugerindo uma arma que não possui, que está tentando conduzir a polícia na direção errada."

"Concordo", diz Benton. "O sr. Bishop pode ter sugerido isso aos meios de comunicação, mas a questão é: alguém sugeriu isso a ele primeiro?"

Detecto mais sutilezas. Ocorre-me que Benton sabe como o boato da pistola de pregos começou. Sabe quem o originou e não é difícil adivinhar o que ele está insinuando. Jack Fielding está tentando influenciar as pessoas sobre o caso. Talvez esteja por trás do boato que agora está em todos os noticiários.

"Devíamos fazer uma retrospectiva. Estou tentando lembrar o nome do detetive em Salem." Há tanto por fazer, tanta coisa que deixei escapar. Mal sei por onde começar.

"Saint Hilaire. James."

"Não conheço." Sou uma estranha em minha própria vida.

"Ele está convencido da culpa de Johnny Donahue e estou realmente

preocupado que seja só uma questão de tempo até que Johnny seja acusado de assassinato em primeiro grau. Precisamos agir rápido. Quando Saint Hilaire ler o que a sra. Donahue escreveu, as coisas vão piorar. Ele vai ficar mais convencido da culpa de Johnny. Temos que fazer alguma coisa rápido", diz Benton. "Eu não devia me preocupar, mas me preocupo. Johnny não fez isso e nenhum júri vai gostar dele. Ele é inconveniente. Interpreta mal as pessoas e elas o interpretam mal. Acham que é insensível e arrogante. Ri de coisas que não são engraçadas. É rude e obtuso, e não faz ideia disso. A coisa toda é absurda. Uma caricatura. Provavelmente, um dos exemplos de confissão falsa mais claros que já vi."

"Então por que continua em uma unidade fechada no McLean?"

"Ele precisa de tratamento psiquiátrico, mas não, não devia estar trancafiado em uma unidade com pacientes psicóticos. Essa é minha opinião, mas ninguém me dá ouvidos. Talvez você possa falar com Renaud e Saint Hilaire e eles te ouçam. Vamos até Salem e analisamos o caso com eles. Enquanto estivermos lá, damos uma olhada em tudo."

"E o colapso nervoso de Johnny?", pergunto. "Se acreditarmos na mãe, ele estava bem nos primeiros três anos em Harvard e de repente teve que ser hospitalizado. Quantos anos Johnny tem?"

"Dezoito. Voltou a Harvard no outono passado para começar o último ano e estava visivelmente alterado", explicou Benton. "Verbal e sexualmente agressivo e cada vez mais agitado e paranoico. Com o pensamento desorganizado e as percepções distorcidas. Sintomas semelhantes à esquizofrenia."

"Drogas?"

"Não existe absolutamente nenhuma evidência. Ele foi submetido a exames quando confessou o assassinato e deram negativo; até seu cabelo deu negativo para drogas e álcool. Sua amiga da pós, Dawn Kincaid, está no MIT, e ela e Johnny estavam trabalhando juntos em um projeto. Ela ficou tão preocupada que por fim ligou para a família dele. Isso foi em dezembro. Então, há uma semana, Johnny foi internado no McLean com uma facada na mão e disse ao psiquiatra que tinha assassinado Mark Bishop, alegando que pegou o trem para Salem levando uma pistola de pregos na mochila. Disse que precisava de um sacrifício humano para se livrar de uma entidade maligna que tinha assumido o controle de

sua vida.”

“Por que pregos? Por que não outra arma?”

“Tem alguma coisa a ver com os poderes mágicos do ferro. E grande parte disso apareceu no noticiário.”

Eu me lembro de ter visto alguma coisa na internet sobre osso do diabo e menciono o fato.

“Exatamente. É como o ferro era chamado no antigo Egito”, retruca Benton. “Vendem osso do diabo em algumas lojas em Salem.”

“Dispostos em X. A pessoa carrega em uma bolsa de cetim vermelho. Já vi em algumas lojas de bruxaria. Mas não o mesmo tipo de pregos. Os das lojas de bruxaria parecem mais cravos, têm que parecer antiguidade. E duvido que sejam tratados com zinco, que sejam galvanizados.”

“Supostamente, o ferro protege contra espíritos malignos, daí a explicação dele para ter usado pregos de ferro. E a história não tem nada de original; como você já sinalizou, foi uma das teorias que apareceram em todos os noticiários nos dias que antecederam a confissão dele do assassinato.” Benton faz uma pausa, depois acrescenta: “Sua própria repartição sugeriu a magia negra como motivador, aparentemente por causa da ligação com Salem”.

“Não é nosso trabalho apresentar teorias. Nosso trabalho é sermos imparciais e objetivos, então não sei o que você está querendo dizer quando afirma que sugerimos tal coisa.”

“Só estou dizendo que isso foi discutido.”

“Com quem?” Mas sei a resposta.

“Jack sempre foi irresponsável. Mas parece ter perdido o pouco controle que tinha”, diz Benton.

“Acho que já constatei que Jack é um problema que não posso mais tentar resolver. Sobre o que era o projeto?” Volto ao que Benton mencionou a respeito da amiga de Johnny Donahue no MIT. “E qual é o curso dele?”

“Ciências da computação. Desde o início do verão passado, ele estava estagiando na Otwahl Technologies em Cambridge. Como salientou a mãe, Johnny é excepcionalmente talentoso em algumas áreas…”

“Fazendo o quê?” Visualizo a sólida fachada de concreto que se ergue como a

represa Hoover a pouca distância do local por onde acabamos de passar, a parte de Cambridge onde o utilitário com faróis de xenônio nos seguiu antes de desaparecer.

"Engenharia de software para UGVs e tecnologias relacionadas", informa Benton como se não fosse nada demais porque ele não sabe o que faço no que concerne aos UGVs.

Veículos terrestres não tripuláveis. Robôs militares como o protótipo MORT no apartamento do homem morto.

"O que está acontecendo aqui, Benton?", pergunto, carregada de sentimento. "Por Deus, o que está acontecendo?"

7

A tempestade aquietou, o vento está muito mais brando agora e a neve já tem vários centímetros de profundidade. O tráfego é constante na Memorial Drive, sendo o clima de pouca importância para as pessoas acostumadas ao inverno de New England.

O telhado das repúblicas e os campos esportivos do MIT estão cobertos por um branco compacto no lado esquerdo da rodovia e, no outro lado, a neve flutua como fumaça na ciclovia e no ancoradouro e desaparece no negrume gelado do Charles. Mais a leste, onde o rio deságua no porto, o horizonte de Boston exibe formas retangulares fantasmagóricas e manchas de luz na noite leitosa; não há tráfego aéreo sobre Logan, nenhum avião à vista.

"Devíamos encontrar Renaud logo que possível — quanto mais cedo, melhor." Benton acha que o promotor distrital de Essex, Paul Renaud, deveria saber que talvez haja algo mais na confissão de Johnny Donahue e que, de alguma forma, o aluno do último ano da Harvard e o morto em minha geladeira talvez estejam relacionados. "Mas e se isso envolver a DARPA?", acrescenta Benton.

"A Otwahl é financiada pela DARPA. Mas não é a DARPA, não é o Departamento de Defesa. É civil, uma indústria privada internacional", respondo. "Mas é certo que está intimamente ligada ao governo através de subvenções substanciais, dezenas de milhões, talvez muito mais que isso, desde a invenção dos MORT."

"A questão é no que mais eles estão concentrados, agora que podem ser importantes para essa história toda."

"Honestamente, não sei. Mas o óbvio vai dar para perceber só de olhar para o lugar." Se seguíssemos em direção a Hanscom, passaríamos a menos de dois quilômetros da Otwahl Technologies e das instalações de teste em supercondutividade contíguas, um complexo gigantesco e autônomo com sua própria força policial particular. "Nêutrons, muito provavelmente, e como se

aplicam às novas tecnologias.”

“A robótica”, diz Benton.

“Robôs, nanotecnologia, engenharia de software, biologia sintética. Lucy sabe alguma coisa a respeito.”

“Provavelmente mais que alguma coisa.”

“Conhecendo minha sobrinha, sim. Muito mais que alguma coisa.”

“Eles provavelmente estão criando humanoides, para nunca ficarmos sem soldados.”

“Talvez estejam.” Não estou brincando.

“E Briggs sabia sobre o robô no apartamento do sujeito.” Benton está se referindo ao apartamento do morto. “Por causa dos vídeos? O que mais? Fico me perguntando se ele disse alguma coisa a Jack, se telefonou e o alertou ao fazer perguntas.”

Dou mais explicações, fazendo um relato detalhado do homem e das gravações que Lucy descobriu — gravações que Marino, de forma inapropriada, enviou a Briggs por e-mail antes que eu tivesse a chance de examiná-las. Quando pude vê-las, foi apenas superficialmente, a caminho do Terminal Aéreo Civil em Dover. Conto a Benton tudo a respeito do malfadado robô de seis pernas, o Transporte de Remoção Operacional Funerária, conhecido como MORT, perto da porta, e o faço recordar as controvérsias, as desavenças que tive com alguns políticos e especialmente com Briggs sobre o uso da máquina para recuperar baixas no teatro de operações ou em qualquer outro lugar.

Descrevo a crueldade, o horror de uma estrutura de metal movida a combustível, que mais parecia uma motosserra, bamboleando através do terreno para recuperar seres humanos feridos ou mortos, segurando-os com pegadeiras que lembravam a mandíbula de uma formiga-buldogue. “Pense na mensagem que isso transmite se você está morrendo no campo de batalha e é essa máquina que seus companheiros enviam para te buscar”, explico. “E aos conhecidos das vítimas que a veem no noticiário?”

“Você usou uma linguagem exaltada como essa quando testemunhou perante um subcomitê do Senado responsável pelas verbas de defesa”, presume Benton.

“Não lembro o que disse exatamente.”

“Tenho certeza de que não fez amigos na Otwahl. Provavelmente tem inimigos ali que nem conhece.”

“Aquilo não teve nada a ver com a Otwahl nem com qualquer outra empresa de tecnologia. Tudo que fizeram foi criar um veículo robótico não tripulado. Foi o Pentágono que propôs a máquina. Acho que, originalmente, o MORT foi criado para ser um *packbot*, mais nada. Eu nem lembrava que a Otwahl era a desenvolvedora até esta noite. Eles nunca foram uma preocupação minha. Meu desentendimento foi com o Pentágono, e eu tinha que me manter firme.” Quase digo *dessa vez.* Mas me seguro. Benton nada sabe a respeito da vez em que não me mantive firme.

“Inimigos que não esqueceram. Esse tipo de inimigo nunca esquece. Lamento não ter participado de tudo isso quando estava acontecendo”, desculpa-se Benton, pois não estava presente quando fiz inimigos em Capitol Hill. Ele estava participando de um programa de proteção a testemunha e não podia me dar opiniões, conselhos ou mesmo garantir que não estava morto. “Você deve ter arquivos sobre o assunto, registros da época.”

“Por quê?”

“Eu queria dar uma olhada, para me inteirar da situação. Talvez explique certas coisas.”

“Que coisas?”

“Eu queria dar uma olhada no que você tem sobre aquela época”, repete Benton.

Transcrições do meu testemunho, gravações de vídeo dos segmentos que foram ao ar na C-SPAN: o que tenho estaria em meu cofre no nosso porão de Cambridge — junto com certos itens que não quero que ele veja. Uma grossa pasta sanfonada cinza e fotografias que bati com minha própria câmera. Quadrados de cartolina branca manchados de sangue, improvisados antes do dia dos kits de coleta de DNA nos cartões FTA, porque se o sangue seca ao ar pode durar para sempre e eu sabia para onde se encaminhava a tecnologia. Envelopes brancos simples com pedaços de unha, pelos pubianos e cabelo. Esfregaços orais, anais e vaginais, calcinhas cortadas, rasgadas e ensanguentadas. Uma garrafa de Chablis vazia, uma lata de cerveja. Materiais que contrabandeei de

outro continente a meio mundo de distância mais de duas décadas atrás, provas que não deveria possuir, itens que não deveria ter testado em particular, mas testei. Julgo seriamente que se Benton tivesse conhecimento dos casos da Cidade do Cabo, talvez não se sentisse da mesma forma com relação a mim.

"Você conhece o ditado: a vingança é um prato que se come frio", continua ele. "Ferrou um projeto multimilionário gigantesco, uma joint venture entre o Departamento de Defesa e a Otwahl Technologies, irritou muita gente e, ainda que alguns anos tenham se passado, desconfio que exista gente lá que não esqueceu, mesmo que você tenha esquecido. E agora está aqui, trabalhando com o Departamento de Defesa no quintal da Otwahl. A oportunidade perfeita para planejar a vingança, para dar o troco."

"Dar o troco? Um homem que morre em Norton's Woods é o troco?"

"Só acho que devíamos saber com quem estamos lidando."

Então paramos de conversar, porque chegamos à ponte que liga Cambridge a Boston, a Mass Ave, a ponte de Harvard ou a ponte do MIT, como dizem os moradores, dependendo de quem preferem. Logo adiante, meu centro de operações ergue-se como um farol, em forma de silo com uma cúpula de vidro no topo, sete andares ladeados por titânio reforçado com aço. Na primeira vez que Marino viu o CFC, resolveu que parecia uma bala dundum e, na escuridão repleta de neve, acho que parece mesmo.

Saindo da Memorial Drive e nos afastando do rio, pegamos a primeira à esquerda e entramos na área de estacionamento, iluminada por lâmpadas solares de segurança e circundada por uma cerca revestida de PVC preto que não pode ser escalada nem cortada. Retiro um controle remoto da bolsa, pressiono um botão para abrir o alto portão e avançamos sobre marcas de pneus quase completamente cobertas de pó branco recente. Os carros de Anne e Ollie estão aqui, estacionados perto das vans de carga e dos utilitários de tração integral. Deveria haver quatro, mas um deles está fora desde antes de começar a nevar, provavelmente o do investigador médico-legal de plantão.

Pergunto-me quem está de serviço hoje e por que saiu em um de nossos veículos. Está em alguma cena de crime ou em casa? Para além da cerca, há prédios de laboratório que pertencem ao MIT, em vidro e tijolo, com antenas e

parabólicas de rádio no telhado, as janelas às escuras, exceto por algumas aleatórias que brilham fracamente, como se alguém tivesse deixado uma luminária de mesa ou abajur aceso. A neve risca a noite e ressoa como chuva forte enquanto Benton para perto do meu prédio, no espaço destinado ao diretor, próximo à vaga de Fielding, que está vazia e cheia de neve.

"Podemos parar na entrada de serviço", diz Benton, com ar esperançoso.

"Seria um pouco antipático, já que ninguém mais pode", retruco. "E não é permitido de qualquer forma. Só para coletas e entregas."

"Dover te estragou. Vou ter que bater continência?"

"Só em casa."

Saltamos; a neve chega aos tornozelos das minhas botas e não compacta embaixo delas porque faz muito frio; os flocos são miúdos e gelados. Insiro um código em um teclado numérico ao lado de uma porta de enrolar automática, que começa a se erguer com ruído enquanto Marino e Lucy entram no estacionamento. A área de recebimento parece um pequeno hangar pintado com tinta epóxi branca; o teto é equipado com um guindaste monotrilho, um levantador motorizado para deslocar corpos grandes demais para tratamento manual. No interior, há uma rampa que conduz a uma porta de metal e, estacionada a um lado, acha-se nossa van branca para transporte de corpos, o que em Dover chamamos de caminhão do pão, destinada a transportar até seis corpos em macas ou caixas de transporte e servir de laboratório criminal móvel quando necessário.

Enquanto espero por Marino e Lucy, lembro que não estou vestida para New England. Minha jaqueta tática era perfeitamente adequada em Delaware, mas agora estou gelada. Tento não pensar em como seria bom sentar diante da lareira com um uísque escocês single malt ou um bourbon de produção limitada para conversar com Benton sobre outras coisas além de acontecimentos trágicos, traição e inimigos com boa memória. Para fugir de todos. Quero beber e conversar de forma honesta com meu marido, deixar de lado os jogos e subterfúgios, sem ficar me perguntando o que ele sabe. Anseio por um período normal com ele, mas não sabemos o que é isso. Até mesmo quando fazemos amor temos nossos segredos e nada é normal.

“Nenhuma novidade a não ser Lawless.” Marino responde uma pergunta que ninguém fez enquanto a porta automática desce ruidosamente atrás de nós. “Ele enviou um e-mail com fotos da cena — finalmente. Mas disse que não tiveram sorte com o cachorro. Ninguém ligou para dar parte de um galgo perdido.”

“Que galgo?”, pergunta Benton.

Estive ocupada demais descrevendo o MORT e não mencionei outras coisas que vi nos vídeos. Sinto-me ridícula. “Norton’s Woods”, respondo. “Um galgo preto e branco chamado Sock que, ao que tudo indica, fugiu enquanto os paramédicos estavam ocupados com nosso caso.”

“Como você sabe que o nome dele é Sock?”

Explico enquanto mantenho o polegar sobre o sensor de vidro da fechadura biométrica para que escaneie minha digital. Abrindo a porta que conduz ao nível inferior do edifício, menciono que o cão talvez tenha um microchip que poderia fornecer informação útil sobre a identificação do proprietário. Alguns grupos de resgate colocam microchips em antigos galgos de corrida antes de enviá-los para adoção, acrescento.

“Isso é interessante”, diz Benton. “Acho que vi os dois.”

“Ele olhou direto para você quando estava saindo da garagem por volta de três e quinze da tarde ontem”, explica Lucy quando entramos na área de processamento, um espaço aberto com um escritório de segurança, uma balança digital e uma parede com portas de aço inoxidável maciças que se abrem para compartimentos refrigerados e um freezer grande.

“Do que você está falando?”, pergunta Benton à minha sobrinha.

“Esse tempo todo no carro dirigindo em uma nevasca e você não colocou Benton a par das coisas?” Lucy dirige-se a mim e não é fácil estar por perto quando ela fica desse jeito.

Sinto uma ponta de aborrecimento, mesmo que ela esteja certa. *Lucy conhece você*, começa minha mente. *Ela conhece você tão bem quanto você a ela.* Lucy sabe muito bem quando estou silenciando alguma coisa que me incomoda e que estou tensa desde que deixei Dover. Foi idiotice minha não entrar no tipo de detalhe com o qual Benton pode fazer alguma coisa. Não conheço ninguém mais perspicaz em termos psicológicos, e ele teria muito a dizer sobre as minúcias

captadas pelos gravadores ocultos nos fones de ouvido do morto.

Em vez disso, fiquei obcecada pela DARPA porque, na realidade, estava obcecada por Briggs. Não consigo superar o que aconteceu hoje mais cedo, o que aconteceu décadas atrás, a forma como o que ele causou parece nunca terminar. Briggs conhece meu passado sombrio, um lugar ao qual não levo ninguém, e uma parte minha nunca vai perdoá-lo por ter participado disso. Minha ida à Cidade do Cabo foi ideia dele. Foi a porra do plano brilhante dele.

"O cara e o galgo passaram direto pela sua garagem poucos minutos antes de ele morrer." Lucy está contando a Benton, mas olha fixo para mim. "Se não tivesse saído, teria ouvido as sirenes. Provavelmente teria ido até lá para ver o que estava acontecendo e talvez tivesse alguma informação útil para nós."

Lucy me olha como se olhasse para meu passado. Não é possível que tenha conhecimento disso, então me tranquilizo. Nunca lhe contei, nunca contei a Benton, a Marino, a ninguém. Os documentos foram destruídos, exceto pelo que tenho. Briggs prometeu isso décadas atrás, quando deixei o AFIP e me mudei para a Virginia, e eu já sabia que faltavam relatórios sem ter sido informada disso. Lucy não possui a combinação do meu cofre, lembro a mim mesma. Nem Benton. Nem ninguém.

"Se você passar em meu laboratório", ela diz a Benton, "te mostro os vídeos."

"Você ainda não viu?", pergunto a Benton, porque não tenho certeza. Ele está agindo como se não tivesse visto, mas não sei se são só mais segredos.

"Ainda não", diz ele, e parece verdade. "Mas quero e vou."

"É estranho você estar nele", diz Lucy. "A casa de vocês estar nele. Muito estranho. Eu meio que pirei quando vi."

O segurança noturno está sentado atrás da janela de vidro e balança a cabeça em nossa direção, mas não se levanta da mesa. Seu nome é Ron, um sujeito grande, musculoso, de pele escura, com cabelo cortado rente e olhos inamistosos. Parece ter medo de mim ou ser cético, e é evidente que foi instruído para se manter em seu posto, não ser sociável, não importa de quem se trate. Só posso imaginar as histórias que ouviu e Fielding torna a entrar em meus pensamentos. O que aconteceu? Que problemas causou? Que prejuízos trouxe a este lugar?

Vou até a janela do segurança e verifico o registro de entradas. Desde as três da tarde, três corpos chegaram: uma morte causada por um veículo, um homicídio por arma de fogo e uma asfixia por saco plástico.

“O dr. Fielding está aqui?”, pergunto.

Policial militar aposentado dos fuzileiros navais, Ron está sempre bem cuidado e imponente em seu uniforme azul-marinho com distintivos da bandeira americana e do AFMES nos ombros e um emblema metálico de segurança do CFC preso à camisa. O rosto é desconfiado e nem um pouco amistoso por trás da divisória de vidro quando responde que não viu Fielding. Ele comunica que Ollie e Anne estão aqui, mais ninguém. Nem mesmo o investigador de plantão. Janelle, informa ele em tom monótono, e toda segunda palavra é *senhora,* o que me faz lembrar quão frio e condescendente *senhora* isso, *senhora* aquilo pode soar e o quanto me cansei de ouvir essa palavra em Dover. Janelle está trabalhando em casa por causa do tempo, informa Ron. Aparentemente, Fielding disse que tudo bem, mesmo que não seja o caso. Vai contra as regras que estabeleci. Investigadores de plantão não trabalham em casa.

“Vamos estar na sala de raios X”, informo a Ron. “Se aparecer mais alguém, pode nos encontrar lá. Mas, a menos que seja o dr. Fielding, preciso saber quem é e dar autorização. Na verdade, também quero saber se o dr. Fielding aparecer. Não importa quem seja, preciso ser informada.”

“Se o dr. Fielding chegar, a senhora quer que eu avise”, repete Ron como se não tivesse certeza de que foi o que eu quis dizer, ou talvez esteja argumentando.

“Isso”, esclareço. “Ninguém deve simplesmente entrar, mesmo que trabalhe aqui. A menos que eu diga o contrário. Quero tudo controlado agora.”

“Certo, senhora.”

“Algum sinal da imprensa?”

“Estou alerta, senhora.” Há monitores instalados em três paredes, cada um deles dividido em quadrantes que alternam constantemente as imagens captadas pelas câmeras de segurança no exterior do edifício e áreas internas estratégicas, como entradas, corredores, elevadores, o saguão e todas as portas que conduzem ao prédio. “Sei que existe certa preocupação com o homem que foi encontrado no parque.” Ron olha para Marino atrás de mim, como se os dois tivessem um

acordo.

“Bom, você sabe onde vamos estar por enquanto.” Abro outra porta. “Obrigada.”

Um longo corredor branco com piso de ladrilho cinza conduz a uma série de dependências situadas em uma ordem lógica que facilita o fluxo de nosso trabalho. A primeira parada é ID, onde os corpos são fotografados, as impressões digitais colhidas e os objetos pessoais que não foram apreendidos pela polícia são removidos e guardados em armários. Em seguida, há os raios X em grande escala, que inclui o scanner de tomografia computadorizada, depois a sala de autópsias, a sala de material em decomposição, a antessala, os vestiários, a sala dos armários, o laboratório de antropologia, o laboratório de contenção Bio4, reservado para os casos suspeitos de doenças infecciosas ou contaminação. O corredor perfaz um círculo que termina onde começou, na baia de recepção.

“O que Ron sabe sobre nosso paciente de Norton’s Woods?”, pergunto a Marino. “Por que acha que existe uma preocupação?”

“Eu não disse nada a ele.”

“Estou perguntando o que ele sabe.”

“Ron não estava de serviço quando saímos mais cedo. Eu ainda não o tinha visto hoje.”

“Eu gostaria de saber o que foi que disseram a ele”, repito em tom paciente, porque não quero brigar com Marino na frente dos outros. “Essa é uma situação muito delicada, é claro.”

“Dei a ordem antes de sair de que todos tinham que ficar atentos à imprensa”, diz Marino, retirando a jaqueta de couro quando chegamos à sala de raios X, onde a luz vermelha acima da porta indica que o aparelho se encontra em uso. Anne e Ollie não teriam começado sem mim, mas têm o costume de dissuadir as pessoas de entrar em uma área onde há níveis de radiação muito mais altos do que é seguro para pacientes vivos. “Também não foi ideia minha que Janelle ou os outros trabalhassem em casa”, acrescenta Marino.

Não pergunto há quanto tempo isso vem acontecendo nem quem são os “outros”. Quem mais tem trabalhado em casa? Esta é uma instituição do governo estadual, uma instalação paramilitar, não uma indústria caseira, sinto vontade de

dizer.

“O babaca do Fielding”, resmunga Marino. “Ele está fodendo com tudo.”

Não retruco. Agora não é hora de discutir o quanto tudo está fodido.

“Você sabe onde estou.” Lucy afasta-se em direção ao elevador e, com o cotovelo, aperta um botão tão grande que dispensa o uso das mãos. Desaparece atrás de portas de aço deslizantes enquanto passo o polegar sobre outro sensor biométrico e a fechadura se abre com um clique.

No interior da sala de controle, o radiologista forense dr. Oliver Hess está sentado em uma estação de trabalho atrás de vidro revestido de chumbo, o rosto sonolento como se eu o tivesse tirado da cama. Para além dele, por uma porta aberta, vejo o Siemens Somatom Sensation branco e ouço o ventilador de seu sistema de refrigeração a água. O scanner é uma versão modificada daquele empregado em Dover, equipado com suporte adaptável para a cabeça e correias de segurança, fiação subterrânea, seu parâmetro selado, a mesa coberta por uma pesada capa de vinil para proteger o aparelho multimilionário de contaminantes, tais como fluidos corporais. Ligeiramente inclinado em direção à porta para facilitar o deslizamento dos corpos para dentro e para fora, o scanner está pronto e a tecnóloga Anne Mahoney está aplicando marcadores radiopacos de pele no morto de Norton’s Woods. Tenho uma sensação estranha quando entro. O corpo é familiar, embora eu nunca o tenha visto, apenas partes dele nas gravações a que assisti em um iPad.

Reconheço seu tom moreno de pele e as mãos afiladas, que se encontram ao lado do corpo em cima de um lençol azul descartável, os dedos longos e finos ligeiramente curvados e rígidos devido ao *rigor mortis.*

Nos vídeos, ouvi sua voz e vislumbrei suas mãos, suas botas, suas roupas, mas não seu rosto. Não sei ao certo o que imaginei, mas fico vagamente perturbada pelas feições delicadas e o cabelo castanho longo e encaracolado, pela sucessão de leves sardas nas faces lisas. Afasto o lençol e ele é muito magro. Tem cerca de um metro e setenta e cinco e, se muito, cinquenta e oito quilos, deduzo, com muito pouco pelo. Poderia passar facilmente por um rapaz de dezesseis anos, o que me faz lembrar Johnny Donahue, que não é muito mais velho. Jovens. Seria esse um denominador comum? Ou é a Otwahl Technologies?

“Alguma coisa?”, pergunto a Anne, uma mulher de aparência simples na casa dos trinta, com cabelo castanho revolto e olhos sensíveis cor de avelã. Ela é provavelmente a melhor pessoa em minha equipe, capaz de fazer qualquer coisa, quer se trate de diversos tipos de imagens radiográficas, de ajudar no necrotério, ou em cenas de crime. Está sempre disposta.

“Isso. Notei quando tirei as roupas dele.” Suas mãos cobertas por luvas de látex agarram o corpo pela cintura e pelo quadril, virando-o de lado para que eu veja um defeito minúsculo no lado esquerdo das costas na altura dos rins. “Deve ter passado despercebido na cena porque não sangrou, pelo menos não muito. Você está sabendo do sangramento, que eu mesma vi quando fui fazer os exames dele hoje cedo pela manhã? Que o corpo sangrou profusamente pelo nariz e pela boca depois que foi ensacado e transportado?”

“É por isso que estou aqui.” Abro uma gaveta para pegar uma lente de aumento e então Benton está a meu lado, usando máscara e avental cirúrgico e luvas. “Ele sofreu algum tipo de ferimento”, explico enquanto me debruço sobre o corpo e amplio uma lesão irregular que parece uma pequena casa de botão. “Definitivamente, não é a entrada de um tiro. É uma facada produzida por uma lâmina muito estreita, como uma faca para desossar, mas com duas bordas. Alguma coisa parecida com um estilete.”

“Um estilete nas costas derrubaria o cara?” O olhar de Benton acima da máscara é cético.

“Não. A menos que ele fosse esfaqueado na base do crânio e o ferimento rompesse a medula espinhal.” Penso em Mark Bishop e nos pregos que o mataram.

“Como eu disse em Dover, talvez alguma coisa tenha sido injetada”, propõe Marino ao entrar coberto da cabeça aos pés com vestimenta de proteção, inclusive viseira e touca, como se estivesse preocupado com patógenos aéreos e esporos mortais, tal como o antraz. “Talvez algum tipo de anestesia. Uma injeção letal, em outras palavras. Isso com certeza derrubaria alguém.”

“Em primeiro lugar, uma anestesia como tiopental sódico é injetada na veia, assim como o brometo de pancurônio ou o cloreto de potássio.” Coloco um par de luvas de exame. “Não são injetadas nas costas da pessoa. A mesma coisa

serve para o mivacúrio e a succinilcolina. Se você quer matar alguém de forma decisiva e rápida com um bloqueador neuromuscular, o melhor é injetar por via intravenosa."

"Mas se eles fossem injetados no músculo ainda matariam, certo?" Marino abre um armário e pega uma câmera. Vasculha uma gaveta e encontra uma régua plástica de quinze centímetros para uma referência das dimensões. "Durante as execuções, às vezes a injeção perde a veia e penetra no músculo, mas o preso ainda assim morre."

"Uma morte lenta e muito dolorosa", retruco. "Pelo que todos disseram, a morte desse homem não foi lenta e esse ferimento não foi provocado por uma agulha."

"Não vou dizer que os técnicos na prisão façam de propósito, mas acontece. Bom, provavelmente é de propósito. Alguns deles esfriam o coquetel para se certificar de que o canalha sinta o rebote, a mão gelada da morte", diz Marino para Anne, que é veementemente contra a pena capital. Sua forma de flertar é chocá-la sempre que possível.

"Que horror", diz ela.

"Ei. Eles não estão nem aí para as pessoas que matam, certo? Não se importam que sofram. O que vai, volta. Quem escondeu o etiquetador?"

"Fui eu. Fiquei acordada à noite tentando descobrir maneiras de irritar você."

"Ah, é? Por quê?"

"Só por ser você."

Marino procura em outra gaveta e encontra o etiquetador. "Ele parece muito mais jovem do que os paramédicos disseram. Alguém mais percebe isso? Você não acha que ele parece ter menos de vinte?" Marino pergunta a Anne. "É um garoto."

"Que mal chegou à puberdade", concorda ela. "Mas, para mim, todos os universitários agora têm essa aparência. Parecem bebês."

"Não sabemos se ele era universitário", recordo a todos.

Marino descola o verso de uma etiqueta impressa com a data e o número do caso e prende-a na régua plástica. "Vou pesquisar a área perto do parque, ver se o síndico de algum prédio reconhece o cara, e vou fazer isso sozinho para manter a

indústria dos boatos em silêncio. Se ele mora por ali, o que certamente é o que parece com base no que vimos nos vídeos, alguém vai ter que se lembrar dele e do galgo. Sock. Isso lá é nome para um cachorro?”

“Provavelmente não é o nome completo”, diz Anne. “Cães de raça têm aqueles nomes muito elaborados, registrados em canis, como Sock it to Me, ou Darned Sock ou Sock Hop.”

“Vivo dizendo que ela devia ir a algum programa de perguntas e respostas”, declara Marino.

“É possível que o nome esteja em algum registro”, comento. “Alguma coisa com Sock, na hipótese de não termos sorte com um microchip.”

“Isso se você encontrar o cachorro”, diz Marino.

“Estamos correndo atrás das impressões digitais e do DNA do sujeito. Agora mesmo, espero.” Benton fita atentamente o corpo, como se estivesse conversando com ele.

“Colhi as impressões esta manhã, mas não tivemos sorte; não tem nada no sistema de identificação de impressão digital. Vamos ter o DNA amanhã e passamos as informações pelo sistema CODIS.” As grandes mãos enluvadas de Marino posicionam a régua sob o queixo do homem. “Mas é meio estranho esse negócio do cachorro. Alguém tem que estar com ele. Acho que a gente devia publicar informações na imprensa sobre um galgo perdido. Talvez as pessoas liguem.”

“Não podemos nos identificar”, retruco. “Vamos ficar longe da imprensa agora.”

“Exatamente”, diz Benton. “Não queremos que os bandidos saibam que estamos cientes do cachorro, muito menos procurando por ele.”

“Bandidos?”, pergunta Anne.

“O que mais?” Contorno a mesa, fazendo o que Lucy chama de “reconhecimento grosseiro”, examinando atentamente o corpo da cabeça aos pés.

Marino está batendo fotografias e diz: “Antes de colocar o cara de volta na geladeira esta manhã, examinei as mãos em busca de resíduos. Coletei alguma coisa em caráter preliminar, inclusive objetos pessoais”.

“Você não me falou de objetos pessoais. Só que ele parecia não ter nenhum”, contraponho.

“Um anel com uma insígnia, um relógio Casio de aço. Chaves em um chaveiro. Uma nota de vinte dólares. Uma caixinha de fumo vazia, mas colhi esfregaços em busca de drogas. Era a caixinha de fumo que aparece no vídeo. Por um segundo, deu para ver o sujeito segurando a caixa pouco depois de chegar a Norton’s Woods.”

“Onde estava?”, pergunto.

“No bolso dele. Foi onde a encontrei.”

“Então ele tirou a caixa do bolso no parque e depois tornou a colocar antes do incidente.” Recordo o que assisti no iPad, a caixinha sendo segurada pela luva preta.

“Devíamos procurar também inalação e fumo”, diz Marino. “Aposto que era maconha. Não sei se você percebeu”, continua ele, dirigindo-se a mim, “mas ele tinha um cachimbo em um cinzeiro em cima da escrivaninha.”

“Vamos ver o que aparece no exame toxicológico”, retruco. “Vamos fazer um exame do teor alcoólico e agilizar a triagem de drogas. O pessoal lá em cima está ajudando?”

“Vou pedir a Joe para passar para a frente da fila.” Anne está se referindo ao toxicologista-chefe, que eu trouxe de Nova York, roubando descaradamente do laboratório de criminalística do departamento de polícia. “Você é a chefe. Tudo que precisa fazer é pedir.” Ela me olha nos olhos. “Bem-vinda de volta.”

“Que tipo de insígnia? E como é o chaveiro?”, Benton pergunta a Marino.

“Um brasão, um livro aberto com três coroas”, responde ele, e percebo que está gostando de Benton estar em desvantagem. O CFC é o território de Marino. “Não tem nada escrito, nenhuma frase em latim, nada desse tipo. Não sei como são as insígnias do MIT e de Harvard.”

“Não são o que você descreveu”, diz Benton. “Tudo bem se eu usar isso?” Ele indica um computador em uma bancada.

“O chaveiro é uma daquelas argolas de aço presas a um laço de couro, como os que as pessoas prendem no cinto”, continua Marino. “E, como todo mundo já sabe, ele não levava carteira, nem mesmo um telefone celular. Acho isso

incomum. Quem anda por aí sem celular?”

“Ele estava levando o cachorro para passear e ouvindo música. Talvez não estivesse planejando ficar muito tempo fora e não quisesse falar ao telefone”, responde Benton enquanto digita palavras para pesquisa.

Giro o corpo para o lado direito e olho para Marino. “Você quer me ajudar com isso?”

“Três coroas e um livro aberto”, diz Benton. “Universidade da Cidade de San Francisco.” Ele digita um pouco mais. “Uma universidade on-line especializada em ciências da saúde. Esse tipo de universidade tem anéis de turma?”

“Os objetos pessoais dele estão em qual armário?”, pergunto a Marino.

“Um. Tenho a chave se você quiser.”

“Sim, por favor. Alguma coisa que o laboratório precise examinar?”

“Não vejo por quê.”

“Então vamos guardar esses objetos até enviar para alguma casa funerária ou para a família quando descobrirmos quem ele é”, anuncio.

“E além disso há Oxford”, diz Benton em seguida, ainda pesquisando na internet. “Mas, se o anel que ele estava usando era de Oxford, teria os dizeres *Universidade de Oxford*, e você disse que não havia nada escrito, nenhum lema.”

“Não, nada escrito”, retruca Marino. “Mas parece que alguém mandou fazer, sabe, ouro comum com a insígnia gravada, então talvez não seja o oficial, que você encomenda na faculdade, e por isso não tem nenhum lema nem nada escrito.”

“Pode ser”, diz Benton. “Mas, se mandaram fazer o anel, acho difícil imaginar que tenha sido para Oxford; eu tenderia a pensar que, se alguém cursou uma faculdade on-line, talvez tivesse mandado fazer um anel porque não há outro jeito de conseguir um, supondo que a pessoa queira dizer ao mundo que é ex-aluno de uma faculdade on-line. Esse é o brasão da Universidade da Cidade de San Francisco.” Benton se desloca para o lado para que Marino veja o que há na tela do computador, uma insígnia elaborada com um manto azul e dourado e uma coruja dourada no topo, com três flores-de-lis douradas, então abaixo três coroas douradas e no meio um livro aberto.

Marino está segurando o corpo de lado; aperta os olhos em direção à tela do

computador e dá de ombros. “Pode ser. Se foi gravado, se alguém mandou fazer, talvez não seja tão detalhado.”

“Vou olhar o anel”, prometo enquanto examino o corpo externamente e faço anotações em uma prancheta.

“Não há motivos para pensar que ele tenha se envolvido em alguma briga; acho difícil a gente conseguir o DNA de um perpetrador ou alguma outra coisa a partir do relógio ou seja o que for. Mas você me conhece.” Marino retoma o que estava dizendo a respeito da verificação dos pertences do morto. “Colhi esfregaços de tudo mesmo assim. Nada me pareceu fora do comum, a não ser o fato de que o relógio tinha parado, um daqueles automáticos que Lucy gosta, um cronógrafo.”

“A que horas ele parou?”

“Eu anotei. Em algum momento depois das quatro da manhã. Cerca de doze horas depois que o cara morreu. Lembrando que esse sujeito tinha uma nove milímetros com dezoito rodadas, mas não celular”, diz Marino. “A menos que ele não tenha deixado o telefone em casa ou alguém levou. Como pode ter levado o cachorro. É isso que fico me perguntando.”

“Vi um telefone em cima de uma mesa nos vídeos”, recordo. “Conectado a um carregador perto de um dos laptops. Perto do cachimbo que você mencionou.”

“Não conseguimos ver tudo que ele fez lá antes de sair. Acho que pode ter pegado o telefone a caminho da porta”, conjectura Marino. “Ou pode ter mais de um. Quem vai saber?”

“Vamos saber quando encontrarmos o apartamento”, diz Benton enquanto imprime o que descobriu na internet. “Eu gostaria de ver as fotos da cena.”

“O que você está querendo dizer é quando *eu* encontrar o apartamento.” Marino pousa a câmera em uma bancada. “Porque sou *eu* que vou investigar. Policiais fofocam mais que velhas. Descubro onde o cara mora, depois peço ajuda.”

8

Em um diagrama do corpo, anoto que às 23h15 o morto está completamente rígido e gelado devido à refrigeração. Apresenta um padrão vermelho-escuro de descoloração e lividez postural que indica que estava deitado de costas com os braços estendidos ao lado do corpo, palmas das mãos para baixo, completamente vestido, usando um relógio no pulso esquerdo e um anel no dedo mínimo esquerdo por pelo menos doze horas antes de morrer.

A hipóstase cadavérica, mais conhecida como lividez ou *livor mortis*, é um de meus indícios preferidos, embora muitas vezes seja mal interpretada, até mesmo por aqueles que deveriam conhecê-la. Pode parecer com contusões decorrentes de trauma quando, na realidade, é causada pelo fenômeno fisiológico mundano do sangue não circulante que se concentra nos pequenos vasos devido à gravidade. A lividez apresenta um tom vermelho-escuro, ou pode ser arroxeada, com áreas mais claras onde o corpo permaneceu apoiado em uma superfície dura; independentemente das informações que recebo a respeito das circunstâncias de uma morte, o corpo em si não mente.

"Não vejo nenhum padrão secundário que indique que o corpo se moveu enquanto o *livor* ainda estava se formando", observo. "Tudo que estou vendo é consistente com o fato de ele ter sido fechado dentro de um saco, colocado em uma bandeja e não ter se movido." Prendo um diagrama do corpo em uma prancheta e registro as marcas produzidas por cós, cinto, joias, sapatos e meias, áreas claras na pele que indicam a forma de um elástico, de uma fivela, de um tecido ou padrão de costura.

"Isso com certeza sugere que ele não moveu nem os braços, não se debateu, o que é bom", conclui Anne.

"Exato. Se ele tivesse voltado a si, teria pelo menos movido os braços. Então isso é muito bom", concorda Marino, chaves tilintando enquanto uma imagem preenche a tela do computador sobre uma bancada.

Faço uma anotação indicando que o homem não tinha piercings nem tatuagens no corpo e é limpo, com unhas bem aparadas e a pele macia de quem não faz trabalhos manuais nem se dedica a atividades físicas que possam causar calos nas mãos ou nos pés. Apalpo a cabeça, tateando em busca de defeitos, como fraturas ou outras lesões, e não encontro nada.

"Resta saber se ele caiu de bruços." Marino está examinando o que o investigador Lester Law enviou por e-mail. "Ou se está deitado de costas nestas fotos porque os paramédicos mudaram o corpo de posição."

"Para fazer reanimação cardiopulmonar teriam que virar o corpo para cima." Chego perto para ver.

Marino clica em várias fotos, todas na mesma posição, mas a partir de perspectivas diferentes: o homem deitado de costas, a jaqueta verde-escura e a camisa de brim abertas, a cabeça virada para o lado, os olhos parcialmente fechados; um close do rosto, detritos, que parecem partículas de folhas mortas, grama e brita, agarrados aos lábios.

"Dê mais zoom nesta", peço a Marino e, a um clique do mouse, a imagem fica maior, o rosto infantil do homem preenchendo a tela.

Retorno ao corpo atrás de mim e procuro ferimentos no rosto e na cabeça, notando uma abrasão embaixo do queixo. Puxo o lábio inferior e encontro uma pequena laceração, provavelmente produzida pelos dentes inferiores quando ele caiu e bateu com o rosto no caminho de cascalho.

"Isso não pode explicar todo o sangue que vi", diz Anne.

"Não, não pode", concordo. "Mas sugere que ele deu com a cara no chão primeiro, o que também sugere que caiu direto, não cambaleou nem tentou aparar a queda. Onde está o saco em que ele chegou?"

"Estendi em uma mesa na sala de autópsias, porque imaginei que você fosse querer dar uma olhada", diz Anne. "E as roupas estão secando lá dentro. Quando as tirei, coloquei tudo na estufa perto da sua estação. Estação um."

"Bom. Obrigada."

"Talvez alguém tenha dado um soco no sujeito", propõe Marino. "Talvez tenha distraído o cara com um soco ou uma cotovelada no rosto, depois lhe dado uma facada nas costas. Só que provavelmente isso teria sido gravado, estaria nos

vídeos.”

“Ele teria mais do que só essa laceração se tivesse levado um soco na boca. Se olharem para os detritos no rosto dele e a localização dos fones de ouvido” — estou de volta ao computador, clicando nas imagens para mostrar — “ele parece ter caído de bruços. Os fones de ouvido estão longe, a mais ou menos dois metros de distância embaixo do banco, o que indica que o corpo caiu com força suficiente para atirar os fones a boa distância e desconectar o rádio via satélite, que acredito que estivesse dentro de algum bolso.”

“A não ser que alguém tenha deslocado os fones, talvez chutado para fora do caminho”, diz Benton.

“Esse foi meu outro pensamento”, retruco.

“Quer dizer, alguém que estava tentando ajudar o cara”, diz Marino. “As pessoas se amontoaram ao redor dele e os fones de ouvido acabaram embaixo de um banco.”

“Ou alguém fez isso deliberadamente.”

Há outra coisa na qual reparo. Clicando nas imagens, paro em uma fotografia do pulso esquerdo do homem. Amplio o relógio de aço equipado com taquímetro, aproximo o mostrador de fibra de carbono. A hora impressa na imagem é 17h17, que foi quando o oficial de polícia bateu a fotografia, no entanto o relógio marca 22h14, cinco horas mais tarde.

“Quando recolheu o relógio esta manhã”, pergunto a Marino, “você disse que ele parecia ter parado. Tem certeza de que não foi só a hora que era diferente da local?”

“Não. Ele tinha parado. Como eu disse, era um daqueles relógios automáticos e parou em algum momento na madrugada, por volta das quatro.”

“Parece que ele estava ajustado cinco horas a mais que o horário da costa leste.” Indico o que estou vendo na fotografia.

“Tudo bem. Então deve ter parado por volta das onze da noite pelo nosso horário”, diz Marino. “Estava errado desde o início e depois parou.”

“Talvez ele estivesse em outro fuso horário porque tinha acabado de chegar do exterior”, sugere Benton.

“Assim que a gente terminar aqui, vou encontrar o apartamento dele”, diz

Marino.

Verifico os números de controle de qualidade no registro para me certificar de que o desvio padrão seja zero e o nível de ruído do sistema esteja dentro dos limites.

“Estamos prontos?”, pergunto a todos.

Estou ansiosa para fazer a tomografia. Quero ver o que encontramos dentro dele.

“Vamos fazer um topograma, depois reunir o conjunto de dados antes de passar ao exame 3-D com pelo menos cinquenta por cento de sobreposição”, digo a Anne enquanto ela aperta um botão para que a mesa deslize para o interior do aparelho. “Mas vamos mudar o protocolo e começar pelo tórax, não pela cabeça, a não ser, é claro, para usar a glabela como referência.”

Eu me refiro ao espaço entre as sobrancelhas, acima do nariz, que usamos para orientação espacial.

“Um corte transversal do tórax exatamente correlato à área de interesse que você marcou.” Percorro a lista enquanto retornamos à sala de controle. “Uma localização *in situ* do ferimento; vamos isolar aquela área e qualquer lesão associada, qualquer pista no prolongamento da ferida.”

Sento-me entre Ollie e Anne, e em seguida Marino e Benton puxam cadeiras atrás de nós. Pela janela de vidro, vejo os pés descalços do homem na abertura do túnel do scanner.

“TM automática e inteligente, ruído dezoito. Rotação de zero vírgula cinco, configuração de detectores de zero vírgula seis”, instruo. “Cortes bem finos de alta resolução. Colimação de dez milímetros.”

Ouço os ruídos eletrônicos pulsantes enquanto o detector começa a girar no interior do tubo de raios X. O primeiro exame dura sessenta segundos. Assisto a tudo em tempo real na tela do computador, sem saber ao certo o que estou vendo, o que é incomum. O aparelho deve estar com defeito ou mostra o exame de algum outro paciente, acessando o arquivo errado. *O que estou vendo?*

“Jesus”, diz Ollie baixinho, olhando com ar carrancudo para as imagens em uma grade, estranhas imagens que devem ser um engano.

“Oriente no tempo e no espaço e vamos posicionar o ferimento de trás para a

frente, da esquerda para a direita e para cima", comando. "Conecte pontos para obter a penetração da ferida, assim como está. Existe um ferimento e depois ele desaparece? Não sei o que é isso."

"O que estamos vendo?", pergunta Marino, perplexo.

"Nada que eu já tenha visto, com certeza não em uma facada", respondo.

"Bom, em primeiro lugar, ar", anuncia Ollie. "Estamos vendo uma porrada de ar."

"Essas áreas escuras aqui, aqui e aqui." Mostro a Marino e a Benton. "Na TC, o ar aparece escuro. Em contraste com as áreas brancas brilhantes, que mostram densidade mais alta. Os ossos e as calcificações são brilhantes. Dá para ter uma boa ideia das coisas pela densidade dos pixels."

Estendo a mão para o mouse e posiciono o cursor sobre uma costela para que vejam o que estou querendo dizer.

"A janela da TC é mil cento e cinquenta e um. Enquanto essa área aqui, não tão brilhante" — coloco o cursor sobre uma área de pulmão — "é quarenta. Isso é sangue. Essas áreas escuras embaçadas que vocês estão vendo são hemorragia."

Recordo os tiros de alta velocidade que causam tremendas lacerações e rompimentos de tecido, semelhantes aos ferimentos causados pela onda de propulsão de uma explosão. Mas esse não é um caso de ferimento a bala. Isso não se deve a algum dispositivo explosivo detonado. Não vejo como uma ou outra opção possa ser verdade.

"Algum tipo de ferimento que se desloca pelo rim esquerdo, no nível superior através do diafragma e do coração, causando profunda devastação ao longo do caminho. E tudo isso", indico áreas escuras em torno de órgãos internos que estão deslocados e distorcidos, "é mais ar subcutâneo. Ar na musculatura próxima à coluna. Ar retroperitonial. Como todo esse ar entrou nele? E aqui e aqui. Lesões nos ossos. Fratura de costela. Fratura da apófise transversa. Hemopneumotórax, contusão pulmonar, hemopericárdio. E mais ar. Aqui, aqui e aqui." Toco a tela. "Ar em torno do coração e nas câmaras cardíacas, bem como nas artérias e veias pulmonares."

"E você nunca viu uma coisa assim?", pergunta Benton.

"Sim e não. Devastação semelhante causada por fuzis militares, canhões

antitanque, algumas semiautomáticas que usam munição de alta velocidade e extremo choque de fragmentação, por exemplo. Quanto maior a velocidade, mais energia cinética se dissipa no impacto e maior é o prejuízo, especialmente para os órgãos ocos, como os intestinos e pulmões, e tecidos sem elasticidade, como os do fígado e dos rins. Mas, nesses casos, a gente espera uma trajetória clara do ferimento e um míssil, ou fragmentos de um. Que não estamos vendo aqui."

"E o ar?", pergunta Benton. "Você vê esses bolsões de ar nesses casos?"

"Não exatamente", respondo. "Uma onda de propulsão pode causar embolia gasosa através da barreira sangue-ar. Em outras palavras, o ar acaba fora de lugar, mas isso é muito ar."

"Uma porrada de ar", concorda Ollie. "E como a pessoa é atingida por uma onda de propulsão a partir de uma facada?"

"Faça um corte bem nessas coordenadas", peço a ele, indicando a área de interesse marcada por uma gota branca brilhante — o marcador de pele radiopaco de TC que foi colocado perto do ferimento no lado esquerdo das costas do homem. "Comece por aqui e se desloque cinco milímetros para baixo e para cima da área de interesse especificada pelos marcadores. Esse corte. Isso. E vamos reformatar para a versão 3-D de dentro para fora. Cortes finos, bem finos, de um milímetro. E o aumento entre eles? O que você acha?"

"Zero vírgula setenta e cinco por zero vírgula cinco vai resolver."

"Tudo bem. Vamos ver que aparência tem isso quando seguimos virtualmente a trajetória do ferimento, seja ela qual for."

Os ossos parecem vívidos, como se estivessem expostos diante de nós, e órgãos e outras estruturas internas estão bem definidos em tons de cinza à medida que a parte superior do corpo do morto, seu tórax, começa a girar devagar em três dimensões na tela de vídeo. Usando um software modificado, originalmente desenvolvido para colonoscopias virtuais, penetramos no corpo através do minúsculo ferimento que parece uma casa de botão, viajando com uma câmera virtual como se nos encontrássemos em uma nave espacial microscópica, voando lentamente através de nuvens de tecido acinzentadas e melancólicas para além do rim esquerdo rebentado como um asteroide.

Uma abertura irregular se patenteia à nossa frente e passamos através de um largo buraco no diafragma. Adiante há laceração, cisalhamento e contusão. *O que aconteceu com você? O que provocou isso?* Não faço ideia. Dá uma sensação de impotência encontrar danos que parecem desafiar a física, um efeito sem causa. Não há nenhum projétil. Não há fragmentos, nada metálico que eu consiga enxergar. Não há ferimento de saída, só na entrada em forma de casa de botão no lado esquerdo das costas do homem. Estou pensando em voz alta, repetindo pontos importantes para me certificar de que todos entendam o que é incompreensível.

"Sempre esqueço que nada funciona aqui embaixo", comenta Benton com ar distraído enquanto examina seu iPhone.

"Nada saiu e não tem nada iluminado." Avalio o que deve ser feito a seguir. "Nenhum sinal de nada ferroso, mas precisamos ter certeza disso."

"Não faço a menor ideia do que pode ter causado", declara Benton quando se levanta da cadeira, produzindo um farfalhar à medida que desata o avental descartável. "Vocês conhecem o velho ditado: nada se cria, tudo se transforma. Como muitos velhos ditados, acho que esse não é verdade."

"Isso é novo. Pelo menos para mim", retruco.

Ele se curva e retira a cobertura dos sapatos. "É sem dúvida um homicídio."

"A menos que tenha almoçado comida mexicana muito estragada", diz Marino.

Passa vagamente por meus pensamentos que Benton está agindo de forma suspeita.

"Um projétil de alta velocidade, mas não existe projétil. E se ele saiu do corpo, onde está o ferimento de saída?" Fico repetindo as mesmas coisas. "Onde está o metal? Com o que ele foi atingido? Um projétil de gelo?"

"Vi alguma coisa a respeito no *Caçadores de Mitos.* Eles provaram que é impossível por causa do calor", responde Marino como se eu estivesse falando sério. "Mas não sei. Me pergunto o que aconteceria se você carregasse a arma e guardasse no congelador até estar preparado para atirar."

"Talvez se você fosse um franco-atirador na Antártica", diz Ollie. "De onde saiu essa ideia afinal? De *Dick Tracy*? É uma pergunta séria."

“Acho que James Bond. Esqueci o filme.”

“O ferimento de saída pode não ser óbvio”, diz Anne, dirigindo-se a mim. “Lembra aquela vez que o cara foi atingido na mandíbula e a bala saiu pela narina?”

“Então onde está a trajetória do ferimento?”, contraponho. “Precisamos de contraste melhor entre os tecidos, precisamos ter certeza de que não estamos deixando passar nada antes que eu abra o sujeito.”

“Se você precisar da minha ajuda, posso ligar para o hospital”, diz Benton enquanto abre a porta. Percebo que ele está com pressa, mas não sei ao certo por quê.

O caso não é dele.

“Caso contrário, vou checar o que Lucy descobriu”, diz Benton. “Dar uma olhada nos vídeos. Checar outras coisas. Você não se importa que eu use o telefone lá em cima?”

“Eu ligo”, Anne diz a Benton quando ele sai. “Deixo tudo ajeitado com o McLean e cuido do exame.”

Era uma possibilidade teórica que esse dia chegasse, mas temos autorização da Secretaria de Saúde, de Harvard e do Hospital McLean, instituição afiliada à universidade que possui quatro magnetos que abrangem densidade de fluxo de um vírgula cinco a nove teslas. Há muito tempo, certifiquei-me de que os protocolos estivessem em vigor para realizar RMs em cadáveres no laboratório de neuroimagem do McLean, onde Anne trabalha meio período como técnica de RM para pesquisa psiquiátrica. Foi como a consegui. Benton a conheceu primeiro e a recomendou. Ele escolhe bem, é um excelente avaliador de caráter. Eu deveria deixar que contratasse minha equipe. Gostaria de saber quem ele ia chamar. Nem sei bem por que continua aqui.

“Se você quiser, podemos fazer isso agora”, Anne está me dizendo. “Não deve ter nenhum problema, não vai haver ninguém por lá. Paramos direto na porta da frente e entramos com ele e saímos.”

A esta hora, os pacientes psiquiátricos do McLean não vão estar perambulando pelo campus. O risco de toparem com um cadáver sendo carregado para dentro ou para fora do laboratório é pequeno.

“E se alguém atingiu o cara com um canhão de água?” Marino olha atônito para o tronco girando na tela de vídeo, as costelas encurvadas cintilando brancas em 3-D. “Sério, sempre ouvi que esse era o crime perfeito. Você enche de água o cartucho de um fuzil e é como uma bala quando atravessa o corpo. Mas não deixa marcas.”

“Nunca tive um caso assim”, retruco.

“Mas pode acontecer”, diz Marino.

“Teoricamente, no entanto, o ferimento de entrada não seria como esse”, contesto. “Vamos lá. Quero esse sujeito transferido e fora dali antes que as pessoas comecem a chegar para o trabalho.” É quase meia-noite.

Anne clica no ícone FERRAMENTAS para fazer medições e me informa que a largura da trajetória do ferimento antes que este rebente através do diafragma é de zero vírgula setenta e sete a um vírgula cinquenta e nove milímetros com quatro vírgula dois milímetros de profundidade.

“Então isso me mostra…”, começo a dizer.

“Prefiro trabalhar com polegadas”, Marino reclama.

“… algum tipo de objeto ou lâmina de dois gumes não muito mais larga que doze milímetros”, explico. “E quando penetrou o corpo até a profundidade aproximada de cinquenta milímetros, aconteceu outra coisa que causou danos internos profundos.”

“O que quero saber é quanto da anomalia que estamos vendo é iatrogênica”, diz Ollie. “Causada pelo trabalho dos paramédicos durante vinte minutos. Essa é provavelmente a primeira pergunta que vão nos fazer. Temos que manter a mente aberta.”

“De jeito nenhum. A menos que o King Kong tenha feito a reanimação”, retruco. “Esse homem parece ter sido apunhalado com alguma coisa que lhe causou uma tremenda pressão no peito e uma embolia grande de ar. Sentiu dor forte e morreu em alguns minutos, o que é compatível com o que foi descrito pelas testemunhas: que ele apertou o peito e caiu.”

“Então por que todo aquele sangue depois da ocorrência?”, pergunta Marino. “Por que não teve a hemorragia instantaneamente? Como é possível que só tenha começado a sangrar depois que foi declarado morto, a caminho daqui?”

“Não sei a resposta, mas ele não morreu na nossa geladeira.” Disso, ao menos, tenho certeza. “Morreu antes de chegar aqui. Na cena.”

“Mas vamos ter que provar que ele começou a sangrar depois de morto. E mortos não começam a sangrar como um porco no espeto. Como provamos que ele estava morto antes de chegar aqui?”, insiste Marino.

“Para quem precisamos provar isso?” Olho para ele.

“Não sei a quem Fielding contou, já que não temos ideia de onde ele está. E se tiver falado com alguém?”

Como você fez, penso, mas não digo. “É por isso que é preciso ter cuidado com a divulgação de detalhes quando não se tem toda a informação.” Eu não poderia soar mais controlada.

“Não tivemos escolha.” Marino não vai dar o braço a torcer. “Agora temos que explicar por que motivo um morto começou a sangrar.”

Pego meu casaco e digo a Anne: “Primeiro uma TC de corpo inteiro. E uma bobina de RM de corpo inteiro, cada centímetro dele. Faça um upload do que você encontrar. Quero ver imediatamente”.

“Eu dirijo”, anuncia Marino.

“Bom, coloquem o corpo no compartimento de carga para ficar aquecido. Em uma das vans.”

“Não queremos que ele fique aquecido. Na verdade, vou ligar o ar-condicionado no máximo.”

“Então podem ir só os dois. Encontro vocês lá.”

“É sério. Se ele aquecer, pode começar a sangrar de novo.”

“Você tem assistido muito *Saturday Night Live*.”

“Dan Aykroyd imitando Julia Child. Lembra? ‘Você vai precisar de uma faca, uma faca bem, bem afiada.’ E sangue jorrando para todo lado.”

Os três estão brincando.

“Foi muito engraçado.”

“Os antigos eram melhores.”

“Nem fala. Roseanne Roseannadanna.”

“Ah, meu Deus, adoro a Roseanne.”

“Tenho todos em DVD.”

Ouço-os rir enquanto me afasto.

Escaneando meu polegar, libero minha entrada à primeira parada depois da recepção, onde fazemos as identificações, uma sala branca com bancadas cinza que chamamos simplesmente de ID.

Embutidos em uma parede, há armários de metal cinza numerados onde ficam guardadas as provas, e uso a chave que Marino me entregou para abrir o de cima à esquerda, onde os objetos pessoais do morto foram guardados com segurança até passarmos uma nota a alguma funerária ou para a família quando por fim soubermos quem ele é e quem deve reclamá-lo. No interior, há sacos de papel e envelopes primorosamente rotulados e, preso a cada um deles, um formulário que Marino preencheu e rubricou para preservar a cadeia de custódia. Encontro o pequeno envelope em papel manilha que contém o anel de sinete, rubrico o formulário e anoto a hora que o retirei do armário. Em uma estação de computador, acesso um protocolo e insiro a mesma informação, então me lembro das roupas do morto.

Eu deveria examinar tudo enquanto estou aqui embaixo, não esperar até ter feito a autópsia, daqui a algumas horas. Quero ver o orifício produzido pela lâmina que penetrou a região lombar do homem e gerou tanta destruição dentro dele. Quero ver quanto ele pode ter sangrado devido ao ferimento e deixo a ID e percorro o corredor de ladrilhos cinza, voltando atrás. Passo pela sala de raios X e, através da porta aberta, vejo de relance Marino, Anne e Ollie ainda ali, preparando o corpo para transportá-lo ao McLean, brincando e rindo. Passo rapidamente sem que eles percebam e abro as portas duplas de aço que conduzem à sala de autópsias.

É um vasto espaço aberto pintado com tinta epóxi branca, ladrilhos brancos e trilhos de aço expostos e reluzentes, com luz fria filtrada que corre horizontalmente ao longo da extensão do teto branco. Onze mesas de aço acham-se posicionadas ao lado de pias de aço instaladas na parede, todas com torneira acionada por pedal, esguicho de alta pressão, triturador de resíduos, um recipiente para lavagem das amostras e outro para material cortante. As estações

que cuidadosamente pesquisei e mandei instalar são minicentros cirúrgicos modulados com sistemas de ventilação e exaustão que permuta o ar a cada cinco minutos, e há computadores, exaustores, carrinhos de instrumentos cirúrgicos, luzes de halogênio em braços flexíveis, superfícies de dissecção com tábuas de corte, contêineres de formalina com torneira e prateleiras de tubos de ensaio e frascos plásticos para histologia e toxicologia.

Minha estação, a estação do chefe, é a primeira e me ocorre que alguém a tem usado; então me sinto ridícula por pensar assim. É claro que as pessoas a usaram enquanto estive fora. É claro que Fielding provavelmente usou. *Não faz diferença e por que eu deveria me importar?*, digo a mim mesma quando percebo que os instrumentos cirúrgicos no carrinho não estão alinhados da forma ordenada que eu os teria deixado. Estão desordenadamente dispostos em um tabuleiro branco grande de polietileno para dissecção como se alguém os tivesse lavado, mas não com cuidado. Retiro um par de luvas de látex de uma caixa e as coloco, porque não quero tocar em nada com as mãos descobertas.

Em geral não me preocupo com isso, não tanto quanto deveria, acho, pois descendo da escola antiga de patologistas forenses, que eram estoicos, marcados pelas cicatrizes de batalha e tinham o orgulho perverso de não sentir medo nem repulsa diante de nada. Nem dos vermes, nem dos fluidos de purga, nem de carne putrefata inchada, esverdeada e viscosa, nem mesmo da aids, pelo menos não as preocupações que temos hoje quando vivemos com fobias e regulamentos federais acerca de absolutamente tudo. Lembro quando eu circulava sem roupas protetoras, fumando, bebendo café e tocando os pacientes mortos como qualquer médico faria, minha pele em contato com a deles enquanto examinava um ferimento, avaliava uma contusão ou tirava uma medida. Mas nunca fui descuidada com minha estação de trabalho ou meus instrumentos cirúrgicos. Nunca fui negligente.

Eu nunca devolveria nem mesmo uma agulha de exploração a um carrinho cirúrgico sem primeiro lavá-la com água quente e sabão, e o tamborilar da água quente na pia de metal funda foi um som dominante nos necrotérios do meu passado. Já na minha época em Richmond — mesmo antes, quando estava só começando no Walter Reed —, eu sabia sobre o DNA, que este estava prestes a

ser aceito perante um tribunal e se tornar o padrão-ouro forense; desse ponto em diante, tudo que fazíamos nas cenas de crime, no seguimento da autópsia e nos laboratórios seria questionado no banco das testemunhas. A contaminação estava prestes a se tornar o castigo supremo e, embora não tivéssemos o hábito de esterilizar nossos instrumentos cirúrgicos em autoclave no CFC, certamente não lhes dávamos uma enxaguada superficial sob a torneira para depois atirá-los em uma tábua de corte que tampouco estava limpa.

Pego uma faca de dissecção de quarenta e cinco centímetros e reparo em vestígios de sangue seco no cabo de aço inoxidável entalhado e que a lâmina de aço está arranhada, rombuda e manchada em lugar de afiada e resplandecente como prata polida. Encontro sangue na lâmina serrilhada de um serrote de ossos, manchas de sangue seco no carretel de um cadarço encerado de cinco fios e em uma agulha de dupla curva. Pego fórceps, tesoura, a tesoura de cortar costelas, cinzel e uma sonda flexível e fico consternada diante das más condições em que tudo se encontra.

Vou enviar a Anne uma mensagem para que dê uma arrumada em minha estação e lave todos os instrumentos antes de realizarmos a autópsia do homem de Norton’s Woods. Vou mandar limpar toda a sala de autópsias do teto ao chão. Vou mandar inspecionar todos os sistemas antes que minha primeira semana aqui tenha transcorrido, decido enquanto puxo um novo par de luvas e me encaminho a uma ampla bancada onde um grande rolo de papel branco — que chamamos de papel parafinado — se acha afixado a um porta-papel instalado na parede. O papel produz um ruído alto quando rasgo um pedaço e cubro uma mesa de autópsia na metade da sala, que pelo menos parece mais limpa que a minha.

Cubro meus trajes do AFMES com um avental descartável, sem me preocupar com as longas tiras de amarrar, então retorno à minha estação desordenada. Encostada à parede, há uma estufa branca grande de polipropileno sobre rodízios de borracha vulcanizada com porta dupla em acrílico transparente, que destravo ao inserir um código no teclado digital. Pendurados no interior, há uma jaqueta de náilon verde com colarinho de lã preta, uma camisa azul de brim, uma calça cargo preta, uma cueca boxer, cada qual em seu próprio cabide de aço inoxidável; a bandeja na parte inferior contém botas de couro marrom surradas e,

ao lado delas, um par de meias cinza de lã. Reconheço algumas peças de roupa dos vídeos a que assisti e sinto inquietação. O ventilador de centrifugação e os filtros HEPA de exaustão da estufa produzem seu zumbido baixo enquanto examino as botas e meias pegando uma a uma, sem encontrar nada de extraordinário. A cueca é de algodão branco com braguilha sobreposta e cós de elástico, e não noto nada fora do comum, nem uma mancha.

Abrindo o casaco sobre a mesa coberta por papel parafinado, enfio as mãos nos bolsos para me certificar de que nada restou dentro deles; pego um diagrama de vestuário e uma prancheta e começo a tomar notas. O colarinho de pele sintética espessa está coberto de terra, areia e pedaços de folhas secas que aderiram a ele quando caiu no chão; os grossos punhos de malha também estão sujos. O revestimento em náilon verde é um material muito resistente, que parece à prova de rompimentos e impermeável, com isolante de fibra preta, nenhum dos quais facilmente penetrável, a menos que a lâmina fosse forte e muito afiada. Não encontro evidência de sangue no forro do casaco, nem mesmo ao redor da pequena abertura na parte de trás, mas o revestimento externo, os ombros, as mangas e as costas estão enegrecidos e duros do sangue que se acumulou no fundo do saco depois que o zíper foi fechado e o homem foi transportado ao CFC.

Não sei por quanto tempo ele pode ter sangrado enquanto estava no interior do saco e depois dentro da geladeira, mas não sangrou do ferimento. Quando abro a camisa de brim de mangas longas, um tamanho masculino pequeno, que ainda cheira de leve a colônia ou loção pós-barba, encontro somente uma mancha escura de sangue que secou e endureceu ao redor da fenda produzida pela lâmina. O que Marino e Anne relataram parece estar correto: que o homem começou a sangrar pelo nariz e pela boca enquanto estava completamente vestido dentro do saco, a cabeça voltada para o lado, provavelmente o mesmo lado para o qual estava virada quando o examinei na sala de raios X. O sangue deve ter gotejado com regularidade de seu rosto para o interior do saco, empoçando e vazando, e verifico facilmente isso quando em seguida o examino, um receptáculo para transporte de cadáveres adultos, típico daqueles usados pelos serviços de remoção, preto com zíper de náilon. Nas laterais há alças

confeccionadas com correias presas com rebites, e é muitas vezes aí onde ocorre o problema de vazamento, supondo que o saco esteja intacto, sem rasgos nem defeitos nas junturas seladas a calor. O sangue goteja pelos rebites, especialmente se o saco for muito barato, e este deve ter cerca de vinte e cinco dólares de PVC resistente.

Quando recordo o que acabei de ver na TC e me dou conta da rapidez com que os danos ocorreram no que foi claramente um ataque repentino, o sangramento não faz o menor sentido. Faz ainda menos sentido do que quando Marino me contou em Dover. A destruição maciça dos órgãos internos do homem teria resultado em hemorragia pulmonar, que teria provocado sangramento pelo nariz e pela boca. Mas isso teria acontecido quase instantaneamente. Não entendo por que ele não sangrou na cena do crime. Quando os paramédicos estavam trabalhando para ressuscitá-lo, ele deveria ter sangrado pelo rosto e isso teria sido uma clara indicação de que não caíra devido a arritmia.

Quando deixo a sala de autópsias para me dirigir aos andares superiores, torno a visualizar os vídeos e me recordo de ter pensado sobre as luvas pretas e o motivo por que ele as colocou quando entrou no parque. Onde estão elas? Não vi as luvas. Não estavam no armário de provas nem na estufa, e verifiquei os bolsos do casaco e não as encontrei. Com base no que vi nas gravações efetuadas em segredo pelos fones de ouvido do homem, ele vestia luvas quando morreu e visualizo o que acompanhei no iPad de Lucy quando estava na van a caminho do Terminal Aéreo Civil. A mão colocando a luva preta invadiu a imagem como se o homem estivesse golpeando alguma coisa, então houve um baque quando a mão atingiu os fones de ouvido e ele deixou escapar: “O que…? Ei…!”. Depois árvores nuas girando no alto, então lascas de ardósia se aproximando no chão e a pancada provocada pela queda; em seguida a bainha de um longo casaco preto farfalhando de passagem. Silêncio, depois as vozes das pessoas ao redor, que gritavam que ele não estava respirando.

A porta da sala de raios X está fechada quando chego e verifico o interior, mas todos se foram, a sala de controle está vazia e silenciosa, o scanner de TC reluz branco sob a luz fraca no outro lado do vidro revestido de chumbo. Dou uma parada para tentar o telefone lá dentro, na esperança de que Anne atenda o

celular, mas se ela já estiver no McLean e no laboratório de neuroimagem vai ser impossível alcançá-la através das grossas paredes de concreto do local. Fico surpresa quando ela atende.

“Onde você está?”, pergunto e ouço música ao fundo.

“Estacionando”, responde ela, que deve estar dentro da van com Marino na direção e o rádio ligado.

“Quando tirou as roupas dele”, pergunto, “você viu um par de luvas pretas? Ele devia estar usando luvas pretas grossas.”

Uma pausa; ouço-a perguntar alguma coisa a Marino, em seguida ouço a voz dele, mas não entendo o que estão dizendo. Então ela responde: “Não. E Marino disse que quando levou o corpo para a ID não viu luva nenhuma”.

“Me conte exatamente o que aconteceu ontem pela manhã.”

“Fique aqui um instante”, ouço-a dizer a Marino. “Não, ali ainda não, ou eles vão sair. Os caras da segurança. Espere aqui”, pede Anne. “Tudo bem”, diz ela, agora se dirigindo a mim. “Pouco depois das sete ontem de manhã, o dr. Fielding foi até a sala de raios X. Como você sabe, Ollie e eu sempre chegamos cedo, por volta das sete; mas ele estava preocupado por causa do sangue. Tinha percebido gotas no chão fora da geladeira e também dentro dela. Percebeu que o corpo estava sangrando ou tinha sangrado. Tinha muito sangue no saco.”

“O corpo ainda estava completamente vestido.”

“Estava. O fecho do casaco estava aberto e a camisa tinha sido cortada, os paramédicos fizeram isso, mas ele estava vestido quando chegou e nada foi feito até o dr. Fielding ir até lá para preparar o sujeito para nós.”

“Como assim?”

Fielding nunca prepara um corpo para autópsia, nem se dava o trabalho de transferi-lo da geladeira para a sala de raios X ou a sala de autópsias, pelo menos não desde os velhos tempos, quando ainda estava em treinamento. Ele deixa o que considera tarefas mundanas para aqueles a quem continua a chamar de *servos* e a quem chamo de técnicos.

“Só sei que ele encontrou o sangue e então correu para nos chamar porque atendeu a ligação da polícia de Cambridge e, como você sabe, a hipótese era de que o homem tinha sofrido morte súbita natural, como uma arritmia, um

aneurisma ou coisa parecida.”

“E depois?”

“Depois Ollie e eu examinamos o corpo, chamamos Marino, ele chegou, viu, e decidimos não fazer os exames nem o resto.”

“Ele foi deixado na geladeira?”

“Não. Marino quis passar com ele pela ID primeiro, para colher digitais e material para os exames de laboratório, para poder ativar a identificação das impressões, do DNA e qualquer coisa que nos ajude a descobrir quem ele é. Não havia luvas naquela hora, porque Marino teria precisado tirar do corpo para colher as impressões.”

“Então onde elas estão?”

“Ele não sabe, eu também não.”

“Pode colocar Marino na linha, por favor?”

Ouço Anne entregar o telefone a Marino, e ele diz: “Foi isso. Abri o zíper do saco, mas não retirei o corpo; tinha muito sangue lá dentro, como você já sabe”.

“E você fez o que exatamente?”

“Colhi as impressões com ele dentro do saco. Se ele estivesse usando luvas, eu com certeza teria visto.”

“É possível que os policiais tenham removido as luvas na cena do crime, colocado dentro do saco e você não tenha percebido? E então de alguma forma elas se extraviaram?”

“Não. Eu procurei por objetos pessoais, como já disse. O relógio, o anel, o chaveiro, a caixinha de fumo, a nota de vinte dólares. Tirei tudo dos bolsos dele e sempre olho dentro do saco exatamente pelo motivo que você acabou de mencionar. Caso a polícia ou o serviço de remoção enfie alguma coisa ali, como um chapéu, óculos de sol ou qualquer outra coisa. Os fones de ouvido e o rádio via satélite estavam em um saco e chegaram junto com o corpo.”

“E a polícia de Cambridge? Sei que o investigador Lawless levou a Glock.”

“Ele passou recibo pela arma para o laboratório de armas de fogo por volta das dez da manhã. Só levou isso.”

“E quando Anne guardou as roupas na estufa, bom, é óbvio que ela não tinha as luvas, se você está dizendo que não estavam lá desde o início.”

Ouço Marino dizer alguma coisa e então Anne volta ao telefone para explicar. “Não. Não vi as luvas quando guardei tudo na estufa. Isso foi por volta das nove da noite, há quase quatro horas, quando retirei as roupas para preparar o corpo para o exame, pouco antes de você chegar ao CFC. Limpei a estufa para me certificar de que estivesse esterilizada antes de colocar as roupas dele lá dentro.”

“Fico satisfeita que alguma coisa esteja esterilizada. Precisamos limpar minha estação.”

“Tudo bem, tudo bem”, diz ela, mas não se dirigindo a mim. “Espere. Jesus, Pete. Só um minuto.”

Em seguida a voz de Marino soa em meu ouvido: “Houve outros casos”.

“Como é que é?”

“Tivemos outros casos ontem de manhã. Então talvez alguém tenha removido as luvas, mas não faço a mínima ideia do motivo. A menos que tenham sido pegas por engano.”

“Quem trabalhou nos casos?”

“O dr. Lambotte, o dr. Booker.”

“E Jack?”

“Dois casos além do cara de Norton’s Woods”, diz Marino. “Uma mulher atingida por um trem e um velho que não estava sob cuidados médicos. Jack não fez merda nenhuma, desapareceu”, continua Marino. “Ele não se preocupa com a cena do crime e terminamos com um corpo que começa a sangrar na geladeira. Agora precisamos provar que o cara estava morto.”

9

A direção do que oficialmente se chama Centro Forense e Necrotério de Cambridge fica no último andar, e descobri que é difícil explicar às pessoas como me encontrar quando um edifício é redondo.

O melhor que fui capaz de fazer nas raras ocasiões em que estive no prédio foi instruir os visitantes a saltar do elevador no sétimo andar, virar à esquerda e procurar pelo número cento e onze. Fica uma porta antes do cento e um, e compreender que cento e um é o número de sala mais baixo neste andar e que o cento e onze é o mais alto requer certa imaginação. As salas que abrigam meu escritório, portanto, ocupariam a extremidade de um longo corredor se houvesse extremidades e corredores longos, mas não há. Aqui em cima existe apenas um grande círculo com seis escritórios, uma sala de reuniões ampla, a sala de leitura para reconhecimento de voz, a biblioteca, a sala de descanso e, no centro, um refúgio sem janelas onde Lucy optou por instalar o computador e os documentos duvidosos do laboratório.

Passando pelo escritório de Marino, paro diante do cento e onze, o que ele chama de COMCENT, ou Comando Central. Tenho certeza de que Marino propôs essa denominação pretensiosa não por me considerar sua comandante, mas por pensar em si mesmo obedecendo a uma ordem superior patriótica análoga a uma vocação religiosa. Sua veneração pelo militarismo é nova. É só mais um de seus paradoxos, como se Peter Rocco Marino precisasse de mais um paradoxo para definir sua natureza incoerente e conflituosa.

Preciso me acalmar com ele, digo a mim mesma enquanto destranco a pesada porta com camada de titânio de meu escritório. Ele não é tão ruim e não fez nada de tão terrível. É previsível, e eu não deveria estar nem um pouco surpresa. Afinal, quem o entende melhor que eu? A pedra de Roseta para Marino não é Bayonne, em New Jersey, onde cresceu como lutador de rua que se tornou boxeador e depois policial. A chave, no caso dele, não é nem mesmo o pai

alcoólatra e imprestável. Marino pode ser explicado acima de tudo pela mãe e pela namorada de infância, Doris, agora sua ex-esposa, duas mulheres aparentemente dóceis, subservientes e carinhosas, mas não inofensivas. Longe disso.

Aperto botões para acender as luzes embutidas nos suportes da cúpula geodésica de vidro energeticamente eficiente que me faz lembrar de Buckminster Fuller sempre que olho para cima. Se o famoso arquiteto e inventor continuasse entre os vivos, aprovaria meu prédio e possivelmente a mim, mas não nossa mórbida *raison d'être*, desconfio, embora, no estágio em que as coisas estão, eu também lhe fizesse algumas críticas. Por exemplo, não concordo com sua crença de que a tecnologia possa nos salvar. É certo que ela não está nos tornando mais civilizados; na realidade, acho que o oposto é verdadeiro.

Paro sobre o carpete cor de bronze atrás da porta como se aguardasse permissão para entrar, ou talvez hesite porque me apropriar deste espaço é abraçar uma vida que adiei por boa parte de dois anos. Para ser honesta, eu diria que a venho adiando há décadas, desde meus primeiros dias no Walter Reed, onde cuidava da minha própria vida em uma sala abarrotada e sem janelas na sede do AFIP quando Briggs entrou sem bater e deixou cair um envelope cinza de vinte por vinte e sete em minha mesa no qual estava impresso CONFIDENCIAL.

Quatro de dezembro de 1987. Eu me lembro de modo tão vívido que posso descrever o que estava vestindo, o tempo e o que comi. Sei que tinha fumado muito naquele dia e tomado várias doses de uísque puro, porque estava agitada e amedrontada. O caso de todos os casos e o Departamento de Defesa queria a mim, tinha me escolhido entre todos os outros. Ou, mais precisamente, Briggs. Na primavera do ano seguinte, fui dispensada prematuramente pela Força Aérea, não por bom comportamento, mas porque a administração Reagan me queria longe, e saí sob certas condições escandalosas que ainda hoje me atormentam. É cármico que eu me encontre em um prédio circular. Nada terminou ou começou em minha vida. O que estava distante está bem ao meu lado. De alguma forma, é tudo a mesma coisa.

A indicação mais gritante de meus seis meses de ausência de um cargo que preciso de fato ocupar é que o escritório administrativo de Bryce, vizinho ao

meu, acha-se confortavelmente atravancado, ao passo que o meu é desabitado e austero. A sensação é de desamparo e solidão; minha pequena mesa de reuniões em aço escovado está vazia, sem um vaso de plantas sequer, e quando habito um espaço há sempre plantas. Orquídeas, gardênias, plantas carnívoras e árvores para ambientes internos, tais como a areca e o sagueiro, pois quero vida e fragrâncias. Mas o que eu tinha aqui quando cheguei desapareceu e veio desaparecendo devido ao excesso de água e fertilizantes. Dei a Bryce instruções detalhadas e três meses para matar tudo. Ele levou menos de dois.

Não há quase nada em minha mesa, uma estação de trabalho modular arqueada, montada em aço calibre vinte e dois com superfície laminada preta e um jogo compatível de gavetas de arquivo e prateleiras livres entre as amplas janelas com vista para o Charles e o horizonte de Boston. Uma bancada de granito preto atrás de minha cadeira Aeron estende-se ao longo do comprimento da parede e é o lugar do meu Sistema Leica de Microdissecção a Laser, seus monitores de vídeo e acessórios, e, ao lado, da minha fiel Leica auxiliar para uso diário e de um microscópio de pesquisa laboratorial mais básico que posso operar com uma das mãos e sem software ou seminário de treinamento. Não há muito mais que isso, nenhuma pasta de arquivo à vista, nenhum atestado de óbito nem outros documentos para examinar e rubricar, nenhuma correspondência e muito poucos objetos pessoais. Concluo que não é bom ter um escritório tão perfeitamente arrumado, tão imaculado. Eu preferia um depósito de lixo. É estranho que o fato de ser confrontada com um espaço de trabalho vazio me faça sentir tão oprimida e, enquanto lacro a carta de Erica Donahue em um saco plástico, finalmente me dou conta do motivo por que não sou fã de um mundo que está rapidamente se livrando do papel. Gosto de ver o inimigo, as pilhas do que devo vencer, e extraio conforto das resmas de amigos.

Estou trancando a carta em um armário quando Lucy se apresenta, silenciosa como uma aparição, no grosso jaleco branco que usa para se aquecer e para esconder coisas dentro, além de sua predileção pelos bolsos amplos. O casaco grande demais a faz parecer enganosamente inofensiva e muito mais jovem que seus trinta e poucos anos, segundo ela, mas para mim Lucy vai ser sempre uma garotinha. Eu me pergunto se as mães sempre se sentem assim com relação às

filhas, mesmo quando elas já são mães ou, como no caso de Lucy, andam armadas e são perigosas.

Lucy talvez tenha uma pistola enfiada na parte posterior do cós de sua calça cargo, e me dou conta do quanto me sinto egoisticamente feliz pelo fato de ela estar em casa. Lucy está de volta à minha vida, não na Flórida ou com pessoas das quais preciso me forçar a gostar, como a promotora pública de Manhattan, Jaime Berger. Enquanto vejo minha sobrinha, minha filha única substituta, entrar em meu escritório, não posso evitar uma verdade que não vou lhe contar. Estou satisfeita que ela e Jaime tenham terminado a relação. Esse foi de fato o motivo por que não indaguei a respeito.

"Benton ainda está com você?", pergunto.

"Está no telefone." Lucy fecha a porta atrás de si.

"Com quem ele está conversando a esta hora?"

Lucy pega uma cadeira, puxa as pernas para cima do assento e as cruza nos tornozelos. "Com o pessoal dele", responde, como se insinuasse que Benton está conversando com colegas do McLean, mas não é isso. Anne está lidando com o hospital, e ela e Marino estão lá, iniciando o exame. Por que Benton estaria conversando com eles ou com qualquer outra pessoa no McLean?

"Somos só nós três então", comento em tom incisivo. "Além de Ron, imagino. Mas, se você quiser a porta fechada, acho que tudo bem." É meu jeito de deixá-la saber que seu comportamento hipervigilante e dissimulado não me passou despercebido e quero que ela o explique. Eu gostaria que explicasse por que considera necessário ser evasiva, quando não ostensivamente insincera comigo, sua tia, quase sua mãe, e agora sua chefe.

"Eu sei." Ela retira uma pequena caixa de provas do bolso do casaco.

"Você sabe? O que você sabe?"

"Que Anne e Marino foram ao McLean porque você quer uma RM. Benton me contou. Por que você não foi?"

"Não sou necessária e não seria particularmente útil, já que os exames de RM não são minha especialidade." Não há scanner de RM no necrotério de Dover, onde a maioria é de mortos de guerra cujo corpo contém metal. "Pensei em cuidar de algumas coisas e, quando estiver convencida de que sei o que estou

procurando, vou começar a autópsia.”

“É meio que um jeito inverso de ver as coisas quando você para e pensa”, reflete Lucy, os olhos verdes fixos em mim. “Antes você fazia a autópsia para saber o que estava procurando. Agora ela é só uma confirmação do que você já sabe e um meio de coletar provas.”

“Não exatamente. Ainda tenho surpresas. O que tem nessa caixa?”

“Falando no diabo…” Ela faz a caixinha branca deslizar sobre a superfície desobstruída de minha mesa ridiculamente limpa. “Pode tirar da caixa e não precisa de luvas. Mas tome cuidado com isso.”

Dentro da caixa, sobre uma camada de algodão, encontra-se o que parece a asa de um inseto, talvez uma mosca.

“Vá em frente, pegue”, encoraja Lucy, inclinando-se para a frente na cadeira, o rosto radiante de entusiasmo, como se estivesse me vendo abrir um presente.

Sinto a rigidez dos suportes de arame e uma fina membrana transparente, alguma coisa parecida com plástico. “Artificial. Interessante. O que é exatamente, e onde você conseguiu isso?”

“Você conhece o Santo Graal dos *flybots*?”

“Confesso que me deu um branco.”

“Anos e anos de pesquisa. Milhões e milhões de dólares de pesquisa gastos na construção do *flybot* perfeito.”

“Não estou muito informada a respeito. Na verdade, acho que não sei do que você está falando.”

“Equipado com microcâmeras e transmissores para vigilância dissimulada, literalmente para grampear pessoas. Ou para detectar substâncias químicas, explosivos ou até possíveis riscos biológicos. O trabalho vem sendo feito em Harvard, no MIT, em Berkeley e em vários outros locais aqui e no exterior, antes mesmo dos ciborgues, aqueles insetos com sistemas microeletromecânicos embutidos, com interface máquina-inseto. Que então se difundiram para fazer merdas como esta para outros seres vivos, como tartarugas e golfinhos. Não foi o auge da DARPA, se você me perguntar.”

Devolvo a asa ao quadrado de algodão. “Vamos voltar um pouco. Comece por onde você conseguiu isso.”

“Estou preocupada.”

“Você e eu, nós duas estamos.”

“Quando Marino estava com o cara na ID esta manhã” — Lucy está se referindo ao morto de Norton’s Woods — “eu quis contar a ele sobre o sistema de gravação que descobri nos fones de ouvido. Ele estava colhendo as digitais do corpo e reparei no que de relance parecia uma asa de mosca grudada no colarinho do casaco do morto junto com outros detritos, como terra e pedaços de folhas mortas.”

“Ela não foi desalojada pelos paramédicos”, comento. “Quando abriram o casaco dele.”

“Não. Estava presa no colarinho de pele falsa”, diz Lucy. “Fiquei impressionada com aquilo, sabe, tive uma sensação estranha e dei uma olhada mais de perto.”

Retiro uma lupa da gaveta em minha mesa, acendo uma luminária de exame e, sob a luz forte, a asa aumentada já não parece natural. O que se presumiria que fosse a base da asa, onde esta se ligaria ao corpo, é na verdade uma espécie de articulação dobrável, e as veias que correm através do tecido da asa são brilhantes como fios.

“Provavelmente um composto de carbono, e são quinze articulações em cada unidade de asa, o que é incrível.” Lucy descreve o que estou vendo. “A asa em si é uma estrutura de polímero eletroativo, que responde a sinais elétricos que fazem com que as asas batam tão rápido quanto as verdadeiras, as da mosca doméstica comum. Historicamente, um *flybot* decola na vertical como um helicóptero e voa como um anjo, o que tem sido um dos principais obstáculos do projeto. Isso e a invenção de uma coisa micromecânica que é autônoma, mas não volumosa — em outras palavras, biologicamente inspirada para que tenha a energia necessária para se deslocar livremente em qualquer ambiente em que seja colocada.”

“Biologicamente inspirada, como as invenções conceptuais de Da Vinci.” Eu me pergunto se ela está lembrada da exposição a que a levei em Londres e se reparou no pôster na sala do apartamento do morto. É claro que reparou. Lucy repara em tudo.

“O pôster em cima do sofá”, diz ela.

“É, eu vi.”

“Em um dos vídeos, quando ele estava colocando a coleira no cachorro. Não é assustador?”, pergunta Lucy.

“Não tenho certeza se sei por que motivo é assustador.”

“Bom, pude me dar o luxo de examinar as gravações com mais cuidado que você.” O comportamento de Lucy outra vez, as nuances que consigo reconhecer de forma tão segura quanto detecto mudanças sutis em um tecido ao microscópio. “É da mesma exposição a que você me levou no Courtauld, tem a data daquele mesmo verão”, diz ela em tom tranquilo e com determinado objetivo em mente. “A gente pode ter visitado ao mesmo tempo, supondo que ele tenha visitado.”

É isso o que Lucy acha. Que há uma ligação entre o morto e nós.

“Ter o pôster não significa que ele foi até lá”, continua ela. “Sei disso. Não se sustentaria em um tribunal”, acrescenta com uma ponta de ironia, como se estivesse dando uma alfinetada em Jaime Berger, a promotora com quem desconfio que ela não esteja mais.

“Lucy, você tem alguma ideia de quem é esse homem?”, adianto-me e pergunto.

“Só acho estranho pensar que ele talvez estivesse naquela galeria quando nós estivemos. Mas com certeza não estou afirmando isso. Não mesmo.”

Não é o que ela de fato pensa. Vejo isso em seus olhos, ouço em sua voz. Lucy desconfia que o sujeito esteve lá quando estivemos. Como concluiu tal coisa a respeito de um morto cujo nome desconhecemos?

“Você não está dando uma de hacker outra vez, não é?”, digo sem meias palavras, como se perguntasse sobre fumar, beber ou algum outro hábito prejudicial à saúde.

Já pensei mais de uma vez que Lucy pode ter encontrado um jeito de rastrear os arquivos de vídeo gravados em segredo até um computador pessoal ou servidor em algum lugar. Para ela, um *firewall* e outras medidas de segurança para proteger dados reservados nada mais são que lombadas em seu caminho para obter o que quer.

“Eu não sou hacker”, declara ela com simplicidade.

Isso não é resposta, penso, mas não digo.

“Só acho uma coincidência incrível”, continua ela. “E acho provável que ele tenha esse pôster por causa de alguma ligação com aquela exposição. Agora você pode comprar essas imagens. Eu chequei. Quem teria um pôster desse, a não ser que tivesse ido até lá ou tivesse alguém chegado que foi até lá?”

“A menos que seja muito mais velho do que parece, ele era uma criança na época”, observo. “Foi no verão de 2001.”

Lembro que o relógio dele estava cinco horas adiantado. Estava ajustado ao fuso horário do Reino Unido e a exposição havia sido em Londres. Isso não prova nada. *Uma consistência, mas não uma prova*, digo a mim mesma.

“Aquela exposição era exatamente o tipo de coisa que um inventorzinho precoce ia adorar”, comenta Lucy.

“Assim como você”, retruco. “Acho que foi quatro vezes. E comprou a série de palestras em CD, de tão fascinada.”

“É uma ideia e tanto. Um garotinho na galeria no momento exato em que estávamos lá.”

“Você fica dizendo isso como se fosse um fato.” Continuo a bater na mesma tecla.

“E quase uma década mais tarde eu estou aqui, você está aqui, e o cadáver dele está aqui. Nem me fale em seis graus de separação.”

Fico perturbada ao ouvir Lucy se referir a outra coisa que andei pensando mais cedo. Primeiro a exposição de Londres, agora a imensa teia constituída por todos nós, a forma como as vidas ao redor do planeta se interconectam de alguma forma.

“Na verdade, eu nunca me acostumei com isso”, ela diz. “Ver uma pessoa e então, mais tarde, ela é assassinada. Não que eu consiga visualizar o cara quando menino na galeria em Londres, não que veja algum rosto de criança na mente. Mas posso ter estado ao lado dele ou até ter conversado com ele. Em retrospecto, é sempre difícil entender que, se soubesse o que vinha mais à frente, você talvez pudesse ter mudado o destino de alguém. Ou o seu.”

“Benton te contou que o homem de Norton’s Woods foi assassinado ou você

soube disso por outra pessoa?”

“Colocamos a fofoca em dia.”

“E você mencionou o *flybot* enquanto colocavam a fofoca em dia há um instante no seu laboratório.” Não é uma pergunta.

Tenho certeza de que Lucy contou a Benton sobre a asa de mosca robótica e qualquer outra coisa que julgue que ele deveria saber. Ela foi enfática há pouco no helicóptero sobre ele ser a única pessoa em quem realmente confia agora além de mim. Embora eu não me sinta exatamente confiável. Tenho a sensação de que ela está peneirando informação e sendo seletiva quanto ao que oferece quando não desejo que esconda nada. Não desejo que seja evasiva ou minta. Mas uma coisa que aprendi acerca de Lucy é que desejar não torna as coisas verdadeiras. Posso desejar o que for e isso não vai mudar seu comportamento. Não vai mudar o que ela pensa ou faz.

Apago a luminária e devolvo a caixinha branca. “O que você quis dizer com ‘voa como um anjo’?”

“Aquelas reproduções artísticas de anjos pairando. Sei que você já viu algumas.” Lucy pega um bloco e uma caneta primorosamente dispostos ao lado do telefone. “Os corpos ficam na vertical, como o de alguém com um jato nas costas, ao contrário dos insetos e pássaros, cujo corpo fica na horizontal durante o voo. Esses *flybots* pequenos voam na vertical, como anjos, e essa é uma de suas falhas, isso e o tamanho. A busca de uma solução é como a do Santo Graal. Já frustrou os melhores e mais brilhantes.”

Ela faz um esboço para me mostrar, um boneco de palitinhos que parece uma cruz voando pelos ares.

“Se você quiser que um inseto como a mosca doméstica comum seja literalmente uma mosca na parede realizando vigilância dissimulada”, continua ela, “deve parecer com uma mosca, não com um corpo minúsculo com asas na vertical. Se eu estivesse em uma reunião com Ahmadinejad no Irã e alguma coisa passasse voando na vertical, então pousasse na vertical no peitoril da janela como uma Sininho minúscula, acho que eu perceberia e ficaria meio desconfiada.”

“Se você fosse a uma reunião com Ahmadinejad no Irã, eu ficaria muito

desconfiada por várias razões. Esquecendo por que motivo meu paciente tinha a asa de uma dessas coisas no casaco, supondo que essa asa faça parte de um *flybot* completo…", começo a dizer.

"Não exatamente um *flybot*", interrompe ela. "Também não é necessariamente um *spybot*. É aonde estou querendo chegar. Acho que isso é o Santo Graal."

"Então, seja o que for, para que ele teria sido usado?"

"A imaginação é o limite", responde ela. "Eu poderia fazer uma boa lista, mas não dá para saber de forma definitiva, não a partir de uma asa, embora eu possa dizer algumas coisas importantes. Infelizmente, não consegui encontrar o resto do objeto."

"Você está querendo dizer no corpo, no casaco? Encontrar o resto onde?"

"Na cena do crime."

"Você foi a Norton's Woods."

"Com certeza", diz ela. "Assim que percebi a origem da asa. É claro que fui direto para lá."

"Passamos várias horas juntas." Lembro Lucy que poderia ter me contado antes. "Só você e eu naquela cabine a viagem inteira desde Dover."

"É engraçado esse sistema de comunicação interna. Mesmo quando tenho certeza de que está desligado lá atrás, não me sinto segura. Não se é alguma coisa que não posso me permitir que alguém ouça. Marino não deve tomar conhecimento disso." Ela aponta para a caixinha branca que contém a asa.

"Por que exatamente?"

"Acredite em mim, você não quer que ele saiba porra nenhuma sobre isso. É uma peça muito pequena de alguma coisa muito maior em mais de um sentido."

Ela continua a me assegurar que Marino nada sabe a respeito de sua ida a Norton's Woods. Desconhece a existência da pequena asa mecânica ou que há um fator motivador no fato de ela tê-lo encorajado a me buscar em Dover mais cedo, para me escoltar em segurança no helicóptero. Lucy não mencionou nada disso até agora, continua a explicar, porque não confia em ninguém no momento. A não ser em Benton, acrescenta. E em mim, acrescenta. E está sendo muito cuidadosa com os locais onde tem certas conversas, e todos nós deveríamos ser.

"A menos que a área esteja liberada", diz ela, e o que tem em vista é

vasculhado; a implicação disso é que meu escritório é seguro ou não estaríamos tendo esta conversa nele.

"Você verificou meu escritório à procura de dispositivos de vigilância?" Não estou chocada. Lucy sabe vasculhar um local à procura de gravadores escondidos porque sabe espionar. O melhor ladrão é o chaveiro. "Quem você acha que estaria interessado em grampear meu escritório?"

"Não sei bem quem está interessado no quê ou por quê."

"Não Marino", digo então.

"Bom, isso seria fácil de descobrir. Mas é claro que não. Não estou preocupada que ele faça alguma coisa assim. Só me preocupa que não consiga ficar de boca fechada", retruca Lucy. "Pelo menos não quando se trata de certas pessoas."

"Você conversou sobre o MORT no helicóptero. Não ficou preocupada com o sistema de comunicação interna nem com Marino quando fez referência ao MORT."

"Não é a mesma coisa. Não chega nem perto", diz ela. "Não importa se Marino abrir a boca para certas pessoas a respeito de um robô no apartamento do cara. Outras pessoas já têm conhecimento disso, pode ter certeza. Não posso correr o risco de ter Marino falando da minha amiguinha aqui." Ela olha para a caixinha branca. "E ele não teria em vista nada de ruim. Mas não entende certas realidades sobre certas pessoas. Especialmente o general Briggs e a capitã Avallone."

"Eu não imaginava que você soubesse alguma coisa sobre ela." Nunca mencionei Sophia Avallone a Lucy.

"Jack mostrou as instalações quando ela esteve aqui. Marino comprou almoço, ficou lambendo o rabo uniformizado dela. Ele não entende gente assim, não entende a porra do Pentágono. Simplesmente assume que todo mundo é como a gente."

Fico aliviada que Lucy perceba isso, mas não quero incentivá-la a desconfiar de Marino, nem de leve. Ela passou por muita coisa com ele e os dois são finalmente amigos de novo, tão chegados quanto quando Lucy era criança e ele lhe ensinou a dirigir sua caminhonete e a atirar e ela o irritava para valer, o que

era recíproco. Lucy recebeu de minha genética a ciência, mas recebeu dele sua afinidade pela matéria policial, como ela diz. Foi ele o detetive importante e durão em sua vida enquanto criança prodígio sabe-tudo e difícil, e ele a amou e a odiou em tantas ocasiões diferentes quanto Lucy o amou e o odiou. Mas os dois são amigos e colegas agora. Faço tudo para que continuem assim. *Tenha cuidado com o que diz*, previno a mim mesma. *Deixe que a paz perdure.*

"De onde concluo que Briggs não tem conhecimento disso." Indico a caixinha branca em cima de minha mesa. "Nem a capitã Avallone."

"Não vejo como."

"Meu escritório tem alguma escuta agora?"

"Nossa conversa é completamente segura", declara ela, o que não é uma resposta.

"E Jack? É possível que ele saiba sobre o *flybot*? Bom, você não contou a ele."

"De jeito nenhum."

"Então, só se alguém tiver ligado procurando pelo objeto. Ou talvez pela asa do objeto."

"O que você está querendo dizer é: só se o assassino tiver telefonado para cá à procura de um *flybot* desaparecido", diz Lucy. "E vou chamar assim para simplificar, embora isso não seja um *flybot* comum. Isso seria uma idiotice. Indicaria que o autor da ligação tinha alguma coisa a ver com o homicídio do sujeito."

"Não podemos descartar nada. Às vezes os assassinos fazem coisas idiotas", retruco. "Quando estão muito desesperados."

10

Lucy se levanta e entra em meu banheiro privativo, onde há uma máquina de café sobre uma bancada. Ouço-a encher o reservatório com água da torneira e verificar o pequeno refrigerador. É quase uma da manhã e a neve não diminuiu, está caindo com força e rápido, e quando os pequenos flocos são soprados de encontro às janelas o som parece o de areia explodindo contra o vidro.

"Leite desnatado ou creme?", chama Lucy do que deveria ser meu vestiário particular, que inclui um chuveiro. "Bryce é uma ótima esposa. Encheu sua geladeira."

"Ainda bebo café preto." Começo a abrir as gavetas em minha mesa, sem saber ao certo o que estou procurando.

Penso em minha estação de trabalho suja na sala de autópsias. Penso nas pessoas usando o que não deveriam usar.

"Bom, então por que você tem leite e creme?" É a voz alta de Lucy. "Green Mountain ou Black Tiger? Também tem com avelã. Desde quando você bebe café sabor avelã?" As perguntas são retóricas. Ela sabe as respostas.

"Desde nunca", resmungo, vendo lápis, canetas, adesivos Post-it, clipes e, na gaveta de baixo, chiclete de hortelã.

A embalagem está pela metade e não masco chiclete. Quem gosta de chiclete de hortelã e teria motivos para usar minha escrivaninha? Não Bryce. Ele é pretensioso demais para mascar chiclete e, se eu o apanhasse fazendo isso, desaprovaria, pois considero uma grosseria mascar chiclete na frente de outras pessoas. Além disso, Bryce não fuçaria minha mesa, não sem permissão. Ele não se atreveria.

"Jack gosta de hortelã, baunilha francesa, essas merdas, e bebe café com leite desnatado, a não ser que esteja fazendo uma das dietas ricas em proteína e gordura dele", continua Lucy de dentro do banheiro. "Aí usa creme de verdade, creme gordo como esse aqui. Imagino que, se você tivesse visita, ou estivesse

esperando alguma, teria creme.”

“Não quero nada com sabor e, por favor, prepare o café forte.”

“Ele é um superconsumidor, exatamente como você”, soa a voz de Lucy. “As digitais dele estão em todas as fechaduras deste lugar, tanto quanto as suas.”

Ouço o esguicho de água quente através da embalagem de K-Cup e recebo a interrupção com alegria. Recuso-me a me engajar na especulação venenosa de que Jack Fielding esteve em meu escritório durante minha ausência, de que talvez o tenha usado enquanto bebia café, mascava chiclete ou sabe-se lá o que mais. Mas, quando olho ao redor, não parece possível. Meu escritório dá a sensação de não habitado. Certamente não parece que alguém andou trabalhando por aqui.

“Fui a Norton’s Woods antes da polícia de Cambridge. Marino pediu a eles que voltassem por causa do número de série apagado da Glock. Mas cheguei lá primeiro.” Lucy continua a falar alto de dentro do banheiro. “Mas tive a desvantagem de não saber exatamente onde o cara caiu, onde foi esfaqueado, como agora sabemos. Sem as fotografias da cena, é impossível conseguir a localização exata, só uma estimativa, então vasculhei todas as trilhas do parque.”

Ela surge com café fumegante em canecas pretas com a insígnia pouco comum do AFMES, a mão de pôquer de cinco cartas composta por ases e oitos, conhecida como a mão do homem morto, o que Wild Bill Hickok estava segurando quando foi morto a tiros.

“Foi como procurar agulha em palheiro”, continua ela. “O *flybot* tem provavelmente a metade do tamanho de um clipe de papel pequeno, é mais ou menos do tamanho de, bom, de uma mosca. Não encontrei nada.”

“Só porque você encontrou uma asa não significa que o resto estava lá”, lembro quando ela deposita o café a minha frente.

“Se estiver, está mutilado.” Lucy retorna à sua cadeira. “Debaixo de neve enquanto conversamos e sem uma asa. Mas muito possivelmente ainda vivo, sobretudo quando exposto à luz, supondo que não tenha sofrido outras avarias.”

“Vivo?”

“Não literalmente. Provavelmente alimentado por micropainéis solares, em vez de uma bateria, que já estaria inativa. A luz bate no objeto e abracadabra. É

para onde tudo está se encaminhando. E o nosso amiguinho, onde quer que esteja, é futurista, uma obra-prima da microtecnologia.”

“Como você pode ter tanta certeza se não conseguiu encontrar a maior parte dele? Só tem uma asa.”

“Não uma asa qualquer. O ângulo e as juntas flexíveis são engenhosos e sugerem um plano de voo diferente. Não mais o voo de um anjo. Mas horizontal, como o de um inseto de verdade. O que quer que seja essa coisa e qualquer que seja sua função, estamos falando de um objeto extremamente avançado, que eu nunca vi. Nada foi publicado a respeito, porque recebo praticamente todas as revistas técnicas on-line. Além disso, andei fazendo pesquisas a respeito, sem sucesso. Ao que tudo indica, é um projeto sigiloso, altamente secreto. Espero que o resto dele esteja lá no chão em algum lugar, coberto de neve e a salvo.”

“O que isso estava fazendo em Norton’s Woods para início de conversa?” Visualizo a mão enluvada invadindo a imagem da câmera de vídeo escondida, como se o homem estivesse golpeando alguma coisa.

“Sim. E era dele ou de outra pessoa?” Ela sopra o café, segurando a caneca com ambas as mãos.

“Tem alguém procurando por isso? Alguém acha que está aqui ou que sabemos onde está?”, torno a perguntar. “Alguém te contou que as luvas dele desapareceram? Você reparou nisso lá embaixo enquanto Marino estava colhendo as digitais do corpo? Parece que a vítima colocou um par de luvas pretas quando chegou ao parque, o que achei estranho quando assisti aos vídeos. Imagino que ele tenha morrido de luvas, então onde elas estão?”

“Interessante”, diz Lucy, e não consigo perceber se já sabia que as luvas desapareceram.

Não consigo descobrir o que ela sabe e se está mentindo.

“Elas não estavam no parque quando andei por lá ontem de manhã”, informa. “Eu teria visto um par de luvas pretas se tivesse sido acidentalmente deixado pelos técnicos, pelo serviço de remoção ou pelos policiais. É claro que elas podem ter sido recolhidas por alguém que passou por ali.”

“No vídeo, alguém usando um casaco preto longo passa pouco depois que o homem cai no chão. É possível que quem matou o sujeito tenha parado só o

tempo suficiente para pegar as luvas?”

“O que você tem em mente é se elas são luvas de dados ou luvas inteligentes, do tipo que é usado em combate, luvas com sensores para sistemas de computadores portáveis, a robótica portável”, diz Lucy como se fosse normal deliberar sobre um par de luvas desaparecido.

“Só estou querendo saber por que as luvas são tão importantes para que alguém tenha se dado o trabalho de pegar, se é que foi o que aconteceu”, retruco.

“Se elas forem munidas de sensores e era assim que ele estava controlando o *flybot*, supondo que o *flybot* seja dele, então as luvas seriam extremamente importantes”, diz Lucy.

“E você não perguntou sobre as luvas quando esteve lá embaixo com Marino? Não pensou em examinar todas as roupas à procura de sensores?”

“Se eu estivesse com as luvas, teria muito mais chance de encontrar o *flybot* quando voltei a Norton’s Woods”, declara Lucy. “Mas elas não estão comigo nem sei onde estão, se é o que está perguntando.”

“Estou perguntando porque seria adulteração de provas.”

“Não fiz isso. Prometo. Não sei com certeza se são luvas de dados, mas faz sentido se levarmos em conta outras coisas. Como o que ele diz no vídeo pouco antes de morrer”, acrescenta ela com ar pensativo, refletindo, ou talvez já tenha refletido, mas esteja me levando a crer que o que está dizendo é um raciocínio novo. “O homem fica repetindo ‘Ei, rapaz’.”

“Pensei que ele estivesse falando com o cachorro.”

“Talvez sim. Talvez não.”

“E ele disse outras coisas que não consegui entender”, recordo. “‘E para você’ ou ‘Você manda um’, alguma coisa assim. Uma mosca robótica consegue entender comandos de voz?”

“É completamente possível. Essa parte foi abafada. Também ouvi e achei confuso”, diz Lucy. “Mas talvez não se ele estivesse controlando um *flybot*. Ele pode ter emitido algum comando numérico ou de direção. Vou escutar outra vez com som mais alto.”

“Mais?”

“Já apliquei um pouco. Não ajudou. Ele pode ter dado coordenadas de GPS ao

flybot, o que seria um comando comum para um dispositivo que responde à voz — se você estiver dizendo a ele aonde ir, por exemplo.”

“Se conseguisse entender alguma coordenada de GPS, talvez você encontrasse o lugar, descobrisse onde ele está.”

“Sinceramente, duvido. Se o *flybot* era controlado pelas luvas, controlado pelo menos em parte por sensores nela, e quando a vítima acenou com a mão, talvez no momento em que foi esfaqueada?”

“O quê?”

“Não sei, mas não tenho o *flybot* e não tenho as luvas”, diz Lucy me encarando com ar sério, os olhos direto nos meus. “Não encontrei nenhum deles, mas com certeza gostaria de ter encontrado.”

“Marino comentou que alguém pode ter seguido Benton e eu depois que saímos de Hanscom?”, pergunto.

“Procuramos o SUV grande com faróis de xenônio e de neblina. Não estou dizendo que signifique alguma coisa, mas Jack comprou em outubro um Navigator azul-escuro. Usado. Você não estava aqui, então acho que não viu.”

“Por que Jack nos seguiria? E não, não sabia que ele tinha comprado um Navigator. Pensei que tivesse um jipe Cherokee.”

“Ele trocou, acho.” Lucy bebe o café. “Eu não disse que ele seguiria vocês. Ou que seria idiota o suficiente para colar no seu para-choque. A não ser em uma nevasca ou um nevoeiro, quando a visibilidade é muito ruim, alguém bastante inexperiente pode seguir muito de perto se não souber para onde o alvo está indo. Não vejo por que Jack se daria esse trabalho. Ele não imaginaria que você estava a caminho daqui?”

“Você tem ideia do motivo por que alguém se daria esse trabalho?”

“Se alguém sabe que o *flybot* está desaparecido”, responde Lucy, “com toda certeza está procurando por ele e possivelmente não pouparia nada para encontrar o objeto antes que caia nas mãos erradas. Ou nas mãos certas. Dependendo de com quem ou o que estamos lidando. Posso dizer isso com base em uma asa. Se foi por isso que vocês foram seguidos, fico menos propensa a desconfiar que quem matou o sujeito tenha encontrado o *flybot*. Em outras palavras, o dispositivo pode muito bem estar desaparecido. Provavelmente não

preciso te dizer que uma invenção técnica patenteada ultrassecreta como essa pode valer uma fortuna, especialmente se alguém roubar a ideia e levar o crédito por ela. Se essa pessoa está procurando pelo dispositivo e tem motivos para temer que ele tenha vindo para cá junto com o corpo, talvez quisesse ver aonde vocês estavam indo, o que estavam fazendo. Ele ou ela poderia pensar que o *flybot* está aqui no CFC ou que você o guardou em algum outro lugar. Inclusive em casa."

"Por que estaria na minha casa? Ainda não fui para casa."

"Pessoas sob pressão não têm lógica", responde Lucy. "Se eu fosse a pessoa que está procurando, talvez imaginasse que você instruiu seu marido, que já pertenceu ao FBI, a esconder o *flybot* em casa. Poderia imaginar todo tipo de coisas. E se o *flybot* ainda está à solta, continuaria a procurar."

Recordo as exclamações do homem, ouço sua voz em minha imaginação. "*O que…? Ei…!"* Talvez a reação assustada não se devesse unicamente à dor aguda repentina na região lombar e à tremenda pressão no peito. Talvez alguma coisa tenha voado de encontro ao seu rosto. Talvez ele estivesse usando luvas de dados e sua reação de surpresa tenha ocasionado a avaria no *flybot.* Imagino o minúsculo dispositivo a meio voo, sendo atingido pela mão enluvada do homem e esmagado contra o colarinho do casaco.

"Se alguém está de posse da luva de dados e procurou pelo *flybot* antes da neve começar, é realmente possível que não tenha encontrado o dispositivo?", pergunto à minha sobrinha.

"É claro que é possível. Depende de uma série de coisas. Do quanto ele está avariado, por exemplo. Houve muita atividade ao redor do homem depois que ele caiu. Se o *flybot* estava por ali, no chão, pode ter sido esmagado ou ainda mais danificado e parou completamente de responder. Ou pode estar embaixo de alguma coisa, em alguma árvore, no meio do mato ou em qualquer lugar lá fora."

"Imagino que um inseto robótico possa ser usado como arma", sugiro. "Já que não faço ideia do que causou as lesões internas desse homem, preciso pensar em todas as possibilidades imagináveis."

"Esse é o problema", diz Lucy. "Hoje, quase tudo que você imaginar é

possível.”

“Benton contou o que vimos na TC?”

“Não vejo como um inseto micromecânico possa ter causado danos internos assim”, responde Lucy. “A menos que tenham injetado alguma coisa na vítima com um dispositivo microexplosivo.”

Minha sobrinha e suas fobias. Sua obsessão por explosivos. Sua grave desconfiança do governo.

“E com certeza espero que não”, continua ela. “Na verdade, estaríamos falando em nanoexplosivos quando se trata de um *flybot*.”

Minha sobrinha e suas teorias; recordo o comentário de Jaime Berger da última vez que a vi no dia de Ação de Graças, quando estávamos todos em Nova York, jantando em sua cobertura. “O amor não vence tudo”, disse Berger. “É impossível”, disse ela, bebendo muito vinho e passando tempo demais na cozinha discutindo com Lucy a respeito do Onze de Setembro, a respeito de explosivos usados em demolições, nanomateriais pintados em infraestruturas que causariam uma terrível destruição se sofressem o impacto de grandes aviões repletos de combustível.

Já desisti de argumentar com minha fóbica e cínica sobrinha, que é inteligente demais para seu próprio bem e não me ouve. Para ela, não importa que simplesmente não haja fatos suficientes que confirmem aquilo de que está convencida, apenas alegações sobre resíduos encontrados na poeira logo depois que as torres desabaram. Então, semanas mais tarde, mais poeira foi coletada, contendo os mesmos resíduos de óxido de ferro e alumínio, um nanocompósito usado na produção de fogos e explosivos. Admito que foram escritos artigos a respeito em revistas científicas dignas de crédito, mas não o suficiente, e eles nem mesmo começam a provar que nosso próprio governo ajudou a planejar o Onze de Setembro como desculpa para dar início a uma guerra no Oriente Médio.

“Sei o que você pensa sobre teorias da conspiração”, diz Lucy. “Essa é uma grande diferença entre nós. Já vi o que os supostos mocinhos são capazes de fazer.”

Ela nada sabe sobre a África do Sul. Se soubesse, perceberia que não há

diferença entre nós duas. Sei muito bem o que os supostos mocinhos são capazes de fazer. Mas não o Onze de Setembro. Eu não iria tão longe e penso em Jaime Berger e imagino o quanto devia ser difícil para a poderosa e consagrada promotora pública de Manhattan ter Lucy como companheira. O amor não vence tudo. É realmente verdade. Talvez a paranoia de Lucy acerca do Onze de Setembro e o país em que vivemos a tenha reconduzido a um isolamento social que historicamente nunca é interrompido por muito tempo. Achei que Jaime fosse de fato a pessoa certa, que ia durar. Agora tenho certeza de que não. Quero dizer a Lucy que sinto muito por isso, que sempre vou estar presente e conversar sobre tudo que ela quiser, mesmo que vá de encontro a minhas crenças. Agora não é o momento.

"Acho que precisamos levar em conta que talvez estejamos lidando com algum cientista renegado, talvez mais de um, que não está tramando nada de bom", diz Lucy em seguida. "É esse o ponto importante que estou tentando avaliar. E estou me referindo a coisas ruins, muito ruins, tia Kay."

Sinto alívio ao ouvir Lucy me chamar de tia Kay. Sinto que está tudo bem conosco quando ela me chama assim, o que raras vezes faz agora. Não consigo lembrar quando tinha sido a última vez. Quando sou sua tia Kay, quase consigo ignorar o que é Lucy Farinelli, um gênio sociopata limítrofe, diagnóstico que Benton ridiculariza, gentil mas firmemente. Ser sociopata limítrofe é como estar meio grávida ou meio morta, diz ele. Amo minha sobrinha mais do que minha própria vida, mas vim a aceitar que, quando ela se comporta bem, é um ato de vontade ou simplesmente lhe convém. A moralidade tem muito pouco a ver com isso. Tudo está relacionado ao fim justificando os meios.

Analiso Lucy com cuidado, embora não tenha esperança de entender o que existe ali. Seu rosto nunca revela informação que possa de fato machucá-la.

"Preciso fazer uma pergunta", digo.

"Pode fazer mais de uma." Ela sorri e parece incapaz de ferir alguma coisa ou alguém, a menos que a pessoa reconheça a força e a agilidade em suas mãos serenas e as rápidas mudanças em seus olhos à medida que os pensamentos lampejam por trás deles como relâmpagos.

"Você não está envolvida no que quer que seja isso?" Eu me refiro à caixinha

branca e à asa do *flybot* dentro dela. Refiro-me ao morto que está fazendo uma ressonância magnética no McLean — alguém que talvez tenha cruzado nosso caminho em uma exposição de Da Vinci em Londres meses antes do Onze de Setembro, que Lucy incrivelmente acredita ter sido orquestrado pelo nosso próprio governo.

"Não." Ela responde sem afetação, não hesita e não parece nem um pouco constrangida.

"Porque agora você está aqui." Lembro Lucy de que ela trabalha para o CFC, ou seja, de que trabalha para mim, e estou sujeita ao governador de Massachusetts, ao Departamento de Defesa e à Casa Branca. Estou sujeita a muita gente. "Não posso ter…"

"É claro que não. Não vou criar problemas."

"Não é mais só você…"

"Não precisamos ter essa conversa", ela torna a interromper, e seus olhos chispam. São tão verdes que não parecem reais. "De qualquer forma, ele não tem lesões térmicas, certo? Nenhuma queimadura."

"Nada que eu tenha visto até agora. Isso é certo", respondo.

"Tudo bem. Então e se alguém espetou o cara com uma arma subaquática modificada? Sabe, um daqueles arpões com alguma coisa parecida com um cartucho de espingarda na ponta? Só que, nesse caso, uma carga muito pequena, minúscula, contendo nanoexplosivos?"

Aperto o botão liga/desliga para acionar meu computador de mesa. "Não teria a aparência do que acabei de ver. Ia parecer o ferimento provocado por um disparo de contato, menos a abrasão típica produzida pelo cano da arma. Mesmo que estivéssemos falando do uso de nanoexplosivos em oposição a algum tipo de munição de arma de fogo na ponta de uma lança ou de alguma coisa parecida com uma lança, você está certa, veria lesões térmicas. Haveria queimaduras na entrada e no tecido subjacente. Imagino que esteja sugerindo que alguma coisa como um *flybot* poderia ser usado para lançar nanoexplosivos. É o que teme que esse suposto cientista renegado, ou mais de um, esteja fazendo?"

"Lançar. Detonar. Nanoexplosivos, drogas, venenos. Como eu disse, a imaginação é o limite do que um dispositivo desses é capaz de fazer."

“Preciso dar uma olhada na filmagem de segurança que mostra o vazamento do saco contendo o corpo”, digo, enquanto procuro arquivos em meu computador. “Não vou ter que procurar Ron para isso, vou?”

Lucy contorna a mesa e começa a digitar em meu teclado, inserindo sua senha do administrador do sistema, que confere total acesso aos meus domínios.

“Moleza.” Ela pressiona uma tecla para abrir um arquivo.

“Ninguém pode entrar nos meus arquivos sem seu conhecimento.”

“Não no ciberespaço. Mas não sei se alguém esteve no seu espaço físico, principalmente porque não fico aqui o tempo todo; na verdade, não fico aqui nem a maior parte do tempo, porque trabalho à distância sempre que posso”, diz ela, mas não estou convencida de que não saberia.

Na realidade, não acredito nisso.

“Mas não existe a menor possibilidade de que alguém tenha entrado nos seus arquivos protegidos por senha”, continua ela, e nisso eu acredito. Lucy não permitiria. “Você pode monitorar as câmeras de segurança de qualquer lugar, por sinal. Até do seu iPhone, se quiser. Tudo de que precisa é acesso à internet. Encontrei isso mais cedo e salvei como arquivo. Cinco e quarenta e dois da tarde. Que foi a hora de ontem em que as imagens foram captadas por uma câmera de segurança na recepção.”

Lucy clica no play, aumenta o volume e vejo dois atendentes vestindo casaco de inverno empurrando uma maca que conduz um saco preto ao longo do corredor de ladrilho cinza no andar de baixo.

As rodas estalam quando eles estacionam a maca em frente à geladeira e agora vejo Janelle, gorducha e com cabelo castanho curto, com ar agressivo e uma quantidade surpreendente de tatuagens, tão bem quanto a recordo. Alguém que Fielding encontrou e contratou.

Janelle abre a maciça porta de aço e ouço a precipitação do golpe de ar.

“Coloque isso…” Ela aponta e noto que está usando uma jaqueta escura com PERÍCIA em grandes letras amarelas brilhantes na parte de trás. Ela veste o uniforme externo, inclusive o boné de beisebol do CFC, como se fosse sair no frio ou tivesse acabado de entrar.

“Naquela bandeja ali?”, um dos atendentes pergunta enquanto ele e o

companheiro retiram da maca o saco contendo o corpo. O saco se dobra à vontade enquanto eles o carregam, o corpo em seu interior tão flexível quanto em vida. “Merda, ele está pingando. Droga. É bom que não tenha aids nem nada parecido. Na minha calça, na porra do meu sapato.”

“Na mais baixa.” Janelle guia os dois homens até uma bandeja no interior da geladeira, saindo do caminho e nem um pouco interessada no sangue que goteja do saco e mancha o chão cinza. Ela parece não notar.

“Janelle, a maravilhosa”, comenta Lucy, quando a gravação de vídeo termina de repente.

“Você tem os registros do IML?” Quero ver a que horas o investigador médico-legal — em outras palavras, Janelle — chegou e saiu ontem. “É óbvio que ela estava de plantão durante a noite.”

“Ela fez dois turnos no domingo, maníaca por trabalho do jeito que é”, diz Lucy. “Substituiu Randy, que estava escalado para as noites do fim de semana, mas pediu dispensa por estar doente. O que significa que ficou em casa para assistir ao Super Bowl.”

“Espero que não.”

“E o fresco do Randy não está aqui agora por causa do tempo. Supostamente, está de plantão em casa. Deve ser bom ter um utilitário para levar embora e ser pago para ficar em casa”, diz Lucy, e ouço o desprezo em seu tom áspero e o vejo na dureza em seu rosto. “Acho que você já percebeu onde está metida. Supondo que tenha desistido de arranjar desculpas para as pessoas.”

“Não arranjo desculpas para você.”

“Isso porque não precisa.”

Examino os registros que Janelle deixou ontem, um documento-padrão em minha tela de vídeo com muito poucos campos preenchidos.

“Não pretendo explicar o que é evidente como o nariz no meu rosto, mas você sabe muito pouco sobre o que acontece por aqui”, diz Lucy. “Não conhece os detalhes do dia a dia neste lugar. E como poderia?” Ela volta para o outro lado da mesa e pega seu café, mas não torna a se sentar. “Nunca está aqui. Desde que começamos a funcionar.”

“É só isso? Esse é o registro inteiro do dia de ontem?”

“É isso aí. Janelle chegou às quatro. Se é que dá para acreditar no que ela anotou no registro.” Lucy continua de pé bebendo o café e me observando. “E ela anda com uma quadrilha e tanto, por sinal. Os merdas dos amigos forenses dela. A maioria policiais, alguns da área de processamento de dados ou gente de escritório. Qualquer pessoa para quem ela possa posar de heroína. Sabia que faz parte de um time de queimada? Que tipo de pessoa joga queimada? Alguém com *finesse.*”

“Se ela entrou às quatro, por que está vestindo o uniforme externo, inclusive a jaqueta? Como se tivesse acabado de chegar do frio?”

“Como eu disse, se é que dá para acreditar no que ela anotou no registro.”

“E David estava de serviço antes disso e também não respondeu?”, pergunto. “Jack podia ter mandado David a Norton’s Woods. Ele estava aqui à toa, então por que Jack não pediu que fosse até a cena? Fica a uns quinze minutos daqui.”

“E você não sabe disso também.” Lucy entra no banheiro e enxágua sua caneca. “Você não sabe se David estava aqui à toa”, diz enquanto torna a sair e se põe a circular perto da porta fechada do escritório. “Não quero ser eu a te contar…”

“Parece que você é a única. Ninguém me conta porra nenhuma”, retruco. “O que está acontecendo por aqui? As pessoas só aparecem quando sentem vontade?”

“Praticamente. Os outros legistas, os investigadores, todos entram e saem ao seu bel-prazer. Isso vem de cima.”

“Vem de Jack.”

“Ao menos por esse lado. Os laboratórios são outra história, porque ele não está interessado neles. A não ser o de armas de fogo.” Ela se apoia na porta fechada, enfiando as mãos nos bolsos do jaleco.

“Ele devia estar no comando na minha ausência. Jack é codiretor de todo o necrotério do CFC.” Não consigo afastar de minha voz o tom de queixa, de indignação.

“Jack não se interessa pelos laboratórios e, de qualquer forma, os pesquisadores não prestam a menor atenção nele. A não ser o de armas de fogo, como eu já disse. Você conhece Fielding com revólveres, facas, balestras, arcos.

Nunca encontrei uma arma que ele não adorasse. Então se mete no laboratório de armas e marcas e já conseguiu ferrar com eles também. Encheu a paciência de Morrow até ele ficar à beira da demissão. Sei que está procurando outro emprego. E não existe nenhum bom motivo para que o laboratório dele não terminasse com a Glock do morto. O número de série apagado. Merda. Ele se mandou hoje de manhã e nem se preocupou."

"Ele se mandou hoje de manhã?"

"Estava saindo de carro quando voltei de Norton's Woods. Por volta das dez e meia."

"Você falou com ele?"

"Não. Talvez ele não estivesse se sentindo bem. Não sei, mas não entendi por que não se certificou de que alguém se encarregasse da Glock. Usar ácido em um número de série apagado? Quanto tempo leva para pelo menos tentar? Ele devia saber que era importante."

"Talvez não soubesse", retruco. "Se o detetive de Cambridge foi o único a falar com ele, por que ia achar que a Glock era importante? Na ocasião, ninguém fazia ideia de que é um homicídio."

"Bom, acho que esse é um ponto relevante. Morrow provavelmente nem sabe que fomos te buscar, que você voltou de Dover. Fielding também desapareceu, quando sabia muito bem que havia um problema grave que a maioria das pessoas com um cérebro na cabeça ia concluir que era culpa dele. Foi Fielding que recebeu a chamada sobre o cara em Norton's Woods. Foi ele que deixou de ir até a cena do crime e não garantiu que alguém fosse. O motivo por que Janelle está toda vestida para sair, na minha opinião? Ela não chegou aqui às quatro, na hora em que anotou no registro. Chegou a tempo de fazer os atendentes entrarem, registrar a entrada do corpo e depois deu meia-volta e saiu. Posso descobrir. Existe um registro de quando ela desativou o alarme para entrar no prédio. Depende de você querer tornar isso um caso federal."

"Estou surpresa que Marino não tenha se certificado de que eu tomasse conhecimento da extensão dos problemas." É só no que consigo pensar para dizer. O interior da minha cabeça está vazio.

"Na verdade é a história de Pedro e o lobo", diz Lucy e é verdade.

Marino reclama tanto de tantas pessoas que mal ouço. Agora de volta às minhas falhas. Não prestei atenção. Não escutei. Talvez não escutasse independentemente de quem tivesse contado.

“Tenho que cuidar de algumas coisas. Você sabe como me encontrar”, diz Lucy, abrindo a porta e a deixando aberta depois que saiu.

Pego o telefone e torno a ligar para Fielding. Não deixo mensagem nenhuma dessa vez e me passa pela cabeça que sua mulher também não atende o telefone de casa. Ela veria o nome e o número de meu escritório no identificador de chamadas. Talvez seja por isso, por saber que sou eu. Ou talvez a família tenha ido a algum lugar, saído da cidade. Em uma segunda-feira à noite, no meio de uma tempestade de neve, quando ele sabe muito bem que voltei de Dover às pressas para cuidar de um caso de emergência?

Saio e digitalizo o polegar para destrancar a porta à direita da minha. Entro no escritório do meu sub e o examino devagar, como se fosse a cena de um crime.

11

Escolhi o escritório de Fielding, tendo insistido em um tão bom quanto o meu, bem grande, com chuveiro privativo. Ele tem vista do rio e da cidade, embora as venezianas estejam baixadas, o que acho inquietante. Ele deve ter fechado quando ainda estava claro lá fora, e não sei por que faria isso. Não por um bom motivo, penso. É um mau presságio, independentemente de qualquer coisa.

Circulo pelo aposento, abro todas as venezianas e, através das amplas vidraças refletivas em tons de cinza, distingo as luzes embaçadas do centro de Boston e ondas crescentes de umidade congelada, uma neve frígida que clica e fere como dentes. O topo dos arranha-céus, as torres Prudential e Hancock estão encobertos e as rajadas de vento gemem em tons baixos ao redor da cúpula sobre minha cabeça. Abaixo, a Memorial Drive está movimentada devido ao tráfego, mesmo a esta hora, e o Charles parece amorfo e negro. Eu me pergunto quantos centímetros de neve temos até agora e quanto vamos ter antes que se desloque para o sul. Eu me pergunto se Fielding nunca mais vai voltar à sala que projetei e mobiliei para ele, e por algum motivo sinto que não, mesmo que não existam provas de que ele se foi para sempre.

A maior diferença entre nossos espaços de trabalho é que o dele está repleto de lembretes do ocupante, seus vários diplomas, certificados e condecorações, suas peças de coleção em prateleiras, bolas e bastões de beisebol autografados, troféus e placas de tae kwon do, maquetes de aviões de guerra e um pedaço de um de verdade que caiu. Vou até sua mesa e examino relíquias da Guerra Civil: uma fivela de cinto, um balde de cacarecos, um polvorinho, algumas balas Minié que recordo que ele colecionava em nosso início na Virginia. Mas não há fotografias e isso me deixa triste. Em alguns locais, vejo o que desapareceu nos espaços vazios na parede onde ele não se deu o trabalho de preencher os orifícios diminutos deixados pelos ganchos que removeu.

Dói que ele não mais exponha as fotografias rotineiras, batidas quando ele era

meu colega na patologia forense, fotos inocentes nossas no necrotério ou de nós dois em cenas de morte com Marino, o principal detetive de homicídios da polícia de Richmond no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, quando tanto Fielding quanto eu estávamos apenas começando, ainda que de maneiras completamente diferentes. Ele era o médico bem aparentado em início de carreira, ao passo que eu estava mudando para o setor privado, em transição para a vida civil e o papel de chefe, fazendo o possível para não olhar para trás. Talvez Fielding não olhe para trás, embora eu não saiba por quê. Seu passado foi bom comparado ao meu. Ele não ajudou a ocultar um crime. Nunca precisou se esconder de nada semelhante a isso. Não que eu saiba, mas gostaria de saber. O que mais sei?

Não muito, exceto pela sensação de que ele se livrou de mim, talvez tenha se livrado de todos nós. Parece que se livrou de mais coisas do que realmente fez. Estou convencida disso sem saber bem por quê. Seus objetos pessoais certamente continuam aqui, suas roupas de chuva Gore-Tex em um cabide, suas botas de neoprene, sua bolsa com o equipamento de mergulho e o estojo com instrumentos de trabalho guardados em um armário, e sua coleção de emblemas da polícia e moedas de torneios policiais e militares. Eu me lembro de tê-lo ajudado a se mudar para este escritório. Ajudei meu sub a arrumar até os móveis, nós dois nos queixando, rindo e então reclamando mais um pouco enquanto deslocávamos a escrivaninha, depois a mesa de reuniões, e então trocávamos tudo de lugar novamente.

“O que é isso? *O Gordo e o Magro*?”, perguntou ele. “A próxima coisa que você vai empurrar escada acima é uma mula?”

“Você não tem escada.”

“Estou pensando em comprar um cavalo”, disse ele enquanto deslocávamos cadeiras que antes havíamos transferido para outro local. “Tem um haras a um quilômetro e meio de casa. Posso hospedar o cavalo lá e quem sabe vir trabalhar a cavalo ou cavalgar até as cenas dos crimes.”

“Vou acrescentar isso ao manual do funcionário. Nada de cavalos.”

Brincamos e provocamos um ao outro, e ele me pareceu bem naquele dia — animado e otimista, seus músculos deformando as mangas curtas do jaleco.

Exibia uma boa forma e uma aparência saudável inacreditáveis na ocasião, o rosto ainda infantilmente bonito, o cabelo louro-escuro despenteado, e fazia vários dias que não se barbeava. Ele era atraente e divertido, e recordo os sussurros e risinhos de algumas das funcionárias quando passavam pela porta aberta de seu escritório, procurando desculpas para olhar para ele. Fielding parecia muito feliz por estar aqui comigo e me lembro de nós dois arrumando fotografias e recordando nosso início juntos — fotos que agora desapareceram.

Em seu lugar há outras das quais não me lembro. As fotos estão arrumadas nas prateleiras e paredes, em locais de destaque, poses formais com políticos e altas patentes militares, uma com o general Briggs e até mesmo a capitã Avallone, talvez procedente da visita de que eu agora sabia. Ele parece rígido e entediado. Em uma foto sua vestindo as roupas brancas do tae kwon do, a meio voo e chutando um inimigo imaginário, parece zangado, com o rosto vermelho e cheio de ódio. Enquanto examino retratos recentes de família, concluo que tampouco ali ele parece satisfeito, nem mesmo quando está segurando suas duas filhinhas ou tem os braços ao redor da mulher, Laura, uma loura delicada cuja beleza está se desgastando, como se a vida difícil estivesse mapeando seu curso, gravando linhas e rugas em uma topografia antes graciosa e elegante.

Ela é a terceira mulher de Fielding, e rastreio o declínio dele ao examinar esses momentos captados em ordem cronológica. Quando se casou com ela, ele parecia bem-disposto, sem sinais de erupções cutâneas e não apresentava os trechos inconvenientes de calva. Paro para admirar quão incrível ele estava, sem camisa e com o corpo rijo como pedra nos shorts de corrida, lavando seu Mustang 67 vermelho-cereja com as listras de Le Mans no centro do capô. Então recentemente, no outono passado, o espessamento na região da cintura; a pele coberta de manchas e avermelhada; os fios de cabelo penteados para trás e mantidos no lugar com gel para esconder a alopecia. Em uma competição de artes marciais há menos de um mês, ele não parece em boas condições físicas nem espiritualmente equilibrado em seu uniforme de mestre faixa-preta. Não parece encontrar alegria nem na boa forma nem na técnica. Não tem a aparência de quem reverencia as outras pessoas, possui autocontrole ou respeita qualquer coisa. Parece desregrado. Meio perturbado. Completamente infeliz.

Por quê?, pergunto em um sussurro à foto inicial com seu adorado carro, quando ele estava deslumbrante de ver, com ar despreocupado e vigoroso, o tipo de homem por quem seria fácil se apaixonar, colocar no comando ou confiar a própria vida. *O que mudou? O que te deixou tão infeliz? O que foi desta vez?* Ele detesta trabalhar para mim. Detestou da última vez, em Watertown, onde não ficou muito tempo, e agora no CFC, que detesta ainda mais, isso é óbvio. Foi no final do verão passado, quando ele começou a ficar tão mal que finalmente abrimos nossas portas à justiça penal, recebendo casos. Mas eu nem mesmo estava em Massachusetts na ocasião, passei só o feriado do Dia do Trabalho. Não pode ser culpa minha. A culpa sempre foi minha. Sempre me culpei pelas quedas de Fielding, que foram em número maior do que estou disposta a contar.

Faço com que se recupere e ele torna a cair, de forma cada vez mais séria. Cada vez mais feia. Cada vez mais sangrenta. Vezes sem conta. Como uma criança que não consegue andar e não vou aceitar até que ela esteja ferida para além de qualquer conserto. O drama que vai sempre terminar de forma previsível, como Benton descreveu. Fielding não deveria ser patologista forense e é por minha causa que exerce a profissão. Ele estaria melhor se não tivesse me conhecido na primavera de 1988, quando não tinha certeza do que queria da vida e eu lhe disse que sabia o que deveria fazer. Eu mostro. Eu ensino. Se não tivesse ido a Richmond, ele não teria esbarrado em mim e talvez tivesse escolhido uma maneira condizente de passar seus dias. Sua carreira e sua vida teriam a ver consigo mesmo, e não comigo.

Este é sem dúvida o ponto principal: Fielding faz o melhor possível em um ambiente totalmente destrutivo para ele e por fim não suporta mais, descompensa, se desintegra e lembra por que ele é o que é e quem o formou; então assomo como um imenso outdoor em sua vida desprezível. Sua reação a essas crises é sempre a mesma. Desaparecer. Um dia ele simplesmente some do radar e o que encontro em seu rastro é horrível. Casos com os quais lidou de forma inapropriada ou negligenciou. Memorandos que demonstravam sua falta de controle e uma capacidade de julgamento perigosa. Mensagens de voz ofensivas que ele não se preocupou em apagar porque queria que eu ouvisse. E-mails e outros comunicados prejudiciais que esperava que eu encontrasse. Sento

na cadeira em sua mesa e começo a abrir as gavetas. Não preciso vistoriar por muito tempo.

A pasta de arquivo não está etiquetada e contém quatro folhas impressas às oito e três de ontem, 8 de fevereiro, com um discurso que, com base em outras informações no cabeçalho e na seção de notícias, procede do site do Instituto Real de Serviços Unidos para Estudos de Defesa e Segurança. Um instituto de pesquisas inglês centenário com filiais em locais estratégicos em todo o mundo, o RUSI dedica-se a inovações avançadas em segurança nacional e internacional, e não consigo imaginar o interesse de Fielding. Não compreendo sua preocupação com um discurso programático proferido por Russell Brown, o secretário de Estado de Defesa, com suas opiniões a respeito do "debate de defesa". Passo os olhos pelos comentários não tão surpreendentes do membro conservador do Parlamento de que a constante participação do Reino Unido em uma aliança não é um axioma e que o impacto econômico da guerra é catastrófico. Brown faz repetidas alusões à desinformação metodicamente propagada, que é o mais próximo que o respeitável membro do Parlamento vai chegar de acusar francamente os Estados Unidos de orquestrar a invasão do Iraque e arrastar o Reino Unido nessa jornada.

Como seria de esperar, o discurso é político, como quase tudo agora na Inglaterra, que organiza eleições gerais para daqui a três meses. Seiscentos e cinquenta cadeiras estão em disputa e uma questão importante de campanha são as mais de dez mil tropas britânicas que estão combatendo o Talibã no Afeganistão. Fielding não é militar, nunca prestou muita atenção a questões ou eleições estrangeiras, e não sei por que motivo teria o menor interesse no que está ocorrendo no Reino Unido. Sequer me lembro de ele já ter ido ao Reino Unido. Ele não é do tipo que se interesse por eleições gerais nesse país, nem pelo RUSI, nem por grupos de pesquisa, e conhecendo-o bem como conheço, desconfio que pretendia que eu encontrasse essa pasta. Queria que eu a visse depois que realizou outro de seus truques de desaparecimento. O que ele quer que eu saiba?

Por que está interessado no RUSI? E ele mesmo encontrou o discurso na internet ou alguém o enviou? Se o material foi enviado, por quem? Penso na

possibilidade de pedir a Lucy que entre no e-mail de Fielding, mas não estou preparada para pegar tão pesado e não quero ser pega. Posso trancar a porta, mas ainda assim meu sub poderia entrar, pois não confio que Ron ou qualquer outra pessoa vá mantê-lo na área de segurança se ele aparecer. Não levo a menor fé que Ron, que sempre foi hostil e parece ter pouca consideração por mim, vá deter Fielding ou tentar me contatar para pedir sua liberação. Não acredito que minha equipe seja leal a mim, nem que se sinta segura comigo ou siga minhas ordens, e Fielding pode reaparecer a qualquer momento.

Isso tem tudo a ver com ele. Desaparecer sem aviso, então aparecer da mesma forma inesperada e me pegar em flagrante, sentada em sua mesa, vasculhando seus arquivos eletrônicos. É só mais uma coisa que ele vai usar contra mim, e já usou muitas assim ao longo dos anos. O que Fielding andou aprontando pelas minhas costas? Vejamos o que mais descubro, e então vou saber o que fazer. Presto atenção mais uma vez à hora impressa no documento e o imagino sentado nesta mesma cadeira às oito e três, imprimindo o discurso enquanto todos — Lucy, Marino, Anne e Ollie — estavam alvoroçados devido ao conteúdo da geladeira no térreo.

Estranho Fielding permanecer aqui no escritório enquanto isso estava acontecendo, e me pergunto se chegou a se importar com a possibilidade de um homem ter sido trancado em nossa geladeira ainda vivo. É claro que Fielding teria que se importar. Como não se importaria? Se o pior se revelasse verdadeiro, ele seria responsabilizado. No fim das contas, seria eu a aparecer em todos os noticiários e provavelmente perder o emprego, mas ele afundaria comigo. Ainda assim, estava aqui, no sétimo andar, em seu escritório e longe da confusão, como se já tivesse tomado uma decisão, e me ocorre que seu desaparecimento pode estar relacionado a outra coisa. Reclino-me na cadeira, olho em volta e minha atenção pousa em um bloco e uma caneta esferográfica perto do telefone. Reparo nas marcas leves na folha de papel no topo.

Acendendo uma luminária, pego o bloco e o seguro em vários ângulos, tentando decifrar as marcas de escrita deixadas como pegadas quando alguém faz uma anotação na primeira folha, que foi arrancada. Uma das características de Fielding é não ter o toque leve, não quando empunha um bisturi, digita em

um teclado ou escreve alguma coisa. Para um devoto das artes marciais, ele é surpreendentemente bruto, fica facilmente frustrado e se inflama rápido. Tem um jeito infantil de segurar o lápis ou a caneta, com dois dedos em cima em vez de um, como se estivesse usando pauzinhos orientais. Costuma quebrar grafite e ponta de lápis e é um inferno com marcadores de texto.

Não preciso de um detector eletrostático, de um Docustat, de uma caixa de vácuo nem de uma unidade de recuperação de escrita para detectar o que consigo enxergar à moda antiga com luz indireta e meus próprios olhos. Os garranchos quase ilegíveis de Fielding. O que parecem duas anotações separadas. Uma delas é um número de telefone com código de área quinhentos e oito e MAV18/8/DIÁRIO MIN. DEF. RU 2/8. Então a segunda: U DE SHEFFIELD HOJE WHITEHALL. CÂMBIO E DESLIGO. Torno a olhar para me certificar de ter lido as últimas palavras de forma correta. *Câmbio e desligo.* O fim de uma transmissão de rádio, como em *Roger Wilco câmbio e desligo,* mas também a canção interpretada por uma banda heavy metal que Fielding costumava colocar para tocar o tempo todo no carro quando chegou a Richmond. “Câmbio e desligo. Todo cão tem seu dia.” O que ele cantava para mim quando ameaçava sair, quando estava farto ou me provocando, flertando, fingindo estar de saco cheio. Ele escreveu *câmbio e desligo* no bloco de notas pensando em mim ou por alguma outra razão?

Encontro um bloco tamanho ofício em uma gaveta, escrevo o que descobri por intermédio das marcas no bloco de notas e começo a fazer o melhor que posso para entender o que Fielding estava fazendo e pensando a respeito do que deseja que eu saiba. Se entrasse aqui para bisbilhotar, eu encontraria o material impresso e as marcas das anotações. Ele me conhece. Pensaria dessa forma porque sabe muito bem como funciona minha mente. A Universidade de Sheffield é uma das principais instituições de pesquisa do mundo, e Whitehall é onde está sediado o RUSI, literalmente no antigo palácio de Whitehall, a localização original da Scotland Yard.

Entro no Intelliquest, o programa de busca que Lucy criou para o CFC, e digito RUSI, a data de 8 de fevereiro e Whitehall. O que surge é o título de um discurso, “Colaboração entre civis e militares”, a palestra que Fielding deve ter consultado e que foi proferida no RUSI às dez da manhã pelo horário do Reino Unido, o que

para mim agora é a manhã de ontem. O orador foi o dr. Liam Saltz, o controverso ganhador do Nobel cujas opiniões apocalípticas a respeito da tecnologia militar o tornaram um inimigo natural da DARPA. Eu não sabia que ele pertencia ao corpo docente da Universidade de Sheffield. Pensei que estivesse em Berkeley. Ele passou por Berkeley e agora está na Sheffield, leio na internet enquanto penso, um tanto impressionada, na exposição da Courtauld no verão anterior ao Onze de Setembro, onde Lucy e eu assistimos à palestra do dr. Saltz. Pouco depois disso, assim como eu, o dr. Saltz foi um eloquente crítico do MORT.

Reflito sobre o título da palestra que proferiu nem vinte e quatro horas atrás. “Colaboração entre civis e militares”. Parece muito brando para o incitador dr. Saltz, que é chocante como uma sirene de ataque aéreo em suas advertências de que a destinação de mais de duzentos bilhões de dólares por parte dos Estados Unidos para futuros sistemas de combate — especificamente veículos não tripulados — nos colocaram na estrada da aniquilação total. Os robôs talvez pareçam fazer sentido quando se cogita enviá-los ao campo de batalha, censura ele, mas o que acontece quando voltam para casa como jipes e outros acessórios militares usados? Com o tempo, abrem caminho rumo ao mundo civil, e o que vamos ter é mais policiamento e vigilância, mais máquinas insensatas realizando o trabalho de seres humanos, só que essas máquinas vão estar armadas e equipadas com câmeras e dispositivos de gravação.

Ouvi o dr. Saltz nos noticiários, pintando cenários aterrorizantes de “policiais-robôs” respondendo por cenas de crime e “carros-robôs” não tripulados perseguindo veículos a fim de multar os ocupantes por infrações de trânsito, parando gente com mandatos de prisão ou, Deus nos livre, recebendo mensagens de seus sensores para usar a força. Robôs dando choques. Robôs atirando para matar. Robôs que parecem insetos enormes arrastando mortos e feridos para fora do campo de batalha. O dr. Saltz testemunhou perante o mesmo subcomitê do Senado diante do qual testemunhei, mas não ao mesmo tempo. Ambos causamos estragos a uma empresa de tecnologia chamada Otwahl, da qual havia me esquecido por completo até poucas horas atrás.

Encontrei-o apenas uma vez quando, por coincidência, estávamos os dois na CNN, e ele apontou para mim e brincou: “Robotópsias”.

“Como?”, retruquei, desprendendo meu microfone enquanto ele se encaminhava ao set.

“Autópsias robóticas. Um dia eles vão tomar o seu lugar, minha boa doutora, talvez mais cedo do que pensa. Devíamos sair para beber alguma coisa depois do programa.”

Ele era um homem de olhos brilhantes, que parecia um hippie perdido, com seu longo rabo de cavalo grisalho e rosto desgastado e a eletricidade de um condutor carregado. Isso ocorreu há dois anos e eu deveria ter esperado perto da CNN e aceitado o convite. Deveria ter tomado uma bebida com ele. Deveria ter me informado melhor sobre aquilo em que ele acredita porque nem tudo é loucura. Não o vi mais desde então, embora não possa escapar de sua presença na imprensa e tento lembrar se por algum motivo já fiz alguma referência a ele junto a Fielding. Acho que não. Não consigo imaginar por que faria isso. Conexões. Onde estão elas? Pesquiso um pouco mais.

A Universidade de Sheffield, em South Yorkshire, possui uma excelente faculdade de medicina, isso eu já sei. *Rerum Cognoscere Causas,* seu lema, *descobrir as causas das coisas,* é muito apropriado, muito irônico. Preciso de causas. Clico em PESQUISAR. Aquecimento global, degradação global do solo, repensando a engenharia com softwares pioneiros, novas descobertas nas alterações de DNA de células-tronco embrionárias humanas. Volto às marcas das anotações na folha de bloco.

MAV18/8/DIÁRIO MIN. DEF. RU 2/8.

MAV é nossa abreviatura para morte por acidente com veículo motorizado e dou outra busca, dessa vez explorando o banco de dados do CFC. Insiro MAV, a data, 18 de agosto do verão passado, e um arquivo retorna, o caso de um inglês de vinte anos chamado Damien Patten, morto em um acidente com táxi em Boston. Fielding não realizou a autópsia, que foi feita por um de meus outros legistas, e na narrativa reparo que Damien Patten era um anspeçada do 14º Regimento Signal, estava de férias e tinha ido a Boston para se casar quando morreu no acidente. Tenho uma sensação estranha. Alguma coisa se encaixa.

Realizo outra busca usando as palavras-chaves 8 de fevereiro e Diário do Ministério da Defesa RU. Acabo no blog oficial da instituição e uma entrada lista

os soldados britânicos mortos ontem no Afeganistão. Percorro a lista de baixas, procurando qualquer coisa que tenha algum significado para mim. Um anspeçada do 1º Batalhão dos Guardas de Coldstream. Um sargento temporário do 1º Batalhão dos Guardas de Grenadier. Um soldado do 2º Batalhão do Regimento do Duque de Lancaster. Depois há um sapador, ou engenheiro militar, com a Força-Tarefa de Dispositivos Explosivos Anti-improvisados, que foi morto em terreno montanhoso no noroeste do Afeganistão. Na província de Badghis. Onde meu paciente, o soldado de primeira classe Gabriel, foi morto no domingo, 7 de fevereiro.

Faço outra busca, apesar de saber sem ter que procurar quantos soldados da Otan morreram no Afeganistão em 7 de fevereiro. Em Dover, sempre sabemos. É tão rotineiro quanto se preparar para as tempestades, um informe mórbido e depressivo que controla nossa vida. Nove baixas, e quatro delas foram americanos mortos pelo mesmo dispositivo explosivo improvisado na beira da estrada que transformou o Humvee do soldado de primeira classe Gabriel em um alto-forno. Mas, novamente, isso aconteceu no dia 7, não no dia 8. Ocorre-me que o soldado britânico que morreu no dia 8 talvez tenha se ferido no dia anterior.

Verifico e estou certa. O sapador Geoffrey Miller tinha vinte e três anos, era recém-casado e foi ferido em um atentado a bomba na província de Badghis domingo cedo, mas morreu no dia seguinte em um centro médico militar na Alemanha. Possivelmente o mesmo atentado à beira da estrada que matou os americanos de quem cuidamos em Dover ontem pela manhã — na realidade, *provavelmente*. Pergunto-me se o sapador Miller e o soldado de primeira classe Gabriel se conheciam e, como o inglês morto no táxi, Damien Patten, pode estar relacionado a eles. Patten foi apresentado a Miller e Gabriel no Afeganistão, mas o que Fielding tem a ver com tudo isso? Como o dr. Saltz, o MORT ou o rapaz de Norton’s Woods estão relacionados, ou não estão?

O corpo de Miller vai ser repatriado nesta quinta-feira, porque sua família vive em Oxford, na Inglaterra, continuo a ler, mas não descubro mais nada a seu respeito, embora certamente consiga obter mais informações sobre um soldado inglês morto se necessário. Posso ligar para Rockman, o assessor de imprensa.

Posso ligar para Briggs, e de qualquer forma preciso fazer isso, recordo. Briggs me pediu — na realidade, ordenou — que eu o mantivesse informado a respeito do caso de Norton's Woods, acordando-o se necessário no instante em que tiver informações. Mas não vou fazer isso. De jeito nenhum. Não agora. Não sei ao certo em quem posso confiar e, enquanto esse pensamento persiste, dou-me conta da encrenca em que estou metida.

O que diz o fato de não poder pedir ajuda às pessoas com quem trabalha? Tudo, e é como se o chão estivesse se abrindo sob meus pés e eu estivesse resvalando para o desconhecido, um espaço frio, escuro, vazio, onde já estive. Briggs quis passar por cima de mim, usurpar minha autoridade e transferir o caso de Norton's Woods para Dover. Fielding andou se esgueirando por aí na minha ausência, metendo-se em assuntos que não são da conta dele, até mesmo usando meu escritório, e agora está fugindo de mim, ou pelo menos espero que seja só isso. Minha equipe está se amotinando e algumas pessoas, que me são estranhas, parecem conhecer os detalhes de meu regresso para casa.

São quase duas da manhã e me sinto tentada a discar o número de telefone que Fielding rabiscou na folha de bloco, surpreender quem quer que atenda, acordar a pessoa e, quem sabe, conseguir uma pista do que está acontecendo. Em vez disso, faço uma pesquisa no computador da polícia para ver a quem ou a que o número com o código de área quinhentos e oito pertenceria. A informação sumária me choca e por um instante fico completamente imóvel e tento me acalmar. Tento afastar as muralhas do horror e da confusão que abrem caminho e me oprimem.

Julia Gabriel, mãe do soldado de primeira classe Gabriel.

Na tela à minha frente estão os endereços de casa e do trabalho, seu estado civil, o salário que recebe como farmacêutica em Worcester, Massachusetts, e nome e idade de seu único filho, que morreu no Afeganistão no domingo, aos dezenove anos. Permaneci ao telefone com a sra. Gabriel durante quase uma hora antes de fazer a autópsia, tentando explicar, da forma mais delicada possível, a impossibilidade de coletar o esperma dele enquanto ela levantava a

voz, gritava e me acusava de fazer escolhas pessoais que não deveria fazer, não fiz e nunca faria.

Recolher esperma de mortos e usá-lo para engravidar vivos envolve um dilema moral. Não tenho opiniões pessoais acerca do que é, na realidade, uma questão médica e legal, não religiosa ou ética, e certamente os envolvidos deveriam optar, não o médico. O que me interessa é que o procedimento, que se tornou cada vez mais popular por causa da guerra, seja realizado de forma correta e legítima e, de qualquer forma, minhas supostas opiniões sobre os direitos póstumos de reprodução eram controversas no caso do soldado de primeira classe Gabriel. Seu corpo estava queimado e se decompondo, sua pélvis, tão carbonizada que os testículos haviam desaparecido e o canal deferente contendo o sêmen, sumido junto com eles, e eu não ia dizer isso à sra. Gabriel. Fui o mais compassiva e delicada possível e não levei para o lado pessoal o fato de ela descarregar sua dor e sua raiva no último médico que seu filho veria nesta terra.

Peter tinha uma namorada que estava disposta a ter os filhos dele, assim como seu amigo, era um pacto, continuou a sra. Gabriel, e eu não fazia ideia de a que amigo e a que exatamente ela estava se referindo. O amigo de Peter havia mencionado outro amigo que tinha morrido no dia do casamento no verão anterior, só que a sra. Gabriel não se referiu a Damien Patten pelo nome, o inglês morto no táxi em 18 de agosto passado. “Agora os três estão mortos, três rapazes bonitos mortos”, disse a sra. Gabriel ao telefone, e eu não fazia ideia do que ela estava falando. Agora acho que sei. Ela com certeza estava se referindo a Patten, o amigo do amigo com quem o soldado de primeira classe Gabriel tinha uma espécie de pacto. Eu me pergunto se o amigo de Patten é a outra vítima a quem Fielding parece ter me conduzido, Geoffrey Miller, o sapador.

Agora os três estão mortos.

Teria Fielding discutido o caso de Patten com a sra. Gabriel, e com quem ela falou primeiro, com Fielding ou comigo? Ela telefonou para Dover por volta de sete e quarenta e cinco. Sempre preencho um registro de chamadas e me lembro de ter anotado a hora quando me sentei em meu pequeno escritório no necrotério de Dover, examinando as tomografias e suas coordenadas, que me ajudariam a

localizar, com a precisão de um GPS, o fragmento e outros objetos que haviam penetrado o corpo muito queimado de seu filho. Com base no que me contou, enquanto tento agora reconstruir a conversa, ela provavelmente falou primeiro com Fielding. Isso talvez explique suas repetidas referências a “outros casos”.

Alguém havia colocado em sua cabeça uma ideia do que fazemos em outros casos. Ela estava com a clara impressão de que extraíamos sêmen das vítimas de forma rotineira e que, na realidade, encorajávamos isso, e lembro-me de ter ficado surpresa, pois o procedimento precisa ser aprovado e está repleto de complicações legais. Eu não imaginava o que lhe havia dado essa ideia e poderia ter feito perguntas se ela não estivesse tão ocupada em me criticar e xingar. Que espécie de monstro impediria uma mulher de ter os filhos do namorado morto ou proibiria que a mãe de um filho morto se tornasse avó? Nós fazemos isso em outros casos, por que não no do filho dela? “Não tenho mais ninguém”, gritou. “Isso é burocracia sem sentido, admita”, vociferou ela. “Burocracia sem sentido para encobrir mais um crime motivado por preconceito.”

“Tem alguém em casa?” É Benton no vão da porta.

A sra. Gabriel me chamou de militar preconceituosa. “Você faz para os outros, contanto que sejam brancos”, disse ela. “Você cuidou daquele outro rapaz que morreu em Boston e ele nem era um soldado americano, mas não do meu filho, que morreu por seu país. Imagino que tenha a cor errada”, continuou ela e eu não fazia ideia do que estava querendo dizer ou no que estava baseando tal acusação. Não tentei descobrir porque me pareceu histeria, nada mais, e a perdoei no mesmo instante. Ainda que aquilo obviamente tenha me magoado muito e eu não tenha conseguido tirar suas palavras da cabeça desde então.

“Olá?” Benton está entrando.

“Outro crime de ódio, só que ele vai ser descoberto e gente como você não vai ser recompensada dessa vez”, e ela não explicou no que estava pensando quando disse essa coisa horrível. Mas não lhe pedi que se justificasse e na hora não dei muito crédito a seus comentários venenosos porque ouvir gritos, xingamentos, ameaças e até mesmo ser atacada por pessoas que normalmente são civilizadas e controladas não é uma experiência nova. Não tenho vidros à prova de estilhaçamento instalados nos saguões e nas salas de visualização das repartições

em que trabalhei por temer que os mortos tenham um acesso de raiva ou me ataquem.

“Kay?”

Meus olhos focalizam Benton segurando dois cafés e tentando não os derramar. Por que Julia Gabriel teria telefonado para cá antes de me telefonar em Dover? Ou foi Fielding quem telefonou e, em ambos os casos, por que teria conversado com ela? Então recordo que Marino me contou que o soldado de primeira classe Gabriel foi a primeira baixa de Worcester e que a imprensa havia feito contato com o CFC como se o corpo estivesse aqui e não em Dover, e que houve vários telefonemas para cá por causa da ligação com Massachusetts. Talvez Fielding tenha descoberto dessa forma, mas por que falaria ao telefone com a mãe do soldado morto, mesmo que ela tivesse telefonado para cá por engano e precisasse que a lembrassem de que o filho estava em Dover? É claro que ela sabia. Como a sra. Gabriel não saberia que o filho havia sido levado de avião para Dover? Não consigo enxergar nenhum motivo legítimo para Fielding ter conversado com ela, nem o que poderia ter dito para ajudar, nem como se atreveu a fazer isso.

Ele não é militar nem consultor do AFMES. É civil e não tem o direito de investigar detalhes relativos a vítimas de guerra, a segurança nacional, nem se envolver em conversas sobre tais assuntos, que são claramente definidos como confidenciais. Inteligência médica e militar não são da sua conta. O RUSI não é da sua conta. As eleições no Reino Unido também não. A única coisa que deveria ser da maldita conta de Fielding foi o que ele negligenciou por completo: sua enorme responsabilidade aqui no CFC e a suposta lealdade a mim.

“Muito gentil da sua parte”, digo a Benton em tom distante. “Um café vai me fazer bem.”

“Onde você estava agora há pouco? Além de no meio de uma briga imaginária. Você parece a ponto de matar alguém.”

Ele se aproxima da escrivaninha e me observa como quando está tentando adivinhar meus pensamentos, porque não vai acreditar no que eu disser. Ou talvez saiba que o que tenho a dizer é só o começo e que não faço a mínima ideia do restante.

“Você está bem?” Ele deposita o café sobre a mesa e puxa uma cadeira.

“Não, eu não estou bem.”

“O que há de errado?”

“Acho que acabo de descobrir o que significa quando alguma coisa atinge a massa crítica.”

“Qual é o problema?”, pergunta ele.

“Tudo.”

12

“Por favor, feche a porta.” E me ocorre que estou começando a agir como Lucy. “Não sei por onde começar, são tantos problemas.”

Benton fecha a porta e reparo na aliança simples de platina em seu dedo anular esquerdo. Às vezes, ainda sou pega de surpresa por estarmos casados, por grande parte de nossa vida ter sido mutuamente consumida, quer estejamos juntos ou separados, e sempre concordamos que não precisávamos disso, não precisava ser oficial e formal, porque não somos como as outras pessoas, mas de qualquer forma foi o que fizemos. A cerimônia foi pequena e simples, menos uma comemoração que um juramento porque de fato falamos sério quando dissemos até que a morte nos separe. Depois de tudo por que passamos, foram mais que palavras, foi mais um juramento público, uma ordenação ou talvez um resumo do que já havíamos vivido. E eu gostaria de saber se ele alguma vez se arrependeu. Por exemplo, neste momento, ele deseja poder voltar a ser como antes? Eu não o culparia por pensar naquilo de que abriu mão e de que sente falta, e há muitas complicações por minha causa.

Ele vendeu o imóvel da família, uma elegante mansão do século XIX no Boston Common e não pode ter gostado de alguns locais em que moramos ou nos quais passamos temporadas por causa de minha profissão, além das preocupações pouco comuns, da existência caótica e dispendiosa apesar das minhas melhores intenções. Enquanto seu exercício da psicologia forense se manteve estável, minha carreira sofreu mudanças nos últimos três anos, com o fechamento de uma clínica particular em Charleston, Carolina do Sul, do escritório em Watertown, devido à economia, e a passagem por Nova York, Washington, Dover e o CFC.

“O que está acontecendo neste lugar?”, pergunto como se ele soubesse e não entendo por que saberia. Mas tenho essa sensação, ou talvez apenas deseje que seja assim porque estou começando a sentir desespero, aquela sensação de

pânico de estar caindo e agitando os braços para me agarrar a alguma coisa.

“Preto e extraforte.” Ele senta e empurra a caneca de café para perto de mim. “E não é de avelã. Mesmo que você tenha um bom estoque dele, pelo que soube.”

“Jack ainda não apareceu e ninguém ouviu falar dele, imagino.”

“Aqui ele com certeza não está. Acho que você está tão segura no escritório dele quanto ele tem estado no seu”, diz Benton como se tivesse mais de uma coisa em vista e reparo em como está vestido.

Mais cedo, ele estava usando seu casaco de inverno e, na sala de raios X, estava coberto por um jaleco descartável antes de subir para o laboratório de Lucy. Realmente não notei o que estava vestindo por baixo. Botas táticas pretas, calça tática preta, uma camisa de flanela vermelho-escura, um relógio de borracha à prova d’água com mostrador luminescente. Como se previsse sair no mau tempo ou ir a algum lugar que castigaria suas roupas.

“Então Lucy te contou que ele parece estar usando meu escritório”, digo. “Com que finalidade, não sei. Mas você talvez saiba.”

“Ninguém precisou me contar que existe uma mentalidade de saque no… como é que Marino chama este lugar? COMCENT? Ou isso só se refere ao santuário interno ou o que deveria ser o santuário interno, seu escritório? Um navio sem capitão. Você sabe o que acontece. A bandeira pirata sobe, os reclusos comandam o porão, os bêbados controlam o bar, se é que posso incluir essas metáforas.”

“Por que você não disse nada?”

“Eu não trabalho no CFC. Nem para ele. Sou só um convidado quando necessário”, responde Benton.

“Você sabe muito bem que isso não é resposta. Por que não me protegeu?”

“O que você está querendo dizer é da maneira que você acha que eu deveria ter protegido”, responde ele, porque é uma bobagem a sugestão de que Benton não me protegeria.

“O que está acontecendo por aqui? Se você me contar, posso descobrir o que precisa ser feito”, digo então. “Sei que Lucy tem conversado com você. Seria interessante que alguém conversasse comigo. Ponto por ponto, com franqueza

total.”

“Sinto muito que você esteja zangada. Lamento que tenha vindo para casa nessa situação angustiante. Sua volta deveria ter sido alegre.”

“Alegre. E o que é isso?”

“Uma palavra, um conceito teórico. Como franqueza total. Posso te contar o que presenciei em primeira mão, o que aconteceu nas várias vezes em que estive aqui. Para discussões de caso. Houve duas que me envolveram.” Ele desvia o olhar. “A primeira foi por causa do jogador de futebol americano da Universidade de Boston no outono passado, pouco depois que o CFC assumiu os casos forenses do estado.”

Wally Jamison, de vinte anos, o célebre zagueiro da Universidade de Boston. Apareceu boiando no porto de Boston na madrugada de 1º de novembro. Causa da morte: hemorragia devido a contusão e múltiplos cortes. Caso de Tom Booker, um de meus outros legistas.

“Jack não trabalhou nesse caso”, relembro.

“Bom, se perguntar a ele, você talvez tenha uma impressão diferente”, informa Benton. “Jack analisou o caso de Wally Jamison como se fosse dele. O dr. Booker não estava presente. Isso aconteceu na semana passada.”

“Por que na semana passada? Não sei nada sobre isso.”

“Nós tínhamos novas informações e queríamos conversar com Jack; ele pareceu disposto a cooperar, a dar informações.”

“Nós?”

Benton ergue seu café, então muda de ideia e torna a pousá-lo sobre a mesa desarrumada de Fielding, com todos os objetos de coleção ao seu redor. “Acho que a atitude de Jack foi a de quem pode não ter feito a autópsia, mas isso era só um detalhe técnico. Um ingresso para o *draft* da NFL vinha bem a calhar ao Homem de Ferro maluco que é o seu sub.”

“Homem de Ferro maluco?”

“Mas imagino que tenha sido falta de sorte dele estar fora da cidade quando Wally Jamison foi espancado e retalhado até a morte. Wally teve um pouco menos de sorte ainda.”

Acredita-se que Wally tenha sido raptado e assassinado no Halloween. O local

do crime é desconhecido. Não há suspeitos. Não há motivos nem uma teoria verossímil. Só a especulação da iniciação de algum culto satânico. Que tinha como alvo um atleta famoso. Fazê-lo refém em algum local clandestino e matá-lo de forma brutal. Muito se falou na internet e na imprensa. Boatos que se tornaram verdades.

"Estou cagando para os sentimentos de Jack ou para o que lhe vem a calhar", diz uma parte minha, dura e repleta de cicatrizes, que está completamente saturada de Jack Fielding.

Percebo que estou furiosa. De repente me dou conta de que no cerne de meu relacionamento doentio com Jack há uma fúria pastosa.

"E Mark Bishop, também na semana passada. Na quarta-feira foi o jogador de futebol americano. Na quinta foi o garoto", declara Benton.

"Um garoto cujo assassinato pode estar relacionado a alguma iniciação. Uma gangue, um culto", interrompo. "Uma especulação semelhante à que diz respeito a Wally Jamison."

"*Especulação* é a palavra-chave. De quem?"

"Não minha." Penso em Fielding com raiva. "Eu não especulo, a menos que esteja atrás de portas fechadas e com alguém em quem confie. Sei que não vale a pena liberar informação, que a polícia manipula, depois a imprensa manipula. Quando vou ver, um júri também acredita nela."

"Padrões e paralelos."

"Você está associando Mark Bishop e Wally Jamison." Isso me parece incrível. "Não consigo enxergar o que eles possam ter em comum além de especulação."

"Estive aqui na semana passada para analisar os dois casos." Os olhos de Benton estão fixos em mim. "Onde estava Jack no último Halloween? Você sabe com certeza?"

"Sei onde *eu* estava, essa é a única coisa de que tenho certeza. Eu estava em Dover. É tudo o que sei e o que devia saber. Não contratei Jack para tomar conta dele. Não sei onde estava no Halloween. Imagino que você vá me dizer que ele não estava por aí com os filhos pedindo doces."

"Ele estava em Salem. Mas não com os filhos."

“Eu não podia saber disso e não sei por que motivo você sabe ou por que é importante.”

“Não era importante até muito recentemente”, diz Benton.

Torno a olhar para suas botas, então para a calça escura com forro de flanela e bolsos traseiros para pentes de armas e lanternas, o tipo de calça que ele usa quando está trabalhando em campo, quando vai a cenas de crime ou sai para a neutralização de materiais bélicos ou explosivos com policiais, com o FBI.

“Onde você esteve antes de me buscar em Hanscom?”, pergunto. “O que estava fazendo?”

“Temos muita coisa para resolver, Kay. Acho que mais do que eu imaginava.”

“Você estava vestindo roupas de campo quando me pegou no aeroporto?” Penso que talvez não. Ele trocou de roupa. Pode ainda não ter feito nada, mas está prestes a fazer.

“Tenho uma mala no carro, como você sabe”, diz Benton. “Já que nunca sei quando posso ser chamado.”

“Para ir aonde? Você foi chamado para ir a algum lugar?”

Ele olha para mim, então pela janela, para o horizonte gredoso de Boston na escuridão repleta de neve.

“Lucy disse que você estava no telefone.” Continuo a alfinetá-lo em troca de informações que percebo que não vou obter agora.

“Tenho medo o tempo todo. Medo de que existam mais coisas do que pensei”, ele diz e para. É tudo o que vai mencionar sobre o assunto. Ele vai a algum lugar, tem algum lugar para ir. Não é um bom lugar. Andou conversando com pessoas, não sobre coisas agradáveis, e não vai me informar agora. Franqueza total e alegria. Quando isso existe, é só uma amostra, um indício do que não temos no resto do tempo.

“Você veio na quarta-feira e depois na quinta. Para discutir os casos de Wally Jamison e Mark Bishop aqui no CFC”, recapitulo. “E suponho que Jack também estava presente na discussão do caso de Mark Bishop. Ele se envolveu nas duas discussões. E você não mencionou isso há pouco tempo, quando conversamos no carro.”

“Não tão pouco tempo atrás. Há mais de cinco horas. E muita coisa aconteceu.

Houve revelações desde que estávamos no carro, como você bem sabe. Das quais a menor não foi o que agora percebemos que é outro assassinato. O terceiro."

"Você está ligando o homem de Norton's Woods a Mark Bishop e Wally Jamison."

"Muito provavelmente. Na verdade, eu diria que sim."

"E as reuniões da semana passada? Com Jack? Ele estava presente", pressiono.

"Estava. Na quarta e na quinta passada. No seu escritório."

"O que você está querendo dizer com meu escritório? Este prédio? Este andar?"

"No seu escritório pessoal." Benton indica meu escritório na sala ao lado.

"No meu escritório. Jack fez reuniões no meu escritório. Entendo."

"Ele fez as duas reuniões no seu escritório. Na mesa da sua sala de reuniões."

"Ele tem sua própria mesa de reuniões." Olho para a mesa preta oval laqueada com seis cadeiras ergonômicas que comprei em um leilão do governo.

Benton não responde. Sabe tão bem quanto eu que a decisão inconveniente de Fielding de usar meu escritório particular nada tem a ver com a mobília. Penso no que Lucy mencionou sobre vasculhar meu escritório à procura de dispositivos de vigilância escondidos, embora não tenha dito diretamente quem poderia estar espionando ou se havia alguém fazendo isso. O candidato mais provável ao tipo de indivíduo que poderia implantar microfones em meu escritório e escapar impune seria minha sobrinha. Talvez induzida pelo conhecimento de Fielding estar usando o que não é seu por direito. Pergunto-me se o que aconteceu em meu espaço pessoal durante minha ausência foi secretamente gravado.

"E você não mencionou isso na ocasião", continuo. "Podia ter me contado quando aconteceu. Podia ter me comunicado que ele estava usando meu escritório como se fosse o diretor desse lugar."

"Fiquei sabendo disso na semana passada quando me encontrei com ele. Mas não estou dizendo que não tenha ouvido certas coisas sobre o CFC e sobre ele."

"Teria ajudado se eu tomasse conhecimento das coisas que você ouviu."

"Boatos. Fofoca. Eu não tinha certeza."

“Então você devia ter me contado há uma semana quando ficou sabendo com certeza. Na quarta-feira você teve a primeira reunião e descobriu que foi no meu escritório, um escritório que Jack não tinha permissão para usar. O que mais não me contou? Que novos acontecimentos?”

“Estou te contando o máximo que posso e quando posso. Sei que você entende.”

“Não entendo. Você devia ter me contado tudo desde o começo. Lucy também. E Marino.”

“Não é tão simples assim.”

“A traição é muito simples.”

“Ninguém está te traindo. Marino e Lucy não estão. E eu com certeza não estou.”

“Mas estão sugerindo que alguém está fazendo isso. Só que não vocês três.”

Ele fica quieto.

“Você e eu conversamos todos os dias, Benton. Você deveria ter me contado”, digo então.

“Vamos ver quando eu poderia ter te sobrecarregado com tudo isso, enquanto você estava em Dover. Quando você telefonava às cinco da manhã antes de ir para o necrotério para cuidar dos nossos heróis mortos na guerra? Ou à meia-noite, quando finalmente desligava o computador ou parava de estudar para as provas?”

Benton não diz isso em tom grosseiro nem defensivo, mas entendo seu ponto de vista não tão sutil, e ele é justificado. Estou sendo injusta. Hipócrita. De quem foi a ideia, já que não temos praticamente tempo um para o outro, de não nos estender em trabalho, em detalhes domésticos, ou isso é tudo que vai restar? Como um câncer, sou rápida em propor minhas analogias médicas inteligentes e meus insights brilhantes quando é ele o psicólogo, foi ele quem dirigiu a unidade de elaboração de perfis do FBI em Quantico, é ele quem pertence ao corpo docente do departamento de psiquiatria de Harvard. Mas sou eu que apresento toda a fala inteligente, todos os exemplos profundos, comparando trabalho, detalhes domésticos triviais e danos emocionais a cânceres, cicatrizes, necrose e segundo meus prognósticos, se não formos cuidadosos, um dia não vai sobrar

tecido saudável e a morte é o que vem a seguir. Sinto-me envergonhada. Superficial.

"Não, não abordei certos assuntos até virmos para cá e agora estou te contando mais, o que posso", diz Benton com uma calma estoica, como se estivéssemos em uma de suas sessões e a qualquer momento ele fosse simplesmente anunciar que precisamos parar.

Não vou parar até saber o que preciso. Ele precisa me dizer algumas coisas. Não só por lealdade, é questão de sobrevivência, e percebo que estou me sentindo insegura com Benton, como se já não o conhecesse mais. Ele é meu marido e me fere a percepção de que alguma coisa mudou, um novo ingrediente foi acrescentado à especialidade da casa.

O que é?

Analiso o que estou intuindo como se provasse o que mudou.

"Mencionei minha preocupação de que a interpretação de Jack dos ferimentos de Mark Bishop é problemática", continua Benton e ele parece precavido. Está pesando cada palavra como se outra pessoa estivesse ouvindo ou como se fosse relatar nossa conversa a terceiros. "Bom, com base no que você descreveu sobre as marcas de martelo na cabeça do menino, a interpretação de Jack está errada, não poderia estar mais errada e desconfiei disso na ocasião, quando ele estava revisando o caso conosco. Desconfiei que estivesse mentindo."

"Conosco?"

"Eu disse que tinha escutado coisas, mas, para ser honesto, não tenho passado tempo com Jack."

"Por que você está dizendo 'para ser honesto'? Em contraste com *desonesto*, Benton?"

"Sou sempre honesto com você, Kay."

"É claro que não, mas agora não é hora de discutir esse assunto."

"Sim. Sei que você entende." E ele sustenta meu olhar por um longo instante. Está me pedindo para, por favor, deixar de lado a questão.

"Tudo bem. Desculpe." Vou deixar de lado a questão, mas não é o que quero.

"Eu não via Jack há meses e o que vi por mim mesmo foi… Bom, ficou bastante claro durante aquelas discussões na semana passada que tem alguma

coisa errada com ele, muito errada", prossegue Benton. "Ele estava péssimo. Com os pensamentos precipitados, desorganizados. Estava logorreico, grandioso, hipomaníaco, agressivo, com o rosto vermelho, como se fosse explodir. É claro que tive a impressão de que ele não estava sendo honesto, que estava nos enganando deliberadamente."

"Por que você está falando no plural?" Mas começo a entender o motivo.

"Fielding já esteve em um hospital psiquiátrico, foi tratado, diagnosticado com algum distúrbio de humor? Ele nunca mencionou nada assim?" Benton me questiona de forma inesperada e intimidante e recordo o que senti no carro quando vínhamos para cá. Só que agora é mais evidente, mais reconhecível.

Ele está agindo como quando ainda era agente, como quando estava autorizado pelo governo federal a fazer cumprir a lei. Detecto uma autoridade e confiança que ele não manifesta há anos, uma convicção que lhe faltou depois que ressurgiu da proteção de testemunhas. Benton voltou se sentindo perdido, fraco, nada mais que um acadêmico, como muitas vezes se queixava. *Castrado*, dizia. *O FBI devora seus filhos e me devorou. Essa foi minha recompensa por perseguir um cartel do crime organizado. Finalmente recuperei minha vida e não quero o que sobrou dela*, dizia. *É uma casca. Eu sou uma casa. Eu te amo, mas por favor entenda que já não sou o que era.*

"Ele já delirou ou foi violento?", Benton está me perguntando e não é só um médico falando.

Eu me sinto interrogada.

"Jack tinha que esperar que você me contasse que estava usando meu escritório como se fosse dele. Ou que eu ia descobrir." Penso em Lucy outra vez, em espionagem e gravações clandestinas.

"Sei que ele é temperamental", continua Benton, "mas estou me referindo a violência física possivelmente acompanhada de fuga dissociativa, desaparecer durante horas, dias, semanas, com pouca ou nenhuma recordação. O que estamos vendo com alguns desses homens e mulheres que voltam da guerra, desaparecimentos e amnésia provocados por trauma severo e muitas vezes confundidos com fingimento. A mesma coisa de que Johnny Donahue supostamente está sofrendo, só que não sei o quanto disso foi sugerido ao pobre

do rapaz. Fico me perguntando de onde surgiu essa ideia, se alguém sugeriu isso a ele."

Benton diz isso como se na realidade não estivesse se perguntando.

"Jack com certeza é famoso por dar a impressão de fingimento, por fugir de suas responsabilidades desde o começo", prossegue Benton.

Eu criei Fielding.

"O que você não me contou sobre ele?", pergunta Benton.

Fiz de Fielding o que ele é. Meu monstro.

"Um histórico psiquiátrico?", continua Benton. "Inacessível até mesmo para mim, até para o FBI? Posso descobrir, mas não vou ultrapassar esse limite."

Benton e o FBI. De novo. Não um agente de rua. Não consigo imaginar. Analista de investigação criminal, analista de inteligência criminal, analista de segurança. O Departamento de Justiça tem muitos analistas, agentes que são uma combinação acadêmica e tática. Pessoas também podem ir para a prisão ou ser baleadas pelas mãos de um policial com ph.D.

"O que você sabe sobre Jack, seu protegido, que eu não sei?", pergunta Benton. "Além do fato de que ele é um doente fodido? Porque ele é. Em algum lugar, uma parte sua sabe disso, Kay."

Sou o monstro de Briggs e Fielding é o meu. É uma volta ao início dos tempos.

"Estou bastante ciente do abuso sexual", diz Benton em tom delicado, como se não se importasse com o que aconteceu a Fielding quando criança, como se não desse a mínima.

Não um psicólogo, mas outra coisa falando, e tenho certeza disso. Policiais, agentes federais, promotores públicos, aqueles que protegem e punem, são calejados em relação a desculpas. Julgam os "sujeitos" e "pessoas relevantes" pelo que fazem, não pelo que foi feito a eles. Pessoas como Benton não dão a mínima para o motivo, ou se alguma situação não pôde ser evitada, independentemente das definições, destilações e predições que apresentam de forma tão astuciosa, tão hábil. No fundo, Benton não tem nenhuma simpatia por pessoas odiosas e nocivas, e os anos de clínica e consultoria foram cruéis e insatisfatórios para ele, davam a sensação de falsidade, como me confessou mais

de uma vez.

“Essa é uma questão de domínio público, já que o caso foi a julgamento.” Benton sente a necessidade de me dizer algo que nunca perguntei a Fielding.

Não me recordo quando e como tomei conhecimento da escola especial que Fielding frequentou quando menino perto de Atlanta. De alguma forma sei disso, e tudo que me vem à mente são referências suas a certo “episódio” no passado, de que o que ele vivenciou com certa “orientadora” faz com que tenha uma terrível dificuldade de lidar com tragédias que envolvem crianças, principalmente se estas tiverem sofrido maus-tratos. Tenho certeza de que nunca o pressionei a contar os detalhes. Sobretudo naquela época, eu nunca teria feito isso.

“Em 1978”, diz Benton, “quando Jack tinha quinze anos, ainda que tenha começado aos doze e continuado por alguns anos até que eles foram pegos tendo relações no banco de trás da caminhonete dela, estacionada na beira do campo de futebol americano como se quisesse ser pega. Ela estava grávida. Outra história horrível sobre internatos, esse não católico, mas para adolescentes problemáticos, um desses centros de tratamento/escola que têm *estância* no nome. O que a terapeuta fez para ser condenada por dez acusações de agressão sexual a um menor não foi o que você não me contou a respeito de Jack.”

“Não conheço os detalhes”, declaro por fim. “Não todos, nem mesmo a maior parte. Não lembro o nome dela, se é que algum dia soube; não sabia que estava grávida. Era filho dele? Ela teve o bebê?”

“Revi as transcrições do caso. Ela teve o bebê.”

“Eu não tinha motivos para examinar as transcrições do caso.” Não pergunto a Benton por que ele tem um motivo. Não vai me revelar isso agora e talvez nunca o faça. “É uma pena que exista mais uma criança no mundo que Jack criou mal. Ou nem criou”, acrescento. “É triste.”

“Kathleen Lawler também não teve uma boa vida”, Benton começa a contar.

“É muito triste.”

“A mulher condenada por molestar Jack”, diz ele. “Não tenho informações sobre a criança, uma menina, nascida na prisão, dada para adoção. Levando-se em consideração a carga genética criada, provavelmente também está presa, ou

morta. Kathleen Lawler se meteu em uma confusão atrás da outra, atualmente está em uma penitenciária feminina em Savannah, Georgia, cumprindo vinte anos por homicídio culposo por condução de veículo sob efeito de drogas. Jack se comunica com ela por correspondência, embora use um pseudônimo, e não foi você que me contou isso, porque duvido que soubesse."

"Quem mais compareceu às reuniões na semana passada?" Estou com tanto frio que minhas unhas estão azuis; eu gostaria de ter trazido meu casaco. Reparo em um jaleco atrás da porta de Fielding.

"Passou por minha mente enquanto estávamos sentados no seu escritório", diz Benton, o ex-agente do FBI, ex-testemunha sob proteção e mestre dos segredos, que não está mais agindo como ex-coisa nenhuma.

Benton está agindo como se estivesse investigando um caso, não apenas como consultor. Estou convencida de que minhas desconfianças são verdadeiras. Ele está com os federais outra vez. As coisas terminam onde começam e começam onde terminam.

"Um transtorno afetivo. Pensei bem sobre isso, tentei me lembrar dele nos velhos tempos. Pensei muito nos velhos tempos." Benton fala com naturalidade, como se não tivesse sentimentos a respeito do que está divulgando e do que está me acusando. "Ele nunca foi normal. É essa minha opinião. Jack tem uma patologia subjacente significativa. Foi por isso que foi enviado ao internato. Para aprender a controlar a raiva. Aos seis anos, ele feriu outra criança no peito com uma esferográfica. Aos onze, atacou a mãe na cabeça com um ancinho. Então foi mandado para a estância perto de Atlanta, onde só fez ficar mais furioso."

"Não faço ideia do que ele fez enquanto estava crescendo", retruco. "Não é uma prática comum realizar verificações extensas do passado de médicos passíveis de contratação, na realidade, isso era inédito quando comecei, quando ele começou. Não sou agente do FBI", acrescento em tom incisivo. "Não desenterro tudo que posso sobre as pessoas e saio por aí interrogando os vizinhos com quem elas cresceram. Não interrogo seus professores. Não localizo seus amigos por correspondência."

Levanto-me da escrivaninha de Fielding.

"Ainda que eu provavelmente devesse ter feito isso. Provavelmente vou fazer

de agora em diante. Mas nunca acobertei Fielding", prossigo. "Nunca o protegi dessa forma. Admito que fui muito compreensiva. Admito que consertei as confusões dele ou tentei. Mas nunca acobertei nada indevido, se é que é isso que você está dizendo que fiz. Eu nunca faria nada antiético por ele nem por ninguém." *Não mais,* acrescento mentalmente. Fiz isso uma vez, e não por Jack Fielding. Nem mesmo por mim, mas pelo país.

Ando pelo escritório, com frio, exausta e com vergonha de mim mesma. Tiro o jaleco de Fielding do gancho no alto da porta fechada.

"Não sei o que você acha que eu não contei, Benton. Não faço ideia de com que ou com quem ele está envolvido. Nem de delírios, estados dissociativos ou perdas de consciência. Não na minha presença, e ele nunca compartilhou informações desse tipo, se é que são verdade."

Visto o jaleco, que é imenso, e detecto um leve, mas distinto odor de eucalipto, como Vick, como Bengay.

"Talvez um transtorno de humor com um toque de narcisismo e explosões de raiva intermitentes", continua Benton como se eu não tivesse dito nada. "Ou drogas, para aumentar o desempenho esportivo. Ele não representa bem o CFC, o que é o eufemismo do século, e isso não passou despercebido a Douglas nem a David, o que fez o CFC começar com o pé esquerdo desde o início de novembro, quando se envolveram no sequestro e assassinato de Wally Jamison. Você pode imaginar o retorno que Briggs e outros receberam. Jack está a um passo de estragar tudo, o que dá lugar aos oportunistas. Como eu disse, ele inicia uma mentalidade de saque."

Paro diante de uma das janelas e olho para a rua escura, coberta de neve, como se fosse descobrir alguma coisa que vá me fazer lembrar quem sou. Alguma coisa que me dê forças, alguma coisa que me conforte.

"Ele causou muito prejuízo." É a voz de Benton atrás de mim. "Não sei se foi intencional. Mas desconfio que em parte sim, por causa do relacionamento complicado de vocês."

A neve golpeia em ângulo acentuado, batendo quase horizontalmente na janela, produzindo estalos rápidos que lembram unhas tamborilando, ou alguma coisa impaciente e perturbada. Quando olho para a neve que atinge o vidro, fico

tonta. Olhar para ela e depois para baixo me dá vertigem.

"É disso que se trata, Benton? Do meu relacionamento complicado com ele?"

"Preciso saber. É melhor que seja eu a perguntar do que outra pessoa."

"Você está dizendo que está tudo arruinado e prejudicado por causa disso. Que essa é a raiz de tudo que está errado." Não me viro; continuo a olhar para fora e para baixo até não aguentar mais ver os flocos esvoaçantes de neve, a rua embaixo, o rio escuro e a noite de inverno volátil. "É nisso que você acredita." Quero que ele confirme o que acaba de dizer. Quero saber se o que foi arruinado e prejudicado enquanto estive fora inclui Benton e eu.

"Só preciso saber o que você não me contou", diz ele em resposta.

"Tenho certeza de que você e os outros precisam saber." Não digo isso com gentileza. Meu pulso acelera.

"Entendo que questões do passado não se resolvem facilmente. Entendo de complicações."

Viro-me e encontro seu olhar. O que vejo nele não são apenas casos, gente morta, minha repartição amotinada ou meu sub imprestável. Vejo a falta de confiança de Benton em mim e em meu passado. Vejo meu marido duvidando de meu caráter e de quem sou para ele.

"Nunca dormi com Jack", anuncio. "Se é isso que você está tentando descobrir para poupar outra pessoa do constrangimento de me perguntar. Ou é com o meu constrangimento que você está tão preocupado? Nunca dormi com ele. Isso não vai surgir, porque não aconteceu. Se é isso que você está tentando perguntar, eis a resposta. Pode passar a informação para Briggs, para o FBI, para o procurador geral, para quem você quiser passar essa merda."

"Eu ia entender… Quando Jack foi seu colega de trabalho, quando vocês dois estavam só começando em Richmond."

"Tento não fazer do relacionamento sexual com meus orientandos uma prática", digo em um surpreendente arroubo de impaciência. "Gostaria de pensar que não sou igual à Lawler, a mulher presa na Georgia."

"Você não conheceu Jack aos doze anos."

"Nunca aconteceu. Não faço isso com meus orientandos."

"E com seus mentores?" Os olhos de Benton estão fixos em mim enquanto

continuo ao lado da janela.

“Não é por esse motivo que John Briggs e eu temos problemas”, respondo com raiva.

13

Volto à escrivaninha de Fielding e torno a me sentar enquanto toco alguma coisa lisa e fina dentro de um dos bolsos do jaleco. Extraio um quadrado de plástico transparente fino como papel.

“Os federais não precisavam ter uma primeira impressão ruim do CFC, mas estou certo de que você vai mudar isso”, diz Benton como que arrependido do que acabara de perguntar, como se lamentasse aquilo com que acabara de me confrontar no cumprimento do dever.

Cheiro o que Fielding deve ter arrancado de um emplastro de eucalipto e penso com ressentimento, *É, realmente, os federais. Estou muito feliz de poder mudar o que os federais pensam de mim*.

“Não quero que você se sinta negativa com relação a tudo por aqui, tudo para o que voltou”, continua Benton. “Não ia ajudar em nada. Temos muito que fazer, mas vamos chegar lá. Sei que vamos. É uma pena que nossa conversa tenha precisado tomar certos rumos. Realmente me desculpe por ter que abordar tudo isso.”

“Vamos falar de Douglas e David.” Lembro os nomes aos quais se referiu momentos antes. “Quem são eles?”

“Não tenho dúvidas de que você vai prevalecer e fazer esse lugar funcionar, vai transformar o CFC no que deveria ser, uma excelente repartição, diferente de todo o resto. Melhor do que o que existe na Austrália, na Suíça, melhor ainda do que em qualquer lugar onde fizeram isso primeiro, inclusive Dover. Tenho total confiança em você, Kay. Quero que nunca se esqueça disso.”

Quanto mais Benton me assegura de sua confiança, menos acredito nela.

“A polícia te respeita, os militares te respeitam”, acrescenta, e tampouco acredito nisso.

Se fosse verdade, ele não precisaria dizer. *E daí?*, penso com uma hostilidade que parece ter surgido do nada. Não preciso que as pessoas gostem de mim ou

me respeitem. Não é um concurso de popularidade. Não é o que Briggs sempre diz? *Não é um concurso de popularidade, coronel*. Ou, quando está mais simpático, *Não é um concurso de popularidade, Kay*. E abre um sorriso irônico, com um lampejo implacável de malícia nos olhos. Briggs não dá a mínima se alguém gosta dele; na realidade, adora que as pessoas não gostem, e vou começar a gostar também. Para o inferno com todos. Sei o que preciso fazer; alguma ação é necessária. Vou fazer alguma coisa. Eles estão pensando que vou voltar para casa e simplesmente aceitar isso, não fazer nada a respeito, deixar quem quer que seja conseguir o que quer? Não. Não mesmo. Isso não vai acontecer. Quem quer que cogite isso não me conhece.

"Quem são Douglas e David?", torno a perguntar em tom cortante.

"Douglas Burke e David McMaster", responde Benton.

"Não conheço. Quem são eles para você?" Agora sou eu a fazer o interrogatório.

"São do escritório de Boston do FBI, do Departamento de Segurança da região metropolitana de Boston. Você não conheceu o pessoal local, não os principais, mas vai conhecer. Inclusive a guarda costeira. Vou te ajudar a conhecer todo mundo por aqui se você deixar. Posso ser útil para variar. Senti falta de poder ser útil para você. Sei que está aborrecida."

"Não estou aborrecida."

"Seu rosto está vermelho. Você parece aborrecida. Não quero te aborrecer. Sinto muito se foi o que fiz. Mas eu precisava saber por vários motivos."

"E está satisfeito?"

"É fundamental saber a sua posição e quem você é em tudo isso", diz ele, enquanto seguro a fina camada de plástico, um quadrado mais ou menos do tamanho de um maço de cigarros.

Ergo-o contra a luz e vejo as impressões digitais avantajadas de Fielding na película transparente e outras menores, que devem ser minhas. Fielding tem distensões musculares crônicas, está sempre dolorido e machucado, especialmente quando abusa de esteroides anabólicos. Quando retoma os velhos maus hábitos, cheira como uma maldita pastilha mentolada para tosse.

"O que o Departamento de Segurança e a guarda costeira têm a ver com tudo

isso?” Abro gavetas da escrivaninha, procurando por Motrin, emplastros Bengay, pomada Tiger Balm ou o que quer que confirme minhas suspeitas.

“O corpo de Wally Jamison estava boiando no porto no Sistema de Comando de Incidentes da guarda costeira, o Comando de Apoio Integrado deles. Bem debaixo do nariz deles. Deve ter sido o local do crime”, responde Benton enquanto me observa.

“Ou o local foi o cais, que fica deserto depois de escurecer. Um dos poucos na área onde dá para ir de carro. Conheço bem aquela área. E você também. Algumas das pessoas que trabalham lá provavelmente nos reconheceriam, passeamos por lá muitas vezes, bem em frente de onde quase nunca vamos quando conseguimos escapar, ficar sozinhos e ser gentis um com o outro.” Pareço sarcástica e má.

“Só pessoal autorizado. Posso perguntar o que você está procurando? Tenho certeza de que é alguma coisa que está bem à vista.”

“Este escritório é meu. Este prédio inteiro é meu escritório. Vou procurar o que quiser, esteja ou não bem à vista.” Meu pulso está disparado e me sinto agitada.

“O cais não é aberto ao público. Nem todo mundo pode ir até lá de carro”, retruca Benton enquanto me observa com atenção, preocupado. “Não tive a intenção de te aborrecer tanto assim.”

“Passeamos por lá o tempo todo e ninguém pede nossa identidade. Ninguém fica de guarda com metralhadoras. É uma área turística.” Estou argumentativa e combativa e não é o que quero.

“O SCI da guarda costeira não é uma área turística. É preciso passar por um portão de guarda para sair no píer”, diz Benton muito calmo, com muito bom senso, ainda olhando para seu iPhone. Ele olha para o aparelho, depois para mim, para um e outro, atento a ambos.

“Sinto falta disso. Vamos passar alguns dias lá assim que der.” Tento parecer gentil, pois estou sendo horrível. “Só nós dois.”

“Vamos. Vamos fazer isso. Assim que possível”, diz ele. “Vamos conversar e esclarecer tudo.”

Imagino com surpreendente clareza nossa suíte preferida no Hotel Fairmont,

em Battery Wharf, que se estende em direção à água como a ponta de um dedo, bem ao lado do SCI da guarda costeira. Vejo as águas verde-escuras onduladas do porto e ouço seu marulho de encontro às estacas como se estivesse ali. Ouço o ranger das docas, o estrépito dos cordames contra os mastros e os tons graves das buzinas dos grandes navios como se tudo fosse audível dentro do escritório de Fielding.

"E não vamos atender o telefone, vamos só caminhar, pedir serviço de quarto e ver da janela os navios, os rebocadores e os petroleiros. Eu ia adorar. Você não?" Mas meu tom não é agradável. Pareço agressiva e furiosa.

"Vamos este fim de semana se você quiser. Se possível", diz ele enquanto lê alguma coisa no iPhone, rolando o texto para baixo com o polegar.

Afasto meu café e o canto da mesa parece arredondado, não reto. É muita cafeína e meu coração está batendo forte. Estou zonza e nervosa.

"Odeio quando você fica olhando para o telefone o tempo todo", digo antes que consiga me conter. "Você sabe que detesto isso quando estamos conversando."

"Agora não posso evitar", diz ele enquanto olha para o aparelho.

"Saindo da rua 93 e entrando na Commercial Street você chega lá", retomo a discussão. "Uma maneira conveniente de se livrar de um corpo. Levar de carro até lá e atirar no porto. Nu, assim qualquer vestígio do porta-malas do carro, por exemplo, é eliminado." Fecho uma gaveta e soo estranha até para mim mesma quando murmuro com ar distraído: "Emplastros para aliviar a dor. Nenhum. E também não vi nenhum nas gavetas da minha escrivaninha. Só chiclete. Nunca masquei chiclete. Bom, quando criança. Dubble Bubble no Halloween, com o papel amarelo torcido nas pontas".

Visualizo o chiclete. Sinto seu cheiro. Minha boca se enche de água.

"Eis um segredo que nunca contei a ninguém. Eu reciclava. Mascava o chiclete e tornava a embrulhar. Durante dias, até ficar sem sabor."

Tenho água na boca e engulo várias vezes.

"Parei de mascar chiclete quando parei de pedir doces no Halloween. Está vendo, você me fez lembrar que eu pedia doces, uma coisa em que não penso há tantos anos que não posso acreditar que tenha me vindo à cabeça. Às vezes

esqueço que já fui criança. Já fui jovem, idiota e crédula.”

Minhas mãos estão tremendo.

“É melhor não gostar de coisas que não se pode pagar, então não criei o hábito de mascar chiclete.”

Estou trêmula.

“É melhor não parecer que cresceu na classe baixa, principalmente se de fato cresceu na classe baixa. Quando você me viu mascar chiclete? Nunca vou fazer isso. É baixo.”

“Nada em você é classe baixa.” Benton me observa com atenção e cautela, e percebo o que há em seus olhos. Eu o estou assustando.

Mas não consigo me controlar. “Dei um duro danado na vida para não parecer classe baixa. Você não me conheceu quando eu estava começando e não fazia ideia de como as pessoas realmente são, pessoas que têm total poder sobre você, pessoas que você realmente venera e que são capazes de te atrair para situações que fazem com que você nunca mais se sinta da mesma forma consigo mesmo. E então você enterra tudo, como aquele coração batendo debaixo das tábuas do assoalho em Edgar Allan Poe, mas sabe que está sempre lá. E não pode contar a ninguém. Mesmo que te deixe acordado à noite. Não pode contar nem mesmo à pessoa de quem você é mais chegado que existe esse coração morto e frio debaixo das tábuas do assoalho, que ele está ali por culpa sua.”

“Jesus Cristo, Kay.”

“É estranho como tudo que amamos parece estar muito próximo de alguma coisa detestável e morta. Bom, nem tudo”, vem-me à mente a seguir.

“Você está bem?”

“Estou ótima. Só estressada. E quem não estaria? Nossa casa fica em frente a Norton’s Woods, onde alguém foi assassinado ontem, e ele talvez estivesse na Galeria Courtauld ao mesmo tempo que Lucy e eu no verão anterior ao Onze de Setembro, que por sinal ela acha que foi causado por nós. Liam Saltz também estava lá, na Courtauld, era um dos palestrantes. Não o conheci na ocasião, mas Lucy tem um CD dele. Não lembro sobre o que ele falou.”

“Estou curioso para saber por que você mencionou esse sujeito.”

“Um link em um site que Jack por algum motivo estava pesquisando.”

Benton nada diz e não tira os olhos de mim.

“Você e eu vamos ao Biscuit quando estou em casa nos fins de semana, talvez a gente tenha estado lá ao mesmo tempo que Johnny Donahue e a amiga dele do MIT”, continuo e não consigo acompanhar meus pensamentos. “Adoramos Salem, os óleos e velas das lojas de lá, as mesmas lojas que vendem cravos de ferro, os ossos do diabo. Nosso refúgio favorito em Boston fica perto de onde foi encontrado o corpo de Wally Jamison na manhã seguinte ao Halloween. Alguém está nos vigiando? Alguém sabe tudo que fazemos? O que Jack estava fazendo em Salem no Halloween?”

“O corpo de Wally chegou aonde estava de barco, não pelo píer”, responde Benton, e não sei onde obteve a informação.

“Todas essas coisas em comum. Parece que moramos em uma cidade pequena.”

“Você não me parece bem.”

“Tem certeza de que foi um barco? Sinto uma onda de calor.” Toco meu rosto, levanto a mão de encontro a ele. “Meu Deus. Depois vai ser isso. Tanta coisa pela frente.”

“O mais relevante é o fato de que alguém jogou deliberadamente o corpo onde as lanchas da guarda costeira ficam fundeadas, com guardas a bordo.” Benton observa cada movimento meu. “E perto do nascer do sol, o pessoal de apoio e outros tripulantes aparecem para trabalhar e o cais vira um estacionamento. Todas aquelas pessoas saltaram do carro e viram o corpo mutilado boiando na água. Foi um atrevimento. Matar um menino no próprio quintal enquanto os pais estão dentro de casa é atrevimento. Matar alguém no domingo do Super Bowl em Norton’s Woods enquanto ocorria um casamento VIP é atrevimento. Fazer tudo isso na nossa comunidade é atrevimento. Claro que é.”

“Primeiro você sabe que foi um barco. Depois sabe que houve um casamento VIP, não só um casamento, mas um casamento VIP.” Não pergunto, afirmo. Ele não diria se não soubesse. “Por que Jack estava em Salem? Fazendo o quê lá? Não se consegue um quarto de hotel em Salem no Halloween. Não dá nem para andar de carro, de tanta gente.”

“Você tem certeza de que está bem?”

“Você acha que isso é pessoal?”, pergunto, obcecada com o quanto o mundo é pequeno. “Volto para casa e essa é minha recepção. Toda essa feiura, morte, falsidade e traição cai praticamente no meu colo.”

“Até certo ponto, sim”, diz Benton.

“Bom, obrigada por isso.”

“Eu disse ‘até certo ponto’. Não tudo.”

“Você disse que acha que é pessoal. Quero saber exatamente de que forma.”

“Tente se acalmar. Respire devagar.” Ele tenta pegar minha mão, mas não vou permitir que me toque. “Calma, Kay.”

Afasto-me e ele torna a pousar a mão no iPhone, que emite um lampejo a cada dois segundos à medida que as mensagens chegam. Não quero que ele me toque. É como se eu não tivesse pele.

“Não tem nada para comer nesse lugar? Posso mandar buscar alguma coisa”, diz Benton. “Talvez seja hipoglicemia. Quando você comeu pela última vez?”

“Não. Eu não ia conseguir comer agora. Vou ficar bem. Por que você disse VIP?”, ouço-me perguntar.

Ele torna a olhar para o celular, a luzinha emitindo seu alerta. “Anne”, informa ele quando lê o que acaba de entrar. “Ela está a caminho, deve chegar em poucos minutos.”

“O que mais? Posso baixar o exame aqui, dar uma olhada.”

“Ela não enviou. Tentou ligar para você. Mas você não estava na mesa. Havia agentes infiltrados no casamento. Protegendo um VIP, mas é evidente que não era ele quem precisava de proteção”, diz Benton. “Ninguém estava prestando atenção a quem precisava de proteção. Não sabíamos que ele ia estar lá.”

Respiro fundo outra vez e tento diagnosticar um ataque cardíaco, se estou tendo um infarto.

“Os agentes viram o que aconteceu?” Mount Auburn é o hospital mais próximo. Não quero ir para o hospital.

“Os que estavam posicionados nas portas externas não estavam olhando para o sujeito e não viram o que aconteceu. Viram gente correndo em volta dele quando caiu. Não havia motivo para que se interessassem por ele, então mantiveram seu posto. Era o que tinham que fazer, caso aquilo fosse alguma

manobra para desviar a atenção. Os agentes sempre mantêm o posto quando estão em um destacamento de segurança; com raras exceções, não se afastam.”

Concentro-me no desconforto no centro de meu peito e em minha falta de ar. Estou suada e zonza, mas não sinto dor nos braços. Nem nas costas. Nem no maxilar. Não, dor irradiada e ataques cardíacos não causam pensamentos distorcidos e contemplo minhas mãos. Conservo-as a minha frente, como se enxergasse o que há nelas.

“Quando você se encontrou com Jack na semana passada, ele cheirava a mentol?”, pergunto. “Onde ele está? O que ele fez exatamente?”

“Qual é o problema do mentol?”

“Emplastros extrafortes de mentol, emplastros Bengay, alguma coisa assim.” Me levanto da mesa de Fielding. “Quando ele está usando isso e cheira a eucalipto e mentol em geral é uma indicação de que está se excedendo fisicamente, detonando-se na academia, nos torneios de tae kwon do, tem dores crônicas e agudas musculares e articulares. Esteroides. Quando Jack está usando esteroides… Esse sempre foi o prelúdio para outras coisas.”

“Com base no que vi na semana passada, ele está usando alguma coisa.”

Já estou despindo o jaleco de Jack. Dobro-o em um quadrado perfeito, que deixo em cima da mesa.

“Tem algum lugar onde você possa se deitar?”, pergunta Benton. “Acho que você devia. Nos quartos do plantão lá embaixo. Tem uma cama. Não posso te levar para casa. Você não pode ir para lá agora. Não quero que saia desse prédio, não sem mim.”

“Não preciso me deitar. Não vai resolver. Vai piorar.” Entro no banheiro de Fielding e pego um saco de lixo embaixo da pia.

Benton está de pé, vendo o que estou fazendo, de olho em mim enquanto enfio o jaleco dobrado dentro do saco de lixo e retorno ao banheiro. Esfrego as mãos e o rosto com sabão e água quente. Lavo todas as áreas de pele que podem ter entrado em contato com a película plástica que encontrei no bolso do jaleco de Fielding.

“Drogas”, anuncio quando torno a me sentar.

Benton retorna à sua cadeira, tenso, como se pudesse se levantar de um salto

novamente.

“Alguma coisa transdérmica que com certeza não é Motrin. Não sei o que é, mas vou descobrir”, informo.

“O pedaço de plástico que você estava apalpando.”

“A menos que você tenha envenenado meu café.”

“Um adesivo de nicotina?”

“Você não me envenenou, não é? Se não quer mais estar casado, existem soluções mais simples.”

“Não vejo por que ele usaria nicotina, a não ser como estimulante. Imagino que sim. Alguma coisa desse tipo.”

“Não é nada desse tipo. Eu vivia a base de adesivos de nicotina e nunca me senti assim, nem quando acendia um cigarro usando adesivos de vinte e um miligramas. Uma verdadeira viciada. Essa sou eu. Mas não drogas, não o que quer que seja isso. O que ele fez?”

Benton contempla sua caneca de café, delineando o símbolo do AFMES na cerâmica preta vitrificada. Seu silêncio confirma minhas suspeitas. Seja no que for que Fielding esteja envolvido, está ligado a tudo mais: a mim, a Benton, a Briggs, ao jogador de futebol americano morto, ao menino morto, ao homem de Norton’s Woods, aos soldados mortos da Inglaterra e de Worcester. Como aviões iluminados à noite, conectados a uma torre, em um padrão, por vezes parecendo estar suspensos no escuro, mas tendo estado em algum lugar e indo a algum lugar, forças individuais que fazem parte de algo maior, algo incompreensivelmente grande.

“Você precisa confiar em mim”, diz Benton baixinho.

“Briggs fez contato com você?”

“Vêm acontecendo certas coisas há algum tempo. Você está bem? Não quero sair antes de saber que sim.”

“Foi para isso que treinei, fiz tantos sacrifícios.” Decido aceitar a situação. A aceitação me facilita saber o que fazer. “Passei seis meses afastada de você, afastada de todos, abrindo mão de tudo para poder voltar para casa e para alguma coisa que já vem funcionando há algum tempo. Um projeto.”

Quase acrescento *exatamente como no começo,* quando eu mal era patologista

forense e era muito ingênua para ter ideia do que estava acontecendo. Quando prontamente saudava e respeitava a autoridade e, pior, confiava nela e, muito pior, acatava, e ainda pior que isso, admirava, e o pior de tudo, admirava tanto John Briggs que faria qualquer coisa que ele quisesse, absolutamente qualquer coisa. De alguma forma consegui acabar no mesmo lugar. Outra vez a mesma coisa. Um projeto. Mentiras e mais mentiras, e gente inocente que é descartável. Crimes tão friamente cometidos quanto qualquer outro que eu já tenha visto. Joanne Rule e Noonie Pieste surgem claras em minha mente, tão reais quanto sempre foram.

Vejo-as em macas amassadas, com ferrugem nas juntas soldadas e rodinhas; lembro que meus pés grudavam ao percorrer o velho piso de pedra branca que não se conservava limpo. O necrotério da Cidade do Cabo estava sempre ensanguentado, com corpos por toda parte, e na semana que passei ali, vi casos tão estranhamente extremos quanto o continente em sua magnífica beleza. Pessoas atingidas por trens, atropeladas na estrada, mortes domésticas e ocasionadas por drogas nas favelas, um ataque de tubarão na baía False e um turista morto em uma queda na montanha Table.

Tenho a ideia irracional de que se descer e entrar em minha geladeira, os corpos daquelas duas mulheres assassinadas estarão me esperando por exatamente como naquela manhã de dezembro depois de eu ter voado dezenove horas em uma poltrona apertada para encontrá-las. Só que elas já haviam sido examinadas quando me apresentei, e isso teria sido verdade se eu houvesse voado em Mach II no Concorde ou estivesse a um quarteirão de distância quando elas foram assassinadas. Não consegui chegar com rapidez suficiente. Os corpos poderiam muito bem fazer parte de algum filme, de tão simulados. Jovens inocentes assassinadas por uma notícia, por questões de poder, influência e votos, e não consegui impedir.

Não só não consegui impedir, mas ajudei a fazer com que acontecesse, porque permiti isso e recordo o que a mãe do soldado de primeira classe Gabriel declarou a respeito de crimes movidos por preconceito e de ser recompensado por eles. Meu escritório em Dover fica bem ao lado da suíte de comando de Briggs. Lembro que alguém passou várias vezes por minha porta fechada

enquanto eu conversava com ela. Quem quer que tenha sido parou pelo menos duas vezes. Na hora me passou pela cabeça que alguém estivesse esperando para entrar, mas podia ouvir através da porta que eu estava ao telefone e não queria interromper. O mais provável é que alguém estivesse escutando. Briggs, ou alguém aliado a ele, havia posto alguma coisa em movimento e Benton está certo, vem acontecendo há algum tempo.

"Então os últimos seis meses nada mais foram que uma manobra política. Que triste. Que coisa de mau gosto. Que decepção." Minha voz é firme e pareço completamente calma, do jeito que fico antes de fazer alguma coisa.

"Você está bem? Porque precisamos descer se você estiver. Anne está aqui. Temos que conversar com ela e depois vou sair." Benton se levantou e está perto da porta, esperando por mim com o telefone na mão.

"Me deixe adivinhar. Briggs garantiu que eu conseguisse essa colocação para poder manter o lugar aberto para quem quer que ele realmente tenha em mente", prossigo, e meu coração desacelerou e meus nervos parecem mais calmos, como se funcionassem normalmente outra vez. "Queria que eu mantivesse a cadeira quente. Ou fui eu a desculpa para construir este lugar, conseguir o apoio do MIT, de Harvard, de todo mundo, para justificar uns trinta milhões em subvenções?"

Benton lê mais alguma coisa à medida que as mensagens surgem do nada, uma após a outra.

"Ele poderia ter evitado muitos problemas", digo ao levantar da mesa.

"Você não vai desistir", diz Benton, lendo o que alguém acaba de enviar. "Não dê a eles essa satisfação."

"*Eles*. Então é mais de um."

Benton não responde enquanto digita com os polegares.

"Bom, sempre foi mais de um. É só escolher", digo enquanto saímos juntos.

"Se desistir, você vai dar a eles exatamente o que querem." Ele lê e rola o texto para baixo no telefone.

"Gente assim não sabe o que quer." Fecho a porta do escritório de Fielding atrás de nós, certificando-me de que esteja trancada. "Só pensa que sabe."

Damos início à descida no prédio em forma de bala dundum, que, em noites escuras e dias tristes, é cor de chumbo.

Conto a Benton sobre a escrita marcada no bloco de notas enquanto descemos em um elevador que pesquisei e escolhi por reduzir em cinquenta por cento o consumo de energia. O interesse de Fielding na palestra que o dr. Liam Saltz proferiu em Whitehall não pode ser coincidência, digo enquanto os números mudam em um mostrador digital, à medida que descemos suavemente andar por andar sob o brilho ameno dos LEDs em meu elevador ecológico que, pelo que ouvi, ninguém que trabalha aqui aprecia por pouco que seja. Há muitas queixas porque a máquina é lenta.

"Ele é um extremo e a DARPA é certamente o outro; nenhum dos dois está sempre certo, isso com certeza." Descrevo o dr. Saltz como um cientista da computação, engenheiro, filósofo, teólogo, cuja arte certamente não é a guerra. Ele detesta guerras e aqueles que as promovem.

"Sei tudo sobre ele e sua arte." Benton não diz isso de forma positiva enquanto paramos com suavidade e as portas de aço se abrem praticamente sem ruído. "É lógico que lembro aquela vez na CNN que você e eu discutimos por causa dele."

"Não me lembro de ter discutido." Voltamos à recepção, onde Ron está firme e atento atrás da divisória de vidro, exatamente como o deixamos há muitas horas.

Em monitores de vídeo divididos, vejo carros parados no estacionamento atrás do prédio, utilitários que não estão cobertos de neve e têm os faróis acesos. Agentes ou policiais à paisana, e recordo as janelas iluminadas nos prédios do MIT que se erguem acima da cerca do CFC, lembro-me de ter percebido isso na hora que Benton entrou com o carro e agora sei por quê. O CFC tem estado sob vigilância e o FBI, a polícia, não estão fazendo nenhum esforço para disfarçar sua presença agora. Tenho a impressão de que o local está interditado.

Desde que saí do necrotério em Dover, estou acompanhada ou trancada dentro de algum prédio protegido, e o motivo não é o que foi apresentado, pelo menos não o único. Ninguém estava tentando me trazer para casa o mais rápido possível por causa de um corpo sangrando na geladeira. Isso era uma prioridade, mas

certamente não a única e talvez nem mesmo a mais importante. Certas pessoas usaram isso como desculpa para me escoltar, certas pessoas como minha sobrinha, que estava armada e brincando de guarda-costas, e não acredito que Benton não esteja envolvido nessa decisão, não importa o que sabia ou não na ocasião.

"Talvez lembre que ele deu em cima de você", esclarece Benton à medida que percorremos o corredor cinza.

"Você parece estar achando que transo com todo mundo."

"Não com todo mundo", diz ele.

Sorrio. Quase solto uma gargalhada.

"Você está se sentindo melhor", diz ele, tocando meu braço com delicadeza enquanto caminha comigo.

O que quer que eu tenha sentido passou e eu gostaria que não fosse uma hora tão desolada da manhã. Gostaria que houvesse alguém no laboratório de vestígios de provas para que pudéssemos dar uma olhada na película plástica à qual fui exposta, provavelmente tentar primeiro o microscópio eletrônico de varredura, depois a espectroscopia no infravermelho ou quaisquer detectores necessários para descobrir o que há nos emplastros de Fielding para dor. Nunca tomei esteroides anabólicos e não sei em primeira mão como ia me sentir, mas imagino que não seja o que senti lá em cima. Não com tanta rapidez.

Cocaína, cristais de metanfetamina, LSD, qualquer coisa poderia entrar em meu organismo instantaneamente por via transdérmica, com sorte espero que nada disso, mas o que sei sobre como ia me sentir? Não foi um opiáceo como Fentanil, que é o narcótico mais comum liberado por emplastros. Um analgésico forte como Fentanil não me faria reagir da forma que reagi, mas, novamente, não tenho certeza. Nunca usei Fentanil. Cada pessoa reage de forma diferente a medicamentos e substâncias não controladas podem estar contaminadas por impurezas e apresentar doses variáveis.

"Sério. Já está parecendo você mesma." Benton me toca outra vez. "Como está se sentindo? Tem certeza de que está bem?"

"Já passou, o que quer que tenha sido. Eu não cuidaria do caso se não fosse assim, se estivesse me sentindo debilitada, mesmo que só um pouco", respondo.

“Acho que você também vai para a sala de autópsias”, observo, já que estamos indo para lá.

“Um drinque. Certo.” Benton está de volta a Liam Saltz. “Ele dá de cara com você na CNN e te convida para tomar um drinque com ele à meia-noite. Isso não é exatamente normal.”

“Não sei bem como entender essa situação. Mas não estou me sentindo lisonjeada.”

“A reputação dele com as mulheres é igual a de certos políticos que não vou nomear. Qual é o jargão hoje? Comportamento sexual compulsivo?”

“Bom, se você está dizendo…”

Passamos pela sala de raios X e a porta está fechada, a luz vermelha, apagada, pois o aparelho não está em uso. O andar inferior está vazio e silencioso e me pergunto por onde anda Marino. Talvez esteja com Anne.

“Ele fez contato com você desde então? Isso foi quando? Há dois anos?”, pergunta Benton. “Ou talvez com algum colega seu no Walter Reed ou em Dover?”

“Não comigo. Não sei quanto aos outros, a não ser que ninguém envolvido com as Forças Armadas seja fã do dr. Saltz. Ele não é considerado patriota, o que na verdade não é justo se você analisa o que ele está realmente dizendo.”

“O problema é que ninguém mais parece entender o que as pessoas estão dizendo. As pessoas não ouvem. Saltz não é comunista. Não é terrorista. Não cometeu traição. Só não sabe controlar seu entusiasmo e calar aquela boca grande. Mas ele não é de interesse para o governo. Bom, não era.”

“De repente é”, suponho que seja o que Benton vá me dizer a seguir.

“Ele não estava em Whitehall ontem. Não estava nem mesmo em Londres.” Benton espera até agora, que paramos diante das portas de aço duplas trancadas da sala de autópsias, para me informar isso. “Acho que você não encontrou essa parte na internet quando estava tentando decifrar as marcas da escrita de Jack”, acrescenta em um tom matizado de outros significados. Com uma pitada de hostilidade, não dirigida a mim, mas a Fielding.

“Como você sabe onde Liam Saltz estava ou não estava?”, pergunto ao mesmo tempo que penso no que Benton mencionou lá em cima. Ele se referiu ao

evento em Norton’s Woods como um casamento VIP e fez menção à presença de seguranças. Agentes infiltrados, disse, ainda que durante um intervalo em que eu não estava pensando com a devida clareza.

“Ele fez o discurso via satélite em uma grande tela de vídeo, para o pessoal em Whitehall”, diz Benton como se houvesse comparecido. “Teve uma complicação, um assunto de família, e teve que deixar o país.”

Penso no homem atrás das portas de aço fechadas. Um homem cujo relógio de pulso, quando morreu, talvez estivesse ajustado ao horário da Inglaterra. Um homem com um velho robô chamado MORT em seu apartamento, o mesmo contra o qual Liam Saltz e eu testemunhamos, convencendo as pessoas que se achavam no poder a proibir sua utilização.

“Era por isso que Jack estava pesquisando o dr. Saltz, pesquisando o RUSI ou o que quer que estivesse fazendo ontem de manhã?”, pergunto enquanto digitalizo o polegar para destrancar a sala de autópsias.

“Fico me perguntando como aconteceu, se Jack recebeu um telefonema e então fez a pesquisa ou se, por algum motivo, sabia que o dr. Saltz estava em Cambridge”, responde Benton. “Fico me perguntando um monte de coisas que espero que sejam respondidas em breve. O que sei é que o dr. Saltz estava aqui para o casamento. Da filha da atual mulher, que devia ser entregue ao noivo pelo pai biológico, que pegou gripe suína.”

“Eu te enviei uma mensagem de texto”, diz Anne, dirigindo-se a mim. Ela está envolta em azul enquanto trabalha no computador confinado em um compartimento de aço inoxidável à prova d’água, o teclado lacrado instalado a uma altura adequada para digitar em pé. Atrás dela, na mesa de autópsias da estação um, que agora está limpa e reluzente, encontra-se o homem de Norton’s Woods.

“Peço desculpas”, digo em tom distraído enquanto penso em Liam Saltz e temo a ligação que possa ter com o morto, afora os robôs, particularmente o MORT. “Meu telefone ficou no escritório e eu não estava lá”, explico a Anne. Então pergunto a Benton: “Ele tem outros filhos?”.

“Está no Hotel Charles”, retruca Benton. “Alguém está a caminho para conversar com ele. Mas, respondendo sua pergunta, tem. Tem vários filhos e

enteados de múltiplos casamentos.”

“Eu queria que você soubesse que não me senti segura para fazer o upload dos exames dele para enviar por e-mail”, diz Anne. “Não sei com o que estamos lidando e achei melhor não correr o risco. Se vai ficar por aqui, você precisa de proteção”, diz ela, dirigindo-se a Benton. “Não faço ideia de a que esse sujeito foi exposto, mas ele não disparou nenhum alarme. Pelo menos, não está radioativo. E o que quer que exista dentro dele também não, graças a Deus.”

“Imagino que tudo tenha corrido tranquilamente no hospital. Sem incidentes”, diz Benton. “Eu não vou ficar.”

“O segurança nos escoltou para entrar e sair, e não vimos mais ninguém… nenhum paciente, nenhum funcionário.”

“Você encontrou alguma coisa nele?”, pergunto.

“Vestígios de metal.” As mãos enluvadas de Anne se movem sobre o teclado do computador e clicam o mouse, tendo ambos recebido uma camada recente de silicone industrial. A presença desleixada de Fielding se acha visivelmente ausente da sala de autópsias e vejo água na pia da estação um — a minha — e uma esponja grande; os instrumentos cirúrgicos estão limpos, resplandecentes e impecavelmente arrumados no tabuleiro de dissecção. Vejo um esfregão que não estava aqui mais cedo e uma pedra de amolar sobre uma bancada.

“Estou impressionada”, digo a Anne, olhando ao redor.

“Ollie”, retruca ela, clicando no mouse. “Liguei para ele e ele voltou e ajeitou o lugar.”

“Você está brincando.”

“Não que a gente não tenha tentado enquanto você esteve fora. Mas Jack tem usado esse espaço de trabalho e aprendemos a manter distância.”

“Como pode haver metal que não apareceu na TC?” Benton a observa enquanto ela percorre os arquivos que criou no laboratório de neuroimagem, à procura das imagens de ressonância magnética que deseja.

“Se os pedaços forem muito pequenos”, eu explico. “De menos de meio milímetro, não seria detectado na TC. Foi por isso que quisemos descartar a possibilidade fazendo a ressonância magnética que, ao que tudo indica, foi uma coisa boa.”

“Mas talvez não se ele estivesse vivo”, diz Anne, clicando em um arquivo. “Você não vai querer que haja nada ferromagnético em uma pessoa viva, porque o objeto vai girar. Vai se mover. Como os fragmentos de metal nos olhos de quem exerce uma profissão com esse risco. Elas talvez nem saibam até fazer uma ressonância. Aí ficam sabendo, ah, se ficam. Ou quando têm piercings no corpo e não dizem nada; já vimos isso várias vezes”, ela diz a Benton. “Ou, Deus me livre, um marca-passo. O metal se movimenta e aquece.”

“Teorias?”, pergunto a Anne, pois não consigo imaginar um evento ou uma arma que produza o que acaba de ocupar a tela de vídeo.

“Seu palpite é tão bom quanto o meu”, responde ela enquanto examinamos as imagens de alta resolução das lesões internas do morto, uma área escura distorcida de ausência de sinal que começa no interior do ferimento semelhante a uma casa de botão e torna-se cada vez menos pronunciada quanto mais profunda a penetração nos órgãos e nas estruturas de tecidos moles do tórax.

“Por causa do campo magnético, mesmo com o que devem ser partículas minúsculas, você vai perceber o artefato. Bem aqui”, chamo a atenção de Benton. “Essas áreas muito escuras e distorcidas onde não há penetração de sinal. Você percebe o artefato ao longo do prolongamento da ferida, do que sobrou do prolongamento da ferida, porque o sinal foi apagado pelo metal. Ele tem algum tipo de corpo estranho ferromagnético dentro dele.”

“O que pode provocar isso?”, pergunta Benton.

“Vou ter que recolher uma parte e analisar.” Penso no que Lucy disse a respeito dos *flybots*. Seriam tão ferromagnéticos quanto projéteis, ambos compósitos de metal tendo em comum o óxido de ferro.

“Meio? Do tamanho de uma partícula de poeira?” Os olhos de Benton estão distraídos por outros pensamentos.

“Um pouco maior”, responde Anne.

“Mais ou menos do tamanho dos resíduos de um disparo, de grãos de pólvora que não queimaram”, acrescento.

“Um projétil como uma bala poderia ser reduzido a fragmentos não maiores que os grãos de pólvora de um disparo”, reflete Benton, e percebo que está relacionando o que estou dizendo a outra coisa. Penso em minha sobrinha e me

pergunto o que exatamente ela disse a Benton enquanto os dois estavam juntos no laboratório dela esta manhã. Penso em arpões e nanoexplosivos, mas não há lesões térmicas, nenhuma queimadura. Não faz sentido.

“Nenhum projétil que eu já tenha visto”, diz Anne, e concordo. “Sabemos mais alguma coisa sobre quem ele é?” Ela está se referindo ao corpo sobre a mesa. “Não é minha intenção bisbilhotar.”

“Espero que em breve”, responde Benton.

“Você parece ter alguma ideia”, diz Anne.

“Nossa primeira pista é que ele deu as caras em Norton’s Woods ao mesmo tempo que o dr. Saltz estava no prédio, e isso foi verificado por causa de certos interesses que esses dois indivíduos teriam em comum.” Imagino que esteja se referindo aos robôs.

“Acho que não sei quem é ele”, diz Anne.

“Um cientista que ganhou o prêmio Nobel e mora fora do país”, explica Benton e, quando o observo com Anne, lembro que os dois são colegas e amigos, que ele a trata com uma familiaridade fácil, com uma confiança que não demonstra perto da maioria das pessoas. “E se ele” — Benton indica o morto — “sabia que o dr. Saltz vinha a Cambridge, a questão é: como?”

“Sabemos se ele sabia disso?”, pergunto.

“Neste momento, não temos certeza.”

“Então o dr. Saltz estava no casamento. Mas esse aqui não estava vestido para um casamento.” Anne aponta para o corpo nu sobre a mesa. “Ele estava com o cachorro. E uma arma.”

“O que sei até agora é que foi um casamento diferente”, informa Benton, como se esse detalhe tivesse sido cuidadosamente verificado. “O pai da noiva, que deveria entregar a filha, ficou doente. Então ela pediu de última hora ao padrasto, o dr. Saltz, que não podia estar fisicamente em dois lugares ao mesmo tempo. Ele chegou a Boston de avião no sábado e fez sua apresentação em Whitehall via satélite. Um sacrifício da parte dele. Tenho certeza de que a última coisa que queria fazer era entrar outra vez nos Estados Unidos e dar as caras em Cambridge.”

“Os agentes secretos?”, pergunto. “Eram para ele? Nesse caso, por quê? Sei

que tem inimigos, mas por que o FBI ofereceria proteção a um cientista civil do Reino Unido?”

“Essa era a ironia”, diz Benton. “A segurança no evento não tinha nada a ver com ele, mas com os convidados do casamento, a maioria ingleses, por causa da família do noivo. Ele é o filho de Russell Brown, David. Tanto Ruth, enteada de Liam Saltz, quanto David cursaram direito em Harvard, que foi um dos motivos para que o casamento tenha ocorrido aqui.”

Russell Brown. O secretário de Estado de Defesa, cujo discurso acabei de ler no site do RUSI.

“Ele aparece em um evento como esse e está armado”, digo ao me aproximar da mesa de aço. “Uma arma com o número de série apagado.”

“Certo. Por quê?”, pergunta Benton. “Para se proteger, ou ele era um possível agressor? Ou para se proteger por um motivo não relacionado ao casamento e às pessoas que acabo de mencionar?”

“Talvez tenha a ver com a tecnologia ultrassecreta com a qual ele estava envolvido”, sugiro. “Tecnologia que vale muito dinheiro”, acrescento. “Tecnologia pela qual as pessoas são capazes de matar.”

“E talvez tenham matado”, diz Anne, olhando para o jovem morto.

“Temos esperança de descobrir isso em breve”, diz Benton.

Olho para o morto, deitado de costas, rígido, os dedos curvos, braços, pernas, mãos e cabeça exatamente na mesma posição de antes, independentemente do quanto o agitaram durante o transporte e os exames. O *rigor mortis* é total, mas ele não vai oferecer muita resistência quando eu o examinar, pois é magro. Não possui muita fibra muscular para armazenar os íons de cálcio depois que os neurotransmissores deixaram de funcionar. Posso movê-lo com facilidade. Dobrá-lo à minha vontade.

“Preciso ir”, diz Benton. “Sei que você quer cuidar disso. Vou precisar de ajuda com uma coisa quando você estiver pronta para sair daqui, mas não vá embora sozinha. Prometa que ela vai me ligar”, ele pede a Anne, que está etiquetando tubos de ensaio e recipientes de amostras. “Ligue para mim ou para Marino”, acrescenta. “Avise com uma hora de antecedência.”

“Marino vai estar com você…?”, começo a perguntar.

“Estamos trabalhando em uma coisa. Ele já está lá.”

Não pergunto mais a Benton a que está se referindo quando fala no plural; ele me olha mais uma vez, seus olhos encontrando os meus com a intimidade de um toque prolongado, então deixa a sala de autópsias. Ouço o som cada vez mais afastado de seus passos acelerados ao longo do corredor de ladrilhos, depois sua voz e outra voz enquanto ele conversa com alguém, possivelmente Ron. Não consigo entender uma palavra do que dizem, mas eles parecem sérios e intensos antes que o silêncio retorne de forma abrupta. Imagino que Benton já tenha deixado a recepção e fico surpresa ao vê-lo em um monitor de vídeo. Captado pelas câmeras de segurança, ele atravessa um vão enquanto fecha o casaco de lã que lhe dei há tanto tempo que não recordo o ano, só sei que foi em Aspen, onde ele tinha uma casa.

No circuito fechado de TV, vejo Benton abrir a porta lateral que fica perto da porta industrial maciça, então outra câmera o capta fora do prédio enquanto passa pelo utilitário verde estacionado em minha vaga. Ele entra em um utilitário diferente, escuro, grande, com faróis resplandecentes que a neve golpeia e limpadores de para-brisa que se deslocam de um lado a outro; não consigo enxergar quem está dirigindo. Em meu estacionamento coberto de neve, vejo o utilitário dar ré, avançar, ficar parado enquanto o portão grande se abre e por fim desaparecer no mau tempo às quatro da manhã, uma hora completamente estéril, com meu marido no assento do passageiro, conduzido por alguém, talvez seu amigo Douglas do FBI, ambos partindo rumo a um destino do qual, por alguma razão, não fui informada.

14

Na antecâmara, eu me preparo para a batalha como de costume, vestindo a armadura feita de plástico e papel.

Nunca me sinto uma médica, nem mesmo uma cirurgiã, ao me preparar para realizar um exame *post mortem*, e desconfio que só pessoas que lidam com a morte como meio de vida consigam entender o que quero dizer. Durante minhas residências na faculdade de medicina, eu não era diferente dos demais médicos, cuidando de doentes e feridos nas alas e salas do pronto-socorro e ajudando nos procedimentos cirúrgicos nas salas de operações. Portanto, sei o que é incisar corpos quentes com pressão sanguínea e algo vital a perder. O que estou prestes a fazer não poderia ser mais diferente disso, e a primeira vez que inseri a lâmina de um bisturi na carne fria e insensível, que fiz minha primeira incisão em Y em um paciente morto, abri mão de alguma coisa que nunca mais recuperei.

Abandonei qualquer noção de ser mais divina, heroica ou talentosa que os outros mortais. Rejeitei a fantasia de ser capaz de curar qualquer criatura, inclusive a mim mesma. Nenhum médico tem o poder de fazer o sangue coagular, de regenerar um tecido ou um osso, de reduzir um tumor. Nós não criamos, apenas fazemos com que as funções biológicas trabalhem ou não da forma correta por conta própria e, nesse aspecto, os médicos são mais limitados que os mecânicos e engenheiros, que de fato criam alguma coisa a partir do nada. A escolha de uma especialidade médica que minha mãe e minha irmã ainda consideram mórbida e anormal provavelmente me tornou mais honesta que a maioria dos médicos. Sei que quando administro meu poder curativo aos mortos eles permanecem inalterados por mim e meus métodos. Continuam tão mortos quanto antes. Não agradecem, não mandam cartões de boas festas, nem batizam os filhos em minha homenagem. É claro que eu estava ciente de tudo isso quando optei por patologia, o que é o mesmo que você dizer que sabe o que é o combate quando se alista na Marinha e então ser mobilizado para as

montanhas do Afeganistão. Na realidade, as pessoas desconhecem as situações até que de fato aconteçam.

Nunca consigo sentir o cheiro acre, oleoso e penetrante do formaldeído não diluído sem recordar o quanto fui ingênua ao supor que a dissecção de um cadáver doado à ciência para fins pedagógicos assemelhava-se à autópsia de uma pessoa não embalsamada cuja causa da morte é questionada. Realizei a primeira no necrotério do hospital Hopkins, local rudimentar comparado ao que há nesta sala onde, neste minuto, estou dobrando meu uniforme do AFMES e o depositando sobre um banco, sem me importar com o vestiário ou o recato a esta hora. A mulher, de cujo nome ainda me lembro, tinha somente trinta e três anos e deixou dois filhos pequenos e o marido ao morrer de complicações pós-operatórias de uma apendicectomia.

Até hoje lamento que ela tenha sido meu projeto. Lamento que tenha sido colocada na posição de ser objeto de estudo de qualquer residente de patologia e me lembro de ter pensado no absurdo de um ser humano tão jovem e saudável ter sucumbido a uma infecção causada pela remoção de uma bolsa vermicular inútil do intestino grosso. Eu queria fazê-la melhorar. Enquanto trabalhava, praticava nela, queria que recobrasse os sentidos e saltasse daquela mesa de aço arranhada no centro do piso sujo no interior daquela sala subterrânea sombria que cheirava a morte. Eu a queria viva, bem e consciente de que eu tinha alguma coisa a ver com isso. Não sou cirurgiã. O que faço é exumar a fim de justificar minhas posições quando entro em guerra com assassinos ou, de forma menos dramática e mais habitual, com advogados.

Anne foi atenciosa o bastante e encontrou um jaleco cirúrgico recém-lavado tamanho médio e no verde institucional ao qual estou acostumada; eu o visto e então, por cima, coloco um avental descartável, que amarro firmemente antes de extrair protetores para sapatos de um dispensador e cobrir os sapatos de borracha que Anne descobriu em algum lugar. Em seguida vêm a touca e as mangas protetoras, uma máscara, uma viseira e, por fim, luvas.

“Talvez você possa escrever para mim”, peço ao retornar à sala de autópsias, um espaço grande e vazio de um branco reluzente e aço brilhante. Estamos só os três aqui se eu incluir meu paciente na primeira mesa. “Para o caso de eu não

conseguir ditar minhas conclusões logo depois, já que parece que vou ter que sair.”

“Não sozinha”, lembra ela.

“Benton levou as chaves do carro”, recordo.

“Isso não é nenhum empecilho, já que temos veículos, então não tente me enganar. Quando for a hora, vou ligar para ele e não vamos discutir.” Anne consegue dizer quase qualquer coisa sem parecer desrespeitosa ou grosseira.

Ela bate fotografias enquanto colho material da entrada do ferimento na região lombar. Em seguida, colho material dos orifícios do corpo para a hipótese remota de que este homicídio envolva agressão sexual, embora eu não veja como, com base no que foi descrito.

“Estamos procurando um unicórnio.” Lacro os esfregaços anais e orais em envelopes de papel, que rotulo e rubrico. “Não um pônei comum, e de qualquer forma não vou acreditar em nada, já que não fui à cena do crime.”

“Bom, ninguém foi”, diz Anne. “O que é uma vergonha.”

“Mesmo que alguém tivesse ido até lá, eu continuaria a procurar um unicórnio.”

“Você não tem culpa. Eu não confiaria em nada do que as pessoas estão dizendo se fosse você.”

“Se você fosse eu.” Coloco uma lâmina nova em um bisturi enquanto ela enche de formalina um jarro plástico etiquetado.

“A menos que fosse eu que estivesse falando”, retruca ela sem olhar para mim. “Eu não mentiria, não enganaria, não usaria coisas que não são minhas. Nunca trataria esse lugar como se me pertencesse. Não importa. Eu não devia ter tocado nesse assunto.”

Não vou permitir que Anne faça isso. Não é necessário colocá-la nessa situação, a de trair as pessoas que me traíram. Conheço a sensação de ser colocada nessa posição. É um dos piores sentimentos que existem e promove mentiras, abertamente ou por omissão, sensação que também conheço. Uma mentira que se aloja intacta no âmago do seu ser como o milho não digerido encontrado em múmias egípcias. Não há como se livrar de uma coisa dessas, como desfazê-la sem entrar na questão, e não sei ao certo se tenho coragem para

isso quando penso nos degraus de madeira gasta que conduzem ao porão da casa em Cambridge. Penso nas paredes de pedra bruta debaixo da terra e no cofre de seiscentos e oitenta quilos com sua porta de cinco centímetros de espessura com combinação tripla.

"Imagino que você não tenha ouvido comentários sobre onde anda todo mundo", digo em seguida. "Quando esteve com Marino no McLean." Inicio a incisão em Y, cortando de clavícula a clavícula, então desço longa e profundamente em linha reta com um ligeiro desvio em torno do umbigo, terminando no osso púbico na parte inferior do abdome. "Você faz ideia de quem está no nosso estacionamento e do que está acontecendo? Já que pareço estar em prisão domiciliar por motivos que ninguém se sentiu inclinado a esclarecer completamente."

"O FBI." Anne não diz nada que eu já não saiba enquanto vai até a parede onde há pranchetas penduradas em ganchos ao lado das prateleiras plásticas para os formulários e diagramas em branco. "Pelo menos dois agentes no estacionamento, e um nos seguiu. Alguém seguiu." Ela recolhe a papelada de que precisa e escolhe uma prancheta depois de se certificar de que a esferográfica presa a ela por um cordão tem tinta. "Um detetive, um agente. Não sei quem nos seguiu ao hospital, mas foi alguém que alertou a segurança antes de a gente chegar." Ela retorna à mesa. "Quando chegamos ao laboratório de neuroimagem, havia três seguranças do McLean, mais emoção do que eles já tiveram em anos. E então essa pessoa em um utilitário, um Ford, um Explorer ou um Expedition azul-escuro."

Talvez o veículo no qual Benton partiu. Pergunto a Anne: "Ele ou ela saltou do carro? Imagino que você não tenha conversado com quem quer que seja". Puxo para trás tecido mole. O homem é tão magro que possui somente uma camada bem fina de gordura amarela antes que o tecido se torne vermelho e musculoso.

"Estava difícil de enxergar, e eu não ia até lá para ver. O agente continuava sentado no utilitário quando saímos e nos seguiu na volta para cá."

Anne pega os cortadores de costelas no carrinho cirúrgico e me ajuda a remover o peitoral, expondo os órgãos e uma hemorragia significativa. Sinto o

cheiro das células começando a se decompor, um indício do que promete se tornar pútrido e repugnante. Os odores emitidos pelo corpo humano ao se decompor são singularmente desagradáveis. Não são semelhantes aos dos pássaros, dos gambás, nem aos do maior mamífero no qual é possível pensar. Na morte, somos tão distintos das demais criaturas quanto em vida, e eu reconheceria o mau cheiro da carne humana em decomposição em qualquer lugar.

“Como você quer fazer isso? Em bloco? E lidar com o metal depois de estarmos com os órgãos na tábua de cortar?”, pergunta Anne.

“Acho que precisamos sincronizar o que estamos fazendo centímetro a centímetro, passo a passo. Alinhar tudo aos exames da melhor forma possível, porque não tenho certeza se vou conseguir ver o que são esses corpos estranhos ferromagnéticos, a menos que esteja olhando direto para eles com uma lente.” Limpo minhas luvas ensanguentadas em uma toalha e me aproximo da tela de vídeo, que Anne dividiu em quadrantes para me dar opções nas imagens da ressonância magnética.

“Eles estão distribuídos como a pólvora de um disparo”, ela lembra. “Ainda que não dê para ver as verdadeiras partículas de metal, porque elas anularam o sinal.”

“É verdade. Mais um artefato, mais vazios no início que no fim. Grande quantidade na entrada.” Aponto para a tela com o dedo enluvado e ensanguentado.

“Mas nenhum resíduo de nada na superfície”, diz ela. “E isso é diferente do ferimento provocado por um tiro, de um ferimento de contato.”

“Tudo aqui é diferente do ferimento provocado por um tiro”, retruco.

“Dá para ver que o que quer que seja esse troço, ele começa aqui.” Anne indica a entrada do ferimento na região lombar. “Mas não na superfície. Logo abaixo, talvez um centímetro abaixo dela, o que é realmente estranho. Estou tentando imaginar e não consigo. Se alguém pressionasse alguma coisa contra as costas dele e disparasse, haveria resíduos do disparo nas roupas e na entrada do ferimento, não a dois centímetros de profundidade e depois mais fundo ainda.”

“Examinei as roupas dele mais cedo.”

“Sem queimaduras nem fuligem, nenhuma evidência de resposta galvânica da pele”, diz ela.

“Não grosseiramente”, eu a corrijo, pois não conseguir enxergar os resíduos de um disparo não significa que não estejam presentes.

“Exato. Nada visualmente.”

“E Morrow? Imagino que ele não tenha descido ontem quando Marino estava com o corpo na ID, colhendo as digitais e os objetos pessoais. Imagino que ninguém tenha pensado em pedir a Morrow para fazer um teste para nitratos nas roupas, já que não sabíamos, na ocasião, que poderia haver resposta galvânica da pele ou mesmo que existia um ferimento de entrada que corresponde a cortes na roupa.”

“Não que eu saiba. E ele saiu cedo.”

“Ouvi dizer. Bom, ainda podemos fazer o teste, mas eu ficaria muito surpresa se fosse isso o que estamos vendo na RM. Quando Morrow ou Philip chegarem, vamos pedir a eles que façam um teste de Griess só para satisfazer minha curiosidade antes de seguir adiante. Aposto que vai dar negativo, mas não é destrutivo, então nada se perde.”

É um procedimento simples e rápido, que envolve papel fotográfico dessensibilizado tratado com uma solução de ácido, água destilada e alfanaftol em metanol. Quando o papel é pressionado contra a área de tecido em questão e então exposto ao vapor, os eventuais resíduos de nitrato se tornam alaranjados.

“É claro que vamos fazer uma análise SEM-EDX”, acrescento. “Mas hoje é uma boa ideia fazer mais de uma coisa, já que devagar, mas com certeza, o chumbo vai desaparecer da munição, e a maioria desses testes está à procura de chumbo, que é tóxico para o meio ambiente. Então precisamos começar procurando por ligas de zinco e alumínio, além de diversos estabilizantes e plastificantes, que são adicionados à pólvora durante a fabricação. Aqui nos Estados Unidos, de qualquer forma. Não tanto em combate, onde envenenar o meio ambiente com metais pesados é considerado uma boa ideia, já que o objetivo é criar bombas sujas, e quanto mais melhor.”

“Não é o nosso objetivo, espero.”

“Não, não o nosso. Não fazemos isso.”

“Nunca sei em que acreditar.”

“Sei em que acreditar, pelo menos no que diz respeito a algumas coisas. Sei o que volta para nós quando nossos prestadores de serviços são devolvidos a Dover”, retruco. “Sei o que há dentro deles. Sei o que não há. Sei o que é fabricado por nós e o que é fabricado por outros, a insurgência iraquiana, o talibã, os iranianos. Essa é uma das coisas que fazemos, análise de materiais para descobrir quem está fabricando o quê, quem está fornecendo.”

“Então quando ouço essas coisas sobre armas ou bombas fabricadas no Irã…”

“É de onde elas vêm. É como os Estados Unidos ficam sabendo. Inteligência proveniente dos nossos mortos, proveniente do que eles nos ensinam.”

E paramos nossa conversa sobre a guerra por aqui, por causa dessa outra guerra que matou um jovem. Um homem que levou um galgo velho para um passeio a pé no mundo civilizado de Cambridge e acabou aos meus cuidados.

“Desenvolveram uma tecnologia muito interessante no Texas que quero que a gente investigue.” Volto ao resíduo de pólvora porque é mais seguro conversar sobre isso. “Combinando microextração em fase sólida com cromatografia gasosa, conjugadas a um detector nitrogênio-fósforo.”

“O que é apropriado, já que pela lei estadual do Texas todo mundo anda armado. Ou será que as armas de fogo são dedutíveis do imposto, como a agricultura e a pecuária por aqui?”

“Bom, não exatamente”, respondo. “Mas vamos querer investigar para fazer alguma coisa parecida no CFC, visto que espero uma crescente predominância de munição *verde*.”

“É claro. Não polua o meio ambiente enquanto estiver atirando de um veículo.”

“O que os cientistas propuseram na Sam Houston pode detectar até uma única partícula de pólvora, o que não é relevante nesse caso, já que sabemos que esse homem tem metal dentro dele, quase a nível microscópico, mas em grande quantidade. Preliminarmente, de qualquer forma, Marino devia ter usado um kit de resposta galvânica cutânea pelo menos nas mãos. Uma vez que o homem estava armado.”

“Sei que ele fez isso antes de colher as impressões digitais”, informa Anne.

“Por causa da arma, ainda que não houvesse sinais de ela ter sido disparada. Mas quando entrei na ID a certa altura, vi Marino usando um tubo nas mãos.”

“Mas não no ferimento, porque foi descoberto mais tarde. Não foi colhido material dele.”

“Eu não fiz nada. Nem teria feito. Não é meu departamento.”

“Bom. Vou cuidar disso quando chegar lá, quando a gente virar o corpo”, concluo. “Vamos extrair os órgãos para eu poder colher material das superfícies na extensão do ferimento. Vou usar a RM como mapa e colher o máximo de material metálico que conseguir, na esperança de que mesmo que a gente não consiga ver, colhamos parte dele. Sabemos que é metal. A questão é: que tipo de metal e de onde procede?”

Nos armários de aço com portas de vidro fixados na parede, encontro uma caixa de papel mata-borrão enquanto Anne retira do corpo o bloco de órgãos e o deposita sobre o tabuleiro de dissecção.

“Você não imagina o problema que é, hoje, ter pessoas com metal dentro delas”, comenta Anne enquanto recolhe fragmentos de órgãos da cavidade torácica, que está aberta e vazia como uma xícara de porcelana, as costelas cintilando opacas através do tecido vermelho brilhante. “Inclusive balas antigas, do tipo não ecológico. Recebemos pacientes para pesquisa depois que o hospital colocou anúncio à procura de voluntários, e é claro que estou me referindo aos *normais*. Toda essa gente que chega e tal. E que não tem nada a relatar. Ah, tudo bem. Como se fosse muito normal ter uma bala velha dentro do corpo.”

Ela devolve fragmentos do rim esquerdo, do pulmão esquerdo e do coração às posições anatômicas corretas no bloco de órgãos como se montasse um quebra-cabeça.

“Acontece com mais frequência do que a gente imagina”, continua. “Bom, não com mais frequência do que alguém como você poderia pensar, já que vemos coisas assim no necrotério o tempo todo. E depois tem a velha rotina de que as balas são de chumbo e o chumbo não é magnético, então tudo bem examinar a pessoa. Em geral, um dos psiquiatras, que não sabe de nada e parece não conseguir lembrar que está errado. Chumbo, ferro, níquel, cobalto. Todas as balas e projéteis são ferromagnéticos, não importa que sejam as tais ecológicas,

elas vão girar por causa do campo magnético. Isso pode ser um problema quando alguém tem no corpo um fragmento muito próximo a um vaso sanguíneo, a algum órgão. Deus nos livre que alguma coisa tenha sido deixada no cérebro de uma pessoa baleada na cabeça tempos atrás. Nem Paxil, nem Neurontin, nem nada parecido vai ajudar no transtorno de humor da pobre coitada se uma bala antiga se realojar em lugar errado."

Ela enxágua um pedaço de rim e o coloca no tabuleiro de dissecção.

"Vamos precisar medir quanto sangue tem no peritônio." Estou inspecionando a cavidade no diafragma que vi horas antes quando acompanhei o prolongamento da lesão durante o exame de TC. "Vou chutar que temos pelo menos trezentos mililitros procedentes do diafragma lacerado e pelo menos cinquenta mililitros no pericárdio, o que em geral pode sugerir um intervalo de tempo antes da morte pelo tanto que ele sangrou. Mas a gravidade dessas lesões, semelhante às lesões produzidas por uma explosão? Ele não teve tempo de sobrevida. Só o tempo que levou para o coração e a respiração pararem. Se eu quisesse usar a expressão *morte instantânea*, ela se qualificaria."

"Isso é pouco comum." Anne me entrega um pequeno fragmento de rim, duro, marrom, descolorido e com bordas retraídas. "Quer dizer, o que é isso? Parece quase cozido ou coisa assim."

Há mais. Quando aproximo uma luminária e examino o bloco de órgãos, reparo em fragmentos duros e secos no lobo inferior do pulmão esquerdo e no ventrículo esquerdo do coração. Usando um béquer de aço, recolho sangue acumulado e hematoma do mediastino, ou a região intermediária da cavidade torácica, e encontro mais fragmentos e coágulos sanguíneos muito pequenos, irregulares e duros. Examinando com atenção o rim esquerdo rompido, constato hemorragia perirrenal e enfisema intersticial, e mais indícios da mesma alteração anormal de tecido em áreas próximas ao prolongamento da lesão, áreas mais suscetíveis aos danos de uma explosão. Mas que explosão?

"Isso me lembra de tecido congelado, quase liofilizado", digo enquanto etiqueto folhas de papel mata-borrão com abreviações para a localização da origem da amostra. LIE para lobo inferior esquerdo, RE para rim esquerdo e VE para ventrículo esquerdo.

Sob a luz forte de uma lâmpada cirúrgica e a ampliação de uma lente manual, mal consigo distinguir partículas prateadas escuras do que quer que tenha explodido dentro desse homem quando ele foi esfaqueado nas costas. Vejo fibras e outros fragmentos que só serão discerníveis quando examinados sob um microscópio, mas me sinto esperançosa. Alguma coisa que o perpetrador provavelmente não planejou ficou depositada, vestígios de provas que talvez forneçam informação a respeito da arma e da pessoa que a usou. Ajusto a coifa na regulagem mais baixa para que não haja mais que uma troca de ar e começo delicadamente a colher material com o mata-borrão.

Encosto o papel estéril nas superfícies de tecido fragmentado e nas bordas das lesões e coloco as folhas, uma a uma, no interior da coifa, onde o ar que circula com suavidade vai facilitar a evaporação, a secagem do sangue sem perturbar o que quer que tenha aderido a elas. Coleto amostras do tecido de aparência liofilizada e guardo-as em caixas de papelão plastificadas e também em pequenos jarros de formalina; digo a Anne que vou querer um monte de fotografias e que vou pedir a colegas que examinem as imagens das lesões internas e do tecido duro e descolorido. Vou perguntar se já viram coisa parecida e, enquanto estou dizendo tudo isso, pergunto a mim mesma quem tenho em vista. Não Briggs. Eu não me atreveria a lhe enviar nada. Certamente, não Fielding. Ninguém que trabalha aqui. Ninguém me vem à mente à exceção de Benton e Lucy, cuja opinião não vai ajudar nem importar. Cabe só a mim, gostando ou não.

“Vamos virar o corpo”, digo. Sem os órgãos, o tronco está leve e a cabeça, pesada.

Meço a entrada do ferimento, descrevo sua aparência, a localização exata e examino o prolongamento da lesão através do bloco de órgãos, descobrindo todas as áreas que foram perfuradas pelo que agora tenho certeza de que foi uma lâmina estreita dupla e de um só gume.

“Se olhar para o ferimento, você vai ver claramente as duas extremidades pronunciadas, os cantos produzidos por dois gumes afiados”, explico a Anne.

“Estou vendo.” Seus olhos parecem dúbios por trás dos óculos de plástico.

“Mas olhe aqui, onde o prolongamento da lesão termina no coração. Está

vendo como ambas as extremidades do ferimento são idênticas, ambas muito pronunciadas?” Aproximo a luz e estendo as lentes de aumento.

“Ligeiramente diferente do ferimento nas costas”, diz ela.

“Isso. Porque quando a lâmina chegou ao músculo cardíaco, não penetrou com tanta profundidade; só entrou a ponta. Ao contrário de quando essas outras lesões foram produzidas.” Mostro a ela. “A ponta penetrou e foi seguida pela passagem da extensão da lâmina e, como você pode ver, uma extremidade do ferimento é um pouco áspera e ligeiramente distendida. Dá para ver isso principalmente aqui, onde a lâmina penetrou o rim esquerdo e continuou.”

“Acho que estou vendo o que você está dizendo.”

“Não o que seria de esperar com um canivete borboleta, uma faca de desossar, uma adaga, que têm dois gumes, ambos os lados da lâmina afiados da ponta ao cabo. Isso lembra alguma coisa como a ponta de um arpão — cortante de ambos os lados na ponta, mas com um só gume depois disso, como já vi em algumas facas de combate ou, em particular, um facão de caça ou uma baioneta, cuja ponta da lâmina é afiada em ambas as bordas para facilitar a penetração. Portanto, o que temos é uma entrada um centímetro linear; ambos os lados do ferimento são acentuados, com um ligeiramente mais rombudo que o outro. E a largura aumenta para um centímetro e meio.” Meço e Anne anota a medida em um diagrama do corpo.

“Então a lâmina tem um centímetro na ponta e, na parte mais larga, um centímetro e meio. É muito estreita. Quase um estilete”, diz ela.

“Mas o estilete tem dois gumes na lâmina inteira.”

“De fabricação caseira? Uma lâmina que injeta alguma coisa que explode?”

“Sem causar lesões térmicas. Na realidade, o que estamos vendo é mais consistente com ulcerações provocadas pelo frio, onde o tecido parece duro ao tato e descolorido”, lembro enquanto meço a distância do ferimento nas costas até o alto da cabeça do homem. “Sessenta e seis centímetros, cinco centímetros à esquerda da metade da coluna vertebral. A direção é para cima e anterior, com enfisema tecidual subcutâneo extenso ao longo do prolongamento, perfurando o processo transverso na décima segunda costela à esquerda da coluna vertebral. Perfurando a musculatura em torno da coluna, a gordura perirrenal, a suprarrenal

esquerda, o rim esquerdo, o diafragma, o pulmão esquerdo e o pericárdio, terminando no coração.”

“Que comprimento tem que ter uma lâmina para que alguma coisa perfure tudo isso?”

“Pelo menos treze centímetros.”

Anne liga a serra de autópsia na tomada e tornamos a deitar o corpo de costas. Coloco um apoio sob o pescoço e faço uma incisão de orelha a orelha no couro cabeludo, acompanhando a linha do cabelo para que as suturas não sejam visíveis depois. O topo do crânio é branco como um ovo quando puxo o escalpo para trás e o rosto para baixo como uma meia, como algo triste, as feições se contraindo como se ele estivesse chorando.

15

Só me dou conta de que o sol nasceu e a frente ártica desceu rumo ao sul quando abro a porta de meu escritório e sou acolhida por um céu azul-claro para além das altas janelas.

Olho sete andares abaixo e há alguns carros avançando devagar na rua coberta de um branco estriado; deslocando-se em sentido oposto, um caminhão de retirar neve vasculha com sua lâmina amarela suspensa como a garra de um caranguejo, procurando pelo lugar certo, então baixa a lâmina com um ruído que não ouço daqui e raspa o calçamento, que não vai ficar de todo limpo por causa do gelo.

A margem do rio está branca e o Charles, da cor das garrafas antigas de vidro azul e ondulado por causa da correnteza; ao longe, a silhueta de Boston capta a luz da manhã e a torre John Hancock se ergue muito acima de qualquer outro edifício, altiva e inflexível como uma coluna solitária em meio às ruínas de um templo antigo. Penso em café e é um desejo fugaz quando entro no banheiro e olho para a máquina sobre a bancada ao lado da pia e para as caixas de K-Cup, que incluem o sabor avelã.

Passei do ponto de ser ajudada por estimulantes, não sei se sentiria a cafeína. Minha barriga está vazia. Esporadicamente, sou apunhalada pela náusea, depois sinto fome, então absolutamente nada, só a névoa da falta de sono e vestígios persistentes de uma dor de cabeça que mais parece uma lembrança. Meus olhos ardem e os pensamentos se movem turvos, mas abrem caminho com força, como ondas pesadas batendo contra as mesmas perguntas obstinadas e tarefas a fazer. Não vou esperar por ninguém se tiver opção. Não posso esperar. Não tenho escolha. Vou ultrapassar limites se necessário, e por que não? Os limites que estabeleci foram pisoteados a torto e a direito por outros. Vou fazer as coisas sozinha, o que sei fazer. Estou sozinha, mais sozinha que antes, porque mudei. Dover me modificou. Vou fazer o que for necessário e talvez não seja o que as pessoas querem.

São sete e meia e estive lá embaixo esse tempo todo porque Anne e eu cuidamos de outros casos depois de concluir o do homem de Norton’s Woods, cujo nome não estou nem perto de descobrir e, se alguém sabe, não me informou. Conheço detalhes íntimos a seu respeito, que não deveriam ser da minha conta, mas não os fatos mais importantes: quem ele é, o que fazia e no que esperava se tornar, seus sonhos, do que gostava e o que detestava. Sento em minha mesa, verifico as anotações que Anne fez para mim lá embaixo e acrescento algumas, certificando-me de que vou recordar mais tarde que ele havia comido alguma coisa com sementes de papoula e queijo amarelo pouco antes de morrer, que a quantidade total de sangue e coágulos no hemotórax esquerdo era de mil e trezentos mililitros e que o coração foi dividido em cinco pedaços irregulares que continuavam ligados no nível das válvulas.

Ocorre-me que vou querer enfatizar isso para a acusação, pois estou pensando em tribunal. Para mim, é onde tudo termina, pelo menos no lado civil da vida. Imagino o promotor empregando uma linguagem exaltada que não posso usar, contando ao júri que o homem comeu queijo e pão com sementes de papoula e levou seu velho cão resgatado para passear, que seu coração foi feito em pedaços, o que causou uma hemorragia de mais de um terço da totalidade de sangue corporal em questão de minutos. A autópsia não revelou o objetivo da morte do homem, ainda que, ao menos provisoriamente, a causa seja simples, e a escrevo de forma distraída enquanto continuo a refletir, meditar e fazer planos.

Facada/perfuração atípica no dorso esquerdo.

Um diagnóstico patológico que parece trivial depois do que acabo de ver e que me faria hesitar se deparasse com ele em algum lugar. Eu o consideraria obscuro, quase irônico e reticente, como uma piada de mau gosto se alguém tivesse conhecimento do restante, da ruptura generalizada dos órgãos lembrando uma explosão e de que a morte é um homicídio cruel e calculado. Visualizo a bainha do longo casaco preto oscilando de passagem e o que deve ter acontecido apenas segundos antes, quando a pessoa que o vestia enfiou uma lâmina na parte inferior das costas da vítima. Por um instante ele sentiu a reação física, o choque e a dor quando exclamou “Ei…!” e agarrou o peito, caindo com o rosto no chão.

Imagino a pessoa do casaco preto se curvando rápido para apanhar as luvas

pretas do homem e se afastar depressa, possivelmente enfiando a lâmina em uma manga ou dentro de um jornal dobrado, não sei. Mas, enquanto imagino, acredito que a pessoa do casaco longo e preto é o assassino e foi secretamente gravada pelos fones de ouvido do morto, o que faz com que eu torne a me perguntar quem estava espionando. O assassino plantou microdispositivos de gravação nos fones de ouvido da vítima para poder segui-la? E imagino um vulto em um casaco longo e preto atravessando com rapidez o bosque coberto de sombras, surgindo por trás da vítima, que não ouviu nada além da música nos fones de ouvido quando foi apunhalada pelas costas e caiu rápido demais para se virar. Pergunto-me se ele morreu sem saber quem lhe fez isso. E depois? Foi o que Lucy propôs? A pessoa do casaco longo e preto viu os arquivos de vídeo e, a partir de um site em algum lugar, concluiu que não era necessário deletar, que na realidade seria mais inteligente não interferir?

Tudo tem seus motivos, digo a mim mesma o que sempre foi verdade, mas nunca parece ser enquanto estou no meio do problema. Existem respostas e vou descobri-las, e ainda que a física da execução do ferimento fatal possa parecer difícil de adivinhar, garanto que existem pistas que o assassino deixou para trás. Capturei pegadas no papel mata-borrão. Vou segui-las até quem fez isso. *Você não vai se dar bem nessa*, penso, como se conversasse com a pessoa do casaco preto longo. *Espero, quem quer que você seja, que não tenha nada a ver comigo, que não seja alguém que ensinei a ser meticuloso e inteligente.* Concluí que Jack Fielding está fugindo ou está preso. Passa-me pela cabeça que pode estar até mesmo morto. Mas me sinto exausta. Não dormi. Meus pensamentos não estão devidamente disciplinados. Ele não pode estar morto. Por que estaria morto? Vi os mortos lá embaixo e Jack não estava entre eles.

Meus outros pacientes da manhã foram bastante simples e exigiram pouco de mim: uma morte por acidente com veículo motorizado na qual senti cheiro de bebida alcoólica e constatei que a bexiga do morto estava cheia, como se ele tivesse bebido até o momento em que saiu do bar e sentou atrás do volante em uma tempestade de neve que o fez derrapar e bater de encontro a uma árvore; uma morte por tiro em um motel decadente, e vi as marcas de agulhas e as tatuagens de cadeia em mais um que morreu como viveu; uma asfixia provocada

por um saco plástico de limpeza a seco amarrado ao redor do pescoço de uma viúva idosa com uma fita velha de cetim vermelho, talvez sobra de alguma festividade em dias melhores, seu estômago repleto de comprimidos brancos dissolvidos e, ao lado da cama, o frasco vazio de um benzodiazepínico receitado para insônia e ansiedade.

Não tenho nenhuma mensagem no escritório nem em meus celulares, nenhum e-mail que me interesse no momento e nessas circunstâncias. Lucy não estava em seu laboratório quando fui conferir e, no momento que chequei com o segurança, descobri que até mesmo Ron havia ido embora e sido substituído por um guarda que não conheço, desengonçado e com orelhas de abano como Ichabod Crane, alguém chamado Phil que diz que o carro de Lucy não está no estacionamento e que os guardas de segurança foram instruídos a não deixar ninguém entrar no prédio, nem pelo nível inferior nem pelo saguão, sem falar comigo. Não é possível, informo a Phil. Os funcionários já deveriam estar chegando ou vão chegar a qualquer momento e não posso dar uma de porteira. Deixe entrar quem tem o direito de estar aqui, eu disse a ele antes de subir. Menos o dr. Fielding e, quando acrescentei isso, percebi que não era necessário. O guarda chamado Phil estava evidentemente prevenido de que Fielding não pode simplesmente aparecer, não vai ou talvez não seja capaz disso e, além do mais, o FBI controla meu estacionamento. Vejo o utilitário deles de forma tão nítida quanto o dia frio e luminoso na tela em minha mesa.

Giro minha cadeira até a bancada de granito preto polido atrás de mim, para o arsenal de microscópios e o que os acompanha. Colocando um par de luvas de exame, abro um dos envelopes que lacrei com fita crepe pouco antes de subir e extraio a folha de papel mata-borrão manchada com um generoso esfregaço de sangue seco proveniente da área do rim esquerdo, onde vi uma densa coleção de corpos estranhos metálicos na RM. Acendendo a lâmpada de meu microscópio de materiais, uma Leica na qual confio há anos, coloco o papel na platina com cuidado. Inclino as lentes oculares para um ângulo de visão que não vá tensionar meu pescoço nem meus ombros e percebo de imediato que os ajustes foram alterados para alguém destro e muito mais alto que eu, alguém que toma café com creme e masca chiclete de hortelã, desconfio. O foco ocular e a distância

interocular também foram modificados.

Trocando a regulagem para a mão esquerda e ajustando a altura para que o aparelho se adapte melhor a mim, começo com uma ampliação de cinquenta vezes, controlando o botão do foco com uma das mãos enquanto uso a outra para mover a folha de papel mata-borrão na platina, ajeitando o esfregaço de sangue até encontrar o que procuro, fragmentos e flocos em um tom prata esbranquiçado brilhante, em meio a uma constelação de outras partículas tão diminutas que quando aumento a ampliação para cem vezes não distingo suas características, somente bordas ásperas, arranhões e estrias nas partículas maiores, o que parecem lascas de metal não queimadas e limalha moída por alguma máquina ou ferramenta. Nada do que vejo lembra os resíduos de um tiro, não lembra nem remotamente os flocos, discos ou bolas que associo com pólvora, com os fragmentos irregulares ou partículas de um projétil ou sua cápsula.

Mais curiosos são outros fragmentos misturados com sangue e seus elementos óbvios, detritos que parecem confetes coloridos e constituem a poeira comum entrelaçada a eritrócitos empilhados como moedas e leucócitos granulares similares a amebas, presos como se estivessem congelados no tempo, nadando e dando cambalhotas com um piolho e uma pulga que, em tamanho aumentado, fazem-me recordar os motivos por que a Londres do século XVII entrou em pânico quando Robert Hooke publicou *Micrografia* e revelou o aparelho bucal e as pinças penetrantes do que infestava gatos e colchões. Reconheço fungos e esporos que parecem esponjas e frutas, pedaços de pernas de inseto cobertos de espinhos e cápsulas de ovos de insetos que parecem delicadas cascas de noz ou caixas esféricas confeccionadas com madeira porosa. À medida que desloco o papel na platina, encontro mais apêndices peludos de monstros mortos há tempos, tais como mosquitos, ácaros, os olhos compostos arregalados de uma formiga decapitada, a antena emplumada do que talvez tenha sido um mosquito, camadas sobrepostas de pelo animal, possivelmente de cavalo, cachorro ou rato e manchas vermelho-alaranjadas do que poderia ser ferrugem.

Estendo a mão para o telefone e ligo para Benton. Quando ele atende, ouço vozes ao fundo e deparo com uma conexão ruim.

“Uma faca afiada ou moldada em alguma coisa como um torno, talvez

enferrujado, em uma oficina ou porão, quem sabe um celeiro antigo com mofo, insetos, vegetais em decomposição, provavelmente um tapete úmido", digo de imediato enquanto inicio uma busca na internet em meu computador, digitando "faca" e "gases explosivos".

"O que foi afiado?", pergunta Benton, e em seguida diz alguma coisa a alguém, alguma coisa como "Precisa das chaves" ou "Precisa deixar". "Estou andando, é difícil conversar agora", ele torna a se dirigir a mim.

"A arma usada para esfaquear o sujeito. Um torno, um esmeril, provavelmente velho e malcuidado, com traços de ferrugem, com base nos fragmentos de metal e partículas muito pequenas que estou vendo. Acho que a lâmina foi amolada, quem sabe para ficar mais fina e transformar a ponta em um arpão. Talvez tenham usado uma grosa ou uma lima para afiar e polir.

"Ferramentas mecânicas ou elétricas velhas e enferrujadas. Muita ferrugem?"

"Algum tipo de ferramenta para metal, não necessariamente uma ferramenta mecânica ou elétrica; não estou em posição de ser tão detalhada. Não sou especialista em metalurgia e não sei muito sobre a quantidade de ferrugem. Só que encontrei o que parecem alguns flocos." EXPLODINDO INTESTINOS. COMO LIMPAR AS VELAS DE IGNIÇÃO. GASES COMUNS ASSOCIADOS A METAIS E FACAS FORJADOS À MÃO, leio silenciosamente o que surgiu na tela do computador, e então digo a Benton: "Não que eu queira ser perita em vestígios de evidências, mas, microscopicamente, não é nada que eu não tenha visto antes, só que nunca tinha visto explodir dentro de um corpo. Por outro lado, nunca procurei isso. Nunca tive motivos para procurar alguma coisa assim, não estou acostumada a usar papel mata-borrão no interior do corpo de alguém que foi esfaqueado. Imagino que possa haver todo tipo de fibras, restos, partículas invisíveis injetadas dentro de pessoas que foram baleadas, esfaqueadas, perfuradas ou sabe Deus o quê."

Digito "faca de injeção" no campo de busca porque, enquanto ouço a mim mesma, lembro-me de dardos de entrega remota, de armas acionadas por CO_2 para disparar o que é basicamente um míssil tranquilizante ou imobilizador de longo alcance com uma pequena carga explosiva e uma agulha hipodérmica. Por que não seria possível fazer a mesma coisa com uma faca, desde que houvesse

uma maneira de acioná-la e um canal estreito passasse através da lâmina com um orifício de saída perto da ponta?

“Estou indo para o carro agora”, diz Benton. “Chego aí em quarenta e cinco minutos, uma hora se o trânsito estiver ruim. As estradas parecem boas.”

“Bom, isso não foi difícil.” Estou decepcionada. Nada com tanto potencial para causar danos letais deveria ser tão fácil de encontrar.

“O que não foi difícil?”, pergunta Benton enquanto olho, espantada, para a imagem de uma faca de combate de aço com um orifício para a saída de gás e cabo de neoprene em um estojo de plástico revestido de espuma.

“Um cartucho de CO_2 atarraxa no cabo…”, leio em voz alta. “Empurre a lâmina de aço inoxidável de doze centímetros para dentro do alvo e use o polegar para apertar o botão de disparo, que faz parte do eixo de segurança…”

“Kay? Quem está aí com você agora?”

“Injeta uma bala de gás congelante do tamanho de uma bola de basquete, ou mais de seiscentos e cinquenta mililitros a sessenta quilos de pressão por centímetro quadrado”, prossigo, olhando para as imagens em um site bem elaborado enquanto me pergunto quantas pessoas têm essa arma em casa, no carro, no equipamento de camping, ou andam por aí com ela presa ao corpo. Tenho de admitir que é engenhosa, talvez uma das coisas mais assustadoras que já vi. “Pode matar um mamífero grande com uma única facada…”

“Kay, você está sozinha?”

“Congela instantaneamente o tecido ferido, retardando o sangramento e o surgimento de outros predadores. Caso precise se defender de um tubarão-branco, por exemplo, ele só vai começar a sangrar e atrair outros tubarões quando você já estiver bem longe.” Leio, resumo e fico enojada. “Se chama WASP. Você pode comprar uma por menos de quatrocentos dólares.”

“Vamos conversar sobre isso quando eu chegar”, diz Benton ao telefone.

“Nunca ouvi falar nisso.” Leio mais sobre a faca de injeção de ar comprimido que posso encomendar neste instante desde que tenha mais de dezoito anos de idade. “É recomendada para integrantes das Forças Especiais, da SWAT, pilotos em alto-mar, mergulhadores. Aparentemente, foi desenvolvida para matar predadores marinhos de grande porte — como eu disse, tubarões, mamíferos,

talvez baleias…”

“Kay?”

“Ou ursos-pardos, por exemplo, quando você está cuidando da própria vida em uma caminhada simpática pelas montanhas.” Não faço o menor esforço para manter o sarcasmo longe de meu tom de voz, para esconder a raiva que sinto. “E, é claro, por militares em geral, mas não é nada que eu tenha visto nas baixas antes…”

“Estou em um celular”, interrompe Benton. “Prefiro que você não comente isso com mais ninguém. Ninguém aí no escritório. Ou você já fez isso?”

“Ainda não.”

“Você está sozinha?”, ele torna a perguntar.

Por que não estaria? Mas respondo simplesmente: “Estou”.

“Talvez você deva excluir isso do histórico, limpar a memória, caso alguém resolva ver suas pesquisas recentes.”

“Não posso impedir Lucy de fazer isso.”

“Não é com Lucy que estou preocupado.”

“Ela não está aqui. Não sei aonde foi.”

“Eu sei”, diz ele.

“Tudo bem então.” Ao que parece, Benton não vai me dizer onde está minha sobrinha, nem onde está qualquer outra pessoa. “Vou fazer sequências de provas, cuidar do máximo que puder e te encontro lá embaixo quando você chegar.” Desligo e tento raciocinar sobre o que acaba de acontecer. Tento não me sentir magoada enquanto esmiúço a situação do ponto de vista lógico.

Benton não pareceu surpreso nem especialmente preocupado. Não pareceu alarmado pelo que descobri e, sim, pelo fato de eu ter descoberto e pela possibilidade de ter contado a mais alguém, o que provavelmente significa o mesmo que venho sentindo desde que voltei de Dover. Talvez não seja eu quem está descobrindo coisas. Talvez eu seja apenas a última a saber e ninguém quer que eu descubra nada. Que situação embaraçosa, quando não sem precedentes, penso enquanto faço o que Benton pediu e esvazio a memória e limpo o histórico, dificultando que alguém veja o que andei procurando na internet. Ao fazer isso, pergunto-me quem na realidade fez o pedido: meu marido ou o FBI?

Quem acaba de falar comigo me dizendo o que fazer, como se eu não soubesse?

São quase nove horas e a maior parte de minha equipe já chegou, aqueles que não estão usando a neve como desculpa para ficar em casa ou ir a algum lugar onde preferem estar, como Vermont, por exemplo, para esquiar. No monitor de segurança, vi carros pararem no estacionamento e pessoas entrarem pela porta dos fundos, mas muitas mais chegando pela entrada da frente no térreo, pelo lobby de pedra com suas esplêndidas esculturas e bandeiras, evitando o domínio sombrio dos mortos no piso inferior. Os pesquisadores raramente precisam receber os pacientes cujos fluidos corporais, pertences e outras evidências testam, e então ouço os sons de meu administrador, Bryce, no corredor, destrancando a porta que conduz a seu escritório, contíguo ao meu.

Torno a lacrar o papel mata-borrão em um envelope limpo e destranco uma gaveta para recolher outros itens que guardei em segurança enquanto tento não afundar em um espaço escuro, com pensamentos sombrios a respeito do que acabo de ver em um site e o que isso significa sobre os seres humanos e sua capacidade de criar formas imaginativas de fazer mal a outras criaturas. Em nome da sobrevivência, passa-me pela cabeça, mas raras vezes tem realmente alguma coisa a ver com permanecer vivo; ao contrário, tem a ver com se certificar de que outro ser morra e com o poder que as pessoas sentem quando dominam, mutilam e matam. É terrível, medonho, e não tenho dúvidas sobre o que aconteceu ao homem de Norton’s Woods: alguém se aproximou por trás dele e o apunhalou com uma faca daquelas, detonando uma bala de gás comprimido em seus órgãos vitais; se foi CO_2, nenhum teste vai revelar. O dióxido de carbono é ubíquo, tão literalmente presente quanto o ar que exalamos, e visualizo o que vi na TC, os bolsões escuros de ar espalhados pelo pulmão, qual deve ter sido a sensação e como vou responder a pergunta que sempre me fazem?

Ele sofreu?

A resposta honesta seria que ninguém sabe uma coisa dessas a não ser a pessoa que morreu, mas eu diria que não, que ele não sofreu. Diria que sentiu. Sentiu que alguma coisa catastrófica estava ocorrendo. Ele não permaneceu consciente tempo o bastante para sofrer durante seus últimos momentos de vida, mas deve ter sentido a perfuração na região lombar, acompanhada de uma

tremenda pressão no peito quando os órgãos se romperam, tudo de uma vez. Deve ter sido a última coisa que sentiu, com exceção talvez de um lampejo, um flash de pânico ao achar que estava prestes a morrer, e então paro de pensar nisso porque me atormentar e imaginar mais seria teorização desnecessária e autoindulgente, paralisante e improdutiva. Não posso ajudar ninguém se estiver angustiada.

Sou inútil para toda e qualquer pessoa se sentir o que sinto, exatamente como quando cuidei de meu pai e me tornei perita em abafar emoções que brotavam dentro de mim como criaturas desesperadas tentando escapar. “Eu me preocupo com o que você aprendeu, minha pequena Katie”, dizia ele quando eu tinha doze anos e ele era um esqueleto no quarto dos fundos, onde o ar era sempre muito quente e cheirava a doença, e a luz se infiltrava fracamente pelas ripas das venezianas que conservei fechadas durante a maior parte de seus últimos meses. “Aprendeu coisas que jamais devia ter tido que aprender, especialmente na sua idade, minha pequena Katie”, ele me dizia quando eu fazia a cama com ele ali, tendo aprendido a limpá-lo religiosamente para que escaras não o acometessem, e trocava os lençóis sujos deslocando seu corpo, que parecia vazio e morto, exceto pelo calor da febre.

Eu virava delicadamente meu pai, segurando-o de um lado, depois do outro, apoiando seu corpo contra o meu, porque ele não conseguia se levantar no final, não conseguia nem mesmo sentar. Estava fraco demais para me ajudar a movê-lo durante o que o médico chamava de fase blástica da leucemia mieloide crônica; por vezes ele me vem à mente e sinto seu peso de encontro a mim quando estou envolta em trajes protetores, espreitando através dos óculos de segurança, trabalhando em minha mesa de aço temperado.

Preencho pedidos de análises laboratoriais que vão precisar ser assinados por cada pesquisador a quem encomendo vários itens a fim de manter a cadeia de evidências intacta. Então me levanto da minha mesa.

16

Bato uma vez e abro a porta que conduz ao escritório de Bryce.

A porta compartilhada fica bem em frente ao meu banheiro privativo, que aprendi a deixar entreaberto. Se as duas portas de metal cinza estão fechadas, tenho uma tendência a me confundir e entrar no escritório de Bryce quando quero café, lavar as mãos e o rosto ou vou usar o banheiro. Bryce está à sua mesa de costas para mim e retirou o casaco, que está pendurado, mas continua usando os grandes óculos de sol de marca que parecem ridiculamente grandes, como se tivessem sido desenhados no rosto dele. Bryce está com botas de neve L.L. Bean que não combinam com seu conjunto previsivelmente circunspecto: um blazer de casimira azul-marinho, jeans preto justos, camisa de gola olímpica preta e cinto de couro trabalhado com uma fivela grande de prata em forma de dragão.

“Vou usar o telefone e não posso ser incomodada”, digo como se estivesse aqui todos os dias nos últimos seis meses, como se nunca tivesse me ausentado. “Então preciso ir embora.”

“Alguém vai me dizer o que está acontecendo por aqui? E bem-vinda de volta, chefe.” Ele ergue o olhar em minha direção, os olhos encobertos pelos óculos escuros avantajados. “Imagino que os carros sem identificação no estacionamento não sejam parte de festa surpresa, porque sei que não estou dando nenhuma. Não que eu não quisesse e não estivesse pretendendo fazer isso mais à frente, mas quem quer que sejam eles não estão aqui por minha causa, e quando pedi a um deles que fizesse a gentileza de me dar uma explicação e tirar o rabo dali para eu poder estacionar na minha vaga, digamos que ele ficou *irritado*.”

“O caso de ontem de manhã”, começo a dizer.

“Ah, é esse o motivo? Bom, não é de admirar.” Seu rosto se ilumina como se o que acabei de dizer fosse uma boa notícia. “Eu sabia que era importante, de

alguma forma sabia. Mas ele não morreu aqui, por favor, diga que isso não é verdade, que você não encontrou nada que indique uma coisa tão horrenda, senão acho que vou começar a procurar outro emprego neste instante e dizer a Ethan que não vamos comprar aquele bangalô que tínhamos em vista. Conhecendo você, tenho certeza de que a essa altura já descobriu o que aconteceu. Provavelmente demorou cinco minutos."

Bryce retira as botas, empurrando as duas para o lado, e reparo que seu cabelo está com um corte irregular e que o bigode e a barba que ostentava quando o vi pela última vez foram raspados. De constituição sólida, Bryce é magro porém forte, com uma beleza de coroinha louro. Ele não se parece consigo mesmo de barba, o que provavelmente é o objetivo, parecer com outra pessoa, virar algum personagem formidável e viril como James Brolin, ou ser levado a sério como Wolf Blitzer, seus heróis. Meu principal administrador e braço-direito tem uma penca de amigos imaginários famosos de quem fala com facilidade como se o ato de os ver na TV de tela grande os tornasse tão reais quanto vizinhos próximos.

Muito bom no que faz, com títulos acadêmicos em justiça criminal e administração pública, de relance Bryce Clark parece inapropriado, como se houvesse saído do set do E!, e venho usando isso em meu benefício nos poucos anos em que ele trabalha para mim. Gente de fora e mesmo as pessoas que trabalham aqui nem sempre percebem que meu chefe de gabinete janota, falador compulsivo, mórmon em recuperação, não está para brincadeiras. Ele é um voyeur e adora "me substituir", como diz. Gosta de reunir informações como um corvo e levar de volta ao ninho. É perigoso quando não gosta de alguém. E é pouco provável que essa pessoa desconfie disso. Suas brincadeiras e seu afeto calculado são o abrigo por trás do qual se esconde seu ser mais perigoso e, em certo sentido, ele lembra minha secretária Rose. Aqueles que cometiam o erro de tratá-la como uma velha tonta um dia se pegavam com um membro a menos.

"O FBI? A segurança nacional? Não é ninguém que eu já tenha visto." Bryce se debruça na cadeira enquanto abre uma mala de ginástica de náilon, os pés calçando meias plantados no chão.

"Provavelmente o FBI..." Mas ele não vai me deixar concluir.

“Bom, o cara grosseiro me pareceu bastante apropriado para isso, totalmente sarado em um terno cinza e casaco. Acho que o FBI demite o pessoal que engorda. Bom, boa sorte com a contratação nos Estados Unidos. Lindo de morrer, isso eu tenho que admitir. Você viu o cara? Nós sabemos o nome dele e em que departamento trabalha? Não é ninguém que conheci em Boston. Talvez seja novo.”

“Quem?” Meus pensamentos se chocam contra uma parede.

“Meu Deus, você está cansada. O agente naquele Ford Expedition grande, mau, preto, o retrato escarrado do jogador de futebol americano do *Glee* — ah, você provavelmente também não assiste isso, que é só o melhor programa da TV, e não consigo imaginar que não goste de Jane Lynch, a não ser que não saiba quem ela é, já que provavelmente não assistiu *The L Word*, mas quem sabe viu *Best in Show* ou *Talladega Nights*? Meu Deus, que buzina. O rapaz do Bureau no Ford preto é igualzinho ao Finn…”

“Bryce…”

“Enfim, vi a sangueira, o tanto que o corpo de Norton’s Woods sangrou dentro do saco; foi terrível e pensei comigo: *É isso aí. É o fim desse lugar*. Enquanto isso, Marino bufa e ofega de raiva, prestes a botar a casa abaixo, dando os ataques que só ele consegue dar porque alguém foi entregue vivo e morreu na geladeira. Então eu disse a Ethan que talvez a gente precise guardar alguns tostões porque posso ficar desempregado. E o mercado de trabalho agora? Dez por cento de desemprego ou algum pesadelo do tipo, e duvido muito que *Doctor G* vá me contratar porque todos os funcionários de necrotério do planeta querem estar no programa dela, mas eu te pediria para pegar o telefone e me recomendar, por favor, se esse lugar descer pelo ralo. Por que não podemos fazer um reality show? Você tinha seu próprio programa na CNN alguns anos atrás; por que não podemos fazer alguma coisa aqui?”

“Preciso conversar com você sobre…” Mas não vale a pena quando ele fica assim.

“Ainda bem que você está aqui, mas fico triste que tenha voltado por causa de uma coisa tão terrível. Passei a noite toda acordado pensando no que vou dizer aos jornalistas. Quando vi os utilitários atrás do prédio, pensei que fossem as

caminhonetes das emissoras de TV…”

“Bryce, você precisa se acalmar e tirar esses óculos escuros…”

“Que eu saiba, não saiu nada nos noticiários e nenhum repórter me telefonou, nem me deixou alguma mensagem aqui nem nada…”

“Preciso repassar algumas coisas e você realmente tem que calar essa boca, por favor”, interrompo.

“Eu sei.” Ele retira os óculos escuros enquanto enfia o pé em um tênis preto de cano alto. “Estou só um pouco agitado, dra. Scarpetta. E você sabe como fico quando estou agitado.”

“Teve notícias de Jack?”

“Onde está a Boca da Verdade quando você precisa dela?”, pergunta enquanto amarra os tênis. “Não me peça para fingir e exijo, com todo respeito, que comunique que não respondo mais diretamente a ele. Agora que você está em casa, graças a Deus.”

“Por que está dizendo isso?”

“Porque tudo que Jack faz é me dar ordens como se eu trabalhasse no drive thru do Wendy’s. Jack grita e dá esporro quando o cabelo dele cai e então fico me perguntando se vai chutar alguém, talvez a mim, ou me estrangular com aquele cinto preto dele ou qualquer outra merda que tenha, desculpe a linguagem. E a situação piorou, mas não queríamos te incomodar em Dover. Eu disse a todo mundo para te deixar em paz. Todo mundo dizia a todo mundo para te deixar em paz ou ia se ver comigo. Estou percebendo que você passou a noite inteira acordada. Está horrível.” Seus olhos azuis me examinam de cima a baixo, observando como estou vestida. A mesma calça de brim cáqui e polo preta com o emblema do AFMES que vesti em Dover.

“Vim direto para cá e não tenho nenhuma outra roupa.” Consigo interromper a tagarelice afinal. “Não sei por que você se deu o trabalho de trocar suas L.L. Beans por esse par velho de Converse que sobrou do acampamento de basquete.”

“Sei que seu olho é melhor que isso e sei que você sabe que nunca fui a um acampamento de basquete, porque eu passava todos os verões no acampamento de música. Hugo Boss pela metade do preço no Endless.com mais frete grátis”,

acrescenta ele, erguendo-se. “Vou fazer café e você quer um gole. E não, não tive notícias de Jack; você não precisa me dizer que estamos com problemas e que talvez estejam relacionados àqueles agentes no estacionamento, que obviamente sofrem de algum transtorno de personalidade. Não sei por que eles não podem fazer uma forcinha para serem simpáticos. Se eu portasse uma arma grande e pudesse prender pessoas, seria a Pequena Miss Sunshine com todo mundo, sorridente e gentil. Por que não?” Bryce roça em mim ao passar, entra em meu escritório e desaparece no banheiro. “Posso passar por sua casa e pegar algumas coisas se você quiser. É só mandar. Um terninho ou alguma coisa mais informal?”

“Se eu ficar presa aqui…” Começo a dizer que talvez aceite o oferecimento.

“Realmente precisamos providenciar um armário para você, um pouco de alta-costura no quartel-general. Ahhhh, guarda-roupa?”, grita ele enquanto prepara o café. “Se fizéssemos nosso próprio programa, teríamos guarda-roupa, cabelo, maquiagem, e você nunca vestiria as mesmas roupas sujas com o perfume da morte, não que eu esteja dizendo que… Bom, de qualquer forma, o melhor seria ir para casa e direto para a cama”, continua ele enquanto a água quente atravessa ruidosamente um K-Cup. “Ou posso sair e comprar alguma coisa para você comer. Quando estou cansado e sem dormir descubro…”, anuncia ele, saindo do banheiro com dois cafés, “a gordura. Tem hora e lugar para tudo. O croissant do Dunkin’ Donuts, que tal? Talvez você precise de dois. Está um pouco magra. A vida militar não serve para você, chefe.”

“Você está sabendo que uma mulher chamada Erica Donahue telefonou para cá?”, pergunto ao voltar para minha mesa com um café que não tenho certeza se devo beber. Abrindo uma gaveta, procuro um Advil na esperança de que realmente haja um frasco escondido em algum lugar.

“Ela telefonou. Várias vezes.” Bryce beberica o café quente com cuidado, apoiado na moldura da porta que nos conecta.

Como não diz mais nada, pergunto: “Quando?”.

“Depois que o filho dela começou a aparecer nos noticiários. Há uma semana, acho, quando confessou ter matado Mark Bishop.”

“Você conversou com ela?”

“Mais recentemente, tudo que fiz foi redirecionar a chamada para Jack quando ela procurou por você.”

“Mais recentemente?”

“Você devia ouvir dele a parte que lhe diz respeito. Desconheço os detalhes”, diz Bryce, que não costuma ser cauteloso comigo. De repente, ele se mostra precavido.

“Mas ele conversou com ela.”

“Isso foi, me deixa ver…” Ele tem o hábito de olhar para o alto, para a cúpula de vidro, como se as respostas para tudo estivessem ali. Também é sua tática preferida de prorrogação. “Quinta-feira passada.”

“E você falou com ela. Antes de transferir a chamada para Jack.”

“Fiquei principalmente ouvindo.”

“Qual foi o comportamento dela e o que disse?”

“Foi muito educada, pareceu a mulher inteligente de classe alta que é, com base no que ouvi. Quer dizer, saiu uma tonelada de coisas sobre a família Donahue. Ele ficou quase tão famoso quanto Johnny Hinckley Junior… *E quando viu o que havia feito, enfiou a pistola de pregos no coldre.*.. Mas você provavelmente não leu toda aquela merda em sites macabros como o *Morbidia Trivia*, o *Cryptnotes*, ou seja lá o que for, e tenho que acompanhar o que eles publicam como parte do meu trabalho, faz parte de me manter informado sobre o que estão dizendo lá fora, no reino sensacionalista da cibernética, que adora a transgressão.”

Bryce está à vontade outra vez. Só fica constrangido quando sondo a respeito de Fielding.

“A mãe foi uma pianista quase conhecida em uma vida anterior, tocava em uma orquestra sinfônica. Acho que em San Francisco”, prossegue Bryce. “Reparei por acaso em algumas publicações no Twitter sobre ela ter sido aluna de Yundi Li, mas duvido muito que Li dê aulas, e ele tem só vinte e oito anos, então não acredito nisso nem por um segundo. É claro que ela está alvoroçada. Já imaginou? Dizem que o filho é *savant*, tem habilidades bizarras, como conhecer bandas de rodagem de pneus. O detetive de Salem, Saint Hilaire, que você ainda não conhece e é tudo menos isso, comentou o assunto.

Aparentemente, Johnny Donahue pode olhar para um padrão de marcas de pneu em um estacionamento sujo e dizer: ‘Esse é um pneu de moto Bridgestone Battle Wing dianteiro’. Só sugeri esse porque é o que Ethan tem na BMW, da qual eu queria que ele não gostasse tanto, porque para mim motos são máquinas doadoras de órgãos. Pelo jeito, Johnny consegue resolver problemas de matemática de cabeça e não estou me referindo a problemas tipo se uma banana custa oitenta e nove centavos, quando custa a penca de seis? Mais einsteiniano, do tipo quanto é nove vezes cento e três elevado à raiz quadrada de sete ou coisa assim. Mas você provavelmente sabe disso tudo. Tenho certeza de que tem acompanhado o caso.”

“O que exatamente ela queria discutir comigo? Ela te disse?” Conheço Bryce. Ele não transferiria alguém como Erica Donahue sem deixar que falasse até ficar sem palavras ou ele perder a paciência. É por demais futriqueiro, sua mente é uma fábrica tagarela de fuxicos.

“Bom, é óbvio que ele não fez isso e, se alguém realmente examinasse os fatos sem preconceitos, enxergaria todas as inconsistências. Todos aqueles conflitos…”, retruca Bryce, soprando seu café sem olhar para mim.

“Que conflitos exatamente?”

“Ela diz que falou com ele no dia do assassinato por volta de nove da manhã, antes de ele sair para aquele café em Cambridge na esquina da sua casa, que agora ficou famoso”, continua Bryce. “O Biscuit? Com filas na porta por causa da publicidade. Nada como um assassinato. Em todo caso, ele não estava se sentindo bem naquele dia, segundo a mãe. Tem alergias terríveis ou coisa do tipo e estava se queixando de que os comprimidos, injeções ou o que quer que estivesse tomando não estavam mais adiantando; ele tinha aumentado muito a dose e estava se sentindo *punk*, foi a palavra que ela usou. Acho que se uma pessoa está com os olhos coçando e o nariz escorrendo não vai matar ninguém. Eu não quis dizer a ela que um júri não ia botar muita fé em uma defesa baseada em espirros…”

“Preciso dar um telefonema e depois fazer a ronda”, interrompo antes que ele divague pelo resto do dia. “Você pode verificar no setor de Vestígios se Evelyn está e, nesse caso, por favor dizer a ela que tenho algumas urgências? O que

consegui precisa começar com ela, depois com impressões digitais, então DNA, depois toxicologia e um item em particular vai voltar aqui para cima, para o laboratório de Lucy. Ainda há pouco, não vi ninguém por lá. E Shane, estamos à espera dele? Porque vou precisar de uma opinião a respeito de um documento."

"Não somos um time de rúgbi encalhado em uma nevasca nos Andes prestes a recorrer ao canibalismo, pelo amor de Deus."

"A tempestade durou a noite inteira."

"Você passou tempo demais no sul. São o quê? Vinte centímetros? Um pouco gelado, mas nada demais para essas bandas", diz Bryce.

"Na verdade, pode pedir a Evelyn para subir agora e abrir para ela o escritório de Jack." Decido que não vou esperar quando me lembro do jaleco dobrado dentro do saco de lixo.

Explico a Bryce o que há no bolso e quero que a substância seja imediatamente examinada no microscópio eletrônico de varredura; quero também uma análise química não destrutiva.

"Tome muito, muito cuidado para não abrir o saco e tocar em alguma coisa", previno. "E diga a Evelyn que a película plástica tem digitais. O que significa que também vai ter DNA."

Com meu administrador silenciosamente fora de alcance no outro lado da porta fechada que compartilhamos, decido adiar o telefonema para Erica Donahue até ter uma chance de pensar no que vou fazer. Preciso pensar em tudo.

Quero reler sua carta e me certificar das minhas intenções enquanto reflito e recordo o que aconteceu desde que saí de Dover. Contemplando o céu azul-claro de um novo dia, sei que ainda estou de ressaca da última mãe com quem falei. Sinto-me envenenada pela lembrança de Julia Gabriel ao telefone, enquanto alguém se demorava diante da minha porta fechada no necrotério da base aérea. Os nomes pelos quais ela me chamou e as coisas das quais me acusou foram vis e dolorosos, mas, na realidade, não deixei que me atingissem no sentido de conferir poder a suas palavras até deparar com o que descobri no escritório de Fielding. Desde então, há uma sombra fria e tenebrosa como o lado escuro da lua

por trás de meus pensamentos e humor. Não sei o que está sendo dito ou decidido a meu respeito, nem o que foi ressuscitado como algo cruel que nunca morreu e agora está se movendo.

Que registros foram encontrados e o que se passou do que secretamente temi todos esses anos e ao mesmo tempo esqueci? A verdade esteve sempre presente, como um objeto impróprio escondido em um armário, um objeto pelo qual nunca procuro, mas, se lembrado, sei que não desapareceu porque nunca foi jogado fora nem devolvido a seu legítimo dono, que nunca deveria ter sido eu. O caso infame foi entregue como se fosse meu. E foi deixado em suspenso. Desde que os feitos da África do Sul ficassem escondidos em meu armário em vez do lugar que lhes competia, eu ficaria bem, foi a mensagem que recebi quando voltei ao Walter Reed depois de trabalhar naquelas duas mortes e aceitar os agradecimentos por meus serviços ao AFIP, e estaria livre para sair antes da hora. Dívida paga na íntegra. Eles tinham uma colocação adequada para mim na Virginia, onde eu ia prosperar desde que conservasse na mente a lealdade e levasse minha roupa suja comigo.

Será que aconteceu outra vez? Será que Briggs tornou a fazer aquilo comigo e em breve vai me mandar arrumar as malas? Para onde dessa vez? Aposentadoria precoce me passa pela cabeça. Tudo está vindo à tona piorado, e a isso não é possível sobreviver, decido, por não saber mais em que pensar. Briggs contou a alguém e alguém contou a Julia Gabriel, que me acusou de ódio, preconceito, insensibilidade, desonestidade, e preciso lembrar que esse miasma nocivo permeia qualquer decisão que eu possa tomar agora, isso e o cansaço. *Seja extremamente cuidadosa. Use a cabeça. Não se renda às emoções e fique tranquila*… é o que me passa pela cabeça. Lucy disse alguma coisa a respeito de gravações de segurança; pego o telefone e chamo Bryce.

“Diga, chefe”, atende ele em tom alegre, como se não conversássemos há dias.

“Nossas gravações das câmeras de circuito fechado por toda parte”, digo. “Quando a capitã Avallone veio de Dover para cá? Sei que Jack a recebeu.”

“Ah, meu Deus, isso faz tempo. Acho que foi em novembro…”

“Lembro que ela foi para casa no Maine passar o feriado de Ação de Graças”,

explico. “Sei que se ausentou de Dover nessa semana, porque tive que ficar. Estávamos com falta de pessoal.”

“Parece que foi isso. Acho que ela esteve aqui naquela sexta-feira.”

“Você fez essa maravilhosa visita com eles?”

“Não. Não fui convidado. E Jack passou um bocado de tempo com ela no seu escritório, só para você ficar sabendo. Aí dentro com a porta fechada. Eles almoçaram na sua mesa.”

“Preciso que você entre em contato com Lucy, mande uma mensagem de texto ou o que for necessário e avise a ela que quero examinar todas as gravações de segurança com Jack e Sophia, inclusive o que aconteceu no meu escritório.”

“No seu escritório?”

“Há quanto tempo ele vem usando meu espaço?”

“Bom…”

“Bryce? Há quanto tempo?”

“Praticamente o tempo todo. Jack se utiliza dele quando quer impressionar as pessoas. Quer dizer, ele não usa seu espaço para o estudo de casos com muita frequência. Usa principalmente quando está sendo cerimonioso…”

“Diga a Lucy que quero as gravações do meu escritório. Ela vai saber exatamente o que tenho em mente. Quero saber o que Jack e a capitã conversaram.”

“Ótimo! Vou resolver isso agora.”

“Estou prestes a dar um telefonema importante, então, por favor, não me interrompa”, digo em seguida. Quando desligo me dou conta de que Benton estará aqui em breve.

Mas resisto à tentação de me apressar. É prudente desacelerar, permitir que meus pensamentos e percepções se organizem, esforçar-me para obter clareza. *Você está cansada. Exercite a cautela e tome só as decisões certas quando estiver assim.* Só há um jeito de fazer isso da forma correta e todos os outros caminhos estão errados. Não dá para saber o caminho certo até acontecer, e uma pessoa tensa e confusa não vai reconhecê-lo. Estendo a mão para minha caneca de café, mas mudo de ideia acerca disso também. Não vai ajudar no momento, só vai me deixar nervosa e prejudicar ainda mais meu estômago. Extraindo outro

par de luvas de exame de uma caixa sobre a bancada de granito atrás da minha mesa, retiro a carta do saco plástico em que o lacrei.

Faço as duas grossas folhas de papel deslizarem para fora do envelope que abri no utilitário de Benton enquanto avançávamos em meio à nevasca, que agora me parece ter ocorrido em outra existência, mas ainda não se passaram nem doze horas. À luz da manhã e depois de tudo que aconteceu, parece mais extraordinário que antes essa pianista clássica que Bryce descreveu como inteligente e racional ter usado uma fita vedante em seu papel de carta elegantemente impresso. Por que não o durex comum transparente em vez dessa fita feia e larga cinza-chumbo de um lado a outro? Por que não fez o que faço quando coloco um memorando particular em um envelope e simplesmente assino ou rubrico o lacre da aba? O que Erica Donahue temia que acontecesse? Que seu motorista quisesse ler o que ela escreveu para alguém chamado Scarpetta, de quem, aparentemente, nunca tinha ouvido falar?

Aliso as páginas com a mão coberta pela luva e tento intuir o que a mãe do universitário que confessou um assassinato transferiu às teclas de sua máquina de escrever, como se o que sentiu e acreditava ao escrever o pedido endereçado a mim fossem uma substância química que posso absorver e então me inteirar do que lhe passa pela mente. Ocorre-me que inventei essa analogia devido à película plástica que encontrei no bolso do jaleco de Fielding. Horas depois da inquietante experiência com a droga, percebo o quanto foi de fato ruim, que não posso ter sido eu mesma com Benton e o quanto ele deve ter ficado perturbado. Talvez por isso esteja tão reticente e me repreendendo por divulgar informação a quem quer que esteja por perto como se eu, entre todas as pessoas, não soubesse das coisas. Talvez ele não confie em meu julgamento nem em meu autocontrole e tema que os horrores da guerra tenham me transformado. Talvez não tenha tanta certeza de que a mulher que voltou de Dover para casa e para ele seja a que conhece.

Não sou quem você conhecia, passa-me pela cabeça. *Não tenho certeza de que você já tenha me conhecido*, sussurra meu pensamento, e, à medida que leio as linhas perfeitas, datilografadas em espaço um, acho incrível que em duas páginas não haja um único erro. Não vejo vestígios de fita corretora ou corretivo líquido,

nenhum erro ortográfico nem má utilização da gramática. Quando penso na última máquina de escrever que usei, a IBM Selectric rosa-escura em que escrevia nos primeiros anos que passei em Richmond, recordo minha irritação crônica com fitas que se rompiam, com a necessidade de trocar a peça que parecia uma bola de golfe quando desejava mudar de fonte, com o manejo de um cilindro sujo que deixava manchas no papel, sem falar em meus dedos apressados pressionando as teclas erradas. Ainda que minha ortografia e gramática sejam boas, decerto não sou infalível.

Como dizia minha secretária Rose quando entrava com minha última tentativa datilografada na máquina: “Em que página do manual de estilo está isso, ou talvez esteja no guia de estilo da Associação de Línguas Modernas e eu não consegui encontrar? Vou refazer, mas toda vez que você datilografa alguma coisa é assim?”. E fazia aquele seu gesto de mão característico que perguntava: “Por que se dar o trabalho?”. Então interrompo esses pensamentos porque pensar nela me entristece. Sinto saudades todos os dias desde que Rose morreu e, se ela estivesse aqui agora, de alguma forma as coisas seriam diferentes. Ao menos pareceriam diferentes. Ela era minha clareza. Eu era a vida dela. Ninguém como Rose deveria desaparecer da face da terra e ainda não consigo acreditar nisso; mas agora não é uma boa hora para pensar nela ou no rapaz louro de tênis pretos de cano alto sentado na sala ao lado em vez dela. Preciso me concentrar. Em Erica Donahue. O que vou fazer com essa mulher? Alguma coisa, mas preciso ser esperta.

Ela deve ter datilografado a carta endereçada a mim mais de uma vez, tantas quanto foi necessário para deixá-la impecável, e recordo que quando seu motorista chegou no Bentley parecia não saber que o destinatário do envelope lacrado era uma mulher, e na realidade achou que um homem de cabelo grisalho fosse eu. Lembro a mim mesma que a mãe de Johnny Donahue também não parece estar ciente de que o psicólogo forense que está avaliando seu filho, esse mesmo homem de cabelo grisalho, é meu marido; além disso, ao contrário do conteúdo da carta, não existe uma unidade para os “criminalmente insanos” no McLean, nem ninguém avaliou Johnny como criminalmente insano, que é um termo legal, não um diagnóstico. Segundo Benton, ela também entendeu outros

fatos de forma errada.

Confundiu detalhes que podem muito bem atrapalhar o filho, talvez prejudicar seu principal álibi. Ao afirmar que ele saiu do Biscuit em Cambridge à uma da tarde e não às duas, como sustenta Johnny, ela tornou muito mais verossímil que ele tenha conseguido transporte e chegado a Salem a tempo de matar Mark Bishop por volta das quatro da mesma tarde. Depois, há a referência ao fato de seu filho ler livros de terror e gostar de filmes do gênero e de diversões violentas, e, por fim, o que ela disse acerca de Jack Fielding, da pistola de pregos, de um culto satânico, nada disso correto ou comprovado.

Onde ela obteve detalhes tão perigosos — sério, onde? Acho que Fielding pode ter colocado essas ideias na cabeça da mulher quando conversou com ela ao telefone se é verdade que ele está espalhando esses boatos agora, se é verdade que está mentindo, que é o que Benton parece pensar. Independentemente do que Fielding tenha ou não feito, de suas verdades ou inverdades, ou de seus motivos para o que quer que esteja acontecendo, minhas perguntas se voltam para a mãe de Johnny Donahue. Obrigo-me a voltar a ela porque não enxergo motivação lógica. O fato de ter entreguado essa carta a mim realmente não fez nenhum bem. Parece fora de propósito. Parece errado.

Para alguém tão meticuloso no que diz respeito a erros e construção frasal, sem mencionar a atenção que deve prestar à sua música, surpreende-me que ela não pareça dar a devida importância aos fatos concernentes à confissão feita por seu filho de um dos atos de violência mais hediondos da história recente. Cada detalhe é levado em conta em um caso como esse, e como uma mulher inteligente, sofisticada, com advogados caros, pode não saber disso? Por que se arriscaria a revelar alguma coisa a alguém como eu, uma completa estranha, especialmente por escrito, quando seu filho enfrenta a possibilidade de passar o resto da vida trancafiado em uma instituição psiquiátrica forense como Bridgewater ou, pior, em alguma prisão, onde um assassino de crianças condenado com síndrome de Asperger, o dito *savant*, que consegue resolver de cabeça os mais difíceis problemas de matemática, mas é deficiente quando se trata de relações sociais comuns, não está apto a sobreviver por muito tempo?

Reabasteço minha memória com todos esses fatos e pontos relevantes ao

mesmo tempo que percebo que estou me sentindo e me comportando como se dissessem respeito a mim. O que não deveria acontecer. Preciso ser objetiva. *Você não toma partido; não é função sua se preocupar*, digo a mim mesma. *Não se preocupe com Johnny Donahue nem com a mãe dele, de um jeito ou de outro, e não é detetive nem agente do FBI*, penso com firmeza. *Você não é nem advogada de defesa nem terapeuta de Johnny e não deve se envolver*, digo a mim mesma com severidade, pois não estou convencida. Luto contra impulsos que se tornaram incrivelmente fortes e não sei como desligá-los, se consigo ou devo fazer isso. Sei que não quero.

Algumas das coisas com as quais me acostumei não só em Dover, mas em casos não relacionados ao combate, de jurisdição do AFMES, ou o que basicamente constitui o trabalho do médico-legista federal é bastante compatível com minha verdadeira natureza, e não desejo voltar ao modo antigo e circunspecto de proceder. Sou e não sou militar. Sou e não sou civil. Estive em Washington e fora de Washington, morei em uma base da Força Aérea, fui repetidas vezes enviada em missões de recuperação de acidentes aéreos, durante exercícios de treinamento e mortes em instalações militares ou óbitos envolvendo as Forças Especiais, o Serviço Secreto, um juiz federal, até mesmo um astronauta nos últimos meses, lidando com um monte de situações delicadas que não posso mencionar. O que estou sentindo é a parte *negativa* da equação. Não sou uma única coisa e não me sinto nem um pouco propensa a me render a limitações, a me sentar de braços cruzados porque não é meu departamento.

Como oficial envolvida em inteligência médica, devo investigar certos aspectos da vida e da morte que ultrapassam determinações clínicas comuns. O material que removo dos corpos, os tipos de lesão, a balística do ferimento, as resistências e deficiências da proteção blindada e infecções, doenças, lesões, quer originadas por parasitas ou por anfípodes, calor extremo, desidratação, tédio, depressão, drogas — são todos questões de defesa e segurança nacional. Os dados que coleto não visam apenas as famílias e, em geral, não se destinam à corte criminal, mas podem ter influência nas estratégias de guerra e no que nos mantém seguros na esfera nacional. Devo fazer perguntas. Seguir pistas. Passar informação ao chefe de Saúde Pública, ao Departamento de Defesa, ser

extremamente diligente e proativa.

Você está em casa agora. Não quer ser vista como coronel ou comandante, certamente não como prima-dona. Não quer que as acusações de um caso sejam retiradas nem ver o caso afastado do tribunal. Não quer causar problemas. Já não chega? Por que promover outros? Briggs não quer você por aqui. Tenha cuidado para não justificar sua posição. Seu próprio pessoal parece não querer você por aqui. Não facilite. Seu único objetivo legítimo ao contatar Erica Donahue é lhe pedir que não torne a fazer contato com você ou com seu escritório, para o bem dela mesma, para sua própria proteção.

Decido usar exatamente essas palavras e quase acredito em minha motivação quando ligo para o número do telefone fixo datilografado no final da carta.

17

A pessoa que atende parece não entender o que estou dizendo e preciso me repetir, explicando que sou a dra. Kay Scarpetta e estou respondendo à carta que acabo de receber de Erica Donahue. Pergunto se ela pode atender.

“Peço desculpas”, diz a voz bem modulada. “Quem está falando?” É uma voz de mulher, porém baixa, quase tenor, e poderia pertencer a um rapaz. Ao fundo soa um piano desacompanhado, um solo.

“É a sra. Donahue?” Sinto uma sensação desagradável.

“Quem está falando e por que está telefonando?” A voz soa mais forte e irritada.

Repito o que disse enquanto reconheço um exercício musical de Chopin e recordo um concerto no Carnegie Hall. Mikhail Pletnev, excelente em seu domínio técnico da composição bastante difícil de executar. A música de uma pessoa detalhista e meticulosa, que gosta de tudo perfeito. Alguém nem um pouco descuidado, que não comete erros. Alguém que não estragaria um envelope elegantemente impresso com fita vedante. Não uma pessoa impulsiva e, sim, inclinada à antecipação.

“Bom, realmente não sei quem é”, diz a voz, que agora creio que seja a da sra. Donahue, fria e cortante de desconfiança e aflição. “E não sei como conseguiu este número, já que não está na lista nem foi publicado. Se isso é algum tipo de trote, é absolutamente ofensivo e, quem quer que você seja, devia se envergonhar…”

“Garanto que não é um trote”, interrompo antes que ela desligue enquanto penso em Erica Donahue ouvindo Chopin, Beethoven, Schumann, preocupada com a própria vida, sofrendo por um filho que provavelmente a angustiou desde que deu à luz. “Sou diretora do Centro Forense de Cambridge, legista-chefe de Massachusetts”, explico em tom autoritário porém calmo, a mesma voz que uso com famílias à beira de perder o controle, como se ela fosse Julia Gabriel e

estivesse prestes a gritar comigo. “Estive fora da cidade e quando cheguei ao aeroporto ontem à noite seu motorista estava lá com sua carta, que li com toda a atenção.”

“Isso é totalmente impossível. Não tenho motorista e não escrevi carta nenhuma. Não escrevi para ninguém no seu escritório e não faço ideia do que está dizendo. Quem é? Quem está falando e o que quer?”

“Tenho a carta na minha frente, sra. Donahue.”

Olho para a mensagem sobre minha mesa e torno a alisar as folhas com cuidado e deliberação, pois me incomoda fazer perguntas a respeito de Fielding, dos motivos por que ela telefonou e o que ele disse. Incomoda-me o fato de não querer que ela me odeie ou pense que sou insensível e qualquer outra coisa que não honesta. É possível que Fielding tenha me denegrido junto a ela, da mesma forma que desconfio que fez com Julia Gabriel. Estou prestes a perguntar, mas paro. O que foi dito e o que Erica Donahue foi levada a crer? Mas não agora. *Autocontrole*, digo a mim mesma.

“O que indica que a carta foi enviada por mim?”, pergunta a sra. Donahue em tom indignado.

“Um papel bege com marca-d’água.” Aproximo a folha superior da luminária em minha mesa, ajeitando o quebra-luz para que a lâmpada incida direto sobre o papel, mostrando claramente a marca d’água, como o funcionamento interno de um caranguejo aparecendo através da casca perolada. “Um livro aberto com três coroas”, digo, e imediatamente fico abalada.

Não deixo que ela repare no choque em minha voz. Certifico-me de que não perceba o que me passa pela cabeça à medida que descrevo o que estou vendo, como um holograma, na folha de papel que seguro contra a luz: um livro aberto entre duas coroas, com uma terceira coroa embaixo e três potentilhas de cinco pétalas em cima. Foram essas as flores que Marino se esqueceu de mencionar e que evidentemente não pertencem ao brasão de Oxford e evidentemente não pertencem ao brasão da Universidade on-line da Cidade de San Francisco. O que estou vendo não foi o que Benton encontrou na internet esta manhã enquanto estávamos todos na sala de raios X, mas o que vi no anel de ouro de sinete que retirei do armário de provas antes de subir e depois de examinar as roupas do

morto.

Abro o pequeno envelope de papel pardo e deixo cair o anel na palma da minha mão enluvada. O ouro captura a luz da luminária e brilha contra o algodão branco enquanto giro a peça em várias direções para examiná-la, percebendo que está muito arranhada e a base do aro está desgastada. O anel me parece velho, uma antiguidade.

“Bom, parece meu brasão e meu papel. Admito isso”, a sra. Donahue está dizendo ao telefone, então leio o endereço de Beacon Hill impresso no envelope e no papel timbrado, e ela confirma que é o seu. “Meu papel de carta pessoal? Como é possível?” Ela parece zangada, como as pessoas ficam quando sentem medo.

“O que a senhora pode me falar sobre seu brasão? Pode me explicar o que significa?”, pergunto.

Olho para a insígnia idêntica gravada no anel de sinete em ouro amarelo que agora seguro sob uma lupa. As três coroas e o livro aberto surgem em grandes dimensões sob a lente de aumento, e a gravação quase desapareceu em certos pontos; por causa da idade do anel, especialmente as flores de cinco pétalas, as potentilhas, são apenas uma sombra do que foi antes profundamente gravado, submetido por alguém ao uso e ao desgaste, ou talvez por várias pessoas, inclusive o homem de Norton’s Woods, que o estava usando no mindinho da mão esquerda quando foi assassinado. Não pode haver dúvida de que ele o estava usando, de que o anel chegou com o corpo. Não houve confusão por parte da polícia, de algum hospital ou casa funerária. O anel estava lá quando Marino retirou os objetos pessoais do homem ontem pela manhã, guardou-os e ficou com a chave até entregá-la a mim.

“Meu nome de família é Fraser”, explica a sra. Donahue. “É o brasão da minha família; esse em particular enaltece Jackson Fraser, um bisavô que, ao que tudo indica, mudou o desenho para incorporar elementos como o azul na base, uma borda dourada e uma terceira coroa vermelha, que é difícil de ver a menos que se esteja olhando para uma réplica do brasão colorida, tal como a que tenho emoldurada na minha sala de música. Você está dizendo que alguém escreveu uma carta no meu papel e fez com que um motorista a entregasse em mãos a

você? Não entendo nem vejo como isso seja possível, não sei o que significa nem por que alguém faria uma coisa dessas. Que tipo de carro era? Não temos motorista. Tenho um Mercedes antigo, meu marido dirige um Saab e, de qualquer forma, está fora do país no momento. Nunca tivemos motorista. Só usamos motoristas quando viajamos."

"Eu gostaria de saber se o brasão da sua família aparece em algum outro lugar. Bordado, gravado, além de emoldurado na parede da sua sala de música. Se é conhecido ou foi publicado, se alguém pode ter se apoderado dele." Independentemente de como eu formule, soa estranho questionar a mulher a esse respeito.

"Se apoderado dele para fazer o quê? Com que objetivo?"

"Seu papel de carta, por exemplo. Vamos pensar nisso e em qual pode ser esse objetivo fundamental."

"O que você tem foi gravado ou impresso?", pergunta ela então. "Você percebe a diferença entre gravação e impressão só de olhar?"

Você não sabe quem ele é, penso. *Não sabe se o homem que morreu usando o anel não é um membro da família, um parente*, e me lembro de Benton mencionar que Johnny Donahue tem um irmão mais velho que trabalha em Langley. E se por acaso ele esteve em Cambridge ontem, em um apartamento perto de Harvard, talvez o apartamento de um amigo com um *packbot* obsoleto, um amigo dono de um galgo, um amigo que talvez trabalhe em um laboratório de robótica? E se o irmão mais velho ou algum outro homem importante para a sra. Donahue estivesse no exterior, na Inglaterra, tivesse voltado de repente e estivesse morto e ela não sabe, a família Donahue não sabe? Qual é a cara do irmão de Johnny?

Não pergunte a ela.

"O papel de carta é gravado", respondo à sra. Donahue.

E se a família dela está de alguma forma ligada a Liam Saltz ou alguém que tenha comparecido ao casamento da filha dele no domingo? Os Donahue podem ter alguma ligação com um membro do Parlamento chamado Brown?

Fique longe disso.

"Bom, não dá para tirar um papel de carta gravado da cartola, produzir isso

em um minuto”, a sra. Donahue diz.

Agora estou examinando o envelope, a fita vedante no verso, que pensei em preservar.

“Especialmente se não tiver as matrizes”, acrescenta ela.

Na área forense, usamos fita adesiva o tempo todo, para recolher vestígios de provas de um tapete, de um estofamento, para retirar fibras, lascas de tinta, fragmentos de vidro, resíduos de pólvora, minerais, até mesmo DNA e impressões digitais de todo tipo de superfície, inclusive corpos. Qualquer pessoa sabe disso. É só ver televisão. É só digitar no Google “equipamento e técnicas de investigação na cena do crime”.

“E se alguém pegou minhas matrizes? Mas quem? Quem pode estar com elas?”, protesta a sra. Donahue. “Sem elas, levaria semanas. E imprimir provas tipográficas, que naturalmente é o que faço, acrescentaria muitas semanas. Isso não faz sentido.”

Ela não colocaria fita vedante no verso de seu envelope elegante, que leva muitas semanas para ser gravado. Não essa mulher meticulosa, orgulhosa, que ouve estudos de Chopin. Se outra pessoa fez isso, talvez eu tenha uma ideia do motivo. Especialmente se foi alguém que me conhece ou sabe de que forma penso.

“E, sim, a insígnia está gravada em vários objetos. Está em minha família há séculos”, acrescenta, pois quer conversar. Há muita coisa reprimida dentro dela, que quer deixar sair.

Deixe que faça isso.

“É escocesa, mas você provavelmente já adivinhou isso com base no nome”, diz Erica Donahue em seguida. “Está emoldurada na parede da sala de música, como mencionei, gravada em parte da prataria da família e tivemos alguns objetos de prata roubados há anos por uma governanta que foi despedida, mas nunca a acusamos de nada, porque na verdade não tínhamos provas, para a satisfação da polícia de Boston. Imagino que a prata da minha família possa ter acabado em alguma casa de penhores por aqui. Mas não vejo o que isso tem a ver com meu papel de carta. Você parece estar insinuando que alguém produziu um papel de carta com gravações idênticas ao meu, com o objetivo de se fazer

passar por mim. Ou alguém roubou o papel. Está sugerindo roubo de identidade?”

O que respondo? Até onde vou?

“E alguma outra coisa que tenha sido roubada, qualquer coisa com o brasão da sua família?” Não quero perguntar diretamente sobre o anel.

“Por que a pergunta? Tem mais alguma coisa?”

“Tenho uma carta supostamente sua”, reitero em lugar de responder as perguntas. “Foi redigida em uma máquina de escrever.”

“Eu ainda uso máquina de escrever”, confirma ela, parecendo perplexa. “Mas geralmente escrevo cartas à mão.”

“Posso perguntar com o quê?”

“Uma caneta, claro. Uma caneta-tinteiro.”

“E qual é o estilo de fonte da sua máquina de escrever? Mas a senhora talvez não conheça estilos de letras. Nem todo mundo conhece.”

“É só uma Olivetti portátil que sempre tive. A fonte é cursiva.”

“Deve ser muito antiga”, comento examinando a carta, a fonte cursiva apertada produzida pelos golpes dos tipos de metal sobre a fita com tinta.

“Pertencia à minha mãe.”

“Sra. Donahue, sabe onde está sua máquina de escrever?”

“Vou até o armário da biblioteca onde ela fica guardada quando não está em uso.”

Ouço a mulher se dirigir a outro lugar da casa, e ela parece depositar o telefone sobre uma superfície dura. Em seguida, uma série de portas se fecha, talvez de armário, e um instante mais tarde a sra. Donahue está de volta, quase sem fôlego. “Ela desapareceu. Não está aqui.”

“A senhora lembra quando viu essa máquina pela última vez?”

“Não sei. Semanas atrás. Provavelmente perto do Natal. Não sei.”

“E não está em outro lugar? Talvez a tenha mudado de lugar ou emprestado a alguém.”

“Não. Isso é terrível. Alguém pegou a máquina e meu papel de carta. A mesma pessoa que escreveu para você como se fosse eu. Não fiz isso.”

A primeira pessoa que me vem à mente é seu filho Johnny. Mas ele está no

McLean. Não poderia ter pego emprestada a máquina de escrever, a caneta e o papel de carta da mãe e depois contratado um homem e um Bentley para me entregar a carta. Supondo que tivesse tomado conhecimento de quando eu chegaria no helicóptero de Lucy na noite passada, e tampouco vou perguntar isso à mãe. Quanto mais pergunto, mais informação forneço.

"O que está escrito na carta?", insiste ela. "O que alguém escreveu como se fosse eu? Quem pode ter levado minha máquina de escrever? Devemos chamar a polícia? Mas o que estou dizendo? Você é a polícia."

"Sou médica-legista", corrijo a sra. Donahue com naturalidade enquanto o ritmo de Chopin se acelera em um exercício musical diferente. "Não sou da polícia."

"Mas na verdade você é. Médicos como você investigam como a polícia, agem como a polícia e têm poderes como a polícia. Conversei com seu assistente, o dr. Fielding, sobre o que está sendo atribuído ao meu filho, como sei que você está ciente. Você deve saber que liguei para seu escritório a respeito disso e por quê. Deve saber por que e o quanto isso está errado. Você parece uma mulher justa. Sei que não estava aqui, mas devo dizer que não entendo tudo que foi tolerado, mesmo à distância."

Giro na cadeira e fico de frente para a parede curva, que nada mais é que vidro, meu escritório no formato exato do prédio visto de lado, cilíndrico e arredondado em uma extremidade. O céu da manhã está azul e radiante, o que Lucy chama de claridade dura, e percebo que alguma coisa se move na tela de segurança, um utilitário preto estacionando nos fundos.

"Fui informada de que a senhora telefonou para falar com ele", declaro, pois não posso dizer o que está prestes a transbordar de dentro de mim. O que não é justo? O que foi que tolerei? Como ela soube que eu não estava aqui? "Entendo sua preocupação, mas…"

"Não sou nenhuma ignorante", interrompe a sra. Donahue. "Não sou ignorante nessas coisas, mesmo que nunca tenha me envolvido em nada tão terrível, mas ele não tinha motivos para ser tão grosseiro comigo. Eu estava no meu direito de perguntar o que perguntei. Não consigo entender como você pode tolerar isso e talvez não tenha tolerado. Talvez não esteja ciente de toda essa

confusão sórdida, mas como não? Você está no comando e agora que estamos ao telefone talvez possa me explicar como seria justo, apropriado ou mesmo legal que alguém na posição dele esteja envolvido nisso e tenha tanto poder."

A palavra *cuidado* lampeja em minha mente, como se eu tivesse um aviso luminoso na cabeça, piscando em néon vermelho.

"Peço desculpas se a senhora teve a impressão de que ele foi grosseiro ou pouco prestativo." Ponho em prática meu próprio aviso e sou cuidadosa. "A senhora compreende que não podemos discutir casos com…"

"Dra. Scarpetta." Notas de piano sustenidas soam como que em resposta ou vice-versa. "Eu nunca faria isso e certamente não fiz", diz ela com emoção. "Me dê licença enquanto abaixo isso. Você provavelmente não conhece Valentina Lisitsa. Se eu pudesse ao menos ouvir sem todas essas outras coisas terríveis martelando em minha cabeça, como se fossem potes e panelas batendo! Meu papel de carta, minha máquina de escrever. Meu filho! Ah, meu Deus, ah, meu Deus." A música para. "Não fiz perguntas indiscretas ao dr. Fielding sobre alguém que foi assassinado, muito menos uma criança. Se foi por isso que ele disse que telefonei, é absolutamente falso. Só vou dizer isso. É mentira. Uma mentira ordinária. Não me surpreende."

"A senhora telefonou querendo falar comigo", digo porque é só o que de fato sei, a não ser por suas declarações a Bryce a respeito de Johnny e sua inocência e alergias. É óbvio que ela não faz ideia de que não conversei com Fielding, de que, ao que parece, ninguém conversou. E quanto mais eu subestimar ou ignorar completamente o que está dizendo, mais barulho ela vai fazer, mais voluntariosa vai ficar.

"No fim da semana passada", diz ela com energia. "Porque você está no comando e não cheguei a lugar nenhum com o dr. Fielding; é claro que você entende minha preocupação e isso é realmente inaceitável, se não for criminoso. Eu queria me queixar; sinto muito que você tenha voltado para casa e encontrado essa situação. Quando me dei conta de quem você era, de que não era um trote, meu primeiro pensamento foi o de que essa chamada tinha a ver com o fato de eu ter apresentado queixa contra seu escritório, nada tão oficial quanto estou fazendo parecer, pelo menos ainda não, embora nosso advogado certamente

esteja ciente e a assessoria jurídica do CFC também. Agora talvez eu não precise registrar nada. Depende do acordo a que chegarmos."

Acordo a respeito do quê?, penso, mas não pergunto. Ela sabia que eu estava voltando para casa, o que tampouco se encaixa com o que supostamente me escreveu. Mas se encaixa com o fato de um motorista ter ido me encontrar em Hanscom Field.

"O que está escrito na carta? Você pode ler para mim?", ela pede.

"É possível que outra pessoa em sua família tenha me escrito com o seu papel de carta e tomado emprestada sua máquina de escrever?", sugiro.

"E assinado meu nome?"

Não respondo.

"Estou supondo que provavelmente assinei o que quer que você tenha em mãos, ou você não teria motivos para achar que foi enviado por mim, a não ser pelo endereço gravado, que poderia indicar meu marido, que está no Japão a negócios desde sexta-feira, ainda que seja um momento dos mais inoportunos para ele estar fora do país. Seja como for, não escreveria uma coisa dessas. É claro que não."

"A carta foi supostamente escrita pela senhora", retruco e não informo que acima de seu nome datilografado em fonte cursiva está assinado "Erica" e que o envelope foi endereçado com letra ornamentada em tinta preta de caneta-tinteiro.

"Isso é muito preocupante. Não sei por que não lê para mim. Tenho o direito de saber o que alguém escreveu como se fosse eu. No fim das contas, acho que nosso advogado vai ter que chegar a um acordo com você, o advogado que representa Johnny, e imagino que diga respeito a ele, essa carta que é uma mentira, uma fraude. Provavelmente um truque sujo das mesmas pessoas que estão por trás de tudo isso. Ele estava muito bem até ir para lá, e então se transformou em um monstro, o que é uma coisa difícil de dizer a respeito do próprio filho. Mas é o único jeito em que consigo pensar para que você entenda como ele está mudado. Drogas. Deve ser, ainda que os testes tenham dado negativo, de acordo com nosso advogado. E Johnny nunca usaria drogas. Ele sabe que não vale a pena. Sabe que sua condição já é complicada o bastante sem isso. Mas não sei o que mais poderia ser além de drogas, de alguém que

apresentou a ele alguma coisa que o transformou, que teve um efeito terrível, o de deliberadamente destruir a própria vida, de armar uma armadilha para ele…”

Ela continua a falar sem parar, cada vez mais exaltada, quando soa uma batida em minha porta externa e alguém tenta a maçaneta, ao mesmo tempo que Bryce abre nossa porta comum e balanço a cabeça em negativa. *Agora não.* Então ele sussurra que Benton está à minha porta, ele pode deixar meu marido entrar? Aceno com a cabeça, ele fecha uma porta e a outra se abre.

Coloco a chamada da sra. Donahue no viva-voz.

Benton fecha a porta atrás de si e ergo a carta para indicar com quem estou conversando. Ele puxa para perto de mim uma cadeira enquanto a sra. Donahue continua a falar e eu escrevo para ele: *Não foi ela que escreveu* — não era o motorista nem o Bentley dela.

“… naquele lugar”, soa a voz da sra. Donahue em meu escritório, como se ela estivesse presente.

Benton se senta e não esboça nenhuma reação; seu rosto está pálido. Ele parece esgotado e cheira a fumaça.

“Não estive lá porque as visitas não são permitidas, a menos que tenham algum evento especial…”, prossegue a voz.

Benton pega uma caneta e escreve na mesma folha que eu. *Otwahl*? Mas faz isso de forma mecânica. Não parece particularmente curioso.

“E então é preciso passar por uma segurança igual à da Casa Branca, ou talvez mais radical que isso”, queixa-se a sra. Donahue. “Não que eu tenha certeza, mas de acordo com meu filho, que estava assustado e um caco nos últimos meses que passou lá. Seguramente desde o verão.”

“A que lugar a senhora está se referindo?”, pergunto enquanto escrevo outra anotação para Benton.

A máquina de escrever desapareceu da casa dela.

Ele olha para a nota e balança a cabeça como se já soubesse que a velha Olivetti manual de Erica Donahue desapareceu ou foi roubada, supondo que o que ela acaba de me contar seja verdade. Talvez Benton de alguma forma saiba o que ela me disse e me invade os pensamentos o fato de que meu escritório provavelmente está grampeado. A alegação de Lucy de ter vasculhado meu

escritório à procura de dispositivos de vigilância possivelmente significa que os instalou e minha atenção vagueia pela sala como se eu pudesse encontrar câmeras ou microfones diminutos escondidos em livros, canetas, pesos para papel ou o telefone no qual estou conversando. É ridículo. Se Lucy tiver grampeado meu escritório, não tenho como descobrir. Ou, mais precisamente, Fielding não tem como descobrir. Espero pegá-lo contando coisas à capitã Avallone, sem se dar conta de que os dois estão sendo discretamente gravados. Espero pegar ambos conspirando para me destruir, para me expulsar do CFC.

"… onde ele fez estágio. Aquela empresa de tecnologia que fabrica robôs e coisas que ninguém deve saber…", a sra. Donahue está dizendo.

Vejo Benton unir as mãos no colo, entrelaçando os dedos como se estivesse calmo quando está tudo menos sóbrio e descontraído. Conheço sua linguagem corporal, seu jeito de sentar e mover os olhos e percebo seu nervosismo no que parece a mais absoluta imobilidade corporal e espiritual. Ele está estressado e esgotado, porém há mais. Alguma coisa aconteceu.

"… Johnny teve que assinar contratos e vários acordos legais prometendo que não falaria sobre a Otwahl, nem mesmo o que o nome significa. Você pode imaginar uma coisa dessa? Nem mesmo isso, o que significa Otwahl. Mas não é de admirar! O que essa gente está fazendo? Contratos secretos imensos com o governo, e ganância. Uma ganância enorme. Então você se surpreende que objetos desapareçam e pessoas tenham sua identidade roubada?"

Não faço ideia do que significa Otwahl. Pensei que fosse o nome de uma pessoa, do fundador da empresa. Olho para Benton. Ele fita o outro lado da sala com ar inexpressivo, prestando atenção à sra. Donahue.

"… a respeito de nada, certamente não o que acontece e tudo que ele fez por lá pertence a eles e permanece lá." Ela fala rápido, e sua voz já não soa como se fosse proveniente de seu diafragma, mas do alto da garganta. "Estou apavorada. Quem são essas pessoas e o que elas fizeram com meu filho?"

"O que a faz pensar que fizeram alguma coisa a Johnny?", pergunto enquanto Benton, calma e silenciosamente, escreve na folha, a boca apertada em uma linha firme e fina, sua expressão típica nesses momentos.

"Porque não pode ser coincidência", responde ela, e sua voz me faz lembrar a

fonte cursiva de sua velha Olivetti. Algo elegante que está se deteriorando, desaparecendo, que está se transformando em algo menos distinto e ligeiramente turvo. “Ele estava bem, depois não estava, e agora está trancado em um hospital psiquiátrico confessando um crime que não cometeu. E então isso”, diz ela com voz rouca, limpando a garganta. “Uma carta em meu papel de carta, ou no que parece ser meu papel de carta, que é claro que não foi escrita por mim e que não faço ideia de quem entregou a você. E minha máquina de escrever desapareceu…”

Benton empurra a folha em minha direção e leio o que ele escreveu com sua letra elaborada.

Nós temos conhecimento disso.

Olho para ele e fecho a cara. Não estou entendendo.

“… Por que iam querer que ele fosse acusado de alguma coisa que não fez e como conseguiram fazer essa lavagem cerebral para que ele pensasse que matou aquela criança?”, continua a sra. Donahue. “Drogas. Só posso supor que sejam drogas. Talvez um deles tenha matado o menino e precisava de alguém como bode expiatório. E lá estava meu pobre Johnny, que é ingênuo, que não entende as situações da mesma forma que os outros. Quem melhor que um adolescente com Asperger para se escolher como vítima?”

Continuo olhando para a anotação de Benton. *Nós temos conhecimento disso.* Como se, lendo mais de uma vez, eu vá compreender o que ele sabe, ou ele e os outros, os invisíveis, a entidade a que ele se refere como “nós”, sabem. Mas, sentada aqui, concentrada no que a sra. Donahue está dizendo e tentando decifrar o que ela está de fato me comunicando enquanto extraio com cuidado as informações, tenho a sensação de que Benton não está realmente ouvindo. Parece pouco interessado, diferente de seu eu naturalmente perspicaz. O que detecto é que ele quer que eu encerre a chamada e saia com ele, como se alguma coisa já tivesse sido resolvida e tivessem restado apenas as pendências, como se fosse apenas uma questão de arrumar a bagunça. Era assim que ele agia quando um caso o esgotava durante meses ou anos e por fim se resolvia, era abandonado ou o júri chegava a um veredicto e de repente tudo terminava e ele ficava arrasado, exausto e deprimido.

“Quando a senhora começou a perceber a diferença em seu filho?” Não vou desistir agora, independentemente do que Benton saiba ou do quanto esteja cansado.

“Em julho, agosto. Em setembro com certeza. Ele começou o estágio na Otwahl em maio passado.”

“Mark Bishop foi assassinado em 30 de janeiro.” É o mais perto que ouso chegar de apontar o óbvio: o que ela continua a afirmar sobre seu filho ter sido falsamente incriminado não faz sentido, por uma questão de cronologia.

Se a personalidade de Johnny começou a mudar no verão passado quando ele estava trabalhando na Otwahl e Mark Bishop só foi assassinado em 30 de janeiro, o que ela está sugerindo é que alguém planejou que Johnny levasse a culpa por um crime que ainda não havia acontecido e só aconteceria muitos meses depois. O caso de Mark Bishop não se encaixa com algo meticulosamente planejado, mas com um ataque violento, absurdo e sádico a um menino que estava em casa, brincando no quintal, em um final de tarde de um fim de semana, quando estava escurecendo e não havia ninguém olhando. Parece-me um crime de oportunidade, um assassinato perpetrado por alguém à procura de emoções, o jogo perverso de um predador, possivelmente com tendências pedófilas. Não um homicídio. Não um ato de terrorismo. Não creio que a morte do garoto tenha sido premeditada e executada com um objetivo em mente, tal como segurança nacional, poder político ou dinheiro.

“Pessoas que não entendem a síndrome imaginam que os que sofrem de Asperger são violentos, quase não são humanos, não sentem as mesmas coisas que o resto de nós, ou simplesmente não sentem nada. As pessoas imaginam todo tipo de coisas não por causa da doença em si, mas de sua singularidade. Essa é uma desvantagem significativa.” A sra. Donahue fala rápido e não ordena os pensamentos. “Você aponta para mudanças de comportamento que são alarmantes e as outras pessoas acham que é dele. Que é uma particularidade de Johnny, outra desvantagem, como se ele precisasse de mais uma. Bom, não é essa a questão. Alguma coisa horrível começou quando ele entrou naquele lugar, a Otwahl, em maio do ano passado…”

Também me passa pela cabeça o que Benton mencionou horas antes, que a

morte de Mark Bishop pode estar relacionada a outras: do jogador de futebol americano da Universidade de Boston, que foi encontrado no porto em novembro passado, e provavelmente do homem assassinado em Norton's Woods. Se Benton estiver certo, então Johnny Donahue teria de ser culpado dos três homicídios, e como isso seria possível? Ele estava internado no McLean quando o assassinato em Norton's Woods ocorreu, por exemplo. Sei que Johnny não poderia ter cometido esse homicídio e não vejo como possa ser incriminado, a menos que não estivesse sob a tutela do hospital, a menos que estivesse em liberdade e armado com uma faca de injeção.

Benton escreve novamente. *Precisamos ir.* E sublinha as palavras.

"Sra. Donahue, seu filho está tomando algum remédio?", pergunto.

"Na verdade, não."

"Algum medicamento controlado ou talvez sem receita?", pergunto com calma, o que requer esforço de minha parte, pois estou perdendo a paciência. "Talvez a senhora deva mencionar qualquer coisa que ele estava tomando antes de ser hospitalizado ou outros problemas médicos que talvez tenha."

Quase digo "talvez tenha tido", como se ele estivesse morto.

"Bom, ele usa um spray nasal. Especialmente nos últimos tempos."

Benton ergue as mãos como se dissesse *Isso não é novidade*. Ele conhece a medicação de Johnny. Está sem paciência também e sinais disso irrompem através de sua impenetrabilidade. Quer que eu desligue o telefone e saia com ele agora.

"Por que nos últimos tempos? Ele estava tendo problemas respiratórios? Alergia? Asma?", pergunto enquanto puxo um par de luvas do dispensador e o entrego a Benton. Em seguida estendo o envelope pardo que contém o anel.

"Pelo de animais, pólen, poeira, glúten, o que você escolher, ele é alérgico e foi tratado por alergistas a vida inteira. Estava ótimo até o último verão, e depois nada mais funcionou. Havia muito pólen no ar, e o estresse piora tudo. Ele estava ficando cada vez mais estressado. Começou a usar novamente um spray contendo um tipo de cortisona. O nome agora me foge…"

"Corticosteroide?"

"É, é isso. Fiquei me perguntando se o remédio afetou seu humor, seu

comportamento. Coisas como insônia, altos e baixos, irritabilidade, que, como você sabe, se tornaram extremos, culminando com perdas de consciência, delírios e, por fim, a hospitalização."

"Ele já tinha usado o spray de corticosteroide?"

"Sim, por muitos anos. Mas então ele começou um novo tratamento e não precisou mais de injeções. Por cerca de um ano, pareceu mágico; depois ele ficou doente outra vez e voltou a usar o spray."

"Fale a respeito do novo tratamento."

"Tenho certeza de que você conhece aquelas gotas embaixo da língua."

Não estou ciente de que imunoterapia sublingual seja algo novo e pergunto: "Seu filho fazia parte de alguma experiência médica?". Rabisco outra anotação para Benton.

Levar spray e gotas para o laboratório imediatamente. E sublinho o *imediatamente*.

"Sim, através do alergista dele."

Olho para Benton para ver se sabe alguma coisa a respeito, e ele olha de relance para minha anotação, coloca as luvas, então olha para o relógio. Só vai examinar o anel porque pedi. É como se já o tivesse visto, já soubesse que não é importante ou já tivesse chegado a uma conclusão a respeito. Alguma coisa chegou ao fim. Alguma coisa aconteceu.

"É o que chamam de utilização não indicada na bula, supervisionada pelo médico, mas acabaram as idas ao consultório para injeções semanais", diz a sra. Donahue, parecendo momentaneamente aliviada ao falar das alergias do filho em vez de todo o restante, sua dor em remissão, mas isso não vai durar.

Se alguém adulterou a medicação de Johnny, talvez explique por que sua alergia tornou a piorar. O que ele estava pingando sob a língua ou pulverizando no nariz talvez tenha sido quimicamente alterado para tornar a medicação ineficaz, para não dizer extremamente prejudicial. Olho para Benton enquanto ele examina o anel de sinete. Seu rosto não exibe nenhuma expressão. Ergo uma folha do papel de carta para que ele veja a marca d'água. Benton não tem nenhuma reação visível e reparo em uma teia de aranha em seu cabelo. Estendo a mão para removê-la e ele devolve o anel ao envelope. Seus olhos encontram os

meus e Benton os arregala como faz em festas e jantares quando quer sinalizar: *Agora vamos.*

"… Johnny coloca várias gotas debaixo da língua diariamente e por algum tempo os resultados foram excelentes. Mas também parou de funcionar, e às vezes ele ficava deprimido. Em agosto passado, ele retomou o spray, mas a situação só pareceu piorar e ainda surgiram aquelas mudanças muito perturbadoras de personalidade. Outras pessoas perceberam, e ele se meteu em encrenca por agir de forma impulsiva, foi expulso da classe, como você sabe, mas não faria mal àquela criança. Acho que Johnny nem mesmo sabia da existência dela, quanto mais faria alguma coisa…"

Benton retira as luvas e as joga no lixo. Aponto para o envelope e ele balança a cabeça. *Não pergunte à sra. Donahue sobre o anel.* Ele não quer que eu o mencione e talvez não seja necessário trazer à baila o assunto por causa do que Benton sabe e não sei, então reparo em suas botas táticas pretas. Estão cobertas de poeira cinza que não estava ali antes, quando conversamos no escritório de Fielding. As pernas de sua calça tática preta também estão bastante empoeiradas e as mangas de seu casaco de couro estão sujas, como se ele tivesse roçado em alguma coisa.

"Era a principal coisa que eu queria perguntar, mais uma questão pessoal dirigida a ele como homem que ensina artes marciais e deve obedecer a um código de honra", diz a sra. Donahue, tornando a atrair minha atenção e me pergunto se entendi mal. Não posso ter ouvido o que ouvi. "Foi mais isso que qualquer outra coisa, não o que você imaginou ou o que ele contou. Ele mentiu, tenho certeza, porque, como eu disse, se ele alega que telefonei para pedir detalhes do que foi feito àquela pobre criança, então está mentindo. Dou minha palavra de que não perguntei sobre Mark Bishop, que não conhecíamos pessoalmente, por sinal. Só o vimos lá algumas vezes. Não pedi informação a respeito dele…"

"Sra. Donahue, desculpe. A chamada está cortando." Não é verdade, mas preciso que ela repita e esclareça o que disse.

"São esses telefones sem fio. Melhorou? Desculpe. Estou andando pela casa enquanto converso."

“Obrigada. A senhora pode por favor repetir as últimas coisas que disse? Sobre artes marciais?”

Ouço a sra. Donahue me lembrar, com outra descarga de descrença, o que presume que sei, que seu filho Johnny conhece Jack Fielding através do tae kwon do. Quando telefonou várias vezes para o escritório para falar com Fielding e por fim se queixar comigo, foi por causa desse relacionamento. Fielding era instrutor de Johnny no Cambridge Tae Kwon Do Club. Fielding era também instrutor de Mark Bishop, treinava uma turma de Tiny Tigers, mas Johnny não conhecia Mark e com certeza não estavam na mesma turma, não treinavam juntos, a sra. Donahue é inflexível quanto a isso, e pergunto quando Johnny começou a ter aulas. Explico que não estou bem certa quanto aos detalhes e devo ter um relato preciso para lidar de forma apropriada e justa com sua queixa a respeito de meu subordinado.

“Ele tinha aulas desde maio passado”, diz a sra. Donahue, enquanto meus pensamentos debandam e arremetem sem controle. “Você pode entender por que meu filho, que nunca teve amigos, seria facilmente influenciado por alguém que adora e respeita…”

“Adora e respeita? A senhora está se referindo ao dr. Fielding?”

“Não, não, não”, diz ela em tom incisivo, como se realmente detestasse o homem. “Primeiro a amiga dele estava envolvida com isso, já fazia algum tempo. Ao que tudo indica, várias mulheres levam o tae kwon do bastante a sério e, quando ela começou a trabalhar com Johnny e eles ficaram amigos, ela o incentivou, mas eu gostaria que ele não tivesse dado ouvidos. Isso e, é claro, a Otwahl, aquele lugar e o que quer que ocorra por lá, e veja o que aconteceu. Mas você certamente pode imaginar por que Johnny queria ser forte e capaz de se proteger. Para não ser importunado e se sentir menos sozinho quando a ironia, evidentemente, é que, para ele, esse tempo já tinha passado. Ele não era intimidado em Harvard…”

Ela continua, desconexa, menos incisiva e autoritária agora, mas seu desespero é palpável. Posso sentir na atmosfera do escritório quando me afasto da mesa.

“… como ele se atreve. Isso no mínimo constitui uma violação do juramento

médico dele. Como pode continuar responsável pelo caso de Mark Bishop à luz do que todos sabemos que é verdade?", diz ela.

"A senhora pode ser mais específica sobre a verdade a que está se referindo?" Olho pela janela, para a manhã de uma luminosidade gritante. O sol e a claridade são tão intensos que meus olhos lacrimejam.

"O preconceito dele." Suas palavras soam às minhas costas, no viva-voz. "Nunca gostou de Johnny ou foi particularmente agradável com ele, fazia comentários grosseiros na frente dos outros. Coisas como 'Você tem que olhar para mim quando estou me dirigindo a você, e não para a porcaria do interruptor'. Bom, como tenho certeza de que você está ciente, por causa da singularidade de Johnny, sua atenção é atraída por coisas que não fazem sentido para as outras pessoas. Ele não faz contato visual e isso pode ser ofensivo a algumas pessoas, que não entendem que é assim que seu cérebro funciona. Você tem algum conhecimento da síndrome de Asperger ou seu marido…?"

"Não sei muita coisa a respeito." Não pretendo entrar no que Benton disse ou deixou de dizer.

"Bom, Johnny fica obcecado por detalhes que não têm a menor importância para ninguém e fica olhando para eles enquanto alguém conversa com ele. Digo alguma coisa importante e ele fica olhando para um broche ou pulseira que estou usando, faz algum comentário ou ri quando não deveria. E o dr. Fielding o repreendia por rir na hora errada. Depreciava meu filho na frente de todos, e foi quando Johnny tentou reagir. Esse homem tem tantos graus de faixa preta quanto alguém pode ter, e meu filho, que pesa sessenta e quatro quilos, tentou lhe dar um chute e foi forçado a deixar a turma para sempre. O dr. Fielding o proibiu de voltar e de tentar ter aulas em qualquer outro lugar."

"Quando foi isso?" Ouço a mim mesma como se fosse outra pessoa falando.

"Na segunda semana de dezembro. Tenho a data exata. Tenho tudo anotado."

Seis semanas antes de Mark Bishop ser assassinado, penso, atônita, como se fosse eu a ter sido chutada. "E a senhora disse ao dr. Fielding…", começo a dizer ao telefone na mesa, como se olhasse para a sra. Donahue e ela pudesse me ver.

"Com certeza!", diz a mulher agitada, em tom provocador. "Quando Johnny começou a balbuciar aqueles absurdos sobre ter matado o menino durante um

apagão e que o instrutor deles de tae kwon do fez a autópsia! Você pode imaginar minha reação?”

O instrutor *deles* de tae kwon do. A quem mais ela está se referindo? À amiga de Johnny do MIT ou há outros? Quem mais Fielding estava treinando e o que poderia ter induzido Johnny Donahue a confessar um assassinato que Benton acredita que não cometeu? Por que Johnny pensaria ter feito algo tão terrível durante um suposto apagão? Quem o influenciou ao ponto de admitir o crime e fornecer detalhes tais como o fato de a arma ser uma pistola de pregos quando isso não é verdade? Mas não vou perguntar mais nada à sra. Donahue. Já fui longe demais; tudo foi longe demais. Fiz a ela mais perguntas do que deveria e Benton já conhece as respostas para qualquer coisa em que eu possa pensar. Percebo pelo jeito como está sentado na cadeira, olhando para o chão, o rosto tão duro e sombrio quanto o revestimento metálico do prédio.

18

Desligo o telefone e permaneço diante da minha parede curva de vidro, olhando para a miscelânea de telhas de ardósia e neve entremeada de campanários que se estendem à minha frente nos domínios do CFC.

Espero meu coração desacelerar e minhas emoções assentarem, engolindo com força para empurrar garganta abaixo a dor e a raiva, distraindo-me com a visão do MIT e, depois dela, a de Harvard e do que há mais à frente. Enquanto permaneço no interior de meu império de muitas janelas e observo o que devo comandar quando o pior acontece às pessoas, entendo. Entendo por que Benton está agindo dessa forma. Entendo o que terminou. Foi Jack Fielding.

Lembro-me vagamente de ele haver mencionado, não muito depois de ter se mudado para cá, vindo de Chicago, que tinha se apresentado como voluntário em um clube de tae kwon do e nem sempre estaria disponível para cuidar dos casos nos fins de semana ou após o expediente por causa de sua dedicação ao ensino, a que se referia como sua arte, sua paixão. Quando necessário, compareceria a torneios, disse, e presumiu que teria "flexibilidade". Como chefe interino durante minhas longas ausências, ele contava com flexibilidade, repetiu, quase me repreendendo. A mesma flexibilidade que eu teria se estivesse aqui, declarou, como se fosse um fato consagrado eu ter flexibilidade quando estou em casa.

Recordo ter ficado contrariada ante suas exigências, já que havia sido ele a telefonar me pedindo emprego no CFC, e a posição que concordei em lhe oferecer, como um idiota, supera qualquer outra que já teve. Em Chicago não tinha muito status. Era um dos seis médicos-legistas e não era cogitado para nenhuma promoção, foi o que me confidenciou seu chefe quando conversamos sobre o fato de eu contratar Fielding e o tirar de lá. Seria uma tremenda oportunidade profissional, e muito bom para ele em termos pessoais, porque estaria perto da família, disse seu chefe, e fiquei profundamente comovida por Fielding pensar em mim como família. Fiquei contente que tivesse sentido

minha falta e quisesse voltar a Massachusetts e trabalhar para mim, como nos velhos tempos.

E a ironia que deveria ter me deixado furiosa e que eu certamente deveria ter sinalizado em vez de, como sempre, fazer a vontade de Fielding, era essa noção de flexibilidade, como se eu fosse e viesse ao meu bel-prazer, como se tirasse férias, saísse correndo para ir a torneios e desaparecesse por vários fins de semana todos os meses por causa de alguma arte ou paixão que sobrepuja minha profissão, que sobrepuja o que faço todo santo dia. Minha paixão é o que vivo todo santo dia, as mortes de que me ocupo todo santo dia, as pessoas que ficam para trás, de que forma se levantam e seguem em frente e como de alguma forma as ajudo a fazer isso. Ouço a mim mesma e me dou conta de que disse essas coisas em voz alta. Sinto as mãos de Benton em meus ombros quando ele se coloca às minhas costas enquanto enxugo as lágrimas que me escorrem dos olhos. Ele repousa o queixo no alto de minha cabeça e me envolve em seus braços.

"O que foi que eu fiz?", pergunto.

"Você aturou Fielding por tempo demais, mas não é culpa sua. O que quer que ele tenha feito, usado e escondido… Bom. Você teve uma amostra mais cedo, então pode imaginar." Ele está se referindo às drogas com as quais Fielding talvez tenha impregnado seus emplastros para dor e que talvez estivesse vendendo.

"Vocês o encontraram?", pergunto.

"Sim."

"Ele está sob custódia? Foi preso? Ou só está sendo interrogado?"

"Ele está conosco, Kay."

"Acho que é melhor." Não sei mais o que perguntar, a não ser como ele está, o que Benton não responde.

Desejo saber se Fielding precisou ser colocado em algum dispositivo de retenção ou quarto acolchoado, e não posso imaginá-lo em cativeiro. Não consigo imaginá-lo na prisão. Ele não vai aguentar. Vai se atirar contra as grades até morrer, como uma mariposa em pânico, se ninguém o matar antes. Também me passa pela cabeça que já esteja morto. Então tenho um pressentimento. O

sentimento se instala de forma pesada, como um torpor, um bloqueio nervoso.

“Temos que sair. Vou explicar da melhor forma que puder, da melhor forma que sabemos. É complicado; é muita coisa”, ouço Benton dizer.

Ele se afasta e já não me toca, e é como se nada mais me segurasse aqui, como se eu fosse sair voando pela janela, mas, ao mesmo tempo, há esse peso. Tenho a sensação de que me transformei em metal ou pedra, em alguma coisa que já não tem vida, não é humana.

“Eu não podia contar antes; não que tudo já esteja esclarecido”, diz Benton. “Peço desculpas por ter que esconder as coisas de você, Kay.”

“Por que ele, por que alguém…?”, começo a fazer perguntas que nunca serão respondidas de forma satisfatória, as mesmas que sempre fiz. Por que as pessoas são cruéis? Por que matam? Por que sentem prazer em destruir os outros?

“Porque ele podia.” Benton responde como sempre.

“Mas por que faria isso?” Fielding não é assim. Nunca foi diabólico. Imaturo, egoísta e disfuncional, sim. Mas não perverso. Não mataria um menino de seis anos para se divertir e depois se deleitaria imputando o crime a um adolescente com Asperger. Fielding não está equipado para orquestrar um jogo cruel desses.

“Dinheiro. Controle. Vício. Corrigir erros que remontam à sua infância. E o fato de estar descompensado. Em última análise, destruir a si mesmo, porque era ele quem estava realmente sendo destruído com a destruição de outras pessoas.” Benton tem tudo equacionado. Todo mundo tem tudo equacionado, menos eu.

“Não sei”, sussurro. Digo a mim mesma para ser forte. Preciso cuidar disso. Não posso ajudar Fielding, não posso ajudar ninguém se não for forte.

“Ele não escondeu bem as coisas”, diz Benton quando me afasto da janela. “Assim que descobrimos onde procurar, ficou cada vez mais óbvio.”

Alguém está acionando as pessoas, acionando tudo. É por isso que não está bem escondido. É por isso que é óbvio. Dever ser óbvio para nos fazer achar que certas coisas são verdadeiras quando talvez não sejam. Não vou aceitar que a pessoa por trás de tudo isso seja Fielding até ver por mim mesma. *Seja forte. Você precisa cuidar disso. Não chore por ele nem por ninguém. Não pode fazer isso.*

“O que preciso levar?” Pego meu casaco em uma cadeira, a jaqueta tática de

Dover, que está longe de ser suficientemente quente.

"Temos tudo lá", responde ele. "Só suas credenciais, caso alguém peça."

É claro que eles têm tudo lá. Tudo e todos estão lá, menos eu. Pego minha bolsa atrás da porta.

"Quando você descobriu?", pergunto. "O bastante para conseguir mandados e encontrar Jack, pelo menos? Ou o que quer que tenha acontecido?"

"Quando você descobriu que o homem de Norton's Woods era um caso de homicídio, mudou tudo. Então Fielding estava ligado a outro homicídio."

"Não vejo como", retruco enquanto saímos juntos e não aviso a Bryce que estou indo embora. No momento, não quero encontrar ninguém. Estou sem disposição para conversar, ser cordial ou mesmo civilizada.

"A Glock tinha desaparecido do laboratório de armas de fogo. Você não foi informada disso e poucas pessoas sabem", diz Benton.

Recordo os comentários de Lucy sobre ter visto Morrow no estacionamento dos fundos por volta de dez e meia da manhã de ontem, aproximadamente meia hora depois de ter recebido a pistola no laboratório e, segundo Lucy, não ter se dado o trabalho de examinar a arma. Se estava ciente do desaparecimento da Glock, Lucy escondeu essa informação crucial, e pergunto a Benton se ela deliberadamente mentiu para mim, sua chefe, por omissão.

"Porque ela trabalha aqui", digo enquanto esperamos que o elevador suba ao nosso andar. Ele está parado no andar mais baixo, como se alguém estivesse mantendo a porta aberta, o que os funcionários às vezes fazem quando estão carregando ou descarregando muita coisa. "Ela trabalha para mim e não pode me esconder informações. Não pode mentir para mim."

"Ela não sabia disso na ocasião. Marino e eu sabíamos e não contamos a ela."

"E vocês sabiam sobre Jack, Johnny e Mark. Sobre o tae kwon do." Tenho certeza de que Benton sabia. Provavelmente Marino também.

"Estávamos vigiando Jack, investigando. É verdade. Desde que Mark foi assassinado na semana passada e descobri que Jack treinava Mark e Johnny."

Penso nas fotografias que faltam no escritório de Fielding, os pequenos orifícios na parede dos ganchos removidos.

"Começou a fazer sentido que Jack tenha assumido o controle de certos casos.

O de Mark Bishop, por exemplo, mesmo que ele deteste trabalhar com crianças", prossegue Benton, olhando ao redor, certificando-se de que não há ninguém por perto para ouvir. "Que oportunidade perfeita de encobrir os próprios crimes."

Ou os crimes de outra pessoa, penso. Fielding é do tipo que encobriria alguém. Ele precisa desesperadamente ser poderoso, bancar o herói, e então me lembro de parar de defendê-lo. *Até que você tenha provas*. O que quer que se apresente como verdade vou aceitar, e me ocorre que as fotografias desaparecidas do escritório de Fielding eram poses de grupo. Isso me parece familiar. Quase consigo visualizá-las. Possivelmente das turmas de tae kwon do. Fotos contendo Johnny e Mark.

Desejo saber, mas não pergunto, se Benton ou Marino retiraram aquelas fotografias, ao passo que Benton continua a explicar que Fielding percorreu um longo caminho para manipular a todos para acreditarem que Johnny Donahue matou Mark Bishop. Fielding usou um adolescente comprometido, vulnerável, como bode expiatório, então teve que ampliar ainda mais suas manipulações depois que neutralizou o homem de Norton's Woods. É esse o termo que Benton emprega. *Neutralizar.* Fielding neutralizou o sujeito, em seguida tomou conhecimento da Glock encontrada no corpo e percebeu que havia cometido um grave erro tático. Estava tudo degringolando. Ele estava perdendo o controle, como Ted Bundy pouco antes de ser apanhado, diz Benton.

"O erro fatal de Jack foi passar no laboratório de armas de fogo ontem de manhã e perguntar a Morrow pela Glock", continua Benton. "Pouco depois a arma tinha desaparecido, assim como Jack, o que foi impulsivo, descuidado e muito idiota da parte dele. Teria sido melhor deixar a arma ser rastreada até ele e então alegar que tinha sido perdida ou roubada. Qualquer coisa teria sido melhor do que o que fez. Tirar a arma do laboratório mostra o quanto estava descontrolado."

"Você está dizendo que a Glock do sujeito de Norton's Woods pertence a Jack?"

"Isso."

"Com certeza pertence a Jack", repito, e agora o elevador está subindo, fazendo muitas paradas no caminho, e me dou conta de que é hora do almoço.

Os funcionários estão se encaminhando à sala de descanso ou deixando o prédio.

"É isso. O morto tinha uma arma que foi rastreada até Fielding quando usaram ácido no número de série apagado", diz Benton, e para mim fica claro que ele sabe quem é o morto.

"Isso foi feito. Não aqui." Não quero pensar em mais uma coisa que desconheço sendo realizada dentro de meu prédio.

"Horas atrás. Na cena do crime. Cuidamos da identificação lá."

"O FBI."

"Era importante saber imediatamente a quem a arma estava relacionada. Confirmar as suspeitas. Depois ela veio para cá, para o CFC e foi guardada em segurança no laboratório de armas de fogo. Para exames posteriores", diz Benton.

"Se foi Jack quem matou o sujeito, devia ter atinado com o problema da Glock quando recebeu o primeiro chamado sobre o caso na tarde de domingo", retruco. "Ainda assim, esperou até segunda de manhã para se preocupar com uma arma que sabia que levaria até ele?"

"Para evitar suspeitas. Se começasse a fazer um monte de perguntas sobre a Glock à polícia de Cambridge antes do corpo ser transportado para o CFC, ou exigido que a arma fosse trazida de imediato quando os laboratórios estavam fechados, teriam estranhado. Fielding dormiu pensando no assunto e provavelmente, na segunda de manhã, estava fora de si, planejando o que fazer quando a arma chegasse. Ia pegar a pistola e fugir. É bom lembrar que ele não tem sido muito racional. É importante ter em mente que ele estava cognitivamente prejudicado pelo abuso de substâncias."

Penso na cronologia. Reconstruo os passos de Fielding na manhã de ontem com base nas informações na gaveta de sua escrivaninha e nas marcas de escrita no bloco de notas. Pouco depois das sete da manhã, ele parece ter conversado com Julia Gabriel, antes que ela me telefonasse em Dover; cerca de meia hora mais tarde, entrou na geladeira e, poucos minutos depois, disse a Anne e Ollie que o corpo de Norton's Woods estava inexplicavelmente sujo de sangue. Parece mais lógico considerar que foi a essa altura que Fielding reconheceu o morto e se deu conta de que a Glock de que tinha sido informado pela polícia de Cambridge

levaria até ele. Se não reconheceu o morto até segunda-feira pela manhã, então Fielding não o matou, digo a Benton, que retruca que ele tinha um motivo que não tenho como saber.

O padrasto do morto é Liam Saltz, informa Benton. Foi confirmado há pouco quando um agente do FBI foi ao Hotel Charles, conversou com o dr. Saltz e mostrou uma fotografia de identificação do homem de Norton's Woods batida por Marino. Seu nome era Eli Goldman, tinha vinte e dois anos, era estudante de pós-graduação do MIT e funcionário da Otwahl Technologies, trabalhando em projetos micromecânicos especiais. Os vídeos dos fones de ouvido de Eli foram rastreados até um site de webcam em um servidor da Otwahl, conta Benton, mas não especifica se foi Lucy quem fez o rastreamento.

"Ele mesmo montou os fones de ouvido?", pergunto quando por fim o elevador chega e as portas se abrem.

"Parece provável. Ele adorava montagens."

"E o MORT? Como conseguiu aquilo? E para quê? Mais montagem?" Sei que pareço cínica.

Sei quando as pessoas estão com a cabeça feita e não estou pronta para deixar que façam a minha. Nada deveria ser concluído assim tão rápido.

"Uma réplica, uma maquete que ele fez quando garoto", explica Benton. "Com base em fotografias que o padrasto tirou quando estava fazendo lobby contra o verdadeiro há oito ou nove anos e você e o dr. Saltz testemunharam perante a subcomissão do Senado. Ao que tudo indica, Eli faz maquetes de robôs e inventa coisas praticamente desde que usava fraldas."

Descemos lentamente andar por andar enquanto pergunto por que a Otwahl contrataria o enteado de um detrator como Liam Saltz e quero saber o que significa Otwahl, pois a sra. Donahue mencionou essa questão. "O. T. Wahl", responde Benton. "Um jogo de palavras porque o último nome do fundador da empresa é Wahl. *On the Wall,* como uma mosca na parede, e o último nome de Eli não é Saltz", acrescenta Benton como se eu não tivesse escutado quando ele me informou que era Goldman. Eli Goldman. Mas a Otwahl teria feito uma investigação do passado dele, saliento. Eles certamente sabiam quem era seu padrasto, mesmo que o sobrenome não fosse o mesmo.

“O MORT foi há muito tempo”, diz Benton quando as portas do elevador se abrem no andar inferior. “E não sei se a Otwahl fazia ideia se Eli e o padrasto eram filosoficamente compatíveis.”

“Por quanto tempo Eli trabalhou lá?”

“Três anos.”

“Talvez há três anos a Otwahl não estivesse fazendo nada com que Eli ou o padrasto se preocupassem”, sugiro à medida que percorremos os ladrilhos cinza enquanto Phil, o segurança, nos observa por trás da divisória de vidro. Não aceno. Não me sinto amistosa.

“Bom, Eli estava preocupado, e há meses”, diz Benton. “Ia fazer uma demonstração ao padrasto de uma tecnologia que não ia de maneira nenhuma aprovar: uma mosca que podia espionar da parede, detectar e carregar explosivos, drogas, venenos ou sabe-se lá o quê.”

Nanoexplosivos ou drogas perigosas transportados por algo tão pequeno quanto uma mosca, penso enquanto passamos por funcionários que não vejo há meses. Não paro para conversar. Não aceno, não cumprimento, sequer faço contato visual.

“Ele estava prestes a fornecer ao padrasto uma informação importante dessas e, convenientemente, morre”, retruco.

“Exatamente. Pelo motivo que mencionei”, diz Benton. “Drogas”, torna ele a dizer, e então me conta mais, dá detalhes do que o FBI tomou conhecimento a partir de Liam Saltz há poucas horas.

Sinto-me triste e preocupada outra vez quando visualizo o que Benton está me contando a respeito de um rapaz tão encantado pelo padrasto famoso que sempre que iam se encontrar acertava o relógio, reproduzindo o fuso do dr. Saltz, na expectativa do encontro, peculiaridade que tem suas raízes no passado doloroso de Eli de lares desfeitos e figuras paternais ausentes e adoradas à distância. Recordo o que vi nos vídeos, Eli e Sock se encaminhando a Norton’s Woods, e em seguida imagino o dr. Saltz saindo do prédio, já quase escuro, depois do casamento para o qual Eli não foi convidado. Imagino o ganhador do prêmio Nobel olhando ao redor e se perguntando onde estava o enteado, sem a menor ideia da terrível verdade. Morto. Fechado dentro de um saco e não identificado.

Um jovem, pouco mais que um menino. Alguém com que Lucy e eu talvez tenhamos cruzado em uma exposição em Londres no verão de 2001.

“Quem matou o rapaz e para quê?”, pergunto enquanto passamos pelo vão de entrada vazio, a van do CFC para o transporte dos corpos tendo partido. “Não vejo de que forma o que você acaba de me contar possa explicar o assassinato de Eli por Jack.”

“Tudo aponta na mesma direção. Sinto muito, mas aponta.”

“Simplesmente não vejo por que e para quê.” Abro a porta que conduz ao exterior e o dia está bonito e ensolarado demais para estar tão frio.

“Sei que é difícil”, diz Benton.

“Luvas informatizadas?”, pergunto à medida que avançamos com cuidado sobre a neve lisa e escorregadia. “Uma mosca micromecânica? Quem ia apunhalar o rapaz com uma faca de injeção e por quê?”

“Drogas.” Benton volta ao tema. “Eli de alguma forma teve a infelicidade de se envolver com Jack ou vice-versa. Drogas muito perigosas, para aumentar a resistência. Ele provavelmente estava usando e vendendo, e Eli ou alguém na Otwahl era o fornecedor. Não sabemos. Mas o fato de Eli ter sido morto ao sair com um *flybot* para encontrar o padrasto não foi coincidência. Esse foi o motivo.”

“Por que Jack estaria interessado em um *flybot* ou em um encontro?”, pergunto enquanto avançamos bem devagar, um passo de cada vez, meus pés prestes a deslizar. “Isso está parecendo um ringue de patinação”, eu me queixo, pois a neve do estacionamento não foi retirada e precisa receber uma camada de areia. Ninguém vem administrando este lugar como necessário.

“Desculpe, é aqui que estamos”, diz Benton, enquanto avançamos devagar em direção à cerca dos fundos. “Mas foi tudo que conseguimos. A conexão da droga”, diz Benton a seguir. “Não drogas de rua. Isso tem a ver com a Otwahl. Com uma quantia enorme de dinheiro. Com a guerra, com a possibilidade de violência em escala internacional e generalizada.”

“Se o que você está dizendo está certo, parece implicar que Jack estava espionando Eli. Que equipou os fones de ouvido com dispositivos de gravação ocultos e seguiu o rapaz até Norton’s Woods. Isso faria sentido se o objetivo do

assassinato fosse impedir que Eli mostrasse ou entregasse o *flybot* ao padrasto. De que outra forma Jack saberia o que Eli estava prestes a fazer? Ele ou alguma outra pessoa devia estar espionando o rapaz."

"Duvido que Jack tivesse alguma coisa a ver com os fones de ouvido."

"É exatamente o que acho. Jack não se interessaria por uma tecnologia assim nem seria capaz disso e não se interessaria por um lugar como a Otwahl. Você não está se referindo ao Jack que conheço. Este é completamente comandado pelo sistema límbico, impaciente demais, simples demais para fazer o que você acaba de descrever." Quase digo *primitivo demais*, pois isso sempre foi parte do seu charme. Sua fisicalidade, seu hedonismo, seu jeito linear de encarar as coisas. "E os fones de ouvido não fazem sentido", insisto. "Me fazem pensar que alguém mais pode estar envolvido."

"Sei como você se sente. Posso entender por que você quer pensar assim."

"E o dr. Saltz sabia que seu adorado enteado estava usando drogas e tinha uma arma ilegal?", pergunto. "Chegou a mencionar os fones de ouvido ou outras pessoas com quem Eli podia estar envolvido?"

"Ele não sabia nada sobre os fones e muito menos sobre a vida pessoal de Eli. Só que estava preocupado com a própria segurança. Como eu disse, estava preocupado há meses. Sei que isso é doloroso, Kay."

"Preocupado com o quê, especificamente?", pergunto enquanto avançamos bem devagar, e alguém vai se machucar aqui fora. Alguém vai escorregar, quebrar alguns ossos e processar o CFC. Isso vai acontecer em breve.

"Eli estava envolvido em projetos perigosos e rodeado de gente má. Foi como o dr. Saltz descreveu a situação", responde Benton. "É muita coisa para explicar, e não o que você possa imaginar."

"Ele sabia que seu enteado tinha uma arma, uma arma ilegal?", repito a pergunta.

"Não. Imagino que Eli não tenha mencionado."

"Todos parecem estar imaginando um monte de coisas." Paro e olho para Benton, nossa respiração produzindo fumaça no ar frio; estamos nos fundos do estacionamento agora, perto da cerca, no que chamo de sertão.

"Eli devia saber o que o dr. Saltz pensava a respeito de armas", diz Benton.

“Jack provavelmente vendeu ou deu a Glock a ele.”

“Ou alguma outra pessoa”, repito. “Da mesma forma que alguém deve ter dado a ele o anel de sinete com o brasão dos Donahue. Não imagino que Eli também estivesse envolvido com tae kwon do.” Vejo utilitários que não pertencem ao CFC, mas não vejo os agentes no interior dos veículos. Não vejo ninguém enquanto protejo meus olhos do sol.

“Não”, diz Benton. “Wally Jamison, o jogador de futebol americano, também não, mas frequentava a academia que eles usavam, a mesma academia de Jack. Talvez Eli também.”

“Eli não parece frequentador de academia. Mal tem um músculo no corpo”, comento enquanto Benton aponta uma chave de segurança na direção de um Ford Explorer preto que não lhe pertence e as portas destravam com o ruído característico. “E se Jack matou Eli, por quê?”, torno a perguntar, pois para mim não faz sentido, mas talvez isso se deva ao cansaço. Estou sem dormir, muito traumatizada e cansada demais para compreender o mais simples dos fatos.

“Talvez a conexão tenha a ver com a Otwahl, Johnny Donahue e outras atividades ilegais nas quais Jack estava envolvido e que você está prestes a descobrir. O que ele estava fazendo no CFC, como estava ganhando dinheiro enquanto você estava fora.” A voz de Benton soa inflexível ao dizer isso enquanto abre a porta para mim. “Não sei de tudo, mas o suficiente, e você tinha razão ao perguntar o que Mark Bishop estava fazendo no quintal de casa quando foi morto. Do que ele estava brincando. Quase não acreditei quando me perguntou isso e não pude responder na ocasião. Mark frequentava uma das turmas de Jack, como a sra. Donahue mencionou, para crianças de três a seis anos. Tinha começado em dezembro e estava praticando tae kwon do no quintal quando alguém, e acho que sabemos quem, apareceu e mais uma vez você provavelmente está certa sobre o resto.”

Enquanto Benton contorna até o lado do motorista para entrar, procuro meus óculos escuros dentro da bolsa e fico impaciente e frustrada quando um batom, canetas e um tubo de creme para as mãos caem sobre o tapete de borracha no chão. Devo ter deixado meus óculos de sol em algum lugar. Talvez no escritório em Dover, onde mal me lembro de ter estado. Parece que faz uma eternidade e

no momento me sinto enojada para além do que conseguiria descrever. Não me contento com ouvir que estava certa a respeito de alguma coisa. Não dou a mínima para quem está certo, só quero que alguém esteja, mas não acho que seja o caso. Simplesmente não acredito.

"Uma pessoa de quem Mark não tinha motivos para desconfiar, como seu instrutor, que atraiu o menino para uma fantasia, um jogo, e o matou", continua Benton enquanto dá partida no utilitário. "E então inventou um jeito de colocar a culpa em Johnny."

"Não falei isso." Recoloco os itens na bolsa, pego o cinto de segurança e o fecho, então decido soltar o cinto e retirar o casaco.

"Que parte?" Benton insere um endereço no GPS.

"Eu não disse que Jack inventou um jeito de fazer com que Johnny acreditasse que enfiou pregos na cabeça de Mark Bishop", respondo. O utilitário está aquecido por Benton ter dirigido até aqui, e o sol bate quente no vidro.

Dispo a jaqueta e a atiro na parte de trás do carro, onde há uma caixa grande e pesada com etiqueta da FedEx. Não sei para quem é e não estou interessada, provavelmente algum agente que Benton conhece, talvez o tal do Douglas, e acho que logo vou descobrir. Torno a apertar o cinto, fazendo tanto esforço que fico praticamente sem fôlego e meu coração acelera.

"Eu não quis dizer que essa parte veio de você. São muitas as perguntas. Precisamos que nos ajude a responder o máximo possível", diz Benton.

Começamos a dar ré, saindo do estacionamento, esperando o portão se abrir. Eu me sinto manipulada e mimada. Não sei ao certo se me lembro de alguma vez ter me sentido tão desnecessária em uma investigação, como se fosse um obstáculo e um aborrecimento com o qual as pessoas precisam ser politicamente corretas devido à minha posição, mas não levada a sério, e indesejada.

"Pensei que já tivesse visto de tudo. Estou avisando que a coisa é ruim, Kay." E a voz de Benton soa sem energia quando ele diz isso. Soa oca, como algo eviscerado.

19

A casa cinza com fundação de pedra antiga e um porão frio foi construída há séculos por um capitão de navio. A propriedade está gasta e foi corroída pelas intempéries, diretamente exposta ao sopro do mar, e jaz isolada no fim de uma rua estreita e gelada que recebeu uma camada grosseira de areia por parte da equipe de emergência municipal. Onde galhos se romperam, o gelo está estilhaçado sobre a terra congelada e brilha como vidro quebrado sob o sol alto que não oferece calor, apenas uma luz ofuscante.

A areia range contra a parte de baixo do utilitário enquanto Benton dirige bem devagar, procurando um lugar para estacionar, e eu olho para a claridade da rua coberta de areia, para o azul profundo e ondulante do mar e para o azul mais claro do céu sem nuvens. Já não tenho sono, nem mesmo a sensação de que conseguiria dormir se tentasse. Tendo acordado pela última vez às cinco e quinze da manhã de ontem em Delaware, estou de pé há cerca de trinta horas, o que para mim não é inédito, nem é fora do comum, quando paro para pensar em quantas vezes isso ocorre em uma profissão em que as pessoas não fazem a gentileza de matar ou morrer durante o expediente. Mas esse é um tipo de falta de sono diferente, estranha e pouco habitual, com a emoção adicional, que beira a histeria, de ter sido informada, ou de ter ficado implícito, que vivi muito tempo de minha vida com uma pessoa perigosa e de que sou o motivo de ela ter se transformado nisso.

Ninguém utilizou exatamente essas palavras, mas sei que é verdade. Benton é diplomático, mas eu sei. Não disse que é minha culpa o fato de pessoas terem sido mortas de forma brutal e inúmeras outras terem sido desrespeitadas e aviltadas, sem mencionar os que foram vítima das drogas, cujo nome talvez nunca saibamos, “ratos de laboratório”, como coloca Benton, de um projeto científico maléfico envolvendo uma forma potente de esteroide anabólico ou testosterona acrescida de um alucinógeno para aumentar a força e a massa

muscular e acentuar a agressividade e a coragem. Para fabricar máquinas de matar, para transformar seres humanos em monstruosidades sem córtex frontal, que não sabem medir as consequências, robôs humanos que matam selvagemente e não sentem remorso, não sentem praticamente nada, nem dor. Benton descreveu o que o dr. Liam Saltz contou ao FBI esta manhã, o pobre homem, desolado e aterrorizado.

O dr. Saltz desconfia que Eli tenha se envolvido com uma tecnologia perigosa e não autorizada na Otwahl, encontrando-se no meio de uma pesquisa da DARPA que deu errado, assustadoramente errado, e que estava prestes a avisar seu humanitário padrasto ganhador do Nobel, apresentar provas e implorar que desse um fim àquilo. Fielding acabou com Eli por estar usando essas drogas perigosas, talvez ajudando na distribuição, mas meu sub, com sua eterna paixão por força e beleza física e seus tormentos e dores crônicos, era acima de tudo um viciado. É essa a teoria por trás dos crimes perversos de Fielding, mas não creio que seja assim tão simples ou mesmo verdade. Acredito em outros comentários que Benton fez, no entanto. Eu fui boa demais com Fielding. Sempre fui. Nunca o enxerguei pelo que é ou aceitei seu potencial de causar danos reais. Consequentemente, permiti que causasse.

A neve se transformou em uma chuva gelada nos locais em que o oceano aquece o ar, e esta área de Salem Neck, também chamada Winter Island, onde Jack Fielding investiu em uma propriedade histórica da qual eu não fazia ideia, continua sem energia devido aos fios derrubados. Para chegar a ela é necessário passar pelo Lar Plummer para Meninos, uma bela mansão verde-musgo erguida em uma graciosa extensão de gramado com vista para o mar e uma vista distante do próspero resort de Marblehead. Não posso deixar de pensar na maneira como as coisas começam e terminam, como as pessoas tendem a correr sem sair do lugar, a apenas manter a cabeça fora d’água, nunca indo além de onde e como tudo começou.

Fielding interrompeu a vida onde decolou de forma abrupta, em um cenário pitoresco para jovens problemáticos que não podem viver com a família. Eu me pergunto se a escolha do local a pouca distância de um lar para meninos foi proposital, se foi um fator subconsciente para optar pela propriedade onde me

contaram que pretendia se aposentar, ou quem sabe vender com lucro quando o mercado imobiliário se recuperasse, depois que a tão necessária reforma estivesse terminada. Ele mesmo vinha trabalhando na casa e nos anexos e fazia um serviço ruim; Benton me avisou que estou prestes a ver a manifestação de sua mente desorganizada e caótica, a obra de alguém completamente fora de controle. Prestes a ver de que forma meu protegido viveu e sucumbiu.

"Você continua conosco? Sei que está cansada", diz Benton, tocando meu braço.

"Estou bem." Percebo que ele estava falando e eu não estava escutando.

"Não parece bem. Ainda está chorando."

"Não estou chorando. É o sol. Não acredito que tenha largado os óculos em algum lugar."

"Eu disse que você pode usar os meus." Ele me passou seus óculos enquanto continuava avançando lentamente ao longo da rua coberta de areia sob o sol ofuscante, produzindo um som áspero.

"Não, obrigada."

"Por que não me conta o que está acontecendo com você? Não vamos ter chance de conversar direito por algum tempo", diz ele. "Está com raiva de mim?"

"Você só está fazendo o seu trabalho, seja ele qual for."

"Está com raiva de mim porque está com raiva de Jack e tem medo de sentir raiva dele."

"Não tenho medo disso. Tenho mais medo dos outros", retruco.

"E isso quer dizer o quê, exatamente?"

"É uma coisa que estou percebendo e com a qual você não concorda, então vamos deixar por isso mesmo", digo olhando pela janela para o oceano azul e frio e para o horizonte distante, onde distingo casas à beira-mar.

"Talvez você possa ser um pouco mais específica. O que está percebendo? É algum raciocínio novo?"

"Não. E não é nada que ninguém queira ouvir", respondo e contemplo a tarde luminosa enquanto continuamos a rodar à procura de um local para estacionar.

Na realidade, não o estou ajudando a procurar vaga. Estou sentada, olhando

pela janela enquanto minha mente vai para onde quer, como um pequeno animal se lançando em todas as direções, à procura de um lugar seguro. Benton provavelmente me considera uma inútil. Apoiou e estimulou minha inutilidade ao esperar todo esse tempo para ir me levar a algo que acontece há horas. Estou chegando no meio do espetáculo, como se fosse um musical ou uma ópera, e não tivesse problema perambular por ali no meio ou perto do fim, dependendo do ato em que estamos.

"Meu Deus, isso é ridículo. Alguém podia ter deixado uma vaga para nós. Eu devia ter pedido a Marino para colocar cones, para guardar alguma coisa." Benton descarrega sua raiva nos carros estacionados e na rua estreita, em seguida diz: "Quero ouvir seja o que for. Seja ou não um novo raciocínio. Agora, enquanto temos um minuto sozinhos".

Não adianta dizer o resto, repetir o que estou percebendo, que há uma lógica calculista e cruel por trás do que foi feito a Wally Jamison, Mark Bishop e Eli Goldman, por trás do que aconteceu com Fielding, por trás de tudo, uma pauta formulada com precisão, mesmo que não tenha acontecido como planejado. Não que eu esteja ciente do plano em sua totalidade, talvez nem mesmo da maior parte dele, mas o que noto é palpável, inegável, e não vão me convencer do contrário. *Confie em seus instintos. Não confie em mais nada. Isso tem a ver com poder. O poder de controlar pessoas, de fazer com que se sintam bem ou assustadas, ou que sofram de forma insuportável. Poder sobre a vida e a morte.* Não vou repetir o que tenho certeza que parece irracional. Não vou dizer outra vez a Benton que percebo um insaciável desejo de poder, que sinto a presença de uma entidade assassina nos observando de algum lugar escuro, à espera. Certas coisas terminaram, mas não tudo, e não digo nada disso a ele.

"Vou ter que enfiar esse carro aqui e que se dane o resto." Na verdade ele não está falando comigo, mas consigo mesmo, aproximando-se o máximo possível de um muro de pedra para não deixar metade do carro para fora, na direção da rua escorregadia e coberta de areia. "Vamos esperar que ninguém bata em mim. Se isso acontecer, vai acabar tendo uma surpresa desagradável."

Imagino que o que ele esteja querendo dizer é que não seria divertido alguém se dar conta de que a porta na qual acaba de bater ou o para-choques que acaba

de arranhar é do FBI. O utilitário é um típico veículo do governo, preto com vidros escuros, assentos de tecido e luzes de emergência ocultas; no chão atrás, há dois copos de café impecavelmente presos dentro de uma caixa de papelão para viagem, junto com um saco de comida fechado. O veículo de guerra de algum agente atarefado, alguém asseado mas que nem sempre se encontra em local conveniente para jogar o lixo. Eu não sabia que Douglas era uma mulher até há pouco, quando Benton se referiu à agente especial que fazia uso do carro como "ela", ao me contar que *tinha* pesquisado a placa do Bentley que nos encontrou em Hanscom ontem à noite, um Flying Spur preto, 2003, quatro portas, de propriedade particular do presidente de uma empresa de serviços com sede em Boston, que fornece "motoristas discretos, com ares de porteiro", para conduzir qualquer veículo requisitado, explicando o motivo pelo qual o Bentley não possuía a placa de identificação para carros de aluguel.

A reserva foi feita on-line por alguém que usou um endereço de e-mail pertencente a Johnny Donahue, paciente do McLean sem acesso à internet ontem, quando o e-mail foi enviado de um endereço de IP que indicou um cibercafé próximo à Universidade Estadual de Salem, muito perto daqui. O cartão de crédito utilizado pertence a Erica Donahue, mas, até onde se sabe, ela não faz nada on-line e não mexe com computadores. É desnecessário dizer que nem o FBI nem a polícia acreditam que ela ou o filho tenham contratado o Bentley ou o motorista.

O FBI e a polícia acreditam que foi Fielding, que ele provavelmente teve acesso às informações do cartão de crédito da sra. Donahue a partir dos pagamentos que ela fez pelas aulas de tae kwon do que seu filho recebeu até ser impedido de voltar após ter tentado chutar seu instrutor, meu subordinado, grão-mestre faixa-preta de sétimo grau. Não está claro de que forma Fielding teve acesso à conta de e-mail de Johnny, a menos que, de alguma forma, tenha manipulado o adolescente ingênuo e vulnerável para que lhe fornecesse a senha, ou a tenha descoberto por outros meios.

O motorista, que não é suspeito de nada, a não ser de não ter se dado o trabalho de pesquisar Scarpetta antes de lhe entregar alguma coisa, recebeu a tarefa por despacho e, segundo esse despacho, ninguém que trabalha na empresa

conheceu a suposta sra. Donahue ou conversou com ela ao telefone. Na seção de avisos da reserva on-line, foi requisitado um “carro de luxo exótico” para uma “missão”, com a explicação que instruções adicionais e uma carta a ser entregue seriam deixadas no escritório central da empresa. Aproximadamente às seis da tarde, um envelope de papel pardo deslizou pela fenda de correspondências da porta principal e cerca de quatro horas mais tarde o motorista apareceu com ele em Hanscom Field e concluiu que Benton era eu.

Saltamos no ar frio e puro, e há gelo por toda parte, iluminado pelo sol, como se estivéssemos no interior de um lustre de cristal reluzente. Protegendo os olhos com a mão, vejo o mar azul-escuro se erguer e contrair como um músculo, arremetendo rumo ao interior para quebrar e espumar de encontro à costa polvilhada de rochas onde ninguém vive. Bem aqui, em outros tempos, um capitão de navio avistou uma paisagem que duvido que tenha mudado muito em centenas de anos, quilômetros de costa rochosa e praia, com matagais e árvores de madeira de lei, intocados e inabitáveis, pois fazem parte de um parque marinho recreativo, que por acaso possui uma doca.

Pouco adiante, depois do camping, onde a península se enrosca ao redor do porto de Salem, há uma área reservada aos iates, onde o Mako de vinte pés de Fielding foi envolto em película plástica e suspenso quando a polícia o encontrou esta manhã. Sei vagamente que Fielding possui um barco porque o ouvi fazer menção a ele, mas não sabia onde o guardava. Há vinte e quatro horas, eu nunca teria imaginado que o barco, o SUV Navigator azul-escuro sem a placa da frente, a pistola Glock com o número de série apagado ou tudo que Fielding possui e fez ao longo de toda a sua existência se tornaria o foco de uma investigação de homicídio.

No alto, um helicóptero Dauphin laranja, um HH-65A, também conhecido como Golfinho, avança baixo no céu azul e frio, seu rotor de cauda Fenestron embutido de dez pás produzindo o som modulado característico, descrito como ruído baixo, mas que para mim é um tom alto moderado, ameaçadoramente lamurioso, que lembra um pouco o C-17. O Departamento de Segurança está realizando vigilância aérea, do que também fui informada. Não sei por que motivo a polícia federal se ocupou do policiamento aéreo, terrestre e marítimo, a

menos que haja alguma preocupação com a segurança geral do porto de Salem, um local importante com uma imensa central energética. Ouvi a palavra *terrorismo* ser mencionada de passagem por Benton e há poucos minutos por Marino, quando estava com ele ao telefone, mas atualmente ouço muito essa palavra. Na verdade, o tempo todo. Bioterrorismo. Terrorismo químico. Terrorismo doméstico. Terrorismo industrial. Nanoterrorismo. Tecnoterrorismo. Quando paro para pensar a respeito, tudo é terrorismo. Da mesma forma que qualquer crime violento é abominável e, no fundo, um crime de ódio.

Continuo voltando à Otwahl, tudo me leva de volta à Otwahl, meus pensamentos conduzidos na asa de um *flybot* ou, como diz Lucy, ao Santo Graal dos *flybots*. Então penso no MORT, meu inimigo do passado, e no modelo em tamanho natural empoleirado como um inseto mecânico gigante no interior do apartamento em Cambridge alugado por Eli Goldman; em seguida, preocupo-me com o controverso cientista Liam Saltz, que deve estar irremediavelmente inconsolável. Talvez tenha apenas sido apanhado em uma dessas coincidências terríveis que acontecem na vida, tendo a trágica infelicidade de ser o padrasto de um jovem brilhante que se envolveu com uma ciência perversa, drogas e armas de fogo ilegais.

Um garoto inteligente demais para seu próprio bem, como coloca Benton, assassinado enquanto usava um anel de sinete antigo que desapareceu da casa de Erica Donahue, assim como desapareceram seu papel de carta, sua máquina de escrever e uma caneta-tinteiro, itens dos quais Fielding deve ter se apropriado de alguma forma. Ele deve ter se apossado de todo tipo de coisa pertencente ao aluno rico de Harvard que ele intimidava, Johnny Donahue, e não importa que para mim tudo isso pareça falso. Não posso provar que Fielding não trocou o anel de ouro por drogas. Não posso provar que não trocou a Glock por drogas. Não posso dizer que não é esse o motivo pelo qual Eli estava de posse do anel e da arma, que há algum outro, muito mais nefasto e perigoso do que o que Benton e os demais estão sugerindo.

Posso dizer e disse que Eli Goldman era um obstáculo ao progresso mercenário de uma empresa como a Otwahl, o denominador comum em tudo, mais do que o tae kwon do ou Fielding. Em minha opinião, se Fielding é tão

direta e unicamente responsável como todos afirmam, então deveríamos dar uma olhada séria e especial na Otwahl e nos perguntar o que ele tinha a ver com o lugar, além de ser um usuário, ou cobaia em alguma pesquisa, ou simplesmente alguém que ajudou a distribuir drogas experimentais até que ocasionaram sua completa aniquilação.

"A Otwahl e Jack Fielding", eu disse a Benton há pouco. Se Fielding é culpado de assassinato, de adulteração de caso, de obstrução da justiça e todo tipo de mentira e conspiração, então está intimamente ligado à Otwahl, ao seu estacionamento, onde o Navigator provavelmente ficou escondido ontem à noite durante a nevasca. "Você tem que estabelecer essa conexão de forma significativa", eu disse a Benton repetidas vezes durante o trajeto a este lugar desolado, dolorosamente belo e ainda assim destruído, como se a propriedade de Fielding fosse um borrão feio na tela de uma paisagem perfeita.

"A Otwahl Technologies e a casa de um capitão de navio do século XVIII em Salem Neck", eu disse a meu marido e pedi sua opinião a respeito, sua opinião honesta e objetiva. Afinal de contas, ele deveria ter uma opinião muito bem informada e totalmente objetiva, dada sua aliança com o *nós* bem informados e completamente objetivo, conforme declarei, esses seus companheiros anônimos, soldados misteriosos de um FBI ao qual Benton não mais pertence, ou pelo menos é o que alega, embora eu não acredite. Ele pertence ao FBI, tudo bem, e parece tão reservado e motivado quando o recordo de uma época que já passou faz tempo que eu talvez conseguisse aceitar se não me sentisse tão completamente só.

Benton nem sequer me ouve mais, praticamente ficou me olhando há alguns minutos quando comentei que Fielding deveria ter alguma ligação com a Otwahl além de ensinar artes marciais para alguns alunos inteligentes que estagiaram no monstro da tecnologia. A ligação deve ser mais do que apenas drogas. Emplastros analgésicos impregnados de droga não podem ser toda a explicação para o que estou prestes a encontrar no interior de um minúsculo anexo de pedra que Fielding estava transformando em quarto de hóspedes antes de supostamente ter descoberto outro uso para ele, o que lhe valeu outros nomes.

O Chalé da Matança, penso sombria e amargamente. *A Casa do Sêmen,*

imagino, agora cínica.

Destinado a ser a mais nova atração de Salem no Halloween, que se prolonga por todo o mês de outubro, com um milhão de pessoas provenientes do país inteiro peregrinando até aqui. Outro exemplo de local que se tornou famoso por atrocidades que já não parecem reais, lendas quase caricatas, como a bruxa na vassoura retratada no logotipo da cidade, que se encontra nos distintivos da polícia e até mesmo na porta das radiopatrulhas. Cuidado com o que você odeia e mata, porque um dia isso vai te dominar. A Cidade das Bruxas, como as pessoas apelidaram o lugar onde homens e mulheres foram conduzidos ao que hoje se chama Gallows Hill Park, o parque da forca, local semelhante àquele onde Fielding comprou a casa do capitão de navio. Locais que não mudam muito. Locais que hoje se transformaram em parques. Só que Gallows Hill é feio, e deveria mesmo ser. Um campo aberto e estéril, devastado pelo vento, onde predominam rochas, ervas daninhas e grama desigual e inferior. Nada cresce ali.

Pensamentos como esses são erupções solares e se erguem e aguilhoam com uma cadência que não consigo controlar quando Benton toca meu cotovelo, depois o segura com força ao atravessarmos a rua sem saída coberta de areia que se transformou em estacionamento de veículos da polícia, caracterizados ou não, alguns com o logotipo de Salem, a silhueta de uma bruxa montada em uma vassoura. Estacionada perto da casa do capitão, quase encostada aos fundos da construção, encontra-se a van branca para transporte de corpos do CFC, que Marino trouxe para cá horas atrás, enquanto eu estava na sala de autópsias e depois no andar de cima, sem a menor ideia do que ocorria cerca de cinquenta quilômetros a noroeste. A traseira da van está aberta, e Marino está lá dentro, usando botas verdes de borracha, capacete amarelo e macacão nível A amarelo, o que usamos para tarefas que requerem proteção contra riscos biológicos e químicos.

Cabos serpenteiam sobre o piso de aço e saem pelas portas de metal abertas por sobre o caminho sem calçamento coberto de gelo, desaparecendo na frente do chalé de pedra, que deve ter sido um anexo atraente e aconchegante antes de Fielding o transformar em um canteiro de obras com blocos de fundação

expostos, o chão coberto de gelo cinza. A área atrás da casa do capitão é um feio despejo de cimento, pilhas caídas de madeira e tijolos, ferramentas enferrujadas, telhas, tiras para vedação e pregos por toda parte. Um carrinho de mão se acha frouxamente coberto por uma lona preta que se agita, todo o perímetro cercado pela fita amarela de isolamento de cena de crime, que balança e salta ao sabor do vento.

"Temos energia suficiente nessa coisa para as luzes e é isso aí. Restam aproximadamente cento e vinte minutos de operação", informa Marino enquanto vasculha um recipiente de armazenagem embutido.

Ele está se referindo à unidade auxiliar de energia, o APU, que mantém o sistema elétrico da van em funcionamento com o motor desligado e fornece energia externa de emergência em quantidade limitada.

"Supondo que a energia elétrica não volte. Mas talvez a gente tenha sorte. Fiquei sabendo que pode voltar a qualquer momento, que o principal problema são aqueles postes derrubados pelas árvores quebradas por que você provavelmente passou na Derby Street, a caminho daqui. Mas, mesmo que a eletricidade volte, não vai adiantar de grande coisa lá dentro." Ele está se referindo ao anexo de pedra. "O lugar não tem aquecimento nenhum. Está frio para cacete e depois de algum tempo isso afeta a pessoa, já vou avisando", diz ele do interior da van, enquanto Benton e eu permanecemos do lado de fora ao vento e ergo a gola do casaco. "Frio como a porra da nossa geladeira no necrotério, se é que você consegue se imaginar trabalhando ali durante horas."

Como se eu nunca tivesse trabalhado em cenas de crime com o tempo gelado e não estivesse familiarizada com geladeiras de necrotério.

"É claro que há algumas vantagens nisso se a luz cai, o que acontece por essas bandas quando ocorrem tempestades. Ele não tinha gerador de emergência", continua Marino.

Fielding, Marino quer dizer.

"Quando o freezer desliga, ele perde tudo. Ligar um aquecedor portátil na potência máxima claramente pretendia destruir o DNA, assim nunca saberíamos de quem ele tinha colhido a merda. Você acha que é possível?", pergunta ele.

"Não tenho certeza de que parte…", começo a dizer.

“Para que a gente não identifique os corpos. Não é possível?”, continua Marino, falando sem parar, como se estivesse bebendo café desde que o vi pela última vez. Seus olhos estão injetados de sangue e opacos.

“Não”, respondo. “Não acho possível. Acho que vamos descobrir de qualquer jeito.”

“Então você não acha tão inútil quanto tapioca?”

“Jesus”, diz Benton. “Eu podia ter passado sem essa. Como eu queria que você parasse com as analogias culinárias.”

“Precisamos de um número baixo de cópias.” Lembro a Marino que podemos conseguir um perfil de DNA a partir de apenas três células humanas. A menos que praticamente todas as células estejam degeneradas, estaremos bem, asseguro.

“É justo tentar.” Marino fala comigo como se Benton não estivesse presente, dirigindo todos os comentários a mim, como se estivesse no comando e não quisesse se lembrar de meu marido do FBI ou ex-FBI. “O que estou querendo dizer é, e se fosse seu filho?”

“Concordo que temos que fazer as identificações e avisar os parentes próximos”, respondo.

“E ser processados, agora que estou pensando nisso”, reconsidera Marino. “Bom, talvez não devêssemos informar a ninguém. Parece-me que só precisamos saber de quem o material se originou. Por que avisar as famílias e jogar merda no ventilador?”

“Divulgação completa”, diz Benton em tom irônico, como se de fato soubesse o que é isso. Ele está olhando para seu iPhone, lendo alguma coisa, em seguida acrescenta: “Porque muitos deles provavelmente já sabem. Estamos presumindo que Fielding combinou com eles de antemão para pagarem pelo serviço que estava oferecendo. Não dava para esconder”.

“Não vamos fazer isso”, retruco. “Não escondemos nada, ponto final.”

“Bom, vou te dizer. Acho que realmente devíamos instalar câmeras dentro da geladeira, não só do lado de fora, no corredor, na baia e em certas salas, mas lá dentro de fato”, diz Marino se dirigindo a mim, como se sempre tivesse acreditado que devêssemos ter câmeras no interior das geladeiras. Na realidade, ele nunca mencionou a ideia. “As câmeras funcionariam lá dentro?”, continua

ele.

“Funcionam ao ar livre. Aqui faz mais frio no inverno do que na geladeira”, comenta Benton em tom enfadonho, mal ouvindo Marino, que está cheio de si, desfrutando seu papel no drama que se desenrolou, além de nunca ter gostado de Fielding. Não consigo pensar em um *Não disse?* maior que esse.

“Então precisamos fazer isso”, diz Marino. “Instalar câmeras e chega dessa merda, chega de gente fodendo tudo e achando que pode se dar bem.”

Olho para trás, para as botas e os sapatos enfileirados diante da passagem que conduz ao interior do chalé. O Chalé da Matança. O Chalé do Sêmen. Alguns policiais o estão chamando de a Pequena Loja dos Horrores.

“Câmeras”, ouço Marino enquanto olho para o chalé de pedra. “Se tivéssemos câmeras na geladeira, teríamos tudo registrado em fita. Talvez isso seja uma coisa boa. Merda, imagine se uma coisa dessas vazasse e acabasse no YouTube. Fielding fazendo isso com todos os cadáveres. Jesus. Mas aposto que vocês têm câmeras assim em Dover.”

Ele nos entrega macacões amarelos iguais ao dele.

“Dover tem câmeras nas geladeiras, certo?”, continua ele. “Tenho certeza de que o Departamento de Defesa bancaria isso e nada melhor que o momento presente para pedir, certo? À luz dos acontecimentos, acho que nada está fora de cogitação quando se trata de reforçar a segurança do local…”

Percebo que Marino continua falando comigo, mas não respondo, porque estou preocupada com o que há na cabine da van. De repente, sinto meu corpo se inundar de compaixão enquanto permaneço ali de pé exposta ao frio, ao vento e à luz ofuscante, com meu macacão nível A dobrado e enfiado embaixo do braço enquanto Benton veste o dele.

E Marino prossegue alegremente, como se fosse o mais perfeito carnaval:

“Como eu disse, é bom que esteja frio. Não me imagino trabalhando nisso em um daqueles dias de trinta e cinco graus de Richmond, úmidos, em que nada se move. Que babaca de merda. Nem olhava o banheiro lá dentro; a última vez que deram a descarga deve ter sido quando ainda queimavam bruxas por aqui…”

“Elas foram enforcadas”, ouço minha própria voz dizer.

Marino olha para mim com ar inexpressivo no rosto avantajado. Seu nariz e

suas orelhas estão vermelhos, o capacete está empoleirado no alto da calva como a tampa de um hidrante amarelo.

“Como ele está?” Indico a cabine da van e seu conteúdo.

“Anne é a própria dr. Dolittle. Sabia que ela queria ser veterinária antes de virar a Madame Curie?” Ele continua a dizer *curry*, como o condimento, não importa quantas vezes eu tenha dito que é *Curie*.

“Mas vou te dizer uma coisa”, prossegue ele então. “É bom que o aquecimento não tenha ficado desligado na casa por mais de cinco, seis horas antes que alguém chegasse. Cães como esse não têm muito mais pelo que eu. Ele se enfiou debaixo das cobertas no ninho de rato que é a cama de Fielding e continuava tremendo como se estivesse tendo uma convulsão. É claro que ficou apavorado. Todos esses policiais, o FBI invadindo com todo o equipamento tático, com tudo. Sem falar que já ouvi dizer que galgos não gostam de ficar sozinhos, têm… como se chama? Ansiedade pela separação?”

Marino abre outro compartimento de armazenagem e me entrega um par de botas, sabendo meu tamanho sem perguntar.

“Como é que você sabe que é a cama de Jack?”, pergunto.

“Tem merda dele para todo lado. De quem mais seria?”

“Precisamos ter certeza de tudo.” Vou continuar dizendo isso. “Ele estava aqui no meio do nada. Sem vizinhos, sem olhos nem ouvidos, o parque deserto nesta época do ano. Como tem certeza de que estava sozinho? De que ele não recebeu ajuda?”

“De quem? Quem diabos ajudaria Fielding a fazer uma coisa dessas?” Marino olha para mim e vejo em seu rosto amplo o que está pensando. Que não consigo ser racional quando se trata de Fielding. É exatamente o que ele pensa, provavelmente o que todos pensam.

“Precisamos manter a mente aberta”, retruco, em seguida torno a indicar a cabine da van e perguntar pelo cão.

“Ele está bem”, responde Marino. “Anne conseguiu comida, frango e arroz daquele restaurante grego em Belmont, ajeitou uma cama boa e confortável, e o aquecimento está detonando, aquilo parece um forno, provavelmente puxando mais para aquecer o rabo magro dele do que o porão. Quer ver o cachorro?”

Ele nos entrega grossas luvas de borracha preta e luvas de nitrila descartáveis, e Benton sopra as mãos para aquecê-las enquanto continua a enviar e ler as mensagens de texto que chegam a seu telefone. Não parece interessado em nada do que Marino e eu estamos dizendo.

"Primeiro vou cuidar das outras coisas", respondo por não conseguir, no momento, ver um cão abandonado que foi deixado só em uma casa escura como breu, sem aquecimento, depois de o dono ser assassinado pela pessoa que o roubou. Ou assim reza a teoria.

"A rotina é a seguinte", diz Marino então, pegando dois capacetes amarelos e os estendendo em nossa direção. "Ali vocês vão ver cubas de plástico para descontaminação." Ele aponta para um trecho de terra perto de uma placa de madeira compensada que faz as vezes de porta principal do chalé. "Não vão querer deixar rastos de nada fora do perímetro. Os macacões e botas ficam bem ali."

Ao lado das três cubas plásticas cheias de água, há um frasco de detergente e fileiras de calçados, botas e sapatos das pessoas que estão no interior do chalé, inclusive o que reconheço como botas marrons em tamanho masculino. Com base no que estou vendo, há pelo menos oito investigadores trabalhando na cena, até mesmo alguém que talvez pertença ao Exército, que pode ser Briggs. Marino se curva para verificar o medidor do APU revestido em aço na traseira da van, em seguida desce ruidosamente os degraus rumo à claridade e o brilho do gelo que recobre as árvores desfolhadas como se estivessem cheias de vidro. Pendurados por toda parte, há longos e afiados pingentes de gelo, que me fazem recordar cravos e lanças.

"Então o que vocês podem fazer agora é vestir o equipamento", diz Marino em meu favor, já que Benton se afastou sem ouvir, ocupado com o telefone, comunicando-se com alguém.

Marino e eu começamos a caminhar rumo ao chalé, tomando cuidado para não escorregar no gelo acidentado que recobre a terra e a lama sulcadas e o entulho que Fielding não limpou.

"Deixe os sapatos aqui", instrui Marino, "e se você precisar usar o banheiro ou sair para respirar um pouco de ar puro se certifique de tirar as botas antes de

tornar a entrar. Tem um monte de merda lá dentro que você não vai querer espalhar por toda parte. Nem mesmo sabemos do que se trata, pode ser algo que não conhecemos, é a minha opinião. Mas o que sabemos é que é alguma coisa que você não vai querer espalhar por todo lado, e sei que dizem que o vírus da aids não consegue viver muito tempo depois da morte, ou seja lá o que for, mas eu é que não quero testar isso."

"O que já foi feito?" Desdobro o macacão e o vento quase o arranca das minhas mãos.

"Coisas que você não vai querer fazer e que não deveriam ser problema seu." Marino enfia as mãos imensas em um par de luvas roxas.

"Vou fazer tudo o que precisa ser feito", lembro.

"Você vai precisar das luvas grossas de borracha se for começar a tocar em tudo lá dentro." Marino as coloca a seguir.

Sinto vontade de retrucar que não estou aqui para fazer turismo. É claro que vou tocar em tudo. Mas não pretendo me rebaixar dizendo que apareci para trabalhar a cena do crime, como se fosse um soldado prestando contas a Marino e batendo continência a seguir. Não que eu não perceba o que Marino está fazendo, o que todos estão fazendo. Ironicamente, ninguém quer que eu me sinta culpada daquilo que a sra. Donahue acusa Fielding. Tampouco quero gerar conflito e compreendo que não deveria ser eu a examinar alguém que trabalhou para mim e, segundo os boatos, com quem fiz sexo a certa altura da vida.

O que não compreendo é por qual motivo não me sinto mais contrariada do que estou. A única tristeza da qual estou ciente no momento é a que sinto pelo cão, que está dormindo sobre toalhas na cabine da van do CFC. Tenho medo de sucumbir se vir o cachorro e, de cada dois pensamentos, um é de ansiedade por ele. Para onde vai? Não para um abrigo de animais. Não vou permitir. Faria sentido Liam Saltz ficar com ele, mas Saltz mora na Inglaterra e como levaria o cão para o Reino Unido a não ser no bagageiro de algum jato, o que também não vou permitir? A pobre criatura já passou por muita coisa na vida.

"É só ter cuidado." Marino prossegue com suas instruções, como se eu não soubesse nada do que está acontecendo. "E, só para você saber, fizemos a van ir de um lado para o outro, como um relógio."

É, estou sabendo. Fui eu que dei corda no mecanismo. Vejo Benton se encaminhar de volta à van, conversando com alguém ao telefone, e me sinto desprezada. Irrelevante. Sinto que não sou útil nem de interesse para nada nem ninguém.

“Praticamente sem parar; já temos trinta ou quarenta amostras de DNA em andamento, muitas delas não completamente descongeladas, então talvez você esteja certa e tenhamos sorte. A van leva as provas, dá meia-volta e retorna, está chegando agora mesmo enquanto conversamos”, diz Marino.

Eu me curvo e desamarro uma das botas.

“Anne dirige como um demônio. Eu não sabia. Sempre imaginei que dirigisse como uma velha, mas ela entra e sai daqui deslizando como se aquela porcaria estivesse em cima de esquis. É impressionante”, diz Marino, como se gostasse dela. “De qualquer maneira, está todo mundo trabalhando como ajudante de Papai Noel. O general disse que pode trazer pesquisadores de Dover para dar cobertura. O que você acha?”

No momento não sei o que quero, fora a oportunidade de avaliar a situação por mim mesma, e deixei isso bem claro.

“Não é uma decisão sua”, respondo, desamarrando a outra bota. “Vou cuidar disso.”

“Ao que parece, seria útil ter o AFDIL.” Marino diz isso de um jeito que me deixa desconfiada e olho para as botas de combate marrons ao lado das cubas de descontaminação.

Já é bastante estranho que Briggs esteja aqui, e me passa pela cabeça que ele talvez não seja o único de Dover a ter dado as caras.

“Quem mais?”, pergunto a Marino enquanto me apoio em blocos de concreto para recuperar o equilíbrio. “Rockman ou Pruitt?”

“É, o coronel Pruitt.”

Outro homem do Exército, Pruitt é diretor do Laboratório de Identificação de DNA das Forças Armadas, o AFDIL.

“Ele e o general vieram juntos”, acrescenta Marino.

Não pedi a nenhum dos dois que viesse, mas não precisam que eu peça. Além disso, Marino pediu, ou ao menos admitiu ter convidado Briggs. Ele me contou

ao telefone, quando eu estava a caminho. Disse, de passagem, que esperava que eu não me importasse por ele ter tomado essa liberdade, sobretudo visto que Briggs supostamente vinha telefonando e eu supostamente não vinha atendendo, então Briggs saiu atrás de Marino. Queria notícias de Eli, o homem de Norton's Woods, e Marino contou o que sabíamos sobre o caso e "tudo o mais", segundo me informou, esperando que eu não me importasse.

Respondi que me importava, mas que o que está feito está feito. Ao que parece, repito isso um bocado, e foi o que eu disse a Marino ao telefone durante o trajeto de carro até aqui. Que certas coisas haviam sido feitas porque Marino as havia feito, e que não posso administrar uma repartição assim, embora o que estava implícito mas não tenha sido expresso era que a presença de Briggs era um desses casos. Ele está aqui porque não consigo administrar uma repartição. Não dessa forma. De modo algum. Se conseguisse administrar o CFC como o governo, o MIT, Harvard e todos esperavam, ninguém estaria investigando a cena desse crime, pois ela não existiria.

O macacão amarelo é duro e pressiona meu queixo enquanto calço as botas verdes de borracha e Marino afasta do caminho a porta improvisada de madeira compensada. Por trás dela, uma ampla folha de plástico translúcido e grosso presa à parte superior da moldura da porta pende como uma cortina.

"Só para que fique claro, estou mantendo a cadeia de custódia", torno a dizer. "Vamos fazer isso como sempre fizemos."

"Se você está dizendo."

"Estou dizendo."

Tenho o direito de dizer isso. Briggs não está acima da lei. Precisa respeitar a jurisdição e, para o bem ou para o mal, este caso pertence a Massachusetts e aos poderes de onde o crime ocorreu.

"Só acho que qualquer ajuda que conseguirmos…", começa Marino.

"Sei o que você acha."

"Olha, não vai haver nenhum julgamento", diz ele a seguir. "Fielding poupou à comunidade um monte de dinheiro."

20

O ar está pesado pelo cheiro de fumaça, e percebo que a lareira, na parede mais afastada, está repleta de pedaços de madeira parcialmente queimada, cobertos por nuvens onduladas de cinza esbranquiçada, delicada, como que tecida por uma aranha, porém em camadas. Alguma coisa de combustão limpa, como tecido de algodão, imagino, ou um papel caro, com baixo teor de madeira.

Quem quer que tenha acendido o fogo o fez com a chaminé fechada, e a suposição é que tenha sido Fielding, mas ninguém sabe ao certo por que, a menos que ele estivesse fora de si ou esperasse que a Pequena Loja dos Horrores por fim se reduzisse a cinzas. Mas, se foi essa sua intenção, ele seguramente não seguiu o caminho certo, e tomo mentalmente nota de um galão de gasolina a um canto e de latas de solvente, panos e pilhas de madeira serrada. Para onde quer que eu olhe, vejo oportunidades de deflagrar facilmente um incêndio, portanto a lareira não faz sentido, a não ser que ele estivesse muito perturbado para pensar com clareza no final, ou não estivesse tentando incendiar a construção, mas se livrar de alguma coisa, talvez destruir provas. Ou outra pessoa pode ter tentado fazer isso.

Olho ao redor sob a iluminação desigual e hostil das extensões provisórias de luz de baixa voltagem penduradas em ganchos instalados em postes, com as lâmpadas dentro de gaiolas. Espalhadas sobre uma bancada velha, escoriada e manchada de tinta, há ferramentas manuais, braçadeiras, brocas, pincéis, baldes com pregos e parafusos em L para assoalhos e ferramentas elétricas, como uma furadeira conectada a um parafusador, uma serra circular, uma lixadeira de acabamento e um torno mecânico em um suporte metálico. Há lascas de metal, algumas delas reluzentes, e serragem sobre a bancada e o piso de concreto, tudo imundo e coberto de ferrugem, sem nada, além de plástico grosso e mais compensados de madeira presos com grampos e pregos às janelas protegendo da maresia e do mau tempo os investimentos de Fielding em reforma doméstica. No

outro lado do aposento há uma segunda entrada, escancarada, e ouço vozes e outros sons que procedem da escada que conduz ao porão.

“O que vocês recolheram aqui dentro?”, pergunto a Marino enquanto olho ao redor e imagino o que vi ao microscópio. Se eu pudesse ampliar amostras do espaço de trabalho de Fielding, desconfio que veria um depósito de lixo composto de ferrugem, fibras, mofo, poeira e partes de inseto.

“Bom, quando você examina as lascas de metal, é óbvio que algumas delas são recentes, porque não enferrujaram e estão muito brilhantes”, responde Marino. “Então colhemos amostras, que foram para o laboratório para ver se, ao microscópio, elas parecem com o que você encontrou no corpo de Eli Saltz.”

“O sobrenome dele não é Saltz”, lembro pela enésima vez.

“Para comparar as marcas”, continua Marino. “Não que existam motivos para duvidar do que Fielding fez. Encontramos a caixa.”

A caixa da WASP.

“Um par de cartuchos de CO_2 usados, um par extra de cabos, até o manual de instruções”, continua Marino. “A parafernália toda. De acordo com a empresa, Jack encomendou a faca há dois anos. Talvez por causa do mergulho.” Ele encolhe os ombros grandes dentro do macacão amarelo avantajado. “Não acho que ele tenha encomendado o instrumento dois anos atrás para matar Eli. Nessa época Jack estava em Chicago. Mas dá para se perguntar para que ele precisaria da WASP.” Marino perambula com suas imensas botas verdes e não para de olhar para a abertura que conduz à escada que dá no andar inferior, como se estivesse curioso a respeito do que está sendo dito e feito lá embaixo. “Que eu saiba, a única coisa que mata nos Grandes Lagos é a quantidade de mercúrio nos peixes.”

Ele continua: “Está com a gente. Estamos com a caixa e os cartuchos de CO_2. Estamos com tudo”.

Quero saber em que laboratório. Quero ter certeza de que Briggs não está enviando minhas provas para o laboratório do AFMES em Dover.

“Menos a faca que estava na caixa, a WASP em si. A faca ainda não apareceu. Meu palpite é que ele se livrou dela depois de esfaquear o cara, talvez a tenha atirado de cima de alguma ponte ou coisa assim. Não é de admirar que não quisesse que ninguém fosse até a cena em Norton’s Woods, certo?” Os olhos

injetados de Marino me contemplam, em seguida examinam distraidamente o entorno, como agem as pessoas quando nada do que estão vendo é novidade. Ele chegou muitas horas antes de mim.

“E aqui dentro?” Agacho em frente à lareira, que é aberta e feita de tijolos refratários antigos, provavelmente originais. “O que foi feito aqui?” Meu capacete desliza na direção dos olhos. Eu o retiro e deposito no chão.

“O que você quer saber?” Marino me observa do alto.

Desloco meu dedo enluvado na direção das cinzas esbranquiçadas, que não têm peso e se erguem e rodopiam à medida que o ar se movimenta, como se meus pensamentos as estivessem agitando. Cogito a melhor maneira de preservar o que estou vendo, sendo as cinzas demasiado frágeis para serem deslocadas como um todo, e estou certa de que identifico o que ocorreu na lareira, ou ao menos parte do que ocorreu. Já vi isso, mas não recentemente, talvez há mais de dez anos. Quando documentos são incinerados hoje, em geral foram impressos, não datilografados, em papel barato, com alto teor de polpa de madeira, que queima de forma incompleta, gerando muita cinza preta e fuliginosa. Papel com alto teor de pasta de algodão tem aparência completamente diferente quando incinerado, e o que me vem de imediato à mente é a carta que Erica Donahue alega não ter escrito.

“O que recomendo”, digo a Marino, “é cobrir a lareira para que as cinzas não se alterem. Precisamos fotografá-las no local antes de movê-las. Então, vamos fazer isso antes de recolher o material para levar ao laboratório de documentos.”

Os pés de Marino, cobertos por botas, aproximam-se, e ele pergunta: “Para quê?”.

O que está realmente perguntando é por qual motivo estou agindo como investigadora da cena do crime. Minha resposta, caso fosse dar alguma, o que não vou fazer, é porque alguém precisa agir como tal.

“Vamos terminar isso da maneira como deve ser, como sempre fizemos.” Enfrento seu olhar vidrado e o que estou de fato dizendo é que nada está encerrado. Não me importa o que todos pensam. O caso não está encerrado até que termine.

“Vamos ver o que temos aí.” Ele agacha ao meu lado, os macacões amarelos

produzindo um som de plástico à medida que nos movimentamos. Seu leve odor me faz lembrar cortinas de chuveiro novas.

“Caracteres datilografados.” Aponto e as cinzas tornam a se mover.

“Você é vidente e devia conseguir emprego em alguma loja de magia por aqui se consegue ler algo que foi incinerado.”

“Dá para ler algo porque o papel caro tem combustão limpa, fica branco e dá para enxergar os caracteres a tinta produzidos pela máquina de escrever. Já vimos coisas assim, Marino. Só que faz muito tempo. Está vendo para onde estou olhando?” Aponto, o ar se movimenta e as cinzas se agitam mais um pouco. “Dá para ver a gravação a tinta do papel timbrado dela, ou um pedaço pelo menos. Boston e parte do código postal. O mesmo da carta que recebi da sra. Donahue, ainda que ela tenha dito que não me mandou nada e que sua máquina de escrever desapareceu.”

“Bom, temos uma aqui na casa. Verde, antiga, portátil, em cima da mesa da sala de jantar.” Marino se ergue e dobra as pernas, como se seus joelhos doessem.

“A casa ao lado tem uma máquina de escrever verde?”

“Pensei que Benton tivesse contado.”

“Acho que ele não conseguiu me contar tudo em uma hora.”

“Não fique irritada. Ele provavelmente não conseguiu mesmo. Você não vai acreditar no monte de merda que tem aqui ao lado. Ao que parece, quando Fielding se mudou para cá, não arrumou as coisas. Tem caixa para tudo quanto é lado. Aquilo lá parece a porra de um depósito de lixo.”

“Duvido que ele tivesse uma máquina de escrever portátil. Duvido que fosse dele.”

“A menos que estivesse em conluio com o Donahue. E foi daí que resultou um monte de merda.”

“Não de acordo com a mãe dele. Johnny não gostava de Jack. Então, como Jack podia estar com a máquina de escrever da sra. Donahue?”

“Se é que é a dela. Não sabemos. E, depois, tem as drogas”, diz Marino. “É óbvio que Johnny vem usando desde que começou a ter aulas de tae kwon do com Fielding. Um mais um é igual a dois, certo?”

“Vamos descobrir o que faz sentido e o que não faz. E papel de carta?”

“Não vimos nenhum.”

“A não ser o que parece estar ali dentro.” Lembro que, aparentemente, parte do papel de carta de Erica Donahue pode ter sido incinerado, ou todo ele, a não ser pela carta que alguém me escreveu fingindo ser ela.

“Escute…” Marino não conclui o que está prestes a dizer.

Não é necessário. Sei o que é. Vai lembrar que não sou razoável quando se trata de Fielding. Marino acha que eu já deveria saber disso. Por nossa própria história. Ele também estava lá no começo. Recorda a época em que Fielding era meu colega em patologia forense em Richmond, meu protegido e, na cabeça de muita gente, ao que tudo indica, muito mais que isso.

“Isso estava aqui exatamente assim?”, pergunto a seguir, indicando um rolo de fita vedante cinza-chumbo sobre a bancada.

“Estava, com certeza”, responde ele enquanto se agacha ao lado de uma maleta aberta no chão, contendo kits de cena de crime, e extrai um saco para acondicionar evidências, pois o rasgo no rolo de fita pode corresponder à última tira extraída dele. “Então me diga: como ele pode ter se apoderado dela e para quê?”

Ele está se referindo a Fielding. Como Jack Fielding se apoderou da máquina de escrever de Erica Donahue e qual foi seu propósito ao escrever uma carta supostamente de autoria dela e fazer com que me fosse entregue em mãos por um motorista de aluguel que em geral trabalha em eventos como bar-mitzvá e casamentos? Johnny Donahue de fato entregou a Fielding a máquina de escrever e o papel de carta? Nesse caso, por quê? Talvez Fielding tenha simplesmente manipulado Johnny. Atraído o rapaz para uma armadilha.

“Quem sabe numa última tentativa de incriminar o garoto?”, diz Marino então, respondendo a própria pergunta, que expressa minhas reflexões e o que estou prestes a descartar. “Uma boa pergunta para Benton.”

Mas Benton está afastado, falando ao telefone ou talvez em uma conferência com seus colegas do FBI, possivelmente com a agente Douglas. Fico aborrecida ao pensar nela e espero estar apenas paranoica e magoada e que não tenha motivos para me preocupar com a natureza do relacionamento dele com ela.

Espero que o copo extra de café na traseira do utilitário não pertença a Benton, que ele não tenha rodado por aí com ela, passado muito tempo juntos enquanto eu estava em Dover e antes disso, quando ficava indo e voltando de Washington. Ocorre a mim que sou não só facilitadora e má mentora, mas uma péssima esposa. Tudo parece destruído. Acabado. Parece que estou trabalhando na cena da minha própria morte, como se a vida que eu conhecia de alguma forma não tivesse sobrevivido enquanto estive fora e estou investigando, tentando reconstruir o que me matou.

"É isso o que precisamos fazer agora", digo a Marino. "Imagino que ninguém tenha mexido na máquina de escrever… é uma Olivetti?"

"Ficamos bastante ocupados por aqui." O que ele está dizendo é que a polícia tem assuntos mais importantes a tratar do que uma velha máquina de escrever. "Encontramos o cachorro lá dentro, como já contei. E um quarto que Fielding aparentemente estava usando; dá para perceber que ele estava morando esporadicamente na casa, mas foi aqui que aconteceu." Marino indica o anexo onde estamos. "A máquina de escrever está dentro de uma maleta em cima da mesa da sala de jantar. Abri para ver o que tinha dentro, mas foi só."

"Colha esfregaços das chaves em busca de DNA antes de acondicionar a maleta para transportar para o laboratório, e quero que os esfregaços saiam na próxima viagem que a van fizer para levar as provas. Eles devem ser analisados em primeiro lugar, porque podem nos informar quem escreveu a carta endereçada a mim", digo.

"Acho que sabemos quem foi."

"Depois a máquina de escrever vai para o laboratório de documentos, para podermos comparar a tipologia com a da carta que recebi, com uma fonte cursiva, e analisamos a fita vedante do envelope para ver se é proveniente do rolo que acabamos de encontrar e se descobrimos nela alguma pista, DNA, impressões digitais ou sabe-se lá o quê. Não se surpreenda se as informações apontarem para os Donahue. Se as pistas procederem da casa deles, ou as impressões digitais e o DNA forem oriundos dessa fonte, quer dizer."

"Por quê?"

"Para incriminar o filho deles."

“Eu não sabia que Jack era assim esperto”, diz Marino.

“Eu não disse que ele incriminou ninguém. Não investiguei nem condenei Jack ou qualquer outra pessoa”, retruco sem rodeios. “Temos o perfil de DNA e as impressões digitais dele para fins de exclusão, assim como os de todos nós. Então ele deve ser fácil de incluir ou excluir como culpado. E se houver outros perfis? Se encontrarmos DNA de mais de uma fonte, o que certamente deveríamos esperar? Passamos os perfis imediatamente pelo CODIS.”

“Certo. Se é isso que você quer.”

“Examinamos os perfis de saída, Marino. Porque sabemos onde está Jack. Mas e se alguém mais estiver envolvido, inclusive os Donahue? Não podemos perder tempo.”

“Certo, doutora. O que você quiser”, diz Marino, e posso ler seus pensamentos.

Esta é a casa de Jack Fielding. Este é seu Porão da Morte, sua Pequena Loja dos Horrores. Por que ter todo esse trabalho? Mas Marino não vai me dizer isso. Acha que estou em processo de negação. Que conservo a esperança, remota e irracional, de que Fielding não matou ninguém, que outra pessoa estava magicamente usando sua propriedade e seus pertences e é responsável por tudo, outra pessoa que não Fielding, que é a vítima e não o monstro que todos agora acreditam que seja.

“Não sabemos se a família dele esteve aqui”, lembro a Marino em tom paciente e sereno, porém apreensivo. “A mulher dele, as duas filhas. Não sabemos quem esteve na casa e tocou nos objetos.”

“Só se elas vieram de Chicago para ficar nessa espelunca.”

“Quando exatamente se mudaram de Concord?” A família morava com Fielding lá, em uma casa que ele havia alugado e o ajudei a encontrar.

“No outono passado. O que se encaixa”, Marino levanta ainda mais uma hipótese. “Com o jogador de futebol americano e o que aconteceu depois que a família de Fielding voltou para Chicago e ele veio para cá, viver como um vagabundo enquanto ajeitava o lugar. Ele podia ter te enviado um e-mail e informado que as coisas não estavam dando certo para ele por aqui. Que a mulher e as filhas se mandaram pouco depois que o CFC começou a funcionar.”

“Ele não me contou. Isso me entristece.”

“É, bom, não me venha dizer que eu deveria ter contado.” Marino lacra o rolo de fita vedante em um saco plástico para evidências. “Não era assunto meu. Eu não ia iniciar minha carreira aqui dedurando funcionários e contando a você que Fielding continuava o fodido anticonvencional de praxe; você com certeza devia esperar por isso quando achou que era uma ideia brilhante trazer o cara de volta.”

“Eu devia esperar por isso?” Sustento o olhar injetado e ressentido de Marino.

“Coloque o capacete antes de descer. Tem um monte de merda pendendo do teto, tipo essas luzes idiotas penduradas, como se fosse Natal. Tenho que voltar à van e sei que você precisa de um minuto.”

Ajusto a catraca do capacete para deixá-lo mais apertado, e não é porque preciso de um minuto que Marino não vai descer comigo ao porão. Não é por ser sensível o bastante para me dar uma chance de lidar com o que há lá embaixo sem que esteja ao meu lado, bafejando em meu cangote. Talvez ele tenha se convencido disso, mas enquanto o ouço mergulhar as botas nas cubas diante da porta, entrando e saindo da água, posso imaginar quão desagradável dever ser para ele uma cena como essa. Tem pouco a ver com o desagrado acerca dos fluidos corporais descongelando e se decompondo, ou mesmo com sua preocupação com hepatite, HIV ou algum outro vírus, e tudo a ver com a maneira como os fluidos corporais chegaram aqui. A ablução de Marino nas cubas plásticas cheias de água e detergente é sua tentativa de se purificar da culpa que sei que sente.

Ele não viu Fielding fazer nada do que fez, e é esse o problema que Marino está enfrentando. Ele acha que deveria ter percebido, e, tal como expliquei a Benton enquanto estávamos vindo para cá e depois expliquei a Marino ao telefone, a extração de esperma não difere muito de uma vasectomia, a não ser pelo fato de que, quando o procedimento é realizado em um cadáver, é ainda mais rápido e mais simples, por razões óbvias. Não é necessária anestesia local, e o médico não precisa se preocupar com os sentimentos do paciente, se ele mudou de ideia ou apresenta alguma outra reação emocional.

Tudo que Fielding teve de fazer foi realizar uma pequena perfuração em um

dos lados do escroto e introduzir uma agulha no canal deferente para extrair esperma. Poderia ter feito isso em poucos minutos. Provavelmente não ocorreu durante a autópsia, mas antes, entrando na geladeira quando não havia ninguém por perto, certificando-se de alcançar o corpo o mais rápido possível após a morte, o que, em retrospecto, talvez explique por que percebeu antes de qualquer outra pessoa que o homem de Norton's Woods estava sangrando. Fielding entrou na geladeira assim que chegou ao prédio na segunda-feira cedo para obter sua última doação de esperma involuntária e foi quando reparou que havia sangue na bandeja, embaixo do saco que continha o corpo. Então desceu o corredor às pressas e notificou Anne e Ollie.

Se alguém teria notado a ocorrência de algo parecido durante os seis meses que passei em Dover seria Anne, eu disse a Marino. Ela não viu nem tinha ideia do que Fielding estava fazendo, e sabemos que ele extraiu esperma de pelo menos cem pacientes com base no que foi encontrado em um freezer no porão e no que estava espalhado pelo chão, cem mil dólares em potencial, talvez muito mais, dependendo do quanto ele cobrava e se usava tabela variável, tendo em conta o que a família ou outra parte interessada poderia pagar. Ouro líquido, como os policiais estão chamando o que Fielding estava vendendo em um mercado negro criado por ele, e não paro de pensar na escolha de Eli como doador involuntário, supondo que fosse essa a intenção de Fielding, o que, na realidade, nunca saberemos.

Mas quando Fielding entrou na geladeira ontem de manhã, havia apenas um corpo jovem do sexo masculino fresco o suficiente para ser um candidato adequado a uma extração de esperma, que era Eli Goldman. O outro caso do sexo masculino era idoso e é altamente improvável que houvesse alguém interessado em comprar seu sêmen. Um terceiro caso era uma mulher. Seria Fielding tão descarado e imprudente a ponto de colher o esperma de Eli se o tivesse matado com a faca de injeção? E a quem ele planejava vender o material sem se incriminar? Se tentasse algo parecido, confessaria o homicídio.

Continua a me inquietar o fato de que Fielding talvez não soubesse quem era o jovem morto não identificado quando foi notificado do caso na tarde de domingo. Ele não se deu o trabalho de ir até a cena, não se interessou, e na

ocasião não tinha motivos para se interessar. Continuo a desconfiar que ele não fazia ideia até entrar na geladeira, então reconheceu Eli Goldman, pois de alguma forma os dois tinham uma ligação. Talvez fossem as drogas, e por esse motivo Fielding estava de posse de uma das armas de Eli. Talvez Fielding tenha dado ou vendido a Glock a Eli. Com certeza alguém o fez. Drogas, a arma, quem sabe mais alguma coisa. Se eu ao menos pudesse estar na mente de Fielding quando entrou na geladeira pouco depois das sete da manhã de ontem… Então entenderia. Entenderia tudo.

Afasto do caminho uma lâmpada suspensa para evitar que bata em meu capacete enquanto desço os degraus de pedra vestindo o macacão amarelo volumoso e as imensas botas de borracha.

Um suor frio escorre pela lateral do meu corpo e me preocupo com Briggs e o que vai acontecer quando eu o confrontar; me preocupo com um galgo chamado Sock. Preocupo-me com tudo o que posso me preocupar, porque não suporto o que estou prestes a ver, mas é melhor assim, e por mais que eu me queixe Marino fez a coisa certa. Eu não ia querer que o corpo de Fielding fosse transportado para o CFC. Não ia querer vê-lo pela primeira vez em um saco sobre uma maca ou uma bandeja de aço. Marino me conhece bem o suficiente para concluir que, dadas as opções, eu pediria para ver Fielding da forma como morreu, para me convencer de que ocorreu exatamente do jeito que aparenta, que o que Briggs determinou ao examinar o corpo horas antes é o mesmo que observo e que Briggs e eu partilhamos da mesma opinião a respeito da causa e do tipo de morte de Fielding.

O porão é de pedra caiada com teto arqueado e sem janelas. Um espaço muito pequeno para tanta gente vestida de amarelo como eu, com luvas pretas grossas, botas verdes de borracha e capacete amarelo. Algumas pessoas usam viseira de proteção, outras, máscaras cirúrgicas, e reconheço meus próprios pesquisadores, três deles do laboratório de DNA, colhendo esfregaços de uma área do piso de pedra repleta de tubos de ensaio quebrados e tampas de plástico preto. Ali perto se encontra o aquecedor portátil que Marino mencionou e um freezer criogênico

vertical de laboratório em aço inoxidável, da mesma marca e modelo que usamos em laboratórios onde temos de armazenar amostras biológicas a temperaturas ultrabaixas.

A porta do freezer está escancarada, as prateleiras ajustáveis no interior estão vazias, porque alguém, aparentemente Fielding, removeu todos os espécimes e os quebrou de encontro ao piso de pedra, depois ligou o aquecedor. Reparo em partes de rótulos presas a fragmentos de vidro em um piso que, fora isso, está limpo. O porão parecendo ter sido caiado com alguma substância fosca, como um *primer*, como a adega de um produtor de vinho que foi transformada em laboratório, com pia, bancada de aço, prateleiras para tubos de ensaio, grandes tanques de aço de nitrogênio líquido e, no cento do aposento principal onde estou, uma longa mesa de metal que Fielding provavelmente usava para expedição, com várias cadeiras, uma delas ligeiramente afastada, como se alguém tivesse sentado ali. Olho primeiro para a cadeira e procuro sangue, mas não encontro.

A mesa está coberta com papel parafinado e, dispostos sobre ela, há pares de luvas criogênicas azuis que vão até o cotovelo, ampolas, bases rolantes, canetas à prova de manchas, rolhas compridas, varas de medição para recipientes de armazenamento e, empilhadas embaixo, caixas de papelão brancas chamadas CryoCubes, que são os contentores de transporte baratos que normalmente usamos para o envio de materiais biológicos acondicionados dentro de uma lata de alumínio, onde podem permanecer congelados a menos cento e cinquenta graus centígrados por até cinco dias. Esses recipientes de embalagem especiais também podem ser usados para enviar sêmen congelado e, de fato, são muitas vezes chamados “tanques de sêmen”, os preferidos por criadores de animais.

Só posso presumir que os equipamentos e materiais que Fielding usava em sua indústria ilegal e ultrajante foram roubados do CFC, que, na calada da noite ou após o expediente, ele de alguma forma conseguia surrupiar dos laboratórios o que queria sem que a segurança visse. Ou é possível que simplesmente encomendasse o que necessitava e cobrasse de nós, mas mandasse o material ser entregue direto aqui. Enquanto reconstituo o que ele talvez tenha feito, Fielding está tão perto de mim que eu poderia tocá-lo, deitado no chão limpo pintado com

primer branco sob um lençol azul descartável manchado de sangue em uma das pontas do papel plastificado, mancha que faz parte de uma poça maior sob sua cabeça, com base no que sei. De onde estou, vejo que o sangue começou a se diferenciar e coagular, encontra-se nos estágios iniciais de decomposição, processo drasticamente retardado pela temperatura ambiente do porão. Está frio o suficiente para tornar a respiração visível, frio como em uma geladeira de necrotério.

O flash de uma câmera explode, então explode outra vez quando uma figura de ombros largos vestindo amarelo resplandecente fotografa uma área enegrecida e asquerosa da parede caiada, onde foi montada uma estação completa sobre um tripé amarelo, e imagino que o sistema eletro-óptico de medição de distância já tenha mapeado a cena, registrando as coordenadas de cada detalhe, inclusive o que o coronel Pruitt está fotografando. Ele me pega o observando e leva a câmera à lateral do corpo enquanto me encaminho a uma parede onde farejo morte, o mau cheiro leve, bolorento e irritante de sangue decomposto e ressecado ao longo de meses em um ambiente frio e sem sol. Farejo mofo. Farejo poeira e reparo em pilhas de tapete sujo rasgado e compensados de madeira a pouca distância, contra uma parede diferente, e percebo, pelo pó e pela sujeira no piso branco, que o tapete e a madeira foram recém-arrastados até o local em que se encontram.

Fixadas à pedra na altura da minha cabeça há uma série de manilhas de aço que associo a estruturas empregadas em içamentos. Com base em rolos de corda, pistolas de lubrificação, braçadeiras, um carrinho de carga, ganchos e anéis giratórios no teto, suspeito que Fielding tenha concebido um equipamento criativo para trocar os pesados tanques de nitrogênio líquido e em algum momento o sistema se desvirtuou para se transformar no que desconfio que ele nunca pretendeu quando começou a extrair e vender sêmen.

“Pelo que consegui descobrir até agora, o principal instrumento usado foi o malho, o que explicaria tanto os ferimentos sem corte quanto os com corte”, começa Pruitt, sem me cumprimentar, como se nosso encontro aqui fosse normal, nada mais que a continuação do tempo que passamos juntos em Dover. “Basicamente, uma marreta de cabo longo de um lado, com o outro lado afiado

como um machado. Estava embaixo do tapete e da madeira, junto com uma jaqueta de couro da Universidade de Boston, um par de tênis e itens de vestuário que achamos que pertenciam a Wally Jamison. Toda esta área estava coberta por aquela coisa ali." Ele aponta para os tapetes e a madeira que foram deslocados, que suponho que tenham sido usados para cobrir a cena do crime. "Tudo, inclusive o malho, é claro, já foi embalado e enviado ao instituto. Você viu a arma?", pergunta Pruitt.

"Não."

"Não consigo imaginar alguém me perseguindo com uma coisa dessas. Jesus. E pedaços de corda ensanguentada, do enforcamento." Pruitt aponta para as manilhas e anéis fixados à pedra, encrostada e enegrecida do sangue velho, e quase farejo medo aqui embaixo, o terror inimaginável do jogador de futebol americano torturado e assassinado no Halloween.

"Por que ele não limpou isso?", faço a primeira pergunta que me vem à mente enquanto examino uma cena que não parece ter sido tocada depois que Wally Jamison foi assassinado de maneira brutal e sádica.

"Imagino que tenha tomado o caminho mais fácil, cobrindo tudo com madeira compensada e tapetes velhos", responde Pruitt. "É por isso que temos sujeira e fibras por toda parte. Ao que tudo indica, depois do homicídio ele não se deu o trabalho de limpar absolutamente nada. Só jogou tapetes por cima e encostou aquelas tábuas na parede." Pruitt torna a indicar a pilha de tapetes velhos rasgados de diversas cores e, ao lado dela, as largas placas de compensado de madeira amontoadas sobre o piso branco perto de uma porta de acesso fechada que conduz para fora do porão.

"Não entendo por que não fez uma limpeza", repito. "Isso aconteceu três meses atrás. Ele abandonou a cena do crime como se fosse uma cápsula do tempo? Só jogou tapetes e madeira por cima?"

"Uma das teorias é que ele sentia prazer nisso. Como as pessoas que fotografam ou filmam o que fazem para continuar a sentir o prazer depois do fato. Todas as vezes que descia até aqui, ele sabia o que havia por trás da madeira e do tapete, o que estava escondido por baixo deles, e se satisfazia com isso."

Ou alguém se satisfazia com isso, penso. Jack Fielding nunca sentiu prazer com sangue coagulado. Para um patologista forense, ele na realidade era bastante sensível. Benton vai dizer que foi influência das drogas. Provavelmente todos estão dizendo isso, e talvez seja verdade. Fielding estava alterado, quanto a isso não tenho dúvida.

"Podemos te ajudar com isso", diz Pruitt a seguir, olhando para mim através da viseira plástica de proteção, que embaça a intervalos, conforme ele respira o ar frio do porão. Seus olhos castanhos parecem atentos e amistosos enquanto me observam, mas ele está inquieto. Como não se inquietar? Gostaria de saber se está sentindo o mesmo que eu. Gostaria de saber se tem uma sensação de que há alguma coisa errada em tudo isso. Gostaria de saber se está fazendo a mesma pergunta que eu neste momento, ao examinar a parede caiada enegrecida com as manilhas enferrujadas presas à pedra.

Por que Jack Fielding faria uma coisa dessas?

Extrair sêmen para vender a fim de saquear as famílias é quase compreensível. É fácil culpar a ganância ou mesmo o desejo de gratificação, o poder que deve ter sentido quando foi capaz de devolver a vida que havia sido roubada. Mas quando visualizo as fotografias, os vídeos e os exames de TC que vi do corpo mutilado de Wally Jamison, recordo o que me passou pela cabeça na ocasião. O assassinato me pareceu sexual e emocionalmente motivado, como se a pessoa que brandiu a arma nutrisse sentimentos contra ele, decerto uma raiva que não se encerrou até que Wally estivesse lacerado, retalhado, cortado e contundido para além do reconhecimento, e sangrasse até a morte. Depois, o corpo nu foi transportado, provavelmente por barco, provavelmente pelo barco de Fielding, e descartado no porto, perto da guarda-costeira, atitude que Benton descreve como ousada, como uma provocação aos oficiais responsáveis pelo cumprimento da lei. E isso tampouco parece com Fielding. Para um grão-mestre tão musculoso e violento, ele era um covarde.

"Obrigada. Vamos ver o que é necessário", digo a Pruitt.

"Bom, o DNA, para começar. Já temos centenas de amostras, não só do sêmen. Estamos colhendo esfregaços de tudo."

"Eu sei. É um trabalho imenso e vai continuar por um bom tempo, porque não

sabemos o que aconteceu aqui. Só em parte. O que havia no freezer e tudo o que foi feito além do que estou supondo que seja o homicídio do estudante da Universidade de Boston, Wally Jamison." Visualizo o rapaz enquanto pronuncio seu nome, o queixo quadrado, o cabelo negro encaracolado, os olhos brilhantes, sua constituição vigorosa. Então, recordo sua aparência depois. "A que horas você chegou aqui?"

"John e eu viemos cedo, chegamos há mais ou menos sete horas."

Não pergunto onde está Briggs no momento.

"Ele fez o exame externo e vai revisar os detalhes com você quando estiver pronta", acrescenta Pruitt.

"Ninguém tinha tocado nele antes disso?" O corpo de Fielding foi descoberto pouco depois das três da manhã. Ou foi o que me informaram.

"Quando John e eu chegamos, o corpo estava coberto exatamente como agora. A Glock não está aqui. Depois que o FBI reconstituiu o número de série apagado, a arma foi ensacada e agora está no seu laboratório." Pruitt me diz o que Benton fez.

"Eu não sabia disso até pouco tempo atrás. Quando estava vindo para cá."

"Olhe. Seu eu estivesse aqui às três da manhã e dependesse de mim…" Ele começa a dizer que teria me contado tudo o que estava acontecendo. "Mas o FBI quis manter as coisas sob controle, já que ninguém sabia ao certo se ele estava trabalhando sozinho." Pruitt se refere a Fielding. "Por causa de todos os outros fatores, como o dr. Saltz, o membro do Parlamento, e assim por diante. Do medo de terrorismo."

"Certo. Só que esse não é o tipo de terrorismo com que eles normalmente precisam se preocupar. É um tipo diferente de terrorismo", comento. "Parece pessoal. Não acha? O que você pensa de tudo isso?"

"Ninguém tinha tocado o corpo quando o FBI o encontrou." Pruitt não quer me dizer o que pensa. "Sei que tinha a mesma temperatura do cômodo na ocasião, já estava aqui embaixo há algum tempo, mas você devia conversar sobre isso com John."

"Você está dizendo que o corpo tinha a mesma temperatura que o ambiente às três da manhã."

“Quatro graus, ou perto disso. Talvez um pouco mais, por causa de todas as pessoas aqui embaixo. Mas você precisa pegar os detalhes com John.”

Pruitt encara o monte em formato humano coberto pelo lençol azul no outro lado do porão, perto do freezer, perto dos fluidos descongelados sobre o piso de pedra, onde os investigadores estão usando joelheiras, recolhendo um a um os cacos de vidro, coletando esfregaços e acondicionando cada item separadamente em envelopes de papel que rotulam com pincel atômico. Não vou fazer os cálculos até examinar o corpo, mas o que estou ouvindo só aumenta minhas suspeitas. Alguma coisa está errada.

21

A mancha na parede caiada é escura e feia e está a cerca de um metro e oitenta acima do piso de pedra, provavelmente onde ficaram a cabeça e o pescoço de Wally Jamison ao ser acorrentado, espancado e retalhado até a morte.

Fora da mancha maior, há uma constelação de pequenos respingos, diminutas marcas pretas que, sob inspeção atenta, são alongadas e angulosas — o sangue produzido pela arma ao ser brandida repetidas vezes conforme se cobria repetidas vezes de sangue proveniente do impacto contra a carne humana; visualizo o malho de madeira que Pruitt mencionou e concordo com ele. Que forma terrível de morrer. Então penso na faca de injeção. Outra forma terrível de morrer. Sadismo.

"Ele devia ter um sistema para manter o controle das amostras", digo a Pruitt enquanto observo os investigadores vestindo amarelo apoiados nas mãos e nos joelhos, alguns dos quais não conheço. Possivelmente St. Hilaire, de Salem. Possivelmente Lester "Lawless", de Cambridge. Na realidade, não sei quem está aqui, só que o FBI está trabalhando em conjunto com uma força-tarefa especial que abrange investigadores de vários departamentos, integrantes do Conselho de Aplicação da Lei no Nordeste de Massachusetts. "Se ele de fato estava vendendo sêmen extraído", prossigo com minha sequência de ideias, "eu partiria do princípio de que tinha uma forma de registrar as amostras." Chamo atenção para os pedaços de etiquetas ainda colados ao vidro quebrado no chão. "Encontrar esse tipo de informação vai nos ajudar com a identificação, talvez fornecer informação preliminar, que depois podemos confirmar através do DNA. Se todas as amostras são provenientes de casos do CFC, temos DNA em cartões de coleta de sangue no registro de cada caso."

"Sei que Marino está investigando isso e pediu para alguém procurar todos os casos de jovens do sexo masculino que seriam candidatos viáveis. Especialmente se Fielding tiver feito as autópsias."

“Com todo respeito, essa era uma ordem minha, não de Marino.” Ouço o tom defensivo que não consigo afastar da voz, mas estou farta de meu autodesignado chefe em exercício, Pete Marino. Estou farta das referências que sugerem que ele dirige minha repartição.

“Ainda não encontramos nenhum registro”, acrescenta Pruitt. “Mas Farinelli está com o laptop, que estava tão morto quanto ele quando chegamos aqui. Talvez o registro esteja lá.”

É sempre estranho ouvir investigadores se referirem à minha sobrinha pelo sobrenome. Lucy deve estar na casa ao lado, onde não há luz nem aquecimento, a menos que a eletricidade tenha voltado. Percebo que aqui embaixo não tenho como saber, já que estamos usando a iluminação auxiliar trazida e instalada. Vou até um estojo Pelican aberto quase ao pé da escada e encontro uma lanterna, em seguida retorno à parede para iluminar as manchas de sangue e ver o que mais elas têm a me dizer antes de examinar a pessoa que supostamente as causou, meu sub, atuando sozinho em seu Porão da Morte. *Meu sub, o lobo solitário que não recebeu ajuda em nada disso*. Penso com ceticismo e indignação crescentes na polícia, no FBI, em todos que começaram a investigar a cena sem mim.

Abaixo da área mais escura na parede caiada há uma área escura correspondente no piso pintado de branco, uma miríade de gotas que se combinam para formar uma mancha contínua, o que posso perceber que era uma poça de sangue agora quase negra e descamando, grande parte tendo sido absorvida pela pedra porosa pintada de branco. Algumas das gotas nas bordas da ampla área manchada são perfeitamente redondas, apenas com uma pequena distorção ou rebordos ao redor das margens devido à aspereza da pedra, respingos passivos do sangramento da vítima. Outras manchas foram apagadas por alguém, possivelmente o agressor, por ter pisado nelas ou arrastado alguma coisa sobre elas enquanto ainda estavam molhadas. Talvez ao transportar o tapete e os compensados de madeira, penso. As únicas manchas de sangue que mostram um sentido de deslocamento são as da parede e do teto, negras e alongadas, ou em forma de lágrima, e creio que a maior parte foi projetada pelos movimentos e golpes repetidos da arma.

A vítima estava de pé quando sangrou, acorrentada à parede, ao que parece, e

o que não consigo descobrir é o momento de pelo menos um golpe que sei que foi fatal. Aconteceu no início ou mais tarde? *Quanto antes, melhor*, não posso deixar de pensar enquanto imagino o que foi feito, enquanto reconstruo a dor, o sofrimento e, principalmente, o terror. Espero que ele não tenha sido submetido a violência por muito tempo quando uma artéria se rompeu, provavelmente a carótida no lado esquerdo do pescoço. O padrão de afluência inconfundível na parede provém de sangue arterial esguichando sob alta pressão ao ritmo das batidas do coração, e recordo as fotografias que vi, os cortes profundos em seu pescoço.

Wally Jamison teria vivido poucos minutos após sofrer tal ferimento, e me pergunto por quanto tempo os cortes e golpes prosseguiram depois de ser tarde para machucar mais o rapaz. Penso na raiva e na ligação que poderia haver entre Wally Jamison e Jack Fielding. Tinha de ser mais que o simples fato de os dois frequentarem a mesma academia. Wally não praticava artes marciais e, tanto quanto se sabe, não conhecia Johnny Donahue, Eli Goldman ou Mark Bishop. Tampouco trabalhava ou estagiava na Otwahl, e aparentemente nada tinha a ver com robótica ou outras tecnologias. O que sei a respeito de Wally Jamison é que nasceu na Flórida, era aluno do último ano da Universidade de Boston, onde estava se especializando em história, e era, de certa forma, uma celebridade devido ao futebol americano, além de festeiro e mulherengo. Não consigo pensar em um único motivo para Fielding o conhecer, a menos que tenham se encontrado por acaso, quem sabe por causa da academia e depois devido às drogas, o coquetel hormonal que Benton mencionou.

A toxicologia de Wally Jamison deu negativo para drogas ilegais e terapêuticas, e para álcool, mas não fazemos testes de rotina à procura de esteroides a menos que tenhamos razões para desconfiar que a morte possa estar relacionada a eles. A causa da morte de Wally não era controversa. Não havia motivos para pensar que esteroides o mataram, pelo menos não diretamente, e agora pode ser tarde demais para voltar atrás. Não vamos conseguir outra amostra de urina, embora possamos testar seu cabelo, onde as moléculas de esteroide podem ter se acumulado, no interior da fibra capilar. Um teste como esse seria um tiro no escuro e não vai nos informar se Wally os obteve de

Fielding, se conhecia ou foi assassinado por ele. Mas estou disposta a tentar qualquer coisa, pois ao percorrer o porão com o olhar e ver o contorno do corpo de Fielding sob o lençol no chão, quero saber o motivo. Tenho que saber e não vou aceitar a hipótese de que ele estava louco, de que perdeu a cabeça. Não é o suficiente.

Voltando ao estojo Pelican perto da escada, encontro um par de joelheiras e o coloco antes de ajoelhar ao lado do amplo lençol azul; quando o afasto do rosto de Fielding, não estou preparada para o quanto ele parece presente. É essa a palavra que me vem à mente, *presente*, como se ele continuasse ali, como se dormisse, mas não estivesse bem. Não há nada vital ou vibrante nele, e meu cérebro dispara através dos detalhes que estou vendo, os fios de cabelo duros do gel que ele usava para esconder a calvície, as manchas vermelhas no rosto inchado e pálido; em seguida afasto o lençol, que farfalha à medida que o tiro do caminho. Sento sobre os calcanhares da bota de borracha e o examino, reparando no cabelo alourado repleto de gel rareando no topo e ausente em certos pontos, e no sangue seco ao redor dos ouvidos e empoçado sob a cabeça.

Imagino Fielding apontando o cano da Glock para o ouvido esquerdo e apertando o gatilho. Tento entrar em sua mente, tento invocar seus últimos pensamentos. Por que faria isso? Por que o ouvido? A lateral da cabeça é comum em suicídios com armas de fogo, mas não o ouvido, e por que o lado esquerdo e não o direito? Fielding era destro. Eu costumava provocá-lo por ter o que eu chamava de “extrema tendência a usar a mão direita”. Ele não conseguia fazer nada de útil com a esquerda, nada que exigisse algum grau de habilidade ou rapidez. Fielding certamente não atirou no ouvido esquerdo enquanto segurava a pistola com a mão direita, não a menos que na minha ausência tenha se tornado um contorcionista, e talvez essa seja outra especulação que todos vão sugerir. Mas preciso conferir o ângulo. Aponto o indicador da mão direita para o interior de meu canal auditivo esquerdo da melhor forma possível, fingindo que meu dedo é o cano da Glock.

“Na verdade, a situação não é tão ruim assim”, diz uma voz profunda. “Não chegamos a esse ponto, chegamos?”, pergunta o general John Briggs.

Ergo os olhos e o vejo de pé acima de mim, com as pernas afastadas e as mãos

às costas, alto e corpulento, vestindo amarelo, mas sem viseira de proteção, luvas ou capacete, e seu rosto se mostra severamente coercitivo, enegrecido pela barba por fazer, já tendo sido descrito como o de um falcão. Ele é moreno e, não importa quantas vezes se barbeie, sempre parece necessitado disso, os olhos do mesmo cinza-escuro do revestimento de titânio do meu prédio, o basto cabelo negro com muito poucos fios grisalhos para a idade, exatos sessenta anos.

"Coronel", diz ele a seguir e agacha ao meu lado, pegando a lanterna que eu estava usando antes e havia deixado na vertical sobre o piso de pedra. "Imagino que esteja se perguntando o mesmo que eu." Ele acende a lanterna.

"Duvido muito", respondo enquanto ele dirige a luz para o interior da orelha esquerda de Fielding.

"Quero saber onde ele estava", diz Briggs. "Estou procurando respingos lançados em alta velocidade, alguma coisa que indique que estava bem aqui. Porque… qual foi o motivo? Ele estava de pé ao lado do freezer criogênico e simplesmente enfiou uma arma no ouvido?"

Retiro dele a lanterna a fim de direcioná-la para onde quero enquanto examino o interior do ouvido de Fielding e o que vejo é principalmente sangue seco escuro e endurecido, mas, quando me debruço mais, distingo o pequeno ferimento negro de entrada, uma ferida de contato alongada. Angulada. Há grande quantidade de sangue sob a cabeça. Uma poça de sangue grosso e de aparência pegajosa devido à umidade do porão, e sinto o cheiro do início da decomposição, o leve mau cheiro adocicado. Em seguida detecto álcool. Não me surpreenderia que Fielding estivesse bebendo. Quer tenha se matado ou outra pessoa o tenha feito, ele provavelmente estava em uma situação difícil, e recordo o imenso utilitário com faróis de xenônio que me seguiu há cerca de dezesseis horas quando eu e Benton íamos ao CFC em meio à nevasca. A hipótese vigente é a de que era Fielding no utilitário, que se tratava de seu Navigator, e de que ele havia removido a placa da frente para que não percebêssemos que estava atrás de nós.

Ninguém apresentou um motivo satisfatório para ele ter decidido nos seguir, ou explicou como conseguiu desaparecer instantaneamente, sem aviso prévio, depois que Benton parou no meio da estrada coberta de neve na esperança de

que nos ultrapassasse. Pareço ser a única a me preocupar com o fato de a Otwahl Technologies ficar muito próxima à área onde o utilitário com faróis de xenônio e de neblina desapareceu, e se alguém possuísse um abridor de portão, algum código daquele lugar ou estivesse familiarizado com a segurança privada, poderia ter enfiado o Navigator lá dentro como se desaparecesse na Bat Caverna. Descrevi a possibilidade a Benton, que não me pareceu impressionado. "*Por que Jack Fielding teria acesso livre à Otwahl?*", perguntei no caminho para cá. "*Mesmo que estivesse envolvido com pessoas que trabalham lá, ele poderia usar o estacionamento da empresa? Poderia ter entrado tão rápido e confiar que a segurança privada que patrulha a área não se incomodaria?*"

"Com todas as superfícies pintadas de branco aqui dentro", Briggs está dizendo, "seria de pensar que conseguiríamos encontrar alguma coisa que pudesse indicar onde o tiro ocorreu."

Olho para as mãos de Fielding. Estão tão frias quanto a pedra no porão, e ele está completamente rígido. Sendo um homem musculoso, é como mover os braços de uma estátua de mármore enquanto lanço a luz da lanterna em suas mãos grossas, fortes, examinando-as, reparando nas unhas limpas e aparadas, que me surpreendem. Eu esperava que estivessem sujas, tão fora de controle quanto todos acreditam que ele estava. Percebo os calos, que Fielding sempre teve por usar pesos na academia, trabalhar em seus carros e fazer alguns consertos em casa. Ele dá a impressão de ter morrido segurando a pistola com a mão esquerda, ou é o que parece ter feito, os dedos firmemente curvados e a marca produzida pelo cabo pontilhado antideslizante da Glock na palma da mão. Mas não noto a névoa fina de sangue que deveria ter retrocedido e respingado quando ele puxou o gatilho. O esguicho para trás é um efeito que não pode ser encenado.

"Vamos fazer o teste de resposta galvânica da pele nas mãos", comento e percebo que Fielding não está usando sua aliança de casamento. Da última vez que o vi, a aliança estava no lugar, mas isso foi em agosto. Pelo que sei, ele continua morando com a família.

"A boca da arma tinha sangue", informa Briggs. "A parte interna foi manchada pelo sangue sugado."

O fenômeno é causado por gases explosivos quando o cano da arma é pressionado contra a pele e ela é disparada.

“E a cápsula do cartucho ejetado?”, indago.

“Está ali.” Ele indica uma área do piso branco a cerca de dois metros do joelho direito do corpo.

“E a arma? Em que posição estava?” Deslizo as mãos sobre a cabeça de Fielding e sinto a protuberância dura produzida pelo metal irregular sob o couro cabeludo acima da orelha direita, onde a bala saiu do crânio e ficou presa sob a pele.

“Ainda na mão esquerda. Tenho certeza de que você percebeu como os dedos estão curvados e a marca do cabo na palma da mão. Tivemos que arrancar a arma dele.”

“Entendo. Então ele se matou com a mão esquerda, mesmo que fosse destro. Não é impossível, mas é raro, e ou ele já estava deitado no chão quando fez isso, ou caiu com a arma ainda presa à mão. Um espasmo cadavérico e ele agarrou a pistola com força. E caiu de costas assim, de forma impecável. Bom, é uma situação e tanto para imaginar. Você sabe o que penso de espasmos cadavéricos, John.”

“Eles acontecem.”

“É como ganhar na loteria”, retruco. “Isso também acontece. Só que nunca comigo.”

Sinto a alteração de uma fratura óssea sob os dedos enquanto apalpo com delicadeza a cabeça de Fielding e visualizo a trajetória ascendente e um tanto retrógrada do ferimento, a bala tendo se alojado a aproximadamente oito centímetros do ângulo mais baixo do maxilar direito.

“Ele se suicidou assim?” Torno a transformar a mão esquerda em uma arma e aponto o dedo indicador coberto pela luva roxa de nitrila em um ângulo estranho, como se estivesse atirando em meu ouvido esquerdo. “Mesmo que ele tenha segurado a pistola com a mão esquerda sem ser canhoto, é meio esquisita e incomum a forma como meu cotovelo tem que se manter baixo e atrás de mim, não acha? E eu esperaria uma névoa fina de respingos para trás na mão dele. É claro que essas coisas não são verdades absolutas”, digo.

E prossigo: “O mais estranho quando alguém dá um tiro no próprio ouvido é que as pessoas em geral são antecipadamente sensíveis ao ruído, o que não é racional, porque estão prestes a morrer, mas é da natureza humana. É o mesmo que atirar no próprio olho. Quase ninguém faz isso”.

“Precisamos conversar, Kay”, diz Briggs.

“E, acima de tudo, o momento em que o freezer criogênico foi desligado”, continuo. “O aquecedor ligado e o que foi incinerado lá em cima, provavelmente o papel de carta de Erica Donahue. Se Jack fez tudo isso antes de se suicidar, então por que não há sêmen e vidro quebrado embaixo dele?” Estou manipulando o corpo volumoso de Fielding, que é um peso morto, completamente rígido e relutante enquanto o movimento um pouco, contemplando, embaixo, um piso branco e limpo. “Se ele desceu até aqui e quebrou todos esses tubos de ensaio e depois se deu um tiro no ouvido, devia haver vidro e sêmen embaixo do corpo. Tem vidro e sêmen por toda parte, mas não embaixo dele. Ele tem um caco de vidro no cabelo.” Recolho-o e o examino. “Alguém quebrou tudo isso depois que ele estava morto, depois que já estava caído no chão.”

“O vidro pode ter prendido no cabelo quando ele quebrou os tubos de ensaio, quando destruiu tudo com violência”, diz Briggs, que soa paciente e gentil, o que é incomum. Parece quase pesaroso por mim. Outra vez minhas inseguranças.

“Você já chegou a uma conclusão, John? Você e todos os outros?” Ergo os olhos e inspeciono seu rosto coercitivo.

“Você sabe muito bem como são as coisas”, responde ele. “Temos muito que conversar e prefiro não fazer isso aqui, na frente dos outros. Quando estiver pronta, estou na casa principal.”

A energia voltou a Salem Neck por volta das duas e meia, quando eu estava terminando com o corpo, ajoelhada ao lado dele no chão frio de pedra até meus pés começarem a formigar e meus joelhos, a doer e queimar, apesar das joelheiras.

As luzes embutidas em sua velha cozinha obsoleta estão acesas, e a casa está

bastante fria, mas com uma promessa de calor no ar que sinto entrar pelas aberturas no chão enquanto perambulo vestindo botas táticas, uniforme de combate e jaqueta, tendo despido os trajes de proteção, a não ser pelas luvas descartáveis. A pia branca de porcelana está repleta de pratos e a água está coberta de espuma, com uma mancha coagulada de gordura amarela flutuando no topo, e a cortina fina que cobre a janela sobre a pia está manchada e suja.

Para onde quer que eu olhe encontro restos de comida, lixo e bebida que me fazem recordar a imundície das inúmeras cenas que investiguei, a podridão e o declínio, os cheiros bolorentos, a frequência com que a vida que precede a morte é o verdadeiro crime. Os últimos meses de Fielding foram muito mais torturantes do que ele merecia, e não posso aceitar que desejasse nada do que fez a si mesmo. Não foi isso que ele definiu como objetivo final, não foi para isso que nasceu, e continuo a pensar em quando ele me lembrava de que não tinha *nascido para isso* ou *nascido para aquilo,* especialmente quando eu lhe pedia que fizesse alguma coisa que ele considerava chata ou desagradável.

Paro ao lado de uma mesa de madeira com duas cadeiras também de madeira sob uma janela que dá para a rua gelada e a água azul-escura e agitada além dela; a mesa se encontra coberta de jornais e revistas velhos que espalho com a mão enluvada. *The Wall Street Journal*, *The Boston Globe*, *The Salem News*. Constato que os mais recentes são de sábado. Lembro-me de ter visto vários jornais cobertos de gelo na calçada em frente, como se tivessem sido atirados ali e ninguém os tivesse trazido para dentro antes da tempestade. Há cerca de meia dúzia de exemplares da revista *Men's Health* e reparo que as etiquetas de postagem exibem o endereço de Fielding em Concord. Os números de janeiro e fevereiro foram trazidos para cá, assim como muitas outras cartas na pilha que examino. Recordo que Fielding deu início ao processo de aluguel da casa em Concord há quase um ano, e com base na desordem e na mobília que reconheço como sua e no que me contaram a respeito de seus problemas domésticos, faria sentido não renovar o contrato. Ele se transferiu para uma casa antiga e repleta de correntes de ar, completamente desprovida de charme devido a condições precárias e, embora consiga imaginar o que idealizou quando se apaixonou pelo lugar, alguma coisa mudou.

O que aconteceu com você? Percorro com o olhar o rastro de imundície que ele deixou. *Quem era você no final?* Visualizo suas mãos mortas, recordo a frieza, a rigidez, o quanto pareciam pesadas quando eu as segurei. Estavam limpas, as unhas bem cuidadas, e esse pequeno detalhe não parece se encaixar em tudo que estou vendo. *Foi você quem fez essa bagunça? Ou foi outra pessoa? Alguém desleixado e enlouquecido esteve na sua casa?* Mas também sei que a coerência é o fantasma das mentes tacanhas, que o que Ralph Waldo Emerson escreveu é verdadeiro. Não é fácil explicar ou definir as pessoas e nem sempre o que elas fazem é coerente. Fielding pode muito bem ter desmoronado com tudo ao seu redor, mas continuar vaidoso o suficiente para manter a higiene. Pode ser verdade.

Mas não tenho como saber. O exame de TC e a autópsia não vão esclarecer isso. Há muita coisa que nunca vou entender, inclusive o motivo por que ele não mencionou a casa em Salem. Benton diz que Fielding a comprou pouco depois que se mudou para Massachusetts, o que fez um ano em janeiro, mas ele não me contou. Não sei se para esconder alguma atividade criminosa que estava fazendo ou pretendia fazer, mas tenho a sensação de que queria algo só seu, que não estivesse relacionado a mim, sobre o qual eu não teria opinião e não poderia ajudá-lo a melhorar, a reformar. Ele não queria que eu o tutelasse quando começasse a transformar o porto seguro do capitão do século XVIII em seu próprio porto, ou em um investimento, ou no que quer que tenha originalmente sonhado em ter só para si.

Se isso for verdade, é bem triste, penso enquanto contemplo a água que brilha como safira, ondula e rebenta de encontro à costa cinza e rochosa para além da rua coberta de gelo e areia. Atravesso uma ampla abertura, outrora com portas de correr, até a sala de jantar de vigas de carvalho escuras e aparentes em um teto branco de gesso com manchas de umidade, reparando que a luminária de bronze deveria estar pendurada em uma das entradas, e não sobre a mesa de imbuia, que está coberta de pó e cercada de cadeiras que não combinam e pedem um estofamento novo. Não culpo Fielding por não me querer aqui. Sou muito crítica, demasiado confiante em meu maldito bom gosto e minhas opiniões abalizadas, e não me admira que o tenha levado ao desespero. Fui não apenas a

facilitadora, mas uma péssima mãe, quando não tinha o direito nem de ser uma boa. Não era meu papel ser para ele nada além de chefe e, se Fielding estivesse aqui, eu pediria desculpas por isso. Pediria que me perdoasse por conhecê-lo e me preocupar com ele. Porque de que adiantou? Que bem fez isso?

Concentro-me na área, em uma das extremidades da mesa, onde o pó foi alterado e alguém esteve comendo ou trabalhando, possivelmente onde ficava a máquina de escrever Olivetti, e a cadeira em frente acha-se em melhor estado que as demais. Sua almofada de veludo vermelho, puída e desbotada, está intacta e provavelmente é segura, e penso em Fielding aqui, datilografando. Tento situá-lo à mesa com suas janelas de batente e seu visual triste da entrada de cascalho e não consigo imaginá-lo curvado na cadeira pequena sob a luminária suspensa, datilografando repetidas vezes a carta de duas páginas no papel com a marca d'água até ter uma versão final impecável.

Fielding e seus dedos grandes e impacientes, que não tinha nada de datilógrafo, era autodidata, praticava o que chamava de "correr atrás do milho" em vez de "catar milho", e a ideia do documento supostamente enviado por Erica Donahue é ilógica se partiu dele. Levando-se em conta as condições de Fielding, com base no que Benton viu quando se encontrou com ele em meu escritório na semana passada, não me parece plausível que meu sub fosse tão longe para emboscar e incriminar um estudante de Harvard pelo homicídio de Mark Bishop. Por que Fielding mataria aquele menino de seis anos? Não acredito no que Benton diz, que estava matando a si mesmo quando criança ao enfiar pregos na cabeça do menino. Fielding estava pondo fim à sua própria infância de abusos, explicou Benton, mas não estou convencida disso.

Mas preciso lembrar a mim mesma que há muitas coisas na vida que fazem sentido para as pessoas que as estão fazendo, ao passo que o restante de nós não consegue entender. Mesmo quando somos informados do motivo, muitas vezes a explicação não se encaixa em nenhum modelo que faça sentido. Paro diante de uma janela, ainda despreparada para sair deste cômodo e entrar no seguinte, onde ouço Briggs perambulando com suas botas. Ele está conversando com alguém ao telefone; pego o meu para verificar as mensagens e vejo que há uma de Bryce.

Ligue para Evelyn.

Tento falar com ela no laboratório de vestígios de provas e outro microscopista atende, um jovem pesquisador chamado Matthew.

"Você está perto de algum computador?" A voz dele parece confiante e tensa de agitação. "Evelyn foi ao banheiro, mas queríamos te enviar uma coisa muito estranha, que ou é um erro ou a mais bizarra das contaminações que já vi. Você sabe que um fio de cabelo tem cerca de oitenta mil nanômetros, certo? Então imagine alguma coisa com quatro nanômetros, em outras palavras, um fio de cabelo tem vinte mil vezes esse diâmetro. E não é orgânico, mesmo que a impressão elementar seja quase de puro carbono, embora também tenhamos detectado traços residuais do que parecer ser fenilciclidina…"

"Vocês encontraram PCP?", interrompo seu discurso ofegante.

"Sim, pó de anjo em quantidade muito pequena, minúscula, na verdade. Usando a espectroscopia de infravermelho de Fourier. Com ampliação de cem, dá para ver os grânulos e muitos outros fragmentos microscópicos, especialmente fibras de algodão no verso do emplastro para dor. Provavelmente algumas dessas estruturas granulares são PCP, talvez Nuprin, Motrin também, o que quer que o emplastro originalmente contivesse, e possivelmente outras substâncias químicas."

"Matthew, fale mais devagar."

"Bom, a cento e cinquenta mil vezes no microscópio eletrônico, você vai ver o que estou dizendo no tamanho de uma caixa de sapato, dra. Scarpetta. É isso que queremos enviar."

"Vá em frente. Se não conseguir daqui, vou até a van e me conecto. Mas mandem em PDFs, para que eu possa tentar no iPhone. Do que exatamente você está falando?"

"Parecem fulerenos, como um halter, mas com pernas. É definitivamente artificial, com o tamanho de um filamento de DNA, como eu disse, quatro nanômetros e puro carbono, a não ser pelo que se destinava a liberar. E traços de polietilenoglicol, que achamos que era o revestimento externo do que deveria ser liberado."

"Explique a parte do *o que se destinava a liberar.* Alguma coisa construída em

nanoescala para liberar uma pequena quantidade de PCP?”

“Essa não é minha área, obviamente, e nós não temos um microscópio de força atômica aqui, fica a dica. Eu diria que ingressamos em uma nova era em que vamos começar a procurar por coisas assim, coisas que talvez seja necessário ampliar milhões de vezes. E na minha opinião, algum equipamento tipo um microscópio de força atômica teve que ser usado para montar isso, para fazer a nanomontagem, para manipular os nanotubos, as nanopartículas, enquanto tentavam fazer com que se encaixassem, usando uma nanossonda ou seja lá o que for. Bom, provavelmente podemos lidar com muitas dessas coisas com um microscópio eletrônico, mas um microscópio de força atômica seria uma boa ideia se é isso que vai aparecer, se é com isso que vamos começar a bater de frente, dra. Scarpetta.”

“Vocês não sabem o que encontraram, mas pode ser algum tipo de nanorrobô, na opinião de vocês, para liberar alguma droga, ou mais de uma, é isso? Encontraram algum na película adesiva que estava no bolso do jaleco?” Não explico qual.

“Só um misturado às partículas, fibras e outros fragmentos, porque não analisamos a película inteira, só o espécime que montamos no suporte. O resto da película plástica está no laboratório de impressões digitais neste exato momento, depois vai para o de DNA, depois para a cromatografia gasosa e a espectrometria de massas”, diz Matthew. “E está quebrado ou degradado.”

“O quê?”

“O nanorrobô. Ou parece quebrado, talvez esteja se deteriorando, já que deveria ter oito pernas, mas estou vendo quatro de um lado e duas do outro. Estou enviando por e-mail para você agora algumas fotografias que tiramos para que você mesma veja.”

Consigo abrir as imagens no iPhone e é uma sensação inexplicável registrar a assustadora simetria, ter em mente que o nanorrobô parece a versão molecular de uma mosca micromecânica. Não tenho como saber se o Santo Graal dos *flybots* de Lucy se parece com esse nanorrobô ampliado milhares de vezes, mas a estrutura artificial nas fotografias assemelha-se a um inseto, com seu corpo alongado e acinzentado de fulereno. Os delicados nanofios que constituem os

braços ou pernas e continuam intactos acham-se dobrados em ângulos retos com apêndices que parecem garras na ponta, possivelmente para se agarrar às paredes das células ou penetrar em vasos sanguíneos ou órgãos — em outras palavras, para o dispositivo encontrar o alvo e aderir a ele enquanto libera o medicamento ou possivelmente drogas ilegais destinadas a determinados receptores cerebrais.

Não é de admirar que a triagem de drogas de Johnny Donahue tenha dado negativa, ocorre-me. Se foram adicionados nanorrobôs a seu preparado sublingual para alergia ou, melhor ainda, a seu spray nasal de corticosteroide, as drogas talvez estivessem abaixo do nível de detecção. De forma ainda mais surpreendente, talvez não tenham penetrado a barreira hematoencefálica, mas foram programadas para se ligar a receptores no córtex frontal. Se as drogas não penetraram a corrente sanguínea, não foram excretadas na urina. Não acabaram no cabelo, e é esse o objetivo do emprego da nanotecnologia na medicina: tratar doenças e distúrbios com drogas que não são sistêmicas e, por essa razão, são menos prejudiciais. Como acontece com todo o restante, tudo que pode ser usado para o bem certamente será usado para o mal.

A sala de estar de Fielding tem o piso e as paredes descobertos e está cheia quase até o teto de caixas marrons empoeiradas, todas do mesmo tamanho, com o logotipo da empresa de mudanças Gentle Giant nas laterais, dezenas de caixas de papelão em pilhas cúbicas, como se não tivessem sido tocadas desde que foram trazidas para cá.

No meio desse bunker de papelão acha-se Briggs, o que me faz recordar uma fotografia de Matthew Brady de um general da Guerra Civil vestindo botas e o uniforme de campanha verde desbotado, com um Macbook no colo, as costas espadaúdas apoiadas no espaldar reto da cadeira. Concluo que seria do seu feitio sentar e me fazer ficar de pé, para coreografar nossa conversa de modo a que eu me sinta pequena e subserviente, mas ele se levanta e digo que não há necessidade. Vou continuar de pé. Assim, é o que ambos fazemos, encaminhando-nos a uma janela, em cujo peitoril ele deposita o laptop.

“Acho interessante que ele tenha uma rede sem fio aqui”, diz Briggs de

imediato, observando o panorama proporcionado pelo oceano e pelas rochas para além da rua coberta de gelo e areia. “Com tudo o que viu aqui, você esperaria que ele tivesse uma rede sem fio?”

“Talvez Fielding não fosse a única pessoa aqui.”

“Talvez.”

“Você ao menos admite a possibilidade. É mais do que os outros estão fazendo.” Coloco o iPhone no peitoril da janela para ver o que há na pequena tela e Briggs contempla o aparelho e afasta o olhar.

“Imagine dois tipos de nanorrobô”, diz ele como se conversasse com alguém do outro lado da janela antiga e instável, como se sua atenção estivesse lá fora, na luz do sol, na água cintilante, e não na mulher de pé ao seu lado, que sempre se sente jovem e insegura com ele, não importa a idade que tenha ou quem se tornou.

“Um nanorrobô biodegradável”, continua ele, “que a certa altura desaparece, depois de liberar uma dose diminuta de alguma droga psicoativa, e então um segundo tipo de nanorrobô que se autorreplica.”

Sempre me sinto outra pessoa com Briggs, alguém diferente de mim mesma, e aqui ao seu lado, a manga de nossas camisas roçando de modo que posso sentir seu calor, penso nas maneiras maravilhosas e terríveis pelas quais ele me moldou.

“O que se autorreplica é o que mais nos preocupa. Imagine ter uma coisa assim dentro de você”, diz ele, e o que trago dentro de mim é a força irresistível que representa o general John Briggs, e entendo o que Fielding sentia, o quanto deve ter me venerado e guardado rancor de mim.

Compreendo quão terrível e maravilhoso é se deixar dominar por alguém. É como uma droga, ocorre-me. Um vício que você deseja desesperadamente superar e manter. Acho que Briggs vai ter sempre esse efeito sobre mim. Não vou me recuperar nesta vida.

“E o nanorrobô autorreplicante permite a liberação prolongada de substâncias como a testosterona”, diz Briggs, e sinto sua energia e intensidade, ciente de quão próximos estamos, atraídos um pelo outro, como sempre estivemos e nunca deveríamos ter estado. “Uma droga como a PCP não poderia se replicar, é claro,

portanto seria uma dose única, que se repetiria só quando o sujeito usasse o spray nasal, tomasse as injeções ou aplicasse um novo emplastro transdérmico impregnado de nanorrobôs biodegradáveis. Mas uma substância que o corpo naturalmente produz poderia ser programada para se replicar, fazendo com que o nanorrobô se replique, circulando livremente através do corpo, através das artérias, ligando-se a áreas-alvo como o córtex frontal do cérebro sem necessidade de bateria. Autopropulsionado e se replicando."

Briggs me encara e seus olhos são duros, mas há neles alguma coisa que sempre demonstrou por mim, uma ligação tão constante quanto ambivalente. Recordo nitidamente quem éramos no Walter Reed, quando nosso futuro encerrava mistério e possibilidades ilimitadas, ele mais velho e impressionante, eu um prodígio. Briggs me chamava de major Prodígio, mas então voltei da África do Sul e fui para Richmond, e ele não me telefonou uma vez sequer durante anos. O que sentíamos um pelo outro era complexo e insondável, e recordo tudo outra vez quando estou com ele.

"As guerras não seriam mais necessárias", diz ele. "Não o tipo de guerra que conhecemos, Kay. Estamos no limiar de um novo mundo, onde as velhas batalhas vão parecer fáceis e humanas."

"Jack Fielding não era esse tipo de cientista", retruco. "Não fabricou aqueles emplastros e provavelmente teria resistido e ficado muito aborrecido se alguém tentasse induzi-lo a usar drogas liberadas por nanorrobôs. Eu ficaria surpresa se ele até mesmo soubesse o que é um nanorrobô ou tivesse alguma noção de que era isso que estava deixando à solta no próprio organismo. Fielding provavelmente achava que estava tomando algum novo tipo de esteroide, um modelador, alguma coisa que ajudasse a musculação, ajudasse a aliviar suas dores crônicas devido a décadas de abusos, ajudasse a combater o envelhecimento. Ele detestava envelhecer. Não era uma opção para ele."

"Bom, ele não vai ter que se preocupar com isso."

Não, não vai. Mas o que digo é: "Ele não se matou porque não queria envelhecer. Ele nem se matou. Tenho muitas dúvidas a esse respeito".

"Pelo que entendi, você foi exposta a um dos emplastros", diz Briggs então, "e sinto muito, mas se isso não tivesse acontecido você não saberia o resto. Kay

Scarpetta drogada. É uma ideia e tanto. Lamento não estar presente para ver.”

Benton deve ter lhe contado.

“É isso que estamos enfrentando, Kay”, continua Briggs. “Nosso admirável mundo novo, o que chamo de neuroterrorismo, que é como o Pentágono também está chamando, o grande medo. Deixe-nos loucos e você ganha. Deixe-nos loucos o bastante e matamos a nós mesmos, poupando o trabalho. No Afeganistão, dê ópio aos soldados, benzodiazepínicos, alucinógenos, alguma coisa para aliviar o tédio, e depois veja o que acontece quando eles entram nos helicópteros, nos caças, nos tanques e nos Humvees. Veja o que acontece quando voltam para casa viciados, ensandecidos.”

“A Otwahl”, comento. “Estamos desenvolvendo armas assim?”

“*Nós* não. Não é por isso que a DARPA está pagando milhões, droga. Mas alguém na Otwahl está, e achamos que não é uma pessoa só. É um grupo pequeno de supercérebros envolvido em experimentos não autorizados que não têm como ser mais perigosos.”

“Imagino que você saiba quem são essas pessoas.”

“São crianças”, diz ele, contemplando a tarde luminosa. “Dezessete, dezoito anos, com QI acima da média e cheias de entusiasmo, mas sem nada aqui dentro.” Briggs bate na testa. “Não preciso mencionar os rapazes, com o lobo frontal pouco desenvolvido, imaturos até a metade da casa dos vinte, e ainda assim eles estão lá, brincando em laboratórios de nanotecnologia, ou com supercondutores, robótica e biologia sintética, o que você quiser. Já é um bocado difícil dar a eles armas e atirá-los em caças *stealth*, mas pelo menos temos regras”, diz ele em tom severo. “Temos estruturas, regulamentos, liderança, uma supervisão das mais rígidas, mas que diabos você acha que acontece em um lugar como a Otwahl, onde o objetivo não é nem segurança nacional nem disciplina, mas dinheiro e ambição? Aqueles malditos garotos inteligentes, como Johnny Donahue, não sabem merda nenhuma sobre o Afeganistão, o Paquistão, ou o Iraque, pelo amor de Deus. Nunca puseram os pés em uma base militar.”

“Não vejo a ligação de Jack com isso, além de ele ensinar artes marciais a alguns deles.” O céu é de um turquesa profundo e imaculado e, sob ele, o oceano azul oscila.

“Fielding se envolveu com eles e meu palpite é que involuntariamente se tornou seu projeto. Você sabe muito bem o que acontece com projetos de pesquisa e experimentos médicos, só que aqueles com que estamos acostumados são supervisionados e rigorosamente monitorados por comissões de ética em pesquisa humana. Então, como conseguir voluntários se você é um engenheiro técnico de dezoito anos de Harvard ou do MIT na Otwahl? Só podemos imaginar que Jack tenha feito seus contatos, provavelmente através da academia, através do tae kwon do. Todos estamos dolorosamente cientes dos constantes problemas dele com abuso de substâncias, sobretudo esteroides, então chega alguém que distribui o elixir da vida, a fonte da juventude em emplastros analgésicos. Mas ele com certeza não obteve aquilo por que barganhou. Nem Wally Jamison, nem Mark Bishop, nem Eli Goldman.”

“Wally Jamison não trabalhou na Otwahl.”

“Por algum tempo namorou alguém que trabalha. Dawn Kincaid, uma neuroterrorista de lá.”

“A melhor amiga de Johnny Donahue”, digo. “E onde ela está agora?”, pergunto. “Parece que todos que você mencionou estão mortos. Menos ela.” Sinto um alarme disparar dentro de mim.

“Desaparecida”, diz Briggs. “Não deu as caras na Otwahl nem ontem nem hoje, provavelmente tirou férias.”

“Com certeza.”

“Vamos encontrar a garota e conseguir o resto da história, porque sem dúvida ela vai contar, visto que sua especialidade é nanoengenharia, síntese química em nanoescala. Com base no que descobrimos, provavelmente foi ela que desenvolveu esses nanorrobôs que abriram caminho até Jack Fielding e o transformaram em um monstro, para não dizer coisa pior.”

“Um monstro”, repito. “A mesma coisa que Erica Donahue disse sobre seu filho”, enfatizo. “Só que duvido que Johnny tenha matado alguém.”

“Ele não matou aquele menino.”

“Você está convencido de que foi Jack.”

“Fora de controle”, diz Briggs.

“E depois matou Eli.” Meu comentário fica pairando no ar e me pergunto se

soa tão irreal para Briggs quanto para mim. Pergunto-me se ele consegue perceber com que veemência não acredito nisso.

"Você se dá conta de que isso se deve à maldita gripe suína?" Ele continua a contemplar o dia que resplandece por trás do vidro antigo e empoeirado. "Se o pai biológico da enteada não tivesse ficado doente, Liam Saltz não teria precisado entregar a moça no casamento e não teria vindo aos Estados Unidos, a Cambridge, a Norton's Woods, no último minuto. E Jack não precisaria apunhalar Eli pelas costas com uma faca de injeção."

"Para impedir Eli de contar ao dr. Saltz o que você está me contando."

"Infelizmente, não podemos perguntar a Jack."

"Talvez eu conseguisse entender se Eli fosse contar ao dr. Saltz ou a alguém que Jack estava vendendo sêmen que roubava dos cadáveres. Isso seria um motivo."

"Não sabemos do que Eli estava informado. Mas provavelmente tinha ciência de Jack e das drogas; é óbvio que conhecia Jack o bastante para ter uma de suas armas. Jack deve ter se preocupado quando descobriu, através da polícia de Cambridge, que o morto portava uma Glock com o número de série apagado."

"Parece que Marino já te forneceu as informações. Contou tudo isso como se fosse o histórico irrefutável do caso. E não é. É uma teoria. Não temos provas tangíveis de que Jack tenha matado alguém."

"Ele sabia que estava em dificuldade. Acho que disso temos certeza", retruca Briggs.

"Tanto quanto temos certeza de qualquer outra coisa. Concordo que ele não teria tirado a Glock do laboratório se não estivesse com medo. Minha pergunta é se ele estava protegendo a si mesmo ou outra pessoa."

"Ele sabia muito bem que nós íamos restaurar o número de série, que a pistola nos levaria até ele."

"Nós", retruco. "Estou ouvindo muito isso ultimamente."

"Sei como você se sente quanto a isso." Briggs pousa as mãos no peitoril da janela e se inclina para a frente, como se estivesse com dor na região lombar. "Acha que estou tentando tirar alguma coisa de você. Acredita nisso." Ele abre um sorriso carrancudo. "A capitã Avallone esteve aqui no outono passado."

“Alguém tão inferior assim? Para não levantar suspeitas?”

“Exatamente, para parecer casual, uma visita informal enquanto ela estava a caminho de outro lugar. Quando a realidade é que ficamos sabendo de coisas das quais não gostamos sobre a forma como seu sub estava administrando o CFC. E não preciso dizer que temos um interesse especial. O AFMES, o Departamento de Defesa, muita gente tem. A repartição não é sua para estragar.”

“Não é minha em hipótese nenhuma”, digo. “É óbvio que fiz um péssimo trabalho antes mesmo de começar…”

“Você não fez um péssimo trabalho”, interrompe ele. “Sou culpado na mesma medida. Você escolheu Jack ou, melhor dizendo, cedeu ao desejo dele de voltar e não interferi; com certeza deveria ter interferido. Não quis passar por cima de você, mas precisava ter feito isso nesse caso. Calculei que em quatro meses você estaria em casa e honestamente não imaginei o caos que o sujeito poderia causar em tão curto espaço de tempo, mas ele se envolveu com a gangue juvenil do laboratório da Otwahl, perdendo o controle com as drogas.”

“Foi por isso que você adiou minha partida de Dover? Para ganhar tempo e substituir a liderança do CFC? Para poder me substituir?”, pergunto da forma mais corajosa que consigo.

“Pelo contrário. Para te deixar fora disso. Eu não queria que se sujasse. Retive você tantas vezes quanto possível sem um completo sequestro, então o pai da noiva em Londres pega gripe suína e um cadáver começa a sangrar. E sua sobrinha aparece de helicóptero em Dover. Tentei fazer com que você ficasse me oferecendo para transportar o corpo, mas você não quis e fim da história. Aqui estamos de novo.”

“É, de novo.”

“Já nos envolvemos em confusões antes. E provavelmente vamos nos envolver outras vezes.”

“Você não mandou Lucy me buscar.”

“Não. E acho que ela não é propensa a receber ordens minhas. Graças a Deus que nunca pensou em se alistar. Ia acabar na penitenciária em Leavenworth.”

“Você não pediu a ela para grampear meu escritório.”

“Sugeri de passagem, para saber o que exatamente Jack estava fazendo.”

“Sua sugestão é o mesmo que o convite casual de um canibal para jantar”, retruco.

“Uma analogia e tanto.”

“As pessoas prestam atenção ao que você sugere, e sabe disso.”

“Lucy presta atenção quando lhe convém.”

“E a capitã Avallone? Ela conspirou com Jack, conspirou contra mim?”

“Jamais. Eu já te disse por que ela apareceu em novembro passado para uma visita. É totalmente leal a você.”

“Tão leal que contou a Jack sobre a Cidade do Cabo.” Surpreendo a mim mesma ao dizer isso em voz alta.

“Não. Sophia não sabe nada sobre a Cidade do Cabo.”

“Então como Julia Gabriel sabia?”

“Quando gritou com você? Entendo”, diz Briggs como se eu tivesse acabado de responder a uma pergunta que ele não fez. “Parei na frente do seu escritório para conversar e ouvi você ao telefone, percebi que estava muito envolvida. Ela falou comigo também. Falou com várias pessoas depois de tomar conhecimento do boato de que extraímos sêmen em Dover, de que todas as repartições de medicina legal fazem isso como rotina, o que é a mais absoluta bobagem. Nunca faríamos uma coisa dessas, a menos que fosse totalmente apropriado e aprovado. Ela ficou com essa impressão porque era o que Jack estava fazendo em segredo no CFC, e foi o que fez no caso do homem que morreu no táxi em Boston no dia do casamento. E acho que você consegue entender como ela teve a ideia de que seu filho Peter deveria receber o mesmo tratamento especial.”

“Ela não sabe nada pessoal a meu respeito? Não se referiu a nada pessoal? Você tem certeza?”

“Por que você acreditaria em coisas negativas sobre sua pessoa?”, pergunta ele.

“Acho que você sabe por quê, John.”

“Ela não estava se referindo a nada específico, de jeito nenhum. É uma mulher inflamada, militante, e só estava descarregando quando xingou você das mesmas coisas que me xingou, assim como xingou várias outras pessoas em Dover. Preconceituosos. Racistas. Nazistas. Fascistas. Muitos funcionários ouviram

essas coisas naquela manhã.”

Briggs afasta-se da janela e pega o laptop no peitoril, seu jeito de dizer que precisa ir. Ele não consegue ter uma conversa que dure mais de vinte minutos e, na realidade, a que acabamos de ter foi longa para os padrões dele, testou sua paciência e chegou perto demais de muitas coisas.

“Quero te pedir um favor”, diz ele. “Pare de dizer às pessoas que considero o MORT a melhor coisa depois do pão fatiado.”

Benton, acho. Imagino que os dois tenham ficado bastante chegados.

“Não é assim, mas entendo que sejam essas suas lembranças e lamento termos batido cabeça a respeito disso”, continua Briggs. “No entanto, se as opções são um robô arrastando um cadáver no campo de batalha e uma pessoa arriscando a vida e a integridade física para fazer isso… É a escolha de Sofia. Não existe uma boa opção, só duas ruins. Você não estava certa e eu também não.”

“Então vamos deixar por isso mesmo”, digo. “Nós dois tomamos decisões ruins.”

“Como se já não tivéssemos feito isso antes”, resmunga ele.

Briggs deixa a casa do capitão junto comigo, passando por cômodos nos quais já estive. Todos os espaços parecem vazios e deprimentes, como se a casa nunca tivesse sido habitada. Fielding não parece ter vivido aqui, só se aboletava enquanto fazia suas reformas e trabalhava em segredo no porão. Não consigo entender o que o motivou. Talvez dinheiro. Ele sempre quis e nunca teria em nosso ramo, outra coisa que o incomodava com respeito a mim. Ganho mais que a maioria. Planejo bem e Benton tem sua herança, além disso Lucy é indecentemente rica devido às tecnologias de informática que vende desde sempre, quando não era mais velha que os neuroterroristas que Briggs acaba de mencionar. Com a graça de Deus, pelo que sei, as invenções dela são legais.

Lucy está dentro da van do CFC com Marino e Benton; os macacões e capacetes amarelos foram removidos e todos parecem cansados. Anne tornou a sair na outra van para fazer entregas aos laboratórios enquanto mais provas a aguardam aqui, caixas brancas repletas de sacos de papel brancos.

“Deixei um pacote para você no carro”, diz Briggs na frente dos outros. “O último e melhor colete nível IV-A, desenhado especialmente para mulheres no

teatro de operações, o que seria ótimo se vocês se preocupassem em utilizar um.”

“Se o colete for confortável…”, começo a dizer.

“Acho que é, mas minha constituição é um pouco diferente da sua. O problema vai ser se ele não fechar completamente nas laterais. Já vimos isso muitas vezes, o projétil encontra a maldita abertura.”

“Vou experimentar para você”, oferece-se Lucy.

“Muito bom”, diz Marino. “Você veste o colete e começo a atirar para ver se funciona.”

“O trauma do impacto direto, que é do que a maioria das pessoas parece se esquecer”, digo a Briggs. “Os disparos não penetram o colete, mas se a força do impacto chega a quarenta e quatro milímetros é impossível sobreviver.”

“Faz tempo que não fico na linha de tiro”, Lucy diz a Marino. “Talvez a gente consiga emprestado o campo de tiro de Watertown. Vocês já estiveram no campo novo dele?”

“Jogo boliche com o coordenador deles.”

“Ah, é, seu time de cretinos. Como é que se chama? Bolas na Canaleta?”

“Não poupe ninguém. Você devia jogar com a gente qualquer dia desses”, Marino diz a Briggs.

“Você aceitaria, coronel, que o AFDIL enviasse um reforço de pesquisadores para ajudar no CFC?”, pergunta Briggs, dirigindo-se a mim. “Já que parece que temos uma avalanche de provas que não para de chegar.”

“Qualquer ajuda vai ser muito apreciada”, respondo. “Vou trabalhar agora mesmo no colete.”

“Vá dormir primeiro”, diz Briggs, como se fosse uma ordem. “Você está péssima.”

22

O Hospital Veterinário de Referência de Massachusetts possui um serviço de emergência que funciona vinte e quatro horas e, ainda que Sock não pareça estar sofrendo enquanto ronca enroscado como um cão pequeno, um chihuahua ou um poodle, que caberia dentro de uma bolsa, preciso descobrir o que puder sobre ele. Está escurecendo e Sock está em meu colo, os dois no banco traseiro do utilitário emprestado, rumando para o norte na I-95.

Tendo identificado o homem que foi assassinado enquanto passeava com Sock, pretendo tratar o cão de corrida resgatado tão bem quanto seu antigo dono, pois ninguém parece saber de onde saiu o animal. Liam Saltz não tinha conhecimento de que seu enteado Eli possuía um galgo ou qualquer animal de estimação. O síndico do prédio perto de Harvard Square informou a Marino que animais não são permitidos ali. Segundo todos os relatos, quando Eli alugou o apartamento na primavera passada, não tinha cachorro.

"Não precisamos fazer isso hoje", diz Benton enquanto seguimos, e acaricio a cabeça sedosa do galgo, com pena do animal. Tomo cuidado com as orelhas imperfeitas, porque ele não gosta que as toquem. O galgo também tem cicatrizes antigas no focinho pontiagudo. Ele é quieto, como uma criatura muda. *Se ao menos você pudesse falar*, penso.

"O dr. Kessel não se importa. É melhor fazer isso enquanto estamos fora", retruco.

"Eu não estava pensando no incômodo para o veterinário."

"Sei que não", digo enquanto acaricio Sock, percebendo que talvez queira ficar com ele. "Estou tentando lembrar o nome da mulher que toma conta de Jet Ranger."

"Não vamos pensar nisso agora."

"Lucy também não para em casa e dá tudo certo. Acho que é Annette, ou Lanette. Vou perguntar se pode dar uma passada durante o dia, quem sabe cedo,

todas as manhãs. Pega Sock, leva para a casa de Lucy, então ele e Jet Ranger fazem companhia um para ou outro. À noite, Annette, ou qualquer que seja o nome dela, traz Sock de volta. O que tem de difícil nisso?”

“Vamos encontrar um lar para Sock quando for a hora certa.” Benton pega a saída de Woburn, a placa ostentando um verde iridescente quando os faróis a iluminam, e então diminui a marcha no declive.

“Você vai ter um ótimo lar”, digo a Sock. “O agente Wesley disse isso. Você ouviu.”

“Você não pode ter um cachorro agora pelo mesmo motivo de sempre”, soa a voz de Benton na penumbra, vinda do banco da frente. “Seu QI cai uns cinquenta pontos.”

“Daria um número negativo então. Menos dez ou coisa do gênero.”

“Por favor, não comece a falar que nem bebê, ou como quer que você fale com os animais.”

“Estou tentando descobrir onde parar para comprar comida para ele.”

“Eu levo vocês e depois corro até alguma loja de conveniência ou mercado e compro alguma coisa”, diz Benton em seguida.

“Nada enlatado. Preciso fazer uma pesquisa sobre marcas primeiro, provavelmente uma ração para cães pequenos e idosos, porque ele não é um menino. Por falar nisso, vamos fazer peito de frango, arroz, peixe, quem sabe colocar uma semente saudável como quinoa? Então acho que você vai precisar de um supermercado de verdade. Deve ter um aqui perto.”

No Hospital Veterinário de Referência, sou conduzida ao longo de um corredor claro, repleto de salas de exame, e o técnico que nos acompanha é muito bondoso com Sock, que percebo que é bastante indolente. Seu corpo parece leve sobre as pequenas patas, e ele percorre o corredor devagar, como se nunca tivesse participado de uma corrida na vida, nem fosse capaz disso.

“Acho que ele está assustado”, digo ao técnico.

“Ele é preguiçoso.”

“Quem pensaria isso de um cachorro que corre sessenta e cinco quilômetros por hora?”, comento.

“Quando é necessário, mas eles nunca querem. Preferem ficar dormindo no

sofá.”

“Bom, não quero puxá-lo. Ele está com o rabo entre as pernas.”

“Pobrezinho.” O técnico para a cada dois segundos para acariciar Sock.

Desconfio que o dr. Kessel alertou os funcionários das tristes circunstâncias do galgo. Todos só demonstraram consideração, compaixão e nos dão muita atenção, como se Sock fosse famoso, o que espero sinceramente que não. Não ia ajudar em nada se a notícia se tornasse pública, se ele se tornasse assunto na internet, incitando o voyeurismo e as piadas de mau gosto que sempre parecem brotar a minha volta. Levo Sock para o necrotério? Ele pode ser treinado para cuidar de cadáveres? O que vai fazer quando eu chegar em casa cheirando a defunto?

Ele não tem febre, os dentes e as gengivas estão saudáveis, o pulso e a respiração, normais e não há sinais de sopro cardíaco nem de desidratação, mas não vou permitir que o dr. Kessel colha sangue nem urina. Proponho deixar um checkup completo para outra hora, pois Sock não necessita de mais traumas. “Deixe que me conheça primeiro antes de me associar a dor e sofrimento”, sugiro ao dr. Kessel, um homem magro de jaleco, que parece jovem demais para ter concluído o curso de veterinária. Usando um pequeno scanner que chama de varinha mágica, ele procura o microchip que dever ter sido implantado sob a pele do dorso ossudo de Sock, que se senta na mesa de exame. Eu o acaricio.

“Bom, ele tem um pequeno chip RFID bem onde deveria estar, acima do quarto dianteiro”, informa o dr. Kessel, examinando o que aparece no visor de sua varinha mágica. “É um número de identificação; vou dar um telefonema rápido para o Registro Nacional de Animais de Estimação e vamos descobrir a quem pertence esse rapaz.”

O dr. Kessel faz as ligações e toma notas. Instantes depois me estende um pedaço de papel com um número de telefone e o nome Lost Sock.

“Um nome e tanto para um cão de corrida, hein, rapaz?”, diz o veterinário. “Talvez tenha correspondido às expectativas e por isso foi encostado em algum canto. Código de área sete-sete-zero? Tem ideia de onde fica?”

“Não.”

Ele se encaminha a um computador sobre uma bancada, digita o código de

área em um campo de pesquisa e diz: “Douglasville, Georgia. Provavelmente alguma clínica veterinária lá. Quer ligar daqui para ver se está aberta? Você está muito longe de casa”, diz ele, dirigindo-se a Lost Sock, e já sei que não vou chamá-lo assim.

“Você nunca mais vai se perder”, digo a Sock quando voltamos ao carro, porque não quero dar o telefonema diante de uma plateia.

A mulher que atende diz simplesmente alô, como se eu tivesse ligado para um número residencial. Digo-lhe que estou telefonando por causa de um cachorro com esse número de telefone em um microchip.

“Então ele é um dos nossos resgates”, informa ela, que tem a fala arrastada do Sul. “Provavelmente de Birmingham. Recebemos muitos deles, afastados da pista de corrida de lá. Qual é o nome dele?”

Digo a ela.

“Branco e preto, cinco anos?”

“Isso”, retruco.

“Ele está bem? Não está machucado nem nada? Não foi maltratado?”

“Está enroscado no meu colo. Ele está bem, sim.”

“Ele é um amor. Todos são. Eles toleram gatos e cães menores e se dão bem com crianças, desde que não puxem ou apertem as orelhas dele. Se esperar um minuto, vou buscar o nome no computador, para ver o que consigo descobrir a respeito de onde ele deveria estar e com quem. Lembro que foi levado por uma estudante, mas não recordo o nome. Ela era do norte. Ele estava perdido? De onde você está ligando? Sei que ele foi adestrado e socializado, concluiu o programa com distinção, então você tem um cachorro muito legal, e tenho certeza de que a dona deve estar louca atrás dele.”

“Adestrado e socializado?”, pergunto e penso em Sock com uma estudante. “Que programa? Seu grupo de resgate está envolvido com algum programa especial que leva galgos a comunidades de aposentados ou hospitais, algo do tipo?”

“Prisões”, responde ela. “Ele foi liberado da pista de corrida em julho passado e passou pelo nosso programa de nove semanas, onde são os presos que fazem o verdadeiro treinamento. No caso de Lost Sock, foi Chatham, em Savannah,

Georgia.”

Lembro-me de Benton ter me contado a respeito da mulher encarcerada em uma prisão localizada em Savannah, a terapeuta condenada por molestar Jack Fielding quando era um menino problemático e foi enviado para viver em uma fazenda perto de Atlanta.

“Nós nos envolvemos com eles porque já estavam treinando cães farejadores de bombas e achamos que talvez quisessem fazer alguma coisa mais interessante, mais difusa”, diz a mulher. Coloco-a no viva-voz e aumento o volume. “Como acolher um desses animais encantadores”, ela continua. “O preso aprende paciência e responsabilidade, tem a sensação de ser incondicionalmente amado, e o galgo aprende os comandos. Seja como for, Lost Sock foi treinado por uma presidiária em Chatham que disse que queria ficar com ele quando saísse, mas acho que ainda vai levar algum tempo. Então foi adotado por alguém que ela recomendou, a jovem em Massachusetts. Você tem como tomar nota?”

Ela me fornece o nome Dawn Kincaid e vários números de telefone. O endereço em Salem é o local onde estivemos, a casa de Jack Fielding. Duvido muito que Dawn Kincaid morasse lá, mas talvez aparecesse com frequência. Também duvido que morasse com Eli Goldman. Mas ele talvez cuidasse do cachorro para ela.

Eli obviamente a conhecia, estando os dois na Otwahl, e lembro-me de Briggs ter dito que a área de especialização de Dawn Kincaid era síntese química e nanoengenharia. Qualquer especialista em nanoengenharia consideraria brincadeira de criança ocultar microgravadores de áudio e vídeo em fones de ouvido. Dawn provavelmente teria fácil acesso aos fones e ao rádio portátil via satélite de Eli. Trabalhavam juntos. Seu cão estava no apartamento dele, o que significa que ela devia estar sempre lá. Talvez tenha dormido lá. Talvez tivesse a chave.

Bryce ainda está no CFC quando ligo e informo que fiz uma fotocópia da carta de Erica Donahue antes de entregá-la ao laboratório. Peço-lhe que encontre o arquivo e leia os números de telefone. Anoto-os e pergunto o que está acontecendo no laboratório de DNA.

“Está trabalhando dia e noite”, ele responde. “Espero que não venha hoje. Descanse um pouco.”

“O coronel Pruitt voltou a Dover ou está no laboratório?”

“Eu o vi ainda há pouco. Estava com o general Briggs. O pessoal deles está vindo de Dover. Bom, é o seu pessoal também, imagino…”

“Encontre o coronel Pruitt e pergunte se, conforme minhas diretrizes, os perfis da máquina de escrever estão sendo imediatamente passados pelo CODIS, antes de qualquer outra coisa. Talvez eles já tenham algum resultado. Ele vai saber a que estou me referindo. Mas o que é realmente importante é que quero que seja feita uma pesquisa familiar que confronte todos os perfis com o DNA de exclusão de Jack Fielding e uma pesquisa familiar no CODIS que inclua uma comparação com o perfil de uma presidiária do Instituto Correcional de Chatham em Savannah, Georgia. Seu nome é Kathleen Lawler.” Soletro o nome. “Reincidente…”

“Onde?”

“Chatham, um presídio de mulheres perto de Savannah, Georgia. O DNA dela deve estar no banco de dados do CODIS…”

“O que isso tem…?”

“Ela e Jack tiveram uma filha. Quero uma pesquisa familiar para ver se conseguimos alguma correspondência com o que foi recuperado…”

“Ele o quê? Ele o quê com quem?”

“E as impressões virtuais na película plástica…”, começo a dizer.

“Tudo bem. Agora você está embaralhando meus miolos…”

“Bryce, desembaralhe e fique quieto. É melhor tomar nota.”

“Estou anotando, chefe.”

“Quero que as impressões da película sejam comparadas com as de Fielding e as minhas e quero o DNA pronto o mais rápido possível. Veja quem mais pode ter tocado a película. Possivelmente quem quer que tenha alterado o emplastro de onde ela veio. Meu palpite é que a Otwahl colhe as impressões digitais dos funcionários e deve ter um arquivo contendo todas. Um lugar tão ciente da segurança… É muito importante que a gente descubra exatamente quem forneceu aqueles emplastros adulterados. O coronel Pruitt e o general Briggs vão entender tudo isso.”

Em seguida, converso com Erica Donahue ao telefone enquanto Benton percorre Cambridge, passando pelas mesmas ruas que Eli quando passeou pela última vez com Sock no domingo, a caminho de encontrar seu padrasto e denunciar a Otwahl para um homem que poderia fazer alguma coisa a respeito.

"Bem-vinda significa com que frequência?", pergunto à sra. Donahue depois que ela me informa no viva-voz que Dawn Kincaid esteve várias vezes na casa dos Donahue em Beacon Hill e é sempre bem-vinda. Os Donahue aparentemente a adoram.

"Ela vem jantar ou nos visitar, especialmente no fim de semana. Você sabe, ela subiu na vida apesar de tudo. Teve que trabalhar muito e sofreu uma série de infortúnios. A mãe morreu em um acidente de carro, depois o pai morreu de forma trágica, não lembro como. Uma menina simpática, sempre muito carinhosa com Johnny. Os dois se conheceram na primavera passada, quando ele começou na Otwahl, embora ela seja mais velha e esteja cursando um programa de doutorado no MIT, transferida de Berkeley, acho; é muito inteligente e bonita. Como você a conhece?"

"Não conheço. Nunca nos encontramos."

"É na verdade a única amiga de Johnny. Certamente a mais chegada que ele já teve. Mas não é um relacionamento romântico, ainda que eu tivesse esperanças. Acho que nunca vai ser. Parece que ela está saindo com outra pessoa na Otwahl, um pesquisador com quem trabalha."

"A senhora sabe o nome dele?"

"Desculpe, não recordo de já ter ouvido. Acho que ele também era de Berkeley e acabou vindo para cá por causa do MIT e da Otwahl. É sul-africano. Ouvi Johnny se referir de forma um tanto rude ao nerd africano que Dawn namora, e outros nomes que não vou repetir. E antes disso era algum atleta idiota, segundo meu filho, que fica um pouco enciumado…"

"Atleta idiota?", pergunto.

"Uma coisa terrivelmente grosseira de dizer sobre alguém que morreu de maneira tão trágica. Mas Johnny não tem tato. Faz parte da singularidade dele."

"A senhora sabe o nome do garoto que morreu?"

"Não lembro. Aquele jogador de futebol americano que encontraram no

porto.”

“Johnny conversou com a senhora sobre esse caso?”

“Você não está insinuando que meu filho teve alguma coisa a ver com…”

Asseguro-lhe com toda a calma que não estou insinuando nada assim e encerro a chamada quando o utilitário tritura a neve congelada que cobre a entrada da nossa garagem em Cambridge. No final, sob os galhos nus de um imenso carvalho, fica a casa em estilo cocheira, a garagem reformada, as portas duplas de madeira iluminadas pelos faróis.

“Você ouviu em primeira mão”, digo a Benton.

“O que não significa que Jack não tenha feito nada. O que não significa que não tenha matado Wally Jamison, Mark Bishop ou Eli Goldman”, diz ele. “Precisamos tomar cuidado.”

“É claro que precisamos tomar cuidado. Sempre tomamos. Você não sabia de nada disso?”

“Não posso revelar o que um paciente me contou. Mas vamos colocar dessa forma: o que a sra. Donahue acaba de mencionar é interessante, e eu ainda não estou convencido no que se refere a Fielding. Só estou dizendo que precisamos tomar cuidado porque neste momento não temos certeza de determinadas coisas. Mas vamos ter certeza. Isso eu posso prometer. Está todo mundo procurando por Dawn Kincaid. Vou passar adiante essa última informação”, diz Benton, mas o que ele está de fato querendo dizer é que não há nada que possamos fazer a respeito, ou nada que devamos fazer, e ele está certo. Não podemos sair os dois no encalço de Dawn Kincaid, que a esta altura provavelmente está a milhares de quilômetros daqui.

Benton para o utilitário e aponta o controle remoto na direção da garagem. A porta de madeira se ergue e uma luz se acende no interior, iluminando seu Porsche preto conversível e três outras vagas desocupadas.

Ele guarda o utilitário ao lado do carro esporte. Deslizo a corrente pelo pescoço longo e fino de Sock e o ajudo a saltar de meu colo e do banco traseiro para a garagem, que está muito fria devido à ausência de vidro na janela nos fundos. Conduzo Sock através do piso emborrachado e olho para o quadrado preto e, depois dele, para o quintal coberto de neve. Está muito escuro, mas

distingo a neve alterada, com muitas pegadas, as crianças da vizinhança tendo outra vez usado nossa propriedade como atalho, o que vai acabar. Temos um cachorro e vou murar ou cercar o quintal. Vou me tornar a vizinha má e ranzinza, que não permite invasão.

"Que piada", comento com Benton quando deixamos a garagem desligada da casa rumo ao acesso coberto de neve e escorregadio, a noite bastante fria, branca e muito silenciosa. "Você decide comprar um sistema de alarme para a garagem. Então precisamos deixá-lo desligado e qualquer pessoa pode entrar pela janela. Quando vamos instalar o vidro?"

Encaminhamo-nos para a porta dos fundos, avançando com cuidado sobre a neve áspera, que Sock claramente detesta, puxando as patas para cima como se estivesse pisando em brasas e tremendo. Árvores escuras balançam ao vento, o céu noturno repleto de estrelas, a lua miúda e branca como osso acima dos telhados e da copa das árvores de Cambridge.

"É uma droga", diz ele, transferindo a sacola de compras para o outro braço enquanto procura a chave da porta. "Amanhã vou me certificar de afastar essa garotada daqui. É que não tenho parado e alguém precisa ficar em casa."

"Você acha que seria um problema cercar os fundos? Assim podemos deixar Sock do lado de fora sem medo que ele saia correndo."

"Você disse que ele não gosta de correr." Benton destranca a porta da varanda envidraçada.

Mais adiante, veem-se os contornos escuros das árvores de Norton's Woods. A construção em madeira com seu telhado de metal em três níveis ergue-se ameaçadora em contraste com a noite, sem luzes acesas no interior. Sinto-me triste ao contemplar a sede da Academia de Artes e Ciências dos Estados Unidos e penso em Liam Saltz e seu enteado morto. Pergunto-me se o *flybot* mutilado continua lá fora em algum lugar, enterrado e congelado, inativo, como Lucy sinalizou, pois o sol não consegue alcançá-lo. Tenho a estranha sensação de que alguém o encontrou. Talvez o FBI, concluo. Talvez o pessoal da DARPA, do Pentágono. Talvez Dawn Kincaid.

"Acho que vamos precisar de botas para ele", digo. "Existem botinhas para cães, e ele precisa de alguma coisa assim para não cortar as patas no gelo e na

neve congelada.”

“Bom, ele não vai muito longe nesse frio.” Benton abre a porta e o alarme começa a emitir bipes. “Acredite em mim. Você vai ter que o obrigar a sair com esse tempo. Espero que só faça as necessidades lá fora.”

“Ele precisa de casacos. Estou surpresa que Eli, Dawn ou quem quer que seja não tivesse casacos para ele. Galgos precisam disso por aqui. Na realidade, este não é o melhor lugar do mundo para os galgos, mas as coisas são como são, Sock. Você vai ficar aquecido, alimentado e bem.”

Benton insere o código no teclado numérico e desativa o alarme no instante em que fecha a porta atrás de nós; Sock se apoia em minhas pernas.

“Você acende a lareira e eu preparo as bebidas”, digo a Benton. “Depois vou cozinhar frango e arroz, ou então peixe e quinoa, mas não agora. Ele comeu frango e arroz o dia todo e não quero que fique doente. O que você vai querer? Ou talvez eu deva perguntar o que temos em casa…”

“Ainda temos pizza no freezer.”

Acendo as luzes. As janelas de vitrais na escada parecem escuras, mas devem ficar lindas vistas de fora, iluminadas do interior da casa. Imagino os cenários franceses de vida selvagem brilhantemente iluminados quando levar Sock para passear à noite e em como vai ser agradável. Imagino-me brincando com ele no quintal na primavera e no verão, quando faz calor, e vendo as janelas vibrantes acesas à noite, parecendo pacatas e civilizadas. Vou morar perto de Harvard, voltar do escritório para casa e para meu velho cão, plantar um jardim nos fundos, e penso no quanto tudo isso vai ser bom.

“Não quero comer nada agora”, diz Benton, tirando o casaco. “Primeiro uma bebida bem forte, por favor.”

Benton dirige-se à sala de estar e as unhas de Sock estalam de encontro à madeira, então silenciam sobre os tapetes à medida que passamos de um cômodo a outro e entramos na cozinha, onde o sinto encostar em minhas pernas quando abro os armários de cerejeira escura acima dos utensílios de aço inoxidável. Para onde quer que eu vá, ele me segue e se comprime de encontro a mim, empurrando a parte posterior de minhas pernas enquanto providencio copos, depois gelo, em seguida uma garrafa do nosso melhor uísque, um Glenmorangie

single malt de vinte e cinco anos, presente de Natal de Jaime Berger. Meu coração dói quando sirvo as bebidas e penso na separação de Lucy e Jaime, nas pessoas que morreram, no que Fielding fez com a própria vida e no fato de que agora está morto. Ele vinha se matando desde o princípio, e então alguém completou o serviço por ele, encostou uma Glock em sua orelha esquerda e apertou o gatilho, provavelmente enquanto estava de pé ao lado do freezer criogênico, onde guardava o sêmen obtido de forma ilegal antes de enviá-lo às mulheres, mães e amantes de homens que morreram jovens.

Em quem Fielding confiaria tanto a ponto de permitir que entrasse no porão, compartilhasse seu capitalismo ilegal de risco, pegasse emprestada sua casa e provavelmente tudo que possuía? Recordo o que seu ex-chefe em Chicago me disse. Que estava satisfeito que Jack estivesse de mudança para Massachusetts para ficar perto da família. Ele não estava se referindo a Lucy, a Marino, a mim nem a nenhum de nós, nem mesmo à sua mulher e às duas filhas deles. Ele se referiu a alguém que eu nem sabia que existia até agora. Se não fosse tão egocêntrica e narcisista, talvez esse pensamento tivesse me ocorrido antes.

É bem do meu feitio assumir tal importância na vida de Fielding, que em hipótese alguma estava pensando em mim quando mencionou sua família ao ex-chefe. Fielding se referiu à filha de seu primeiro amor, provavelmente a primeira mulher com quem manteve relações sexuais, a terapeuta da fazenda perto de Atlanta que teve uma filha dele e então a abandonou, exatamente como Fielding foi abandonado. Segundo Benton, uma menina com uma carga genética que a colocaria na prisão se não acabasse morta. E ela se mudou de Berkeley para cá no ano passado, depois Fielding veio de Chicago.

“Mil novecentos e setenta e oito”, digo ao entrar na sala escura e aconchegante, com estantes embutidas e vigas antigas aparentes. As luzes estão apagadas, o fogo crepita e arde na lareira de tijolos e as fagulhas enxameiam quando Benton desloca uma acha com o atiçador. “Ela teria a idade de Lucy, trinta e um.” Estendo o copo de uísque, uma dose generosa com poucos cubos de gelo. Parece acobreado à luz da lareira. “Você acha que é ela? Que essa Dawn Kincaid é filha dele? Porque é o que eu acho. Espero que você ainda não saiba nada sobre ela.”

“Juro que não. Se for verdade.”

“Você realmente não deu atenção a Dawn Kincaid ou à filha que Fielding teve com a mulher na prisão?”

“Não. Você precisa lembrar que tudo isso é recente, Kay.” Acomodamo-nos ao lado um do outro no sofá e Sock instala-se em meu colo. “Ele não estava no radar de ninguém até semana passada, pelo menos não por nada criminoso, nada violento. Mas eu devia ter me dado o trabalho de descobrir alguma coisa sobre o bebê”, diz Benton, parecendo ligeiramente irritado consigo mesmo. “Sei que mais à frente ia descobrir, mas ainda não tinha feito isso porque não me pareceu importante.”

“No esquema maior das coisas, na ocasião, não era. Não estou tentando te deixar na defensiva.”

“Fiquei sabendo, pelos registros que examinei, que o bebê, uma menina, foi dada para adoção quando a mãe foi para a prisão pela primeira vez. Uma agência de adoção em Atlanta”, diz ele. “Talvez ela tenha começado a procurar pelos pais biológicos, como algumas crianças adotadas fazem.”

“Esperta como é, isso provavelmente não foi muito difícil.”

“Cristo!” Benton toma um gole de uísque. “É sempre aquilo que você acha que não tem importância, aquilo que considera que pode esperar.”

“Eu sei. Quase sempre é assim. O detalhe com o qual você não quer se preocupar.”

Sentamos no sofá, olhando para o fogo, e Sock está enroscado em cima de mim. Está ligado a mim. Não me perde de vista. Precisa ficar se encostando em mim, como se tivesse certeza de que vou desaparecer e ele vai ser novamente abandonado em uma casa decadente, onde coisas horríveis acontecem.

“Acho que existe uma probabilidade muito boa de que seja isso o que o DNA vá nos informar a respeito de Dawn Kincaid”, continua Benton em tom inexpressivo. “Quem me dera soubéssemos antes. Mas não havia motivo para investigar.”

“Não precisa ficar repetindo isso. Por que teria investigado? O que um bebê que Jack teve quando adolescente teria a ver com o que aconteceu?”

“Porque teve.”

“Depois da batalha, todo mundo é general.”

“Eu sabia que ele estava escrevendo para Kathleen Lawler, mandando e-mails, mas não há nada de criminoso nisso, nada nem mesmo suspeito, e não havia nenhuma menção a alguém de nome Dawn, só a um *interesse* que eles tinham em comum. Estou lembrado da frase, o interesse que eles compartilhavam. Pensei que Jack estivesse se referindo ao crime, possivelmente o antigo crime dos dois, e como aquilo mudou a pessoa que eram para sempre; pensei que fosse esse o *interesse* que eles tinham em comum”, diz Benton com ar triste, tentando compreender à medida que fala. “Agora preciso me perguntar se o interesse que eles compartilhavam era a filha deles, talvez Dawn Kincaid. Que infelicidade Jack nunca ter superado essa parte da vida, ter continuado ligado a Kathleen Lawler, e provavelmente ela a ele. E então surge uma filha com as partes boas e as partes ruins dele. E as partes boas e as partes muito ruins da mãe. E quem vai saber por que lugares essa garota andou? Ela nunca morou com o pai, que desconfio que só conheceu depois de crescida. É claro que isso é pura especulação da nossa parte.”

“Na verdade, não. É como uma autópsia. Na maioria das vezes, ela me diz o que já sei.”

“A gente tinha como saber. Realmente tinha. E é uma história horrível. Nem me fale sobre a semente do mal e os pecados do pai.”

“Nesse caso, alguns diriam que foram os pecados da mãe.”

“Eu devia dar alguns telefonemas”, diz Benton, bebendo em frente à lareira, olhando para ela.

Ele está com raiva de si mesmo. Não se permite ter deixado escapar esse detalhe, como diz. Na cabeça dele, localizar um bebê nascido de uma mulher na prisão há mais de trinta anos deveria ter se tornado a mais urgente das prioridades, o que é irracional. Por que ele daria importância a isso?

“Jack nunca mencionou Dawn Kincaid ou uma filha que foi dada para adoção, absolutamente nada do gênero. Eu não fazia ideia.” O uísque me aqueceu e acaricio Sock, sentindo suas costelas, e a tristeza que despencou sobre mim e não vai embora. “Duvido muito que ela tenha morado com ele, a não ser, talvez, em um passado muito recente; fora isso, não vejo como. Não em Richmond,

claro que não. E é pouco provável que as mulheres que teve permitissem que uma filha proveniente daquele romance criminoso prematuro fizesse parte da vida deles, supondo que soubessem. Jack provavelmente não contou, a não ser que tenha feito referência à sua dificuldade de lidar com casos que envolviam crianças. Se ele ao menos tivesse contado esse detalhe às mulheres da vida dele."

"Jack contou a você."

"Eu não era só uma mulher na vida dele. Era a chefe dele."

"Não só isso."

"Por favor, de novo não, Benton. Sério. Isso está ficando ridículo. Você está de mau humor e nós dois estamos cansados…"

"É só que você não está sendo honesta comigo. Não me interessa o que fez naquela época. Não tenho o direito de me importar com o que fez antes de ficarmos juntos."

"Bom, você se importa, e tem o direito de se importar com o que quiser. Mas quantas vezes vou ter que dizer?"

"Eu me lembro da primeira vez que saímos."

"Como isso soa antiquado… Duas pessoas na casa dos cinquenta anos conversando sobre isso em um domingo à noite." Estendo a mão para segurar a dele.

"Em 1988, naquele restaurante italiano no Fan. Lembra o Joe's?"

"Era onde íamos parar toda vez que eu saía com a polícia. Nada como um belo prato de espaguete depois de uma cena de homicídio."

"Não fazia muito tempo que você estava na chefia." Benton conversa com o fogo e acaricia delicadamente minha mão, as duas pousadas em Sock. "Perguntei sobre Jack porque você tinha muito tato, era cuidadosa, voltada para ele, o que eu achava estranho. Quanto mais sondava, mais você se mostrava evasiva. Nunca esqueci."

"Não foi por causa dele", explico. "Foi por causa da forma como eu me sentia."

"Por causa de Briggs. Não é fácil ficar por baixo de um homem como ele. E eu não pretendia dizer isso do jeito que saiu. Não que você ficaria necessariamente por baixo dele ou de qualquer outra pessoa. Provavelmente

ficaria por cima.”

“Por favor, não seja maldoso.”

“Estou brincando, e nós dois estamos muito cansados e desgastados para provocações. Peço desculpas.”

“De qualquer forma, o que aconteceu foi culpa minha. Não posso culpar Briggs nem ninguém”, prossigo. “Mas ele era Deus naquela época. Para alguém como eu. Eu era realmente muito resguardada. Acho que tudo o que fiz foi ir para a faculdade, estudar, consumir-me nas residências, meu Deus, quantos anos disso, como um longo sonho de trabalhar duro, raramente dormir e, é claro, fazer o que as pessoas em posição de autoridade mandavam. No começo, praticamente sem questionar. Porque eu achava que não merecia ser médica. Deveria ter administrado a quitanda do meu pai, tornado-me esposa e mãe, ter simplesmente vivido, como todas as outras pessoas na família.”

“John Briggs foi a pessoa mais poderosa com quem você deparou. Posso entender por quê”, diz Benton, e tenho a sensação de que ele talvez conheça Briggs melhor do que imaginei. Pergunto-me o quanto conversaram nos últimos seis meses, não só a respeito de Fielding, mas de tudo.

“Por favor, não se sinta ameaçado por ele”, digo enquanto me pergunto o que Benton sabe sobre Briggs e, acima de tudo, o que sabe sobre mim. “Meu passado com ele não importa mais. E, de qualquer forma, essa era uma percepção minha. Eu precisava que ele fosse poderoso. Precisava disso naquela época.”

“Porque seu pai era tudo menos poderoso. Passou muitos anos doente, com você cuidando dele, cuidando de todo mundo. Queria alguém que cuidasse de você para variar.”

“E quando você consegue o que quer, adivinhe o que acontece? John teve um cuidado horrível comigo. Ou seria mais exato dizer que eu tive um cuidado horrível comigo. Aprendi — ou melhor, fui persuadida — a ir contra minha consciência e me deixei levar para o que não era certo.”

“Política”, diz Benton como se soubesse.

“O que você sabe sobre o que aconteceu naquela época?” Olho para ele e as sombras se deslocam sobre seu rosto muito bonito à luz da lareira.

“Acho que são dois anos de serviço para cada ano da faculdade de medicina

ou de direito pago pelas Forças Armadas. Então, a menos que eu seja muito ruim em matemática, você devia ao governo dos Estados Unidos oito anos de serviço na Força Aérea, mais especificamente no AFIP e no AFMES."

"Seis. Concluí a Hopkins em três anos."

"Tudo bem. Mas você serviu o quê, um ano? E sempre que eu perguntava sobre isso você vinha com a mesma lenga-lenga a respeito do AFIP querer estabelecer um programa de parceria na Virginia e ter decidido te plantar lá como chefe."

"Demos início a um programa em parceria com o AFIP. Na época, não existiam muitas instituições se você pertencesse ao AFIP e quisesse se especializar em ciência forense. Depois anexamos Richmond. E agora, é claro, nós. O CFC. Vamos nos preparar para isso em breve. A qualquer momento, vai acontecer."

"Política", Benton torna a dizer enquanto toma um gole de uísque. "Você sempre se sentiu culpada por alguma coisa, e por muito tempo pensei que fosse Jack. Por ter tido um caso com ele e repetido o dano inicial. Uma mulher poderosa, responsável por Jack, tem relações sexuais com ele, vitimando-o outra vez, fazendo-o voltar à cena do crime original. Para você isso teria sido imperdoável."

"Só que não fiz isso."

"Jura?"

"Juro."

"Bom, você fez alguma coisa." Ele não vai parar até esclarecer tudo.

"Fiz, mas foi antes de Jack", explico.

"Você fez o que te mandaram fazer, Kay. E tem que tirar isso da cabeça", diz Benton, porque ele sabe. É óbvio que sabe.

"Nunca contei às famílias", retruco, e Benton nada diz. "As duas mulheres assassinadas na Cidade do Cabo. Não pude chamar as famílias e contar o que de fato aconteceu. Eles acham que foi racismo, integrantes de gangues africanas durante o Apartheid. A alta taxa de negros matando brancos foi conveniente a certos líderes políticos na época. Eles queriam que fosse verdade. Quanto mais, melhor."

“Esses líderes já se foram agora, Kay.”

“Você devia dar seus telefonemas, Benton. Ligar para Douglas ou quem quer que seja e contar sobre Dawn Kincaid, quem ela provavelmente é e os exames que pedi.”

“A administração Reagan acabou faz tempo, Kay.” Benton vai me obrigar a falar sobre o assunto e estou convencida de que já o discutiu. Briggs provavelmente contou a ele alguma coisa, pois sabe muito bem o quanto isso me persegue.

“O que eu fiz não acabou”, retruco.

“Você não fez merda nenhuma de errado. Não tem nada a ver com a morte delas. Não preciso saber de todos os detalhes para dizer isso”, declara Benton enquanto entrelaça os dedos nos meus, nossas mãos unidas subindo e descendo ao ritmo da respiração de Sock.

“Eu me sinto como se tivesse tudo a ver com isso”, confesso.

“Mas não tem”, diz ele. “Outras pessoas têm, e você foi obrigada a ficar calada. Sabe quantas vezes não posso dizer o que sei? Minha vida inteira foi assim. A alternativa é tornar as coisas ainda piores. O teste é esse. Contar torna tudo pior, faz com que outras pessoas sejam perseguidas e mortas? *Primum non nocere.* Primeiro, não prejudique ninguém. É esse o parâmetro que uso para tudo e tenho certeza de que você faz o mesmo.”

Não quero um sermão agora.

“Acha que foi ela que fez isso?”, pergunto enquanto Sock respira devagar, satisfeito, como se sempre tivesse vivido aqui e estivesse em casa. “Que matou todos eles?”

“É o que estou me perguntando agora.” Ele olha para a bebida, que parece cor de mel à luz da lareira.

“Para acabar com o sofrimento de Jack?”

“Ela provavelmente detestava Jack”, diz Benton. “Foi por isso que se aproximou dele, que quis conhecer o pai já adulta, se é que foi o que ela fez.”

“Bom, não acho que ele tenha algemado e retalhado Wally Jamison no porão até acabar com ele. Se Wally foi até a casa em Salem de bom grado, provavelmente foi a convite de Dawn, para vê-la. Talvez para realizar alguma

fantasia, um jogo sexual macabro no Halloween. Talvez ela tenha feito a mesma coisa com Mark Bishop e, quando tinha os dois sob controle, enfeitiçados, exatamente onde queria que estivessem, tenha atacado. Foi uma investida, uma emoção para alguém diabólico assim."

"A segunda mulher de Liam Saltz, mãe de Eli, é sul-africana", diz Benton. "Assim como o pai biológico de Eli, e Eli estava usando um anel que provavelmente foi tirado da casa dos Donahue, provavelmente roubado por Dawn junto com a máquina de escrever e o papel de carta. Talvez ela tenha usado a fita vedante para coletar fibras, vestígios, DNA da casa dos Donahue enquanto estava por lá. Para fazer com que a carta parecesse realmente enviada pela mãe, para se certificar de enfraquecer ainda mais o álibi de Johnny."

"Agora você está pensando de forma tão irracional quanto eu", retruco em tom irônico. "Isso é o que acredito que tenha acontecido, ou quase isso."

"O jogo", reflete Benton no tom que usa quando detesta o que alguém fez. "Jogos e mais jogos, dramas elaborados, intrincados. Mal posso esperar para conhecer essa vaca. Realmente mal posso esperar."

"Talvez você já tenha bebido uísque demais."

"Não cheguei nem na metade. Quem melhor para manipular Johnny Donahue que alguém assim, uma mulher atraente, altamente qualificada e mais velha? Para plantar a ideia na cabeça do pobre do garoto de que ele assassinou uma criança de seis anos enquanto estava delirando e tendo lapsos de memória por causa das drogas que ela estava adicionando aos remédios dele? Adulterando os remédios de Fielding. Sei lá o que mais. Uma pessoa diabólica que destrói aqueles que deveria amar, paga na mesma moeda por cada crime cometido contra ela. E você pode acrescentar a isso a predisposição genética e quem sabe o mesmo coquetel que Fielding estava tomando."

"Seria um completo desastre, como dizem."

"Vamos ver que tipo de máquina de matar consigo ser e ainda assim me dar bem", diz Benton naquele seu tom. Se eu o olhasse nos olhos, sei o que veria. Completo desprezo. "E depois que terminou não sobrou ninguém, só ela. Uma fodida à prova de balas."

"Você pode estar certo." E me lembro da caixa que deixei no carro. "Por que

não dá seus telefonemas?”

“Limítrofe, sádica, manipuladora, narcisista.”

“Acho que algumas pessoas são tudo isso.” Pouso o copo na mesinha de centro, afasto Sock do colo e o coloco sobre o tapete.

“Algumas pessoas são exatamente isso.”

“Esqueci a caixa que Briggs deixou para mim”, digo ao levantar do sofá. “E vou levar Sock para passear. Pronto para ir ao banheiro?”, pergunto ao cão. “Depois vou esquentar pizza. Imagino que a gente não tenha nada para preparar uma salada. Que diabos você comeu durante esse tempo todo que estive fora? Deixe eu adivinhar. Passou no Chang An para comprar comida chinesa e ia se alimentar disso nos próximos três dias.”

“Seria muito bom agora.”

“É o que você provavelmente tem feito todas as semanas.”

“Prefiro sua pizza a qualquer hora.”

“Não tente ser legal”, retruco.

Entro na cozinha para pegar a coleira de Sock, que coloco em seu pescoço, e encontro uma lanterna em uma gaveta, uma Maglite antiga que Marino me deu há milênios, comprida, de alumínio preto, alimentada por pilhas grandes, o que me faz lembrar os velhos tempos em que a polícia carregava lanternas do tamanho de cassetetes, em vez de ser tudo tão pequeno, como as lanternas SureFire das quais Lucy tanto gosta e que Benton tem no porta-luvas. Desarmo o sistema de alarme e me preocupo com Sock, pois está muito frio, percebendo enquanto descemos os degraus dos fundos no escuro que não me dei o trabalho de pegar um casaco para mim. Reparo que a luz do sensor de movimento da garagem está apagada. Tento lembrar se estava apagada há mais ou menos uma hora quando chegamos em casa, mas não tenho certeza. Há tanta coisa para consertar, tanto a mudar, a fazer. Por onde começo amanhã?

Benton não trancou a porta da garagem, que fica separada da casa, porque de que adiantaria, com uma janela sem vidro do tamanho de um telão de TV? O interior da cocheira reformada está escuro e terrivelmente frio, e o ar entra pelo quadrado negro aberto, que mal consigo distinguir. Ligo a Maglite, que não funciona. As pilhas devem estar descarregadas e foi burrice minha não conferir

antes de sair de casa. Aponto a chave para o SUV e a trava emite um ruído, mas a luz interna não se acende por se tratar de um carro do FBI; a agente especial Douglas não tem a menor pretensão de que a luz interna acenda. Tateio o banco de trás à procura da caixa, que é bem grande, e percebo que não vai ser fácil carregá-la e lidar com Sock. Na verdade, não vou conseguir.

"Desculpe, Sock", digo ao cachorro quando o sinto tremer de encontro a minhas pernas. "Sei que está frio aqui dentro. Só um minuto. Sinto muito. Mas, como você está vendo, sou uma idiota."

Uso a chave do carro para cortar a fita adesiva no topo da caixa e extraio um colete que me é familiar, mesmo que não tenha examinado essa marca específica, mas reconheço a sensação do náilon resistente e a rigidez das placas de cerâmica Kevlar que Briggs ou alguém já inseriu nos bolsos internos. Separo as tiras de velcro nas laterais para abrir o colete e colocá-lo no ombro. Sinto o peso ao fechar a porta do carro e Sock salta para longe de mim como um coelho e me arranca a guia da mão.

"É só a porta do carro, Sock. Está tudo bem, vem aqui…" Começo a chamá-lo ao mesmo tempo que mais alguma coisa se move no interior da garagem, próximo à janela aberta, e viro para ver o que é, mas está escuro demais para enxergar.

"Sock? É você que está aí?"

O ar escuro e gelado se desloca ao meu redor e o golpe que recebo nas costas me parece um martelo entre as escápulas, como se um dragão que produz um alto silvo estivesse me atacando; perco o equilíbrio.

Ouço um grito e um silvo agudos e um vapor quente umedece meu rosto quando bato com violência no SUV, então invisto com toda a minha força contra o que quer que seja. A Maglite golpeia como um bastão algum objeto duro, que cede sob o peso da pancada e depois se desloca; invisto novamente e torno a atingir alguma coisa, diferente agora. Sinto o odor ferroso de sangue e seu gosto nos lábios e na boca enquanto golpeio o ar repetidas vezes, depois as luzes se acendem, a claridade me cega e encontro-me coberta por uma fina película de sangue, como se tivessem me pintado com spray vermelho. Benton acha-se no interior da garagem, apontando uma pistola para uma mulher que veste um

imenso casaco preto e tem o rosto colado ao piso de borracha. Reparo na poça de sangue sob a mão direita ensanguentada da mulher e, perto dela, a ponta decepada de um dedo com a unha branca brilhante em estilo francesinha; perto dela, há uma faca com uma fina lâmina de aço e cabo preto grosso com um botão disparador no anteparo de metal reluzente.

"Kay? Kay? Você está bem? Kay! Você está bem?"

Percebo Benton gritando comigo enquanto me agacho ao lado da mulher, toco-a na lateral do pescoço e procuro alguma pulsação. Certifico-me de que esteja respirando e giro o corpo para examinar as pupilas. Nenhuma das duas está fixa. O rosto acha-se coberto de sangue devido ao golpe da Maglite e estou assustada com a semelhança, o cabelo louro-escuro cortado muito curto, os traços fortes e o lábio inferior carnudo, iguais aos de Jack Fielding. Até mesmo as orelhas miúdas, pegadas à lateral da cabeça, parecem com as dele. Sinto a força da parte superior do corpo, dos ombros, embora ela não seja alta, tenha talvez um metro e sessenta e sete, um metro e setenta, e seja magra, mas com ossos largos como os do falecido pai. Tudo isso me inunda os sentidos enquanto digo a Benton para correr até em casa, ligar para a polícia e trazer uma vasilha de gelo.

23

Uma frente quente chegou durante a noite e trouxe mais neve, desta vez uma neve macia, que cai em silêncio, emudecendo tudo, cobrindo o que é feio, arredondando o que é pontiagudo e rijo.

Estou sentada na cama do quarto no segundo andar da casa em Cambridge e a neve cai e se acumula nos ramos nus do carvalho diante da janela grande mais próxima a mim. Há poucos instantes, lá estava um esquilo cinza e gordo, perfeitamente equilibrado no menor dos galhos, e ficamos olhos nos olhos, seu focinho se movendo conforme me observava pela janela enquanto eu examinava a papelada e as fotografias em meu colo. Sinto o cheiro de papel velho, de poeira e do remédio que usei em Sock, cujas orelhas, desconfio, não foram limpas na história recente, talvez nunca, não da forma como as limpei. A princípio ele não gostou, mas eu o convenci com voz gentil e um biscoito que Lucy trouxe quando me deu uma caixa dos lenços que usa em seu buldogue. Miconazol e clorexidina são bons contra os *pachydermatis*, cometi o erro de mencionar à minha sobrinha bem cedo esta manhã quando ela deu uma passada para me ver.

Jet Ranger não ia gostar de ser chamado de paquiderme, rebateu Lucy. Ele não é um elefante nem um hipopótamo, e não há o que fazer quanto ao peso dele. Ela o colocou em uma nova dieta para cães idosos, mas ele não pode se exercitar por causa da displasia nos quadris e, por algum motivo, a neve provoca erupções nas patas; suas pernas são curtas demais para neve desta altura, portanto ele não pode fazer nem o mais curto dos passeios nesta época do ano. Lucy não parava de falar, e eu a havia realmente ofendido sem querer. Mas é assim que se comporta quando está preocupada ou assustada e, acima de tudo, aborrecida pela ausência da noite passada. Lucy está furiosa porque não estava aqui para lidar com Dawn Kincaid, mas não fico nem um pouco triste. Não posso dizer que me orgulhe de mim mesma por causar em alguém uma fratura de crânio linear e uma concussão, mas se Lucy estivesse na garagem em vez de mim haveria mais uma

pessoa morta. Minha sobrinha teria matado Dawn Kincaid com toda a certeza, provavelmente atirado nela, e pessoas demais já morreram.

Também é possível que Lucy não sobrevivesse ao confronto, não importa o que diga. O fato de eu continuar aqui e Dawn Kincaid estar trancafiada na ala forense de um hospital da região contou com dois detalhes que fizeram a diferença. Acho que ela não esperava que eu entrasse na garagem. Estava à espreita do outro lado da janela aberta, aguardando que eu levasse Sock para o quintal às escuras. Mas eu a surpreendi ao entrar primeiro na garagem para pegar o que havia deixado no carro e, quando ela deslizou pelo imenso espaço onde deveria estar a janela, eu já havia aberto a caixa e pendurado no ombro o colete tático IV-A. Quando ela me apunhalou pelas costas com a faca de injeção, atingiu uma placa de cerâmica Kevlar coberta de náilon e o tremendo solavanco causado por essa completa obstrução fez com que seus dedos deslizassem ao longo da lâmina. Ela cortou três dedos até o osso e teve a ponta do mindinho decepada. O CO_2 foi liberado, e uma névoa de seu sangue respingou por todo meu corpo.

Meu argumento com Lucy foi que, a não ser que ela fizesse Dawn perder o elemento surpresa para o ataque e a não ser que Lucy por acaso também vestisse um colete à prova de balas ou no mínimo tivesse um pendurado em seu tronco, ela talvez não tivesse minha sorte. Portanto, minha sobrinha deveria parar de dizer que foi uma pena ela não estar aqui ontem à noite, alegando que com certeza teria dado conta do recado, como se eu não tivesse feito isso, pois foi o que fiz, mesmo que por sorte. Acho que cuidei muito bem de tudo e só espero poder cuidar de um assunto muito mais importante que ainda não me matou, mas que por vezes dá a impressão de que poderia me matar.

“Ela me contou que houve vaias e comentários ofensivos”, está dizendo a sra. Pieste ao telefone enquanto repasso com ela o caso de sua filha. “Chamaram minha filha de bôer. Mandaram os bôeres irem para casa. Você deve saber que esse é o termo africâner para fazendeiro, mas que na realidade tinha em vista depreciar todos os sul-africanos brancos. E eu ficava dizendo ao homem do Pentágono que não me interessava o motivo, se foi porque Noonie e Joanne eram brancas, americanas, ou tinham sido tomadas por sul-africanas. Não me interessava o motivo. Eu só não queria acreditar no sofrimento que ele

descreveu.”

“A senhora lembra quem foi o homem do Pentágono?”

“Um advogado.”

“Não foi um coronel do Exército?”, torço em voz alta.

“Foi um advogado jovem do Pentágono, que trabalhava para o secretário de Defesa. Não lembro o nome dele.”

Então não foi Briggs.

“De fala acelerada”, acrescenta a sra. Pieste com desdém. “Eu me lembro de não ter gostado dele. Mas não gostaria de ninguém que dissesse o que ele disse.”

“O único conforto que posso oferecer em tudo isso”, repito, “é que Noonie e Joanne não sofreram como a senhora foi levada a crer. Não posso dizer com absoluta certeza que não estavam conscientes quando foram estranguladas, mas é muito provável que não, porque tinham sido drogadas.”

“Mas foram feitos testes para isso”, diz a sra. Pieste, e sua voz tem o sotaque de Massachusetts, ela não pronuncia todos os erres, e não se percebe que é originalmente de Andover. Depois do assassinado de Noonie, os Pieste se mudaram para New Hampshire, acabo de descobrir.

“Sra. Pieste, acho que entende que nada foi testado como deveria”, retruco.

“Por que não?”

“O médico-legista na Cidade do Cabo…”

“Mas você assinou a certidão de óbito, dra. Scarpetta. E o relatório da autópsia. Tenho as cópias que aquele advogado do Pentágono me enviou.”

“Eu não assinei esses documentos.” Recusei-me a assinar documentos que eu sabia serem uma mentira, mas o fato de saber que eram uma mentira fizeram com que eu me sentisse culpada da mesma maneira. “Eu não tenho cópias, por mais que a senhora ache isso difícil de acreditar”, digo então. “Não me forneceram cópias. O que tenho são minhas próprias anotações, meus próprios registros, que enviei de volta aos Estados Unidos antes de deixar a África do Sul, porque fiquei preocupada que minha bagagem fosse revistada, e foi.”

“Mas você assinou as que eu tenho.”

“Garanto que não”, retruco calma, porém firme. “Meu palpite é que determinadas pessoas se certificaram de forjar minha assinatura nesses

documentos falsificados para o caso de eu decidir fazer o que estou fazendo agora.”

“Caso você decidisse contar a verdade.”

É difícil ouvir isso de forma tão direta. A verdade. Insinuando que o que revelei ou deixei de revelar ao longo dos anos me torna mentirosa.

“Peço desculpas”, torno a dizer. “A senhora tinha o direito de saber a verdade na época, por ocasião da morte da sua filha. E da morte da amiga dela.”

“Mas posso entender por que não disse nada na época”, garante a sra. Pieste, parecendo só um pouco perturbada. Parecendo principalmente interessada e aliviada por conversar sobre algo que dominou grande parte de sua vida. “Quando as pessoas fazem coisas assim, não se sabe onde vão parar. Bom, não há limites. Outras pessoas teriam sido prejudicadas. Inclusive você.”

“Eu não queria que ninguém mais se machucasse”, respondo e me sinto ainda pior se o que ela está dizendo é que me calei por temer por minha própria segurança. Eu tinha medo de muitas coisas e de várias pessoas que não podia ver. Tinha medo de que outras pessoas morressem, fossem injustamente acusadas.

“Espero que você entenda que quando li a certidão de óbito e o relatório da autópsia, não que eu tenha entendido grande parte dos termos médicos, bom, pensei que as conclusões fossem suas”, diz a sra. Pieste.

“De jeito nenhum. São falsas. Não houve resposta do tecido aos ferimentos. Tudo aconteceu depois da morte. Na realidade, horas depois das mortes, sra. Pieste. O que fizeram a Noonie e Joanne ocorreu muitas horas depois que as duas morreram.”

“Se não houve testes para detectar a presença de drogas, como você pode ter certeza de que deram alguma coisa a elas?”, prossegue a voz, e ouço alguém pegar outro fone.

“Aqui fala Edward Pieste”, diz uma voz de homem. “Também estou na linha. Sou o pai de Noonie.”

“Sinto muito por sua perda.” Isso soa ridículo, completamente insípido. “Eu gostaria de saber o que dizer aos dois. Lamento que tenham sido enganados, que eu tenha permitido isso, e ainda que não vá inventar desculpas…”

“Entendemos por que você não pôde contar o que aconteceu”, retruca o pai. “Os sentimentos na época, nosso governo conspirando em segredo para manter o Apartheid. Era por isso que Noonie estava fazendo aquele documentário. A equipe de filmagem foi impedida de entrar na África do Sul. Todos tiveram que entrar como se fossem turistas. Um segredo importante e sujo que nosso governo estava sustentando para apoiar as atrocidades ali.”

“Não era um segredo tão importante assim, Eddie.” É a voz da sra. Pieste.

“Bom, a Casa Branca manteve as aparências.”

“Tenho certeza de que você foi informada a respeito do documentário que Noonie estava fazendo. Ela tinha tanto futuro”, diz a sra. Pieste enquanto examino uma foto de sua filha que não gostaria que vissem.

“Sobre os filhos do Apartheid”, retruco. “Vi o documentário quando foi ao ar aqui.”

“Os males da supremacia branca”, explica ela. “De qualquer supremacia, ponto final.”

“Perdi a primeira parte da conversa de vocês”, diz o sr. Pieste. “Eu estava limpando a garagem.”

“Ele não ouve”, diz a mulher. “Um homem na idade dele limpando a neve, mas ele é cabeça-dura”, constata ela com um afeto triste. “A dra. Scarpetta estava me contando que Noonie e Joanne foram drogadas.”

“Verdade? Bom, já é alguma coisa”, diz ele em um tom de voz desprovido de energia.

“Cheguei ao apartamento vários dias depois da morte das duas e fiz uma retrospectiva. Foi tudo montado, é claro; a cena do crime era uma encenação”, explico. “Mas havia latas de cerveja, taças de plástico e uma garrafa de vinho no lixo da cozinha, uma garrafa de vinho branco de Stellenbosch. Consegui pegar as latas, a garrafa, as taças de plástico junto com outros itens e enviar tudo para cá, onde fiz com que fossem testados. Encontramos altos níveis de GHB na garrafa de vinho e em duas taças. Ácido gama-hidroxibutírico, geralmente conhecido como a droga do estupro.”

“Eles falaram que houve estupro”, diz o sr. Pieste no mesmo tom vazio.

“Não tenho certeza disso. Não havia sinais físicos disso, nada de ferimentos, a

não ser os que foram montados, infligidos depois da morte, e os esfregaços que mandei testar em segredo aqui nos Estados Unidos deram negativo para esperma", retruco, examinando as fotografias dos corpos nus amarrados a cadeiras nas quais sei que as mulheres não estavam sentadas quando foram assassinadas. Vejo close-ups que exibem um padrão de *livor mortis* que me revelou que permaneceram deitadas na cama, sobre lençóis amarrotados, por pelo menos doze horas depois da morte.

Examino fotografias, que bati com minha própria câmera, de contusões e cortes que mal sangraram, e de ataduras que mal deixaram marcas na pele, porque as pessoas cruéis por trás de tudo isso eram ignorantes demais para saber o que estavam fazendo. Possivelmente alguém contratado, designado pelo governo ou por agentes militares para colocar drogas em uma garrafa de vinho local e beber com as mulheres, talvez um amigo, ou elas acharam que a pessoa fosse amistosa e idônea quando agora é evidente que era tudo menos isso. Menciono que os testes sorológicos que fiz depois de voltar para casa indicaram a presença de um homem. Mais tarde, quando os testes de DNA ficaram prontos, obtive o perfil de um homem branco que permanece desconhecido. Não posso afirmar com certeza que seja o perfil do assassino, mas é o de alguém que bebeu cerveja no apartamento, acrescento.

Tanto quanto é possível reconstruir o que quer que seja, conto aos Pieste o que acho que aconteceu. Depois que Noonie e Joanne estavam drogadas, grogues ou inconscientes, o homem as ajudou a ir até a cama e as sufocou com um travesseiro, e baseio isso em hemorragias localizadas e outros ferimentos, explico. Então, por algum motivo, essa pessoa deve ter saído. Talvez quisesse voltar mais tarde com outros envolvidos na conspiração, ou pode ser que tenha aguardado a chegada de seus colegas ao apartamento, não sei. Mas, quando as mulheres foram amarradas, cortadas e mutiladas de forma tão selvagem, estavam mortas havia algum tempo, e isso não poderia ter ficado mais óbvio para mim quando as vi.

"Aqui já estamos com dez centímetros", diz o sr. Pieste instantes depois, após ter ouvido o suficiente. "Isso em cima do gelo. Tem gelo aí em Cambridge?"

"Acho que temos que dar queixa a alguém", diz a sra. Pieste. "Será que

importa quanto tempo já se passou?”

“Não importa o tempo que passou quando se está falando a verdade”, respondo. “E não existe estatuto de prescrição para homicídios.”

“Só espero que não prendam ninguém injustamente”, diz a sra. Pieste a seguir.

“Os casos permaneceram sem solução. Foram atribuídos a integrantes de gangues negras, mas ninguém foi preso”, informo.

“Provavelmente foi um branco”, diz ela.

“Alguém branco bebeu cerveja no apartamento, isso eu posso dizer com razoável certeza.”

“Você sabe quem fez isso?”, pergunta ela.

“Porque gostaríamos que eles fossem punidos”, diz o marido.

“Só sei que tipo de pessoa fez isso. Gente covarde, que só pensa em poder e política, e vocês devem fazer o que tiverem vontade, o que estiver no coração de vocês.”

“Eddie, o que acha?”

“Vou escrever uma carta para o senador Chappel.”

“Você sabe o bem que isso vai fazer.”

“Então para Obama, Hillary Clinton, Joe Biden. Vou escrever para todo mundo”, diz ele.

“O que qualquer dessas pessoas vai fazer a respeito agora?”, pergunta a sra. Pieste ao marido. “Não sei se consigo passar por tudo isso outra vez, Eddie.”

“Bom, tenho que limpar a calçada novamente”, diz ele. “Preciso ficar em cima da neve, que está caindo para valer. Obrigado por seu tempo e sua preocupação”, diz ele, dirigindo-se a mim. “E por ter ido em frente e nos contado. Sei que não foi uma decisão fácil e tenho certeza de que minha filha gostaria de estar aqui para dizer isso em pessoa.”

Depois de desligar, continuo sentada na cama por um tempo, a papelada e as fotografias já de volta à pasta onde permaneceram por mais de duas décadas. Vou devolvê-la ao cofre no porão, decido. Mas não agora. Não sinto vontade de descer até o cofre neste momento e acho que alguém acaba de entrar em nosso caminho de acesso à garagem. Ouço a neve ranger, mas não tenho disposição para ver quem quer que seja. Vou ficar aqui em cima um pouco mais. Talvez faça

uma lista de compras, encarregue-me de alguns recados ou simplesmente fique afagando Sock por um ou dois minutos.

“Não posso te levar para passear”, digo.

Ele está enroscado ao meu lado, a cabeça em minha coxa, impassível ante a conversa triste que acaba de ouvir, sem a menor ideia do que isso quer dizer sobre o mundo em que vive. Mas, por outro lado, ele conhece a crueldade, talvez melhor que o restante de nós.

“Nada de passeios sem casaco”, continuo, afagando o animal, e ele boceja e lambe minha mão. Ouço os bipes do alarme ao ser desativado, em seguida a porta da frente se fecha. “Acho que vamos experimentar as botas”, explico a Sock enquanto as vozes de Marino e Benton sobem, procedentes da entrada. “Você provavelmente não vai gostar desses sapatinhos que fabricam para cachorros, e é possível que fique bastante irritado comigo, mas juro que é uma coisa boa. Bom, nós temos companhia.” Reconheço os passos pesados de Marino na escada. “Você está lembrado dele, de ontem. No caminhão. O homem grande vestindo amarelo que me deu nos nervos a maior parte do tempo. Mas, para referência futura, não precisa ter medo dele. Ele não é má pessoa e, como você deve saber, pessoas que se conhecem há muito tempo tendem a ser mais indelicadas umas com as outras do que com pessoas de quem não gostam nem a metade.”

“Tem alguém em casa?” O vozeirão de Marino o precede, a maçaneta gira e ele bate antes de abrir a porta do quarto. “Benton disse que você estava vestida. Com quem estava falando? Ao telefone?”

“Ele é clarividente então”, respondo da cama, onde estou sob as cobertas, de pijama. “E não estou ao telefone nem estava falando com ninguém.”

“Como vai Sock? Como vai, rapaz?” E então pergunta antes que eu consiga responder: “Por que ele está com esse cheiro esquisito? O que você colocou nele, remédio para pulga? Nesta época do ano? Você parece bem. Como está se sentindo?”.

“Limpei as orelhas dele.”

“E como vai você, doutora?”

Marino se agiganta sobre mim e sua presença parece maior que de costume,

porque ele está usando um anoraque pesado, boné de beisebol e botas de cano alto, ao passo que não estou vestindo nada além de flanela e de estar enfiada debaixo de um cobertor e um edredom. Traz uma pequena pasta preta nas mãos, que reconheço como o iPad de Lucy, a menos que tenha comprado um, o que duvido.

"Eu não me machuquei. Não tem nada de errado comigo. Só resolvi ficar em casa de manhã para cuidar de algumas coisas", respondo. "Imagino que Dawn Kincaid esteja bem. A última informação que tive foi que estava estável."

"Estável? Você está brincando, certo?"

"Estou me referindo às condições físicas dela. À recolocação do dedo e às lesões nos restantes, os outros três que foram cortados de forma grave. Talvez o frio que estava fazendo na garagem tenha sido bom para ela. E, é claro, o fato de termos colocado a mão e o dedo decepado no gelo. Espero que tenha ajudado. Você sabe? Ainda não tive notícias. Qual é o estado dela? Não tive informações desde que foi internada ontem à noite."

"Você está brincando, certo?" Marino olha para mim e seus olhos estão tão vermelhos quanto ontem em Salem.

"Não estou brincando. Ninguém me disse uma palavra. Benton disse mais cedo que ia conferir, mas acho que não fez isso."

"Ele passou a manhã inteira com a gente no telefone."

"Então talvez você possa fazer a gentileza de ligar para o hospital e verificar."

"Como se eu não estivesse cagando se ela perder um dedo ou toda a porra da mão", diz Marino. "Por que isso te interessa? Tem medo que ela te processe? Talvez processe, e não faz parte? Provavelmente vai processar mesmo, talvez por perder o uso da mão, por não poder mais construir nanorrobôs ou seja lá o que for, aquela psicopata. Acho que psicopatas são estáveis, em termos de doença mental. Você pode ser louco e psicopata? E ainda ser suficientemente coerente para trabalhar em um lugar como a Otwahl? Esse caso vai ser um problemão. Você consegue imaginar o que vai acontecer se ela sair?"

"Por que sairia?"

"Só estou dizendo que esse caso vai ser um problemão. Você não vai estar segura se ela ficar livre outra vez. Nenhum de nós vai estar."

Marino senta-se ao pé da cama, que afunda, e de repente tenho a sensação de estar sentada em cima de um morro enquanto ele se acomoda, acariciando Sock e me informando que a polícia e o FBI encontraram o "ninho de rato" que Dawn Kincaid havia alugado, um apartamento de um quarto em Revere, nos arredores de Boston, onde permanecia quando não estava com Eli Goldman, com Jack Fielding ou com quem quer que ela tenha enredado em sua teia no momento. Marino retira o iPad da pasta e liga o aparelho enquanto conta que ele, Lucy e vários outros investigadores vasculharam o lugar durante horas, investigaram o computador de Dawn e tudo o que ela tem, inclusive tudo o que roubou.

"E a mãe?", pergunto. "Alguém conversou com ela?"

"Dawn manteve contato com ela por vários anos e de vez em quando a visitava na prisão na Georgia. Ao longo dos anos, restabeleceu contato esporádico com ela e com Fielding. Agarra quando quer alguma coisa, uma manipuladora e aproveitadora de primeira categoria."

"Mas a mãe sabe o que aconteceu aqui?"

"Por que você está interessada no que aquela pedófila sabe?"

"O relacionamento dela com Jack não era tão simples assim. Não se explica com a facilidade com que você tão eloquentemente colocou. Eu não gostaria que ela tivesse notícias dele pelos jornais."

"E quem se importa?"

"Nunca quero que alguém descubra as coisas assim", retruco. "Independentemente de quem seja. O relacionamento deles não era simples", repito. "Relacionamentos assim nunca são."

"Puro e simples para mim. Branco no preto."

"Se ela ouvir no noticiário…", contesto e me dou conta de que estou insistindo. "Detesto que isso aconteça. É uma forma muito desumana de as pessoas descobrirem coisas horríveis como essa. É isso que me preocupa."

"Cleptomaníaca", diz Marino então, pois seu único interesse é o caso e o que os investigadores descobriram no apartamento de Dawn Kincaid.

Ao que tudo indica, Dawn é uma autêntica cleptomaníaca, continua Marino. Alguém que parece ter se apropriado de lembranças de todo tipo de gente, inclusive itens roubados de pessoas que não fazemos ideia de quem são. Mas

parte do que os investigadores encontraram até agora foi identificada como joias e moedas raras da casa dos Donahue, e também vários manuscritos musicais raros autografados, que a dona da casa não fazia ideia de que haviam desaparecido da biblioteca da família.

Dentro de um baú trancado em um armário no apartamento de Dawn estavam armas que se acredita que tenham sido removidas da coleção de Fielding e a aliança dele de casamento. Também nesse mesmo baú havia uma sacola que ele usava para artes marciais e, dentro dela, uma faixa de cetim preto, um uniforme branco, acessórios de boxe, uma caixa repleta de pregos enferrujados em L para assoalhos, um martelo, um par de tênis de tae kwon do Adidas que provavelmente são os que Mark Bishop calçava quando estava praticando chutes em seu quintal no final de tarde em que foi morto. Embora ninguém saiba ao certo como Dawn induziu o garoto a deitar de bruços e permitir que ela fizesse com ele uma brincadeira terrível, que incluía "fingir" martelar pregos em sua cabeça ou, mais especificamente, o primeiro prego.

"Aquele que entrou bem aqui", continua Marino a especular, apontando para o espaço entre sua nuca e a base do crânio. "Deve ter matado o garoto instantaneamente, certo?"

"Se é que podemos usar essa frase", respondo.

"O que quero dizer é que ela talvez tenha ajudado o menino em algumas aulas da turma de Tiny Tigers de Fielding", prossegue ele, alongando a história. "Então o garoto estava familiarizado com ela, venerava a mulher, e ela é gostosa, quer dizer, é bem bonita. Se fosse eu, diria ao garoto que ia mostrar um novo movimento ou coisa assim e pedia a ele que deitasse no quintal. E é claro que o garoto ia fazer o que uma pessoa experiente pediu, o que alguém que está lhe dando instruções pediu, então ele deita, está quase escuro e bum! Acabou."

"Alguém assim não pode sair nunca", digo. "Ela vai fazer mais e vai fazer pior da próxima vez, se é que isso é possível."

"Ela vai negar tudo. Não está falando, a não ser para dizer que Fielding fez tudo isso e ela é inocente."

"Não foi ele."

"Estou contigo."

“Ela não vai conseguir explicar o que tem no apartamento”, saliento enquanto continuo a examinar as fotografias. Marino deve ter batido centenas delas.

“Ela é bonita, charmosa e muito inteligente. E Fielding está morto.”

“O que é incriminador.” Eu já disse isso várias vezes enquanto examino as fotografias no iPad. “Deve ser muito útil para a acusação. Não sei por que você acha que esse caso vai ser um problemão.”

“Vai ser. A defesa vai imputar tudo a Fielding. A cadela psicopata vai conseguir um grupo incrível de advogados influentes, e eles vão fazer com que o júri acredite que Fielding fez tudo.” Marino se debruça mais para perto de mim e a inclinação da cama torna a mudar; Sock ronca baixinho, nem um pouco interessado em sua antiga dona ou em seu ninho de rato, onde havia uma cama de cachorro, mostra Marino.

Ele se aproxima e clica em várias fotografias da cama em lã colorida do animal e inúmeros brinquedos, e sinalizo que prefiro ver as fotografias por mim mesma. Ele e Sock estão em cima de mim e estou me sentindo sufocada.

“Pensei que eu ia te mostrar, já que fui eu que bati as fotos”, diz Marino.

“Obrigada. Eu me viro. Você fez um ótimo trabalho.”

“A questão é que é óbvio que o cachorro ficava aqui.” O que Marino está querendo dizer é que Sock morava no ninho de rato de Dawn Kincaid. “E também com Eli e com Fielding”, acrescenta ele. “Se formos dar algum crédito a ela, acho que gostava do cachorro.”

“Ela deixou Sock na casa de Jack sem aquecimento e sozinho.” Clico em fotografias que são decididamente incriminadoras.

“Ela não dá a mínima para ninguém, a menos que lhe convenha. Quando não convém, ela se livra do que quer que seja de um jeito ou de outro. Se importou com ele enquanto foi conveniente.”

“Essa é a descrição mais provável”, concordo.

Vejo fotografias de uma cama de casal desfeita e, em seguida, outras fotos de um quarto minúsculo chocantemente cheio de tralha, como se Dawn Kincaid fosse uma colecionadora.

“Além disso, ela teve outro motivo para abandonar Sock”, continua Marino. “Se deixa o cachorro na casa de Fielding, talvez a gente pense que foi ele mesmo

quem matou todo mundo e depois se matou. O cachorro está lá. A coleira vermelha está lá. O barco que provavelmente foi usado para desovar o corpo de Wally Jamison está lá e as roupas de Wally e a arma do crime estão no porão de Fielding. O Navigator sem a placa dianteira está lá. Você devia pensar que Fielding estava seguindo você e Benton quando os dois saíram de Hanscom. Fielding estava louco. Estava vigiando vocês. Estava seguindo, tentando intimidar, espionar, ou quem sabe também matar vocês."

"Jack já estava morto quando fomos seguidos. Ainda que eu não possa ser precisa quanto à hora da morte, calculo que está morto desde segunda-feira à tarde, provavelmente pouco depois de chegar à casa em Salem saindo do CFC com a Glock que tinha tirado do laboratório. Era Dawn que estava seguindo a gente no Navigator na segunda à noite. A louca é ela. Colou no nosso para-choque para se certificar de que a gente soubesse que estava sendo seguido, depois desapareceu, provavelmente se escondeu no estacionamento da Otwahl. Então, no devido tempo, íamos pensar que era Jack, que na realidade já tinha sido assassinado por ela com a pistola que provavelmente entregou ao namorado, Eli, antes de matá-lo também. Mas você está certo. É provável que tenha tentado estruturar as coisas para que tudo isso recaia sobre Jack, que não está mais aqui para se defender. Ela armou para Jack e fez parecer que ele estava armando para Johnny Donahue. É assustador."

"Você precisa fazer o júri acreditar nisso."

"É sempre esse o desafio, independentemente do caso."

"É ruim que o cachorro estivesse na casa de Fielding", repete Marino. "Conecta Fielding ao assassinato de Eli. O vídeo mostra Eli passeando com o cachorro quando foi esfaqueado."

"O microchip", lembro. "O microchip conduz a Dawn, não a Jack."

"O que não quer dizer nada. Ele mata Eli e leva o cachorro, e o animal conhecia Fielding, certo?", diz Marino como se Sock não estivesse a poucos centímetros dele, dormindo com a cabeça em minha perna. "O cachorro conhecia Fielding porque Dawn estava sempre lá em Salem, passava parte do tempo com o cachorro na casa de Fielding, ou seja lá o que for. Então Fielding mata Eli e leva o animal quando se afasta, ou é isso que Dawn quer que a gente

pense.”

“Não foi o que aconteceu. Jack não matou ninguém”, digo enquanto concluo que o apartamento de Dawn revela a mesma imundície que observei na casa de Fielding em Salem.

Há entulho e caixas por toda parte. Roupas amontoadas e espalhadas por locais estranhos. Pratos empilhados na pia. O lixo transbordando. Montes de jornais, folhas impressas, revistas e, sobre uma mesa de jantar, grande número de itens etiquetados e colocados ali pela polícia, inclusive um relógio esportivo equipado com GPS igual ao que dei de aniversário a Fielding há vários anos, e um jogo de instrumentos de dissecção militar da Guerra Civil em um estojo de pau-rosa, idêntico ao que dei a ele quando trabalhava para mim em Richmond.

Há uma foto em primeiro plano de um par de luvas pretas, uma delas com uma caixinha também preta no pulso, que Marino descreve como luvas de dados sem fio leves e flexíveis, com acelerômetros embutidos, trinta e seis sensores e um transmissor-receptor integrado ultradiscreto, só que tenho que deduzir tudo isso, peneirar seus erros de pronúncia e descrições deturpadas. As luvas, que foram examinadas de perto tanto por Briggs quanto por Lucy na cena, destinam-se claramente ao controle robótico estabelecido por gestos — especificamente, a controlar o *flybot* que Eli levava consigo quando foi assassinado pela mulher que lhe havia dado o anel de sinete roubado que estava usando quando o corpo chegou ao CFC.

“Então o *flybot* estava no apartamento dela”, deduzo. “Benton te ofereceu café?”

“Tenho café saindo pelas orelhas. Alguns de nós ainda não foram para a cama.”

“Estou na cama trabalhando. O que não quer dizer que tenha dormido.”

“Deve ser bom. Eu gostaria de ficar em casa e trabalhar na cama.” Ele toma de mim o iPad e procura arquivos.

“Talvez a gente possa ajustar as descrições dos cargos. Você pode ficar em casa e trabalhar na cama determinado número de dias a cada ano, dependendo da sua idade e decrepitude, o que vamos ter que avaliar. Imagino que eu mesma vá avaliar.”

“Ah, é? E quem vai avaliar você?” Ele encontra uma fotografia que quer que eu veja.

“Não preciso de avaliação. É óbvio para todo mundo.”

Marino me mostra um close do *flybot*, só que de relance é difícil saber o que é, apenas um objeto brilhante e rijo sobre um quadrado de papel branco em cima da mesa de jantar de Dawn Kincaid. Ocorre-me que o dispositivo micromecânico poderia ser um brinco. Um brinco de prata pisoteado, que é exatamente o que se suspeita, diz Marino. Lucy acha que o *flybot* foi pisado enquanto os paramédicos estavam atendendo Eli, então, mais tarde, quando retornou a Norton’s Woods, Dawn o encontrou, possivelmente usando o mesmo casaco longo e preto de lã que estava vestindo em minha garagem, um casaco que creio que pertencia a Fielding. Uma testemunha afirma ter visto um homem ou mulher jovem, a pessoa não sabia ao certo, com um casaco preto longo, perambulando por Norton’s Woods com uma lanterna várias horas depois que Eli Goldman morreu. O indivíduo com o casaco longo estava sozinho, e a pessoa que o viu achou estranho porque ele ou ela não tinha cachorro e parecia estar procurando alguma coisa enquanto fazia gestos estranhos com a mão.

“Devia ficar enorme nela e quase pegar no chão”, diz Marino, levantando da cama. “Não estou dizendo que ela estivesse tentando parecer um homem, mas com o cabelo curto e aquele casaco e vestindo gorro e luvas ou o que quer que seja? Desde que a pessoa não visse os peitos dela. Ela tem um peito e tanto. Tinha isso em comum com o pai, certo?”

“Eu nunca soube que Jack tivesse peitos grandes.”

“O que eu quero dizer é que os dois são fortes.”

“Então ela voltou quando achou que era seguro e, mesmo muito danificado, o *flybot* respondeu aos sinais de radiofrequência enviados pelas luvas de dados?” Desligo o iPad e o entrego a Marino.

“Acho que ela simplesmente viu o aparelho no chão, deve ter brilhado à luz da lanterna, e assim o encontrou. Lucy afirma que o inseto está morto. Esmagado.”

“Sabemos exatamente o que ele faz ou deveria fazer?”

Marino dá de ombros, erguendo-se imponente acima de mim, ainda em seu

anoraque, que ele não se deu o trabalho de desabotoar, como se não pretendesse demorar muito. “Essa não é minha área de especialização, você sabe. Não entendi metade do que estavam falando, Lucy e o general. Só sei que o potencial do que quer que essa coisa supostamente faz é preocupante, e o Departamento de Defesa pretende fazer algum tipo de inspeção na Otwahl para ver o que está realmente acontecendo por lá. Mas não tenho certeza se ainda não sabem exatamente o que está acontecendo por lá.”

“E isso quer dizer o quê?”

Ele devolve o iPad à pasta e responde: “Quer dizer que minha preocupação é que exista algum trabalho de pesquisa e desenvolvimento rolando e o governo sabe muito bem do que se trata, só não queria que ninguém mais soubesse, mas os garotos saíram de controle e a merda bateu no ventilador. Acho que você entende o que estou querendo dizer. Quando volta a trabalhar?”.

“Hoje provavelmente não”, respondo.

“Bom, temos um monte de merda para fazer e desfazer”, diz ele.

“Obrigada pelo aviso.”

“Me dê um toque se precisar de alguma coisa. Vou ligar para o hospital e te falo como a maluca está passando.”

“Obrigada pela visita.”

Espero até que o som de seus passos pesados pare na porta da frente, a porta se feche, Benton reinicialize o alarme após um intervalo. Ouço seus passos, que são muito mais leves que os de Marino, quando ele passa pela escada e dirige-se aos fundos da casa, onde tem um escritório.

“Vamos, vamos levantar”, digo a Sock, e ele abre os olhos, olha para mim e boceja. “Você sabe o que significa tchau? Acho que não. Ninguém te ensinou isso na prisão. Você só quer dormir, não é? Bom, tenho umas coisas para fazer, então vamos lá. Você é realmente muito preguiçoso, sabia? Tem certeza de que já ganhou ou mesmo participou de alguma corrida? Não acredito nisso.”

Afasto a cabeça de Sock e coloco os pés no chão, concluindo que deve haver algum pet shop na vizinhança que tenha tudo que um galgo magricela, preguiçoso e velho necessita neste clima.

“Vamos dar uma volta.” Converso com Sock enquanto procuro meus chinelos

e um roupão. “Vamos ver o que o agente secreto Wesley está fazendo. Provavelmente está no escritório, ao telefone outra vez, quer apostar? Eu sei, ele está sempre falando ao telefone e é mesmo muito irritante. Quem sabe ele leva a gente para fazer compras e depois eu preparo uma massa gostosa, um papardele caseiro com molho à bolonhesa encorpado, com carne de vitela moída, vinho tinto e montes de champignon e alho? Preciso explicar de cara que você só vai comer comida canina; é a regra da casa. Estou pensando em quinoa e peixe para você hoje.” Continuo a conversar enquanto descemos as escadas. “Vai ser uma ótima mudança depois de todo aquele frango com arroz do restaurante grego.”



DEBRA GINGRICH

PATRICIA CORNWELL nasceu em Miami, em 1956, e é uma das escritoras de maior sucesso nos Estados Unidos. Foi a primeira americana a ganhar o prestigioso prêmio Galaxy British Book Awards na categoria romance policial do ano (2008). Sua personagem Kay Scarpetta foi premiada em 1999 com o Sherlock Award de melhor detetive criado por um autor americano.

Copyright © 2010 by Cornwell Entertainmnet
Proibida a venda em Portugal
A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Port Mortuary

CAPA Milena Galli

FOTO DE CAPA Mari Juliano

Preparação Lígia Azevedo

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Renato Potenza Rodrigues

ISBN 978-85-438-0093-6

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.editoraparalela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br

Sumário

Capa
Rosto
Nota ao leitor
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
Sobre a autora
Créditos